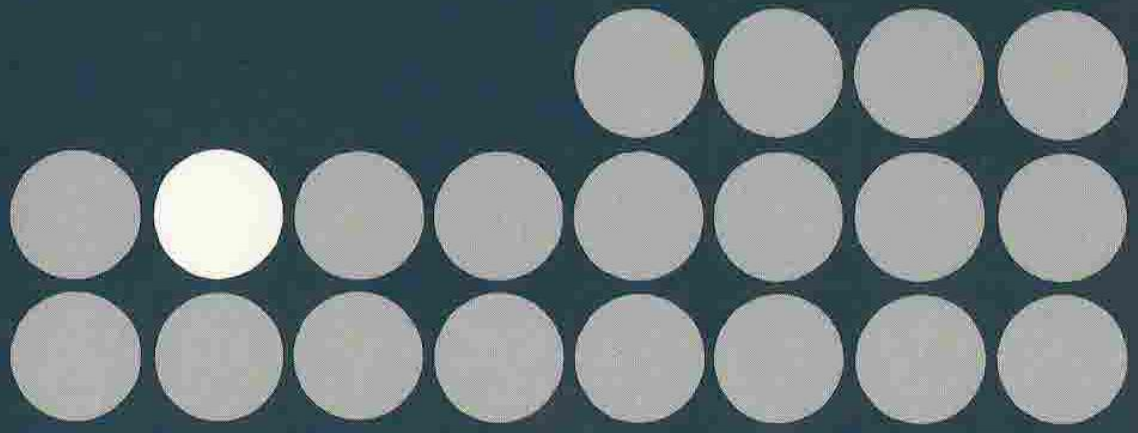
Romanos

introdução e comentário

F. F. Bruce



SÉRIE CULTURA BÍBLICA

DIGITALIZADO POR PAULO ANDRÉ

ROMANOS

INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

F. F. Bruce. M.A., D.D.

Catedrático de Crítica Bíblica e de Exegese Bíblica
na Universidade de Manchester *(Rylands)*

e d i ç õ e s



www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

© 1963 de InterVarsity Press Título original: *The Epistle of Paul to the Romans*
Traduzido da edição publicada pela InterVarsity Press (Leicester, Inglaterra)
1ª. edição: 1979
Reimpressões: 1981, 1983, 1986, 1988,
1991, 1996, 1997, 1999, 2001, 2002
Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA, Caixa Postal 21486, São Paulo-SP 04602-970
Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados, etc), a não ser em citações breves, com indicação de fonte.
Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*
TRADUÇÃO
ODAYR OLIVETTI

PREFÁCIO GERAL

Todos os que se interessam, tanto pelo ensino como pelo estudo do Novo Testamento, não podem deixar de preocupar-se com a falta que há atualmente de comentários que não sejam, nem demasiadamente técnicos, nem muito superficiais. O organizador desta série e os editores têm esperança de que ela venha a suprir, ao menos em parte, tal carência. O propósito dos editores é colocar a um preço acessível nas mãos dos leitores do Novo Testamento, tanto daqueles que o fazem com fins de estudo como dos que o fazem por devoção, comentários da autoria de vários eruditos que, conquanto livres para fazerem suas contribuições individuais, estão, ao mesmo tempo, presos ao mesmo objetivo comum, qual seja o de produzir obras teológicas eminentemente bíblicas.

Estes comentários são, basicamente, exegéticos, e somente em segundo plano, são homiléticos. Espera-se, assim, que tanto o pesquisador como o pregador os acharão informativos e sugestivos. Os problemas difíceis são analisados em maior profundidade nas seções introdutórias, ou ainda, a critério do autor, em notas adicionais.

Os comentários estão baseados no texto da *Versão Autorizada (Authorized Version),* ou simplesmente *AV,* também chamada *Versão do Rei Tiago (King James Version,* ou simplesmente *KJV).* Deve-se terem mente, não obstante, que nenhuma tradução da Bíblia é considerada infalível, e nenhum manuscrito ou grupo de manuscritos originais, em grego, é considerado totalmente certo! As palavras em grego estão, aqui, translíteradas com o duplo objetivo: de ajudar os que não estão familiarizados com a língua grega, e de evitar que aqueles que a conhecem tenham dificuldade em reconhecer a palavra que está sendo analisada.

Hoje em dia há inúmeros indícios de um renovado interesse no que a Bíblia tem a dizer, e um desejo geral de entendê-la da maneira mais clara e completa possível. Todos que, por vários modos, contribuímos para produzir esta série de comentários, esperamos que, com a ajuda da graça divina, sejam plenamente alcançadas essas finalidades.

R.V.G.TASKER

PREFÁCIO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós peca pela superficialidade, tentando tratar o texto bíblico em poucas linhas. A Série *Cultura Bíblica* vem remediar esta lamentável situação sem que peque do outro lado por usar de linguagem técnica e de demasiada atenção a detalhes.

Os Comentários que fazem parte desta coleção *Cultura Bíblica* são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentaristas e as notas de rodapé são reduzidas ao mínimo. Mas nem por isso são superficiais. Reúnem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é denso de observações esclarecedoras.

Trata-se de obra cuja característica principal é a de ser mais exegética que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico. E muito menos são debates infindáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam assim o preparo do caminho para a pregação. Cada Comentário consta de duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no espaço e no tempo e um estudo profundo do texto a partir dos grandes temas do próprio livro. A primeira trata as questões críticas quanto ao livro e ao texto. Examina as questões de destinatários, data e lugar de composição, autoria, bem como ocasião e propósito. A segunda analisa o texto do livro seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chave e a partir delas procura compreender e interpretar o próprio texto. Há bastante "carne" para mastigar nestes comentários.

Esta série sobre o N.T. deverá constar de 20 livros de perto de 200 páginas cada. Os editores, Edições Vida Nova e Mundo Cristão, têm programado a publicação de, pelo menos, dois livros por ano. Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção, terá um excelente e profundo comentário sobre todo o N.T. Pretendemos, assim, ajudar os leitores de língua portuguesa a compreender o que o texto neotestamentário, de fato, diz e o que significa. Se conseguirmos alcançar este propósito seremos gratos a Deus e ficaremos contentes porque este trabalho não terá sido em vão.

Richard J. Sturz

ÍNDICE

Prefácio Geral 4
Prefácio da Edição em Português 5
Principais Abreviaturas 7
Prefácio do Autor 8
Uma Palavra sobre o Autor 9
Introdução 9
1. Época da Produção da Epístola 9
2. O Cristianismo em Roma 10
3. Romanos e o Corpo Paulino 12
4. O Texto de Romanos 14
5. Romanos e o Evangelho Paulino 19
6. "Carne" e "Espírito" em Romanos 23
7. A "lei" em Romanos 29
8. À influência de Romanos 31
9. Sumário 32
Análise 36
Comentário 38
Seleção Bibliográfica 135

PRINCIPAIS ABREVIATURAS

AA Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil, SBB (é a versão normal mente empregada nesta tradução; quando não, explica-se *in loco).*

AV English Authorized Version, 1611.
RV English Revised Version, 1881-85.
RSV American Revised Standard Version, 1946-52.
NEB New English Bible: New Testament, 1961.
LXX Setuaginta (versão grega pré-cristã do Velho Testamento).
Arndt-Gingrich *A Greek-English Lexicon of the New Testament,* editado por W. F. Arndt e F. W. Gingrich, 1957.
BJRL *Bulletin of the John Rylands Library,* Manchester.
EQ *Evangélical Quarterly.*
ExT *Expository Times.*
JBL *Journal of Biblical Literature.*
JTS *Journal of Theological Studies.*
mg. Margem.
NTS *New Testament Studies.*
TB Talmude Babílônico.
TITradução Inglesa.
TM Texto Massorético (da Bíblia Hebraica).
TP Tradução em Português.
ZNW *Zeitschriftfür neutestamentliche Wissenschaft.*
MSS Manuscritos.

PREFÁCIO DO AUTOR

Não se poderia arranjar mais apropriado prefácio do Comentário "Tyndale" de Romanos do que o prólogo a essa epístola feito por Guilherme Tyndale. Esse prólogo aparece na edição de 1534 do seu Novo Testamento Inglês. Somente uma razão milita contra sua reprodução completa aqui: sua extensão. É um verdadeiro tratado, quase tão longo quanto a epístola a que introduz. Começa assim:[1]

"Visto que esta epístola é a principal e a mais excelente parte do Novo Testamento, e o mais puro Euangelion, quer dizer, boas novas e aquilo que chamamos de Evangelho, como também luz e caminho que penetra o conjunto da escritura, creio que convém que todo cristão não somente a conheça de cor, mas também se exercite nela sempre e sem cessar, como se fosse o pão cotidiano da alma. Na verdade, ninguém pode lê-la demasiadas vezes nem estudá-la suficientemente bem. Sim, pois, quanto mais é estudada, mais fácil fica; quanto mais é meditada, mais agradável se torna, e quanto mais profundamente é pesquisada, mais coisas preciosas se encontram nela, tão grande é o tesouro de bens espirituais que nela jaz oculto."

E mais para o fim do prólogo, Tyndale diz:

"Portanto, parece evidente que a intenção de Paulo era abranger resumidamente nesta epístola, de modo completo, todo o aprendizado do evangelho de Cristo, e preparar uma introdução ao Velho Testamento. Sim, pois, quem tem inteiramente no coração esta epístola, tem consigo a luz e a substância do Velho Testamento. Daí que todos os homens, sem exceção, se exercitem nela com diligência e a recordem noite e dia, até se familiarizarem com ela completamente."

E notável que Tyndale recomenda esta epístola como introdução, não do Novo Testamento, mas do Velho. Quer dizer, acha que ela é um guia indispensável para a compreensão dos livros da velha aliança. Nisto concorda com o pensamento de Paulo, pois este afirma que o Evangelho exposto nesta epístola foi de antemão anunciado nos escritos proféticos e que o caminho da justiça tornado manifesto no Evangelho foi declarado pela Lei e pelos Profetas. O Velho Testamento era a Bíblia que os apóstolos e outros cristãos das primeiras gerações usavam na propagação do Evangelho. Era o arsenal do qual se muniam das provas de que Jesus era de fato o Cristo, o Salvador do mundo. E a Epístola aos Romanos constitui extraordinário exemplo da maneira pela qual esse propósito era atendido.

No estudo de Romanos, como no estudo de qualquer dos escritos de Paulo, é necessário vigiar contra uma tentação parecida com aquilo que se tem denominado "o perigo de modernizar Jesus".[2] Há igual perigo de modernizar Paulo. O leitor ou intérprete das cartas de Paulo, principalmente quando se sente fortemente atraído pela personalidade e pelo poder de raciocínio do apóstolo, muitas vezes é tentado a enfraquecer aqueles traços julgados antipáticos, para não dizer escandalosos, pelos padrões modernos. É possível ir com Paulo até onde ele foi e, depois, tentar ir mais longe, não pela aceitação de coisas que vão além do ensino dele mas, sim, pela modificação sutil, e muitas vezes inconsciente, dos seus conceitos, colocando-os em mais estreita conformidade com o pensamento atual. Mas a um homem do calibre de Paulo é preciso deixar que seja ele mesmo e que fale sua própria língua. Todas as bem intencionadas tentativas para fazê-lo profetizar um pouco mais suavemente do que de fato o faz, podem diminuir sua estatura, em vez de elevá-la. Nós, do século vinte, captaremos sua duradoura mensagem com muito maior compreensão se lhe permitirmos apresentá-la nos termos incondicionais com que o fez no primeiro século.

Estou muito agradecido à Srta. June S. Hogg, B. A., pelo auxílio que deu datilografando o meu manuscrito, e à minha filha Sheila, por sua colaboração revisando as provas.

F.F.B

[1] A ortografia é atualizada. Este prólogo foi impresso em separata em Worms, em 1526. Apresenta muitos pontos de semelhança com o prefácio que Lutero escreveu de Romanos, mas Tyndale não é simples eco de Lutero.

[2] Ver H. J. Cadbury, *The Peril of Moderniiing Jesus* (Nova York, 1937).

UMA PALAVRA SOBRE O AUTOR

F. F. Bruce volta a tornar seus devedores os estudiosos da Bíblia, desta vez com um magistral comentário sobre a carta de Paulo geralmente considerada como a mais profunda de todas.

O Dr. Bruce torna a revelar a sua notável capacidade de combinar agudeza erudita com simplicidade de apresentação, capacidade que caracteriza todos os seus escritos. Acreditando que se deve deixar que um homem do gabarito de Paulo seja o que é e fale usando as suas próprias palavras, o Dr. Bruce resiste ao desejo de acomodar os conceitos do apóstolo ao pensamento atual. Permite que Paulo entregue sua mensagem de valor permanente em seus próprios termos — termos incondicionais do primeiro século.

Frederick Fyvie Bruce nasceu em Elgin, Escócia, em 12 dé outubro de 1910. Recebeu seu M. A. (grau de Mestre em Artes) com as mais altas honras em letras clássicas em Aberdeen e em Cambridge, e recebeu de Aberdenn o seu D. D. (grau de Doutorem Divindade). Prestou serviços como Preletor em grego como Examinador nas Universidades de Edimburgo e de Leeds, e como Examinador na Universidade de St. Andrews, Manchestere Bristol. De 1947 a 1959 foi Professor Catedrático de História e Literatura Bíblicas da Universidade de Sheffield, sendo, então, nomeado para a faculdade de Manchester. Antes disso, fizera preleções em bom número de escolas da Inglaterra, dos Estados Unidos e do continente europeu.

INTRODUÇÃO

1. ÉPOCA DA PRODUÇÃO DA EPÍSTOLA

Paulo passou os dez anos que vão de 47 a 57 A. D. realizando intensa evangelização dos territórios que margeiam o Mar Egeu. Durante aqueles anos, concentrou-se sucessivamente nas províncias romanas da Galácia, da Macedônia, da Acaia e da Ãsia. O Evangelho fora pregado e igrejas tinham sido fundadas ao longo das principais estradas dessas províncias e em suas cidades principais. Paulo recebeu com justa seriedade a responsabilidade que lhe foi dada como apóstolo de Cristo entre os gentios. Bem podia contemplar com grato louvor não (como ele teria dito) o que ele fizera, mas o que Cristo havia feito juntamente com ele. O seu primeiro e grande plano de campanha estava agora realizado. Pôde deixar as igrejas que tinha estabelecido em Icônio, Filipos, Tessalônica, Corinto, Éfeso, e em muitas outras cidades daquelas quatro províncias, aos cuidados dos seus líderes espirituais, ou presbíteros, sob a soberana direção do Espírito Santo.

Mas a missão de Paulo não estava de forma alguma terminada. Durante o inverno de 56-57 A. D., que ele passou em Corinto, na casa de Gaio seu amigo que se convertera, ficou ansioso (com alguma apreensão) para fazer uma visita a Jerusalém no futuro imediato — pois tinha de cuidar da entrega de uma oferta em dinheiro aos presbíteros da igreja de lá, por cuja arrecadação estivera trabalhando alguns anos entre os gentios convertidos pelo seu intermédio. Esperava que essa oferta fortalecesse os laços entre a igreja-mãe, na Judéia, e as igrejas gentílicas.[1]

Mas quando se consumou essa transação, Paulo ficou ansioso para lançar um plano que vinha tomando forma em sua mente nos últimos anos. Concluída sua missão nas terras banhadas pelo Mar Egeu, tinha de localizar novos campos a conquistar para Cristo. Ao fazer a escolha de uma nova esfera de atividade, resolveu fazer-se pioneiro. Não se estabeleceria como apóstolo radicado num lugar já alcançado pelo Evangelho. Não iria "edificar sobre fundamento alheio" (Rm 15:20). Sua escolha recaiu na Espanha, a mais antiga colônia romana no Ocidente e o principal baluarte da civilização romana naquelas partes.

Mas a excursão à Espanha lhe daria a oportunidade de satisfazer uma velha ambição — a ambição de ver Roma. Embora cidadão romano por direito de nascimento,[2] nunca tinha visto a cidade da qual era cidadão. Quão esplêndido seria visitar Roma e passar algum tempo lá! Seria deveras esplêndido porque havia uma florescente igreja em Roma, e muitos cristãos que Paulo tinha encontrado aqui e ali em suas viagens, residiam agora em Roma e eram membros daquela Igreja. O próprio fato de que o Evangelho tinha chegado a Roma bem antes de Paulo, excluía Roma como lugar onde ele poderia estabelecer-se para fazer evangelização pioneira. Mas sabia que continuaria sua viagem para a Espanha com muito mais gosto se pudesse primeiro renovar seu espírito com algumas semanas de companheirismo com os cristãos de Roma.

Portanto, durante os primeiros dias do ano 57 A. D., ele ditou a seu amigo Tércio — cristão posto às suas

ordens talvez por seu hospedeiro Gaio, para servir-lhe de secretário — uma carta destinada aos cristãos romanos. Esta carta visava prepará-los para a sua visita à cidade e explicar a finalidade da mesma. E julgou de bom alvitre, ao escrevê-la, oferecer-lhes uma completa exposição do Evangelho como ele o compreendia e o proclamava.

2. O CRISTIANISMO EM ROMA

Os termos em que Paulo se dirige aos cristãos de Roma esclarecem que a igreja daquela cidade não era de organização tão recente. Mas quando tentamos determinar alguma coisa sobre a origem e a história dos primeiros períodos do cristianismo romano, encontramos bem poucos dados evidentes em que apoiar-nos. Temos de reconstruir a situação na medida do possível, baseados em várias referências literárias e arqueológicas.

Conforme Atos 2:10, a multidão de peregrinos presentes em Jerusalém para a festa de Pentecoste do ano 30 A. D., e que ouviu Pedro pregar o Evangelho, incluía "visitantes procedentes de Roma, tanto judeus como prosélitos" (RSV). Não temos informação sobre se alguns deles estavam entre os três mil que creram na mensagem de Pedro e foram batizados. Talvez seja significativo que aqueles visitantes romanos são o único grupo europeu a receber menção expressa entre os peregrinos.

Em todo caso, todos os caminhos levavam a Roma e, uma vez que o cristianismo estava firmemente estabelecido na Palestina e nos territórios circunvizinhos, era inevitável que fosse levado para Roma. Dentro de um ano ou dois, se não — como pensa Foakes-Jackson — "no outono seguinte à crucifixão, é bem possível que Jesus já recebesse honra na comunidade judaica de Roma como Aquele que esteve em Damasco".[1] O "pai" da igreja latina, do século quarto, a quem chamamos Ambrosias-tro, diz, no prefácio do seu comentário desta epístola, que os romanos "tinham abraçado a fé em Cristo, embora de acordo com o rito judaico, sem ver nenhum sinal de obras poderosas e nenhum dos apóstolos". Evidentemente foram cristãos simples e comuns os primeiros a levar o Evangelho a Roma e a implantá-lo ali — provavelmente no seio da comunidade judaica da capital.

Já no segundo século a.C. existia uma comunidade judaica em Roma. Seu número cresceu consideravelmente em conseqüência da conquista da Judéia por Pompeu em 63 a.C, e seu "triunfo" em Roma dois anos mais tarde, quando muitos prisioneiros de guerra judeus cooperaram com a sua marcha, e depois receberam a liberdade. Em 59 a.C, Cícero faz alusão ao tamanho e à influência da colônia judaica de Roma.[2] No ano 19 A. D., os judeus de Roma foram expulsos da cidade por um decreto do imperador Tibério (ver p. 76), mas em poucos anos estavam de volta em número maior do que nunca. Não muito depois disto, registra-se outra expulsão em massa dos judeus de Roma, essa vez pelo imperador Cláudio (41-54 A. D.). Essa expulsão é mencionada ligeiramente em Atos 18:2, onde se diz que Paulo, ao chegar a Corinto (provavelmente no fim do verão do ano 50 A. D.), "encontrou certo judeu chamado Áquila (...) recentemente chegado da Itália, com Priscila, sua mulher, em vista de ter Cláudio decretado que todos os judeus se retirassem de Roma". A data do édito de expulsão é incerta, embora Orósio possa estar certo colocando-a no ano 49 A. D.[3] Outras referências aparecem na literatura antiga, sendo a mais interessante uma nota que há na obra "Vida de Cláudio", XXV.2, informando que o imperador "expulsou de Roma os judeus porque estavam constantemente em rebelião, à instigação de Cresto *(impulsore Chresto)".* Dá para pensar que este Cresto era um agitador judeu em Roma naquele tempo. Entretanto, o modo como Suetônio introduz seu nome torna muito mais provável que a rebelião tenha sido uma seqüência da introdução do cristianismo na comunidade judaica da capital. Escrevendo cerca de setenta anos mais tarde, Suetônio pode ter conhecido algum registro contemporâneo da ordem de expulsão, registro que mencionava Cresto como o líder de uma das partes envolvidas, e inferiu que ele estava realmente em Roma naquela ocasião. Decerto sabia que *Chrestus* (uma variante da ortografia gentílica de *Christus)* era o iniciador dos cristãos, aos quais descreve em outras partes como "perniciosa e funesta classe de gente". Bem podia parecer-lhe uma inferência muito razoável que Cresto tivesse tomado parte ativa no incentivo àquelas rebeliões.

Parece que Áquila e Priscila já eram cristãos antes de encontrarem Paulo. Provavelmente eram membros do grupo original de crentes em Jesus residentes em Roma. Não sabemos onde ou quando eles ouviram o Evangelho pela primeira vez. Paulo jamais dá a idéia de que eram seus filhos na fé. Mas podemos estar certos de

que o grupo original de crentes da cidade de Roma consistia inteiramente de judeus cristãos, e que a ordem de expulsão emitida por Cláudio acarretou a saída e a dispersão deles.

Contudo, os efeitos da ordem de expulsão duraram pouco. Não muito tempo depois, a comunidade judaica florescia uma vez mais em Roma, e o mesmo acontecia com a comunidade cristã. Menos de três anos depois da morte de Cláudio, Paulo pôde escrever aos cristãos de Roma e falar da fé que eles tinham como assunto que era do conhecimento universal. Bem pode ser que o édito de expulsão tenha caducado com a morte de Cláudio (54 A. D.), se não antes. Mas em 57 A, D., os cristãos de Roma incluíam gentios bem como judeus, conquanto Paulo faça lembrar aos cristãos gentílicos que a base da comunidade é judaica, e que não a devem desprezar ainda que venham a superá-la em número (11:18).

Na verdade, o lastro judaico do cristianismo romano não foi esquecido logo. Ainda no tempo de Hipólito (falecido em 235 A. D.), alguns traços das práticas religiosas cristãs em Roma proclamavam sua origem judaica — origem que deve ser procurada no judaísmo sectário ou dissidente, e não em suas correntes principais. ‘6’

Se as saudações que se acham em 16:3-16 se destinavam a Roma e não a Éfeso (ver pp. 215-224), então podemos achar nelas alguma informação muito interessante a respeito dos membros da igreja romana em 57 A. D. Estes eram presumivelmente cristãos que Paulo tinha encontrado em outros lugares durante sua carreira apostólica e que nesse tempo residiam em Roma. Estavam incluídos entre eles alguns que eram dos primeiros cristãos da igreja primitiva, tais como Andrônico e Júnia (ou Júnias) que, como diz Paulo, "estavam em Cristo antes" dele próprio, e eram bem conhecidos nos círculos apostólicos, se é que não eram de fato reconhecidos como "apóstolos" (16:7). É razoável identificar o Rufo mencionado no versículo 13 com o filho de Simão Cireneu mencionado em Marcos 15:21. Paulo pode tê-lo conhecido, e à sua mãe, em Antioquia. Áquila e Priscila, que tinham sido compelidos a deixar Roma uns oito ou mais anos antes, estavam agora de novo na capital, e sua casa era um dos locais de reunião dos membros da igreja de lá (O fato de que a basílica — o estilo típico dos edifícios eclesiásticos primitivos — preserva o contorno de uma casa particular romana, lembra-nos que a casa-igreja era geralmente o lugar de reunião dos cristãos nos tempos primitivos.)

Com efeito, talvez o cristianismo já tivesse começado a exercer algum impacto nas altas camadas da sociedade romana. Em 57 A. D., ano em que Paulo escreveu sua Epístola aos Romanos, Pompônia Graecina, mulher de Aulo Pláutio (que acrescentou a província da Bretanha ao Império Romano em 43 A. D.), foi julgada e absolvida por um tribunal doméstico, da acusação de haver abraçado uma "superstição estrangeira", que podia ter sido o cristianismo. Mas aos olhos da maioria dos romanos que pouco sabiam do cristianismo, este era simplesmente outra enfadonha superstição oriental, a espécie de coisa que o satírico Juvenal tinha em mente sessenta anos mais tarde, quando se queixou do modo como os esgotos do Orontes se descarregavam no Tibre. (Visto que Antioquia, à margem do Orontes, era o lar do cristianismo gentílico, é provável que Juvenal considerasse o cristianismo gentílico como um dos elementos presentes naqueles esgotos.)

Sete anos depois da produção desta epístola, quando Roma foi devastada por enorme incêndio, e o imperador Nero procurou à sua volta bodes expiatórios para os quais pudesse desviar a suspeita popular (talvez injustamente) dirigida contra ele, encontrou-os perto e prontos. Os cristãos de Roma eram impopulares. Eram vistos como "inimigos da raça humana" e acusados de práticas criminosas como o incesto e o canibalismo. Por isso, fizeram-se em grande número vítimas do ódio imperial. E é essa perseguição movida por Nero que tradicionalmente compõe o cenário para o martírio de Paulo e de Pedro.

Três anos após escrever esta carta, Paulo afinal concretizou sua esperança de visitar Roma. E o fez de um modo que não esperava ao escrevê-la. O receio quanto à acolhida que lhe dariam em Jerusalém receio que expressara em **15:31** — provou-se bem fundado. Poucos dias depois de sua chegada ali, foi acusado perante as autoridades romanas da Judéia de ter feito grave ofensa à santidade do templo. O processo arrastou-se inconclusivamente, até que, por fim, Paulo se valeu dos seus direitos de cidadão romano e apelou para que sua causa fosse transferida para Roma, para a jurisdição direta do imperador. Foi, então, enviado para Roma. Depois de um naufrágio, e após invernar em Malta, chegou a Roma no princípio do ano 60 A. D. Quando estava sendo conduzido para o norte, pela Via Ápia, por um corpo militar de mensageiros sob cuja custódia estava, os cristãos de Roma, ouvindo falar de sua chegada, foram encontrá-lo em pontos situados a 50 ou 60 quilômetros do sul da cidade e lhe deram algo assim como uma escolta triunfal para o resto da viagem. Ver estes amigos foi uma fonte de grande estímulo para ele. Nos dois anos seguintes, Paulo ficou em Roma, mantido sob guarda em seus alojamentos particulares, com permissão para receber visitas e propagar o Evangelho no centro vital do

império.

O que sucedeu no fim desses dois anos é objeto de conjetura. Não há plena certeza de que ele tenha chegado a cumprir o seu plano de visitar a Espanha e de pregar o Evangelho ali. O que é mais provável é que, não muitos anos mais tarde, tendo sido sentenciado à morte em Roma, como líder dos cristãos, foi levado para fora da cidade, pela estrada que vai ao porto marítimo de *Ostia*, e ali decapitado, no local até hoje assinalado pela Igreja de *San Paolo Fuori le Mura* ("São Paulo Fora dos Muros").

Todavia, nas palavras de Tertuliano, ficou provado que o sangue dos cristãos é semente.[6] A perseguição e o martírio não extinguiram o cristianismo em Roma. A igreja ali continuou a florescer com crescente vigor e a contar com a estima dos cristãos do mundo inteiro como uma igreja "digna de Deus, digna de honra, digna de congratulações, digna de louvor, digna de sucesso, digna em pureza, preeminente em amor, andando segundo a lei de Cristo e levando o nome do Pai".[7]

Notas

1 Ver notas sobre 15:25ss., pp. 208-214s

2 At 22:28.

3 F. J. Foakes-Jackson, *Peter, Prince of Apostles* (1927, p. 195)

4. *ProFlacco* 66.

5. De acordo com Dio Cássio *(History* lx. 6), Cláudio impusera restrições aos judeus romanos no início do seu reinado: "Como tinha voltado a aumentar o número dos judeus, mas dificilmente poderiam ser expulsos da cidade porque eram muitos, ele não os fez sair propriamente, mas os proibiu de reunir-se de acordo com os costumes herdados dos seus ancestrais." Ver F. F. Bruce, "Christianity under Claudius", BJRL, XLIV, 1961-62, p.309ss.

6. VerT. W. Manson, *Studies in the Guspels and Epistles*(1962), p. 37ss.

7. Ver M. Black", *The Scrolls and Christian Origins* (1961), p. 114s. Sobre a origem judaica da igreja de Roma, ver também E. Meyer, *Ursprung und Anfange des Christentums*, III (Stuttgart e Berlim, 1923), p. 465ss.; W. Manson, *The Epistle to the Hebrews* (1951), p. 172ss., "Notes on the Argument of Romans (Capítulos 1-8)", *New Testament Essaysin Memory of T. W. Manson* (1959), p. 150ss.

8. *Apology* 50. Esta descrição consta do prefácio da obra *Epistle to lhe Romans,* de Inácio, c. 115 A. D. Dei um relato do progresso do cristianismo em Roma após 64 A. D. em *The Spreading Flame* (1958), p. 162ss.

3. ROMANOS E O CORPO PAULINO

"Carta de Paulo aos Romanos — e a Outros" é o título sugerido para esta epístola por T. W. Manson.[1] Pois há boas razões para crer que, em adição à cópia da carta levada a Roma, foram feitas outras cópias mais, enviadas a outras igrejas. Uma das coisas que apontam para isso é a evidência textual do fim do capítulo 15 (ver p. 27), que indica que havia em circulação na antigüidade uma edição da carta à qual faltava o capítulo 16. Este capítulo, com suas saudações pessoais, teria valor apenas para uma igreja. É possível que Paulo mesmo tenha sido o responsável pelo despacho de cópias a várias igrejas — não somente porque o conteúdo da maior parte da carta era de interesse e importância para os cristãos em geral, mas também (quem sabe) porque sua apreensão acerca do que o esperava em Jerusalém (ver 15:31) o moveu a deixar esta exposição do Evangelho aos cuidados das igrejas gentílicas como uma espécie de "testamento".[2]

O exemplar mandado para Roma certamente foi guardado como tesouro na igreja daquela cidade, e sobreviveu à perseguição de 64 A. D. Por volta do ano 96 A. D., Clemente "secretário estrangeiro" da igreja romana, mostra-se bem familiarizado com a Epístola aos Romanos. A linguagem desta reaparece repetidamente como um eco na carta que Clemente enviou aquele ano, em nome da igreja romana, à igreja de Corinto. A maneira pela qual repete a linguagem de Romanos dá idéia de que a sabia de cor. É possível que a epístola fosse lida regularmente nas reuniões da igreja romana desde quando foi recebida. É preciso aduzir que, embora Clemente esteja familiarizado com a linguagem da epístola, não parece ter captado seu significado tão completamente como era de esperar. Mas Clemente não está de modo algum sozinho quanto a isso entre os leitores desta epístola!

Pela carta de Clemente se vê claramente que por volta de 96 A. D. algumas cartas de Paulo tinham

começado a circular em outros lugares além daqueles para onde foram inicialmente enviadas.[3] Clemente, por exemplo, conhece e cita 1 Coríntios. E não muitos anos depois, um anônimo benfeitor de todas as eras subseqüentes transcreveu pelo menos dez cartas paulinas num códice do qual foram feitos muitos exemplares para uso em muitas partes do mundo cristão." Desde o começo do segundo século, as cartas de Paulo circulavam como uma coleção — o *corpus Paulinum* — e não isoladamente.[5] Os escritores do segundo século — tanto os ortodoxos como os heterodoxos — que se referem às cartas paulinas, conheciam-nas na forma de um corpo de escritos.

Um desses escritores — da variedade heterodoxa — foi Márcion, natural do Ponto, na Ãsia Menor, Márcion foi para Roma por volta do ano 140 A. D. e poucos anos mais tarde publicou um cânon da Escritura Sagrada. O autor rejeitava a autoridade do Velho Testamento e sustentava que Paulo fora o único apóstolo de Jesus que se mantivera fiel, sendo que os demais haviam corrompido o ensino de Cristo com misturas judaizantes. Seu cânon refletia suas idéias peculiares. Consistia de duas partes — o *Euangelion,* edição do Evangelho de Lucas que começava com as palavras: "No ano 15 de Tibério César, Jesus desceu a Cafarnaum" (ver Lc 3:1; 4:31); e o *Apostolikon,* que abrangia dez das epístolas paulinas (excluídas as cartas a Timóteo e a Tito).

Gálatas, objeto da predileção natural de Márcion por causa de sua ênfase anti-judaizante, ocupava o primeiro lugar *no Apostolikon* de Márcion. As outras epístolas vinham depois em ordem descendente, segundo a extensão. As epístolas "duplas" (isto é, as duas aos Coríntios e as duas aos Tessalonicenses) foram, para aquele fim, consideradas, cada par, como uma única epístola. Assim, Romanos vinha depois de Coríntios. E junto a cada uma das epístolas vinha um prefácio. O de Romanos diz o seguinte: "Os romanos vivem na região da Itália. Já tinham sido visitados por falsos apóstolos, sendo induzidos a reconhecerem a autoridade da Lei e dos Profetas, com o pretexto do nome do Senhor Jesus Cristo. O apóstolo, escrevendo-lhes de Atenas, os chama de volta à verdadeira fé característica do Evangelho".

Esta não é uma inferência que se poderia deduzir naturalmente da argumentação de Paulo. Márcion, porém, assumia pressuposições na abordagem das epístolas e as afirmava categoricamente. Onde ele encontrava, nas epístolas, afirmações contrárias a essas pressuposições, concluía que o texto apostólico fora adulterado por escribas judaizantes, e fazia emendas para ajeitá-las ao seu modo de entender (ver pp. 26ss.). E a influência do cânon de Márcion foi tanta — chegando a ultrapassar os limites dos seus seguidores — que muitos MSS "ortodoxos" das epístolas paulinas contêm os prefácios marcionitas.

O mais antigo MS de epístolas paulinas que chegou até nós, datado do fim do século segundo, contém o mais curto *corpus Paulinum,* consistindo de dez epístolas, juntamente com a Epístola aos Hebreus. Este MS (o papiro 46, um dos papiros bíblicos de Chester Beatty) provém do Egito, e no Egito (diferentemente do que ocorria em Roma) Hebreus era considerada epístola paulina já em 180 A. D. No P 46 (como lhe chamaremos daqui por diante), Romanos vem em primeiro lugar.

Romanos ocupa o último lugar entre as epístolas paulinas enviadas a igrejas noutro documento dos últimos anos do segundo século — o "Cânon Muratori", uma lista de livros do Novo Testamento reconhecidos em Roma. Esta lista credencia o *corpus Paulinum* mais longo, de treze cartas, pois em seguida às cartas a igrejas, acrescenta as enviadas a pessoas individualmente — não só Filemom, mas também Timóteo e Tito.

Na ordem em que finalmente se fixou, Romanos tem lugar de honra entre as epístolas paulinas. Historicamente, isto se dá evidentemente porque ela é a epístola mais comprida. Mas há uma validade ingênita na concessão desta posição de primazia à epístola que, acima de todas as outras, merece o título de "Evangelho Segundo Paulo".

Notas

1. Studies in the Gospels and Epistles, p. 225ss.

2. Outra idéia, mas muito menos provável, é a de que a Epístola aos Romanos como a conhecemos foi expandida partindo de uma epístola geral anterior "escrita por Paulo, ao mesmo tempo em que escreveu aos gálatas, às igrejas mistas surgidas ao redor de Antioquia e além, na Ãsia Menor" (K. Lake, Earlier Epistles of St. Paul, 1914, p. 363; ver F. C. Burkitt, Christian Beginnings, 1924, p. 126ss.).

3. O próprio Paulo deu alguns passos iniciais para assegurar isto; ver suas orientações em Cl 4:16 para que os

colossenses e os laodicenses permutassem as cartas recebidas dele. Sua Carta aos Gálatas foi enviada a diversas igrejas (Gl 6:11 implica em que originalmente um único MS passou de igreja em igreja, em vez de cada igreja receber um diferente; mas algumas igrejas teriam feito cópias para si, antes de passá-lo adiante). A Epístola aos "Efésios" foi feita para desempenhar a função de carta circular e provavelmente foi despachada em certo número de exemplares logo de início.

4. Ver G. Zuntz, The Text of the Epistles (1954), p. 14ss., 276ss. O Dr. Zuntz dá razões para o pensamento de que o corpo de escritos foi compilado e publicado em Alexandria, desde que dá sinais de "dependência dos métodos acadêmicos alexandrinos de editoração" (op. cit., p. 278). Uma opinião amplamente dominante é a de que ele foi compilado em Éfeso (ver E. J. Goodspeed, Introduction to the New Testament, Chicago, 1937, p. 217ss.; L. L. Milton, The Formation of the Pauline Corpus of Letters, 1955, p. 44ss.); um romântico embelezamento desta opinião é a tese de J. Knox de que o principal fator na obra de compilação do corpo foi Onésimo, ex-escravo de Filemom e agora (c. 100 A. D.) bispo de Éfeso (Philemon Among the Letters of Paul, Chicago, 1935).

5. Provavelmente havia coleções "regionais" mais antigas, como uma coleção das cartas enviadas à província da Ásia (Efésios, Colossenses e Filemom) e das enviadas à Macedônia (1 e 2 Tessalonicenses e Filipenses).

4. O TEXTO DE ROMANOS

a. Versões inglesas.

Este comentário visa a ser um companheiro no estudo da Epístola aos Romanos. Não pode ser usado sem constante consulta ao texto que ele procura expor e comentar.

Os Comentários "Tyndale" do Novo Testamento baseiam-se na Versão Autorizada da Bíblia Inglesa (do Rei Tiago).[1] Esta versão, embora publicada há tanto tempo — em 1611 — é amplamente usada ainda em todo o mundo de língua inglesa. Formalmente, é uma revisão da edição de 1602 da "Bíblia dos Bispos" (publicada pela primeira vez em 1568). Mas, na verdade, é uma revisão de várias versões inglesas anteriores (incluindo a "Bíblia de Genebra", de 1560, e a "Grande Bíblia", de 1539), retornando finalmente até à versão feita por Guilherme Tyndale do Novo Testamento (primeira edição, 1525), e de cerca da metade do Velho Testamento (anos 1530 e seguintes). Portanto, mesmo em 1611, a linguagem da "Authorized Version" tinha sabor um tanto arcaico, sendo mais elizabetana do que tiaguina. É claro que hoje é muito mais arcaica.

Grande número de palavras inglesas, por exemplo, mudaram de sentido no transcurso dos últimos três séculos e meio. Elas não têm agora a força que tinham quando surgiu a "Authorized Version". Um bom exemplo, nesta epístola, é o da palavra "atonement" (5:11), que não mais significa reconciliação ("at-one-ment") como então. Outro caso: a palavra 'meat" é usada repetidamente no capítulo 14 (como em muitos outros lugares na "Authorized Version") com o sentido geral de "alimento". Em 1611 essa palavra não tinha o sentido mais restrito de carne de açougue, que agora tem.

Para um estudo pormenorizado, a "Authorized Version" apresenta outra desvantagem. Os homens que a produziram, deliberadamente adotaram a política do emprego de uma variedade de sinônimos ingleses para traduzir a mesma palavra grega, mesmo quando esta aparecia várias vezes com o mesmo sentido num texto circunscrito. Isto foi feito com finalidade estilística, e deste ponto de vista, não se pode condenar sua política. Mas o resultado é que podemos perder algo da força dos argumentos de Paulo em lugares onde a argumentação depende da repetição da mesma palavra. Assim é que 5:1-11 deve muito do seu efeito à tríplice ocorrência do verbo grego *kauchaiomai* ("exultar"). A "Authorized Version", nesse trecho, traduz o referido verbo diferentemente: no v. 2, por "rejoice" (regozijar-se), no v. 3por ",glory" (gloriar-se)enov. ll por"joy" (alegrar-se).[2,3]

Um defeito maior ainda, da "Authorized Version", decorre de circunstâncias que os tradutores não podiam praticamente controlar. Basearam sua tradução numa edição impressa do Novo Testamento Grego que reproduzia o texto de MSS recentes e inferiores.[4] Graças aos grandes progressos obtidos nos estudos textuais do Novo Testamento nos últimos tempos, agora podemos trabalhar com um texto grego muito mais próximo do texto do primeiro século A. D., do que era possível aos tradutores de 1611. As versões inglesas posteriores — em particular a "Revised Version" (Versão Revista) de 1881 (com sua réplica americana, a "American Standard

Version" de 1901), a "Revised Standard Version" (Versão Padrão Revisada) de 1946-52, e a "New English Bible" (Nova Bíblia Inglesa) de 1961 — representam um texto grego muito mais correto do que a "Au-thorized Version".

Por estas e outras razões semelhantes, será útil ter à mão alguma outra ou outras versões para consulta durante o estudo da Epístola aos Romanos. Para precisão literal, a "Revised Version" ou a "American Standard Version"; para leitura mais suave e linguagem mais contemporânea, a "Revised Standard Bible" ou a "New English Bible", ou alguma das numerosas traduções particulares para o inglês moderno aparecidas neste século.[5] Repetidas vezes no correr do presente comentário, o modo mais simples de explicar alguma expressão particularmente arcaica da "Authorized Version" consiste em pôr ao lado dela a tradução da "Revised Standard Version" ou da "New English Bible".

b. O texto paulino primitivo.

Não temos meios de saber quantas cópias da Epístola aos Romanos estavam em circulação entre 57 A. D. e o fim do primeiro século. Mas desde o tempo em que foi compilado o *corpus Paulinum,* por volta do ano 10 A. D., Romanos, como também cada uma das demais epístolas paulinas, não mais circulava separadamente, e sim como parte componente do *corpus.*

Naturalmente, a questão que surge é se não pode ter restado alguma evidência na tradição textual que se estenda a uma época anterior ao corpus. As citações de *1 Clemente* (c. 96 A. D.) provavelmente representam o texto "pré-corpus". Mas quase todos os outros elementos da tradição textual existente derivam do texto do corpus. A estatística de Sir Frederic Kenyon, exibindo o grau do acordo e do desacordo entre P46 e outros importantes MSS, revela significativas variações neste aspecto, de uma epístola a outra. Romanos, em particular, fica à parte das outras — situação que Kenyon achava que se poderia explicar melhor se se visse que a tradição textual vem desde o tempo em que cada epístola circulava separadamente.6O Dr. G. Zuntz menciona uns poucos exemplos de "corrupção primitiva" e de anotação marginal (de Paulo ou de alguém mais) que o compilador do corpus provavelmente achou já presentes num ou noutro dos manuscritos que usou, e os copiou em sua edição. O Dr. Zuntz, porém, com razão considera o *corpus Paulinum* de c. 100 A. D. como o arquétipo pelo qual a crítica textual da epístola deve lutar para recuperar, arquétipo do qual derivam o texto comum do segundo século e os principais textos-tipos dos séculos subseqüentes. Ele dá boa razão, também, para crer que o corpus foi, de início, uma edição crítica que registrava redações variantes, segundo a técnica característica dos especialistas alexandrinos.[7]

Do fim do segundo século em diante, podemos distinguir dois principais textos-tipos das epístolas paulinas — um tipo oriental e um ocidental. Em acréscimos a P46, nossa mais antiga testemunha, as antigas testemunhas em favor do texto-tipo oriental são B (o *Codex Vaticanus* do século quarto); *Aleph* (o *Codex Sinaiticus* do século quarto); 1739 (um texto "Athos"[8] do século décimo, em minúsculas) — ou melhor, o bem antigo e excelente MS (não mais existente) do qual o texto das 13 epístolas paulinas, mais Hebreus, foi copiado do 1739;[9] citações nos escritos de Clemente de Alexandria (c. 180 A. D.) e de Orígenes (finado em 254 A. D.); e as duas principais versões cópticas (Sahídica e Bohaírica).[10] O texto ocidental das epístolas paulinas é documentado mormente por citações feitas por Tertuliano *(d.* 180 A. D.), pelas outras autoridades relacionadas com a versão Latina Antiga (outras citações patrísticas e o texto de *d),*[11] e pelo antepassado comum dos códices D, F e G.'[2] Este texto ocidental provém do texto popular — e na verdade adulterado — do século segundo. A relativa pureza do texto oriental provavelmente se deve à constante aplicação que lhe foi feita das técnicas editoriais da ciência textual alexandrina.[13]

c. Primitivas revisões de Romanos.

Há certo número de indicações na história textual de Romanos de que esta epístola não circulava apenas na forma em que a conhecemos, mas também em uma ou até duas edições mais curtas. Estas indicações aparecem principalmente mais para o fim da carta, mas há dois trechos de evidência possivelmente significativa no início.

1. O início da epístola.

(1) 1:7. Neste versículo as palavras "em Roma" estavam ausentes do texto em que se baseou o comentário de Romanos escrito por Orígenes, e também, provavelmente, do texto em que se apoiou Ambrosiastro para o comentário que produziu (embora na tradição do MS de ambos os comentários, o texto básico corresponda ao texto de uso comum). As margens do 1739 e do 1908'[4] atestam a omissão das palavras no texto e no comentário de Orígenes.

O códice greco-latino G, uma das testemunhas ocidentais do texto de Paulo, também omite a referência a Roma neste versículo, apresentando a redação, "a todos os que estais no amor de Deus" onde o texto comum diz: "a todos os amados de Deus, que estais em Roma". Outras testemunhas ocidentais — todas latinas — mostram a redação mais breve de G adaptada ao texto comum pelo acréscimo das palavras "em Roma", ficando assim: "a todos os que estais em Roma, no amor de Deus" (apresentam esta forma: *d;* os códices Amiatinus, Ardmachanus e dois outros da Vulgata; Pelágio, e os MSS de Ambrosiastro.

(2) 1:15. As palavras "que estais em Roma" são omitidas por G, conquanto alguns dos companheiros deste códice mostrem tentativasma",para adaptar esta forma abreviada ao texto comum.

Parece que o antepassado dos códices D e FG'[5] (chamado "Z" por P. Corssen'[6]) omitiu a expressão "em Roma" tanto em 1:7 como em 1:15. O fato de que essa expressão falta igualmente em 1:7 do texto de Orígenes, demonstra que a referida omissão não era exclusivamente ocidental.

2. O final da epístola.

Alguns fatos ocorridos mais para o fim da carta sugerem que várias revisões dela se completaram em diferentes pontos. Uma conclusão válida poderia ter sido propiciada por qualquer das bênçãos ou quase bênçãos de **15:5, 15:13, 15:33, 16:20** (que a AV[17] repete em **16:24).** Mas o mais interessante caso textual da parte final da epístola é concernente à posição da doxologia da conclusão (que em nossas versões aparece como **16:25-27).**

(1) No códice Amiatinus, da Vulgata, e em alguns outros códices, as epístolas paulinas recebem como suplementos "sumários de capítulos" (em latim *breves)* tomados de uma versão Pré-Vulgata Latina. Neles, Romanos é dividida em 51 "capítulos" ou seções. Quanto aos últimos dois desses "capítulos" os sumários são como se segue: "50. Do perigo de afligir o irmão com a comida, e de como mostrar que o reino de Deus não é comida, nem bebida, mas justiça e paz e alegria no Espírito Santo. "51. Do mistério de Deus, mantido em silêncio antes da paixão, mas revelado depois da sua paixão."

O sumário da seção 50 corresponde à substância de **14:1-23.** O da seção 51 corresponde à doxologia de **16:25-27.** Isto dá a idéia de que existiu uma edição mais curta da epístola na qual a doxologia final vinha imediatamente após **14:23.** Há alguns outros sinais de que essa edição mais breve foi conhecida e usada.[18]

(2) O *Livro de Testemunhos* atribuído a Cipriano (c. 250 A. D.) inclui uma coleção de passagens bíblicas que ordenam o afastamento dos hereges. Esta coleção não inclui **1:17,** que se poderia considerar uma passagem própria para esse fim. Este argumento deduzido do silêncio, que teria pouco peso se estivesse sozinho, deve ser empregado juntamente com outros elementos de provas.

(3) Embora os capítulos **15** e 16 estejam repletos de munições antimarcionitas potenciais,[19] em parte alguma Tertuliano faz citações desses capítulos nos seus cinco livros *Contra Márcion.* Todavia, no quinto livro daquele tratado (capítulo 13), ele cita **14:10,** e diz que esse versículo vem na seção (latim *clausula)* de conclusão da epístola.

(4) Rufino (c. 400 A. D.), em sua tradução latina do comentário de Romanos, da autoria de Orígenes, sobre **16:25-27** diz: "Márcion, que introduziu interpolações nas escrituras evangélicas e apostólicas, retirou esta seção completamente desta epístola, e não só isto, mas eliminou tu'do desde aquele lugar em que está escrito: 'e tudo o que não provém de fé é pecado' **(14:23)** até o fim." Não há motivo para duvidar que aí Rufino dá uma fiel tradução das palavras de Orígenes.

(5) Na tradição textual bizantina, a doxologia de **16:25-27** vem depois de **14:23** e antes de **15:1.** Orígenes conhecia MSS que colocavam a doxologia nessa posição, mas também conhecia outros que a colocavam depois de **16:24,** e acreditava (não forçadamente) que este último era o lugar próprio para ela. Entretanto, aqueles MSS que colocam a doxologia entre os capítulos **14** e **15** são prováveis testemunhas de uma

edição da epístola que terminava em **14:23,** seguido da doxologia.

(6) G (com alguns códices que Jerônimo conhecia) simplesmente não tem a doxologia. É de fato provável que o antepassado de D e de F G (o "Z" de Corssen) não tivesse a doxologia. Além disso, visto que este antepassado parece ter tido um texto ocidental nos capítulos **1-14,** mas um texto com várias redações peculiares nos capítulos **15** e **16,** Corssen[20] inferiu que por trás dele havia um texto que terminava em **14:23** (omitindo a doxologia). É mais que mera coincidência que fosse dito que Márcion terminara a epístola desse modo.

(7) Umas poucas testemunhas (A P 5 33, e alguns códices armênios) trazem a doxologia em seguida a **14:23** e a repetem depois de **16:24.**

(8) Em P46 a doxologia vem entre os capítulos **15** e **16.** Isso tem sido considerado como prova da existência de uma edição de Romanos que terminava em **15:33,** seguido da doxologia.

Assim, parece que temos prova da existência de duas edições mais curtas da epístola — uma terminando em **15:33** e a outra terminando em **14:23** (com ou sem o acréscimo da doxologia). Também temos prova em favor de uma edição à qual faltavam as palavras "em Roma" em **1:7,15.** Esta edição pode ser idêntica a uma ou outra das duas edições mais breves mencionadas há pouco.

Não é difícil compreender por que deve ter circulado uma edição sem o capítulo **16.** Se foram enviados exemplares da epístola a certo número de igrejas por seu interesse geral e pela importância do seu conteúdo, todos esses exemplares — menos um — naturalmente estariam sem o capítulo **16** que, com suas numerosas mensagens pessoais, podia aplicar-se a uma igreja somente. Se esta igreja era Roma ou Éfeso, discute-se mais adiante (p. 215).

Mas por que haveria de circular uma edição sem o capítulo **15?** A argumentação iniciada em **14:1** continua pelo capítulo **15** e leva naturalmente à declaração pessoal de Paulo em **15:15.**[21] Temos, contudo, a afirmação de Origenes de que Márcion eliminou da carta tudo o que vem depois de **14:23,** e a concluiu nesse ponto. Por que Márcion teria feito isso transparece para quem quer que ponha atenção na série de citações do Velho Testamento presentes em **15:3-12,** ou na afirmação registrada em **15:4** de que "tudo quanto outrora foi escrito, para o nosso ensino foi escrito", ou ainda na descrição de Cristo em **15:8** como "ministro da circuncisão, em prol da verdade de Deus, para confirmar as promessas feitas aos vossos pais". Tal concentração de material contra Márcion dificilmente encontra paralelo no corpus paulino.

Podemos, pois, atribuir a Márcion a edição que concluía a carta em 14:23.[22] Mas a influência da edição foi tanta que seu texto, como seus prefácios, foi reproduzido em maior ou menor grau em muitos veículos de transmissão, especialmente em cópias ocidentais e, mais particularmente, latinas.

Que se pode dizer agora da omissão das referências a Roma em 1:7, **15?** Uma idéia é que esta omissão poderia pertencer naturalmente à edição mais generalizada da epístola à qual faltava o capítulo 15. Pode-se pensar em Efésios como um caso paralelo. Como é bem sabido, existe antiga e forte evidência de que houve um texto de Efésios ao qual faltava "em Éfeso", em Efésios 1:1 *(P46,Aleph,* B, etc). Evidentemente Efésios foi destinada desde o princípio a ser uma carta circular, e foi deixado um espaço em branco na saudação introdutória, o qual poderia ser preenchido com qualquer topônimo adequado. (Márcion parece tê-lo sabido por uma edição que dizia "em Laodicéia" onde lemos "em Êfeso".) *Algum* topônimo (precedido pela preposição "em") era necessário, pois doutro modo a construção sintática não seria grega.

Depois de refletir mais, porém, vê-se que essa explicação da omissão do topônimo em 1:7, 15 não satisfaz. Os casos de Romanos e Efésios não são de fato paralelos. Qualquer outro topônimo dentro dos limites do território da missão gentílica de Paulo poderia ficar no lugar de "Éfeso" em Efésios 1:1 e se harmonizaria igualmente com o contexto. Mas nenhum outro topônimo poderia ficar no lugar de "Roma" em 1:7,15, porquanto o contexto **(1:8-15)** refere-se a Roma, e somente a Roma. E ainda que o termo "Roma" fosse apagado em 1:7, 15, sem ser substituído pelo nome de nenhuma outra cidade, isso tornaria as referências locais dos versículos 8-15 (e de 15:22-32) incompreensíveis ou, quando muito, exigiriam elucidação mediante hábil inferência.[23]

Que se pode dizer, então, sobre a possibilidade de relacionar a edição que omitiu "em Roma" em 1:7, 15 com a edição que terminava em **14:23** — a edição de Márcion, com toda a probabilidade? Aqui podemos apenas conjeturar, desde que não temos prova do texto de Márcion quanto a 1:7, 15 como a temos da omissão que fez dos capítulos 15 e 16. Em todo caso, por que Márcion haveria de eliminar do seu texto da epístola as

referências explícitas a Roma? Quando a igreja romana repudiou Márcion e seus ensinos, ele poderia ter considerado indigno mencioná-la no texto do seu *Apostolikon.* "Isto não é mais do que uma con-jetura",[24] e contra ela se deve expor o fato (como parece) de que no seu cânon a epístola conservou o título "Aos Romanos".

Notas de Romanos

1. *Authorized (King James) Version* (AV). N. do Tradutor.

2. A prática de traduzir uma palavra grega por vários sinônimos é seguida na "New English Bible". Mas em 5:2, 3, 11, ela apropriadamente traduz *kaochaomai* uniformemente por "exultar".

3. A Tradução de Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil (AA) traduz o referido verbo por "gloriar-se" em 5:2, 3, 11. N. do Tradutor.

5. O texto grego impresso que se tornou o texto-padrão na Inglaterra foi o lançado em 1550 pelo impressor Roberto Estienne (Stephanus), de Paris. Esta foi a terceira edição de Estienne. Ele publicou uma quarta edição em Genebra, em 1557 — a primeira a conter as modernas divisões em versículos. Em alguns aspectos, os tradutores da Bíblia de Genebra, de 1560, mostraram maior discernimento nas questões textuais do que os da "Authorized Version". A expressão "Texto Recebido", como é usada ocasionalmente neste comentário, indica o texto das primeiras edições do Novo Testamento Grego. Mais precisamente, era a designação do editor da edição de 1633, impressa pela casa de Elzevir, de Leiden. Em nossa opinião, as versões erri português a serem consultadas na linha sugerida pelo autor são: Para maior precisão literal — a Tradução Brasileira; para linguagem mais atual, a Trad. de Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil, da SBB. Uma versão que está sendo preparada para lançamento completo ainda em 1979 é a "Bíblia Viva", que prestará grande ajuda para a compreensão do texto por parte do grande público. A "Bíblia Viva" procura unir a fidelidade aos textos hebraico e grego à linguagem popular, acessível a leitores com instrução do 1.° grau. N. do Tradutor. F. G. Kenyon (ed.), *The Chester Beatty Biblical Papyri,* Fase. iii, Supplement (1936), p. XVss. Se foram enviadas cópias no início a várias igrejas (ver p. 18), a possibilidade de variação textual estende-se até o ano 57 A. D.

7. G. Zuntz, *The Text oftheEpistles,* p. 14ss., 276ss.

8. Nome de um monte localizado no extremo leste da Grécia (e da língua falada na região). Centro de estudos da cultura e da teologia gregas na Idade Média. N. do Tradutor. O texto deste antigo MS (antepassado do 1739) harmoniza-se com o texto conhecido por Orígenes. É bem possível que esse MS tenha ertencido à grande biblioteca de Panfilo. em Cesaréia da Palestina.

10. É notável que quase todas estas testemunhas (incluso o P46) são de procedência egípcia.

11. Texto latino do códice bilingüe D (ver a nota seguinte), que é independente do texto grego que o acompanha.

12. D é o *Codex Clarumonlanus* do século sexto. F e G, códices bilingües do século nono *(Augiensis* e *Boernerianus* respectivamente), são provavelmente cópias do mesmo original (seus textos latinos, f e *g,* ao contrário de *d,* não têm valor independente). Zuntz, *op. cit.,* p. 269.

14. MS do século onze que se acha na Biblioteca Bodleiana (Oxford), relacionado como l739.

15. Ao códice F, irmão de G, falta Rm 1:1-3:19, de modo que não oferece evidência válida para 1:7, 15.

16. '•ZürÜberlieferungdesRÔmerbriefes",ZAW, X(1909), p. 1., 97.

17. Também AA a repete, colocando-a entre parênteses. N. do Tradutor.

18. Nos MSS 1648, 1792 e 2089 da Vulgata, a epístola termina em 14:23. seguido de uma bênção e da doxologia.

19. Quanto ao ponto de vista de Márcion, ver p. 20.

20. *ZNW,* X(1909),p, 9.

21. Não posso concordar com F. C. Burkitt em sua afirmação de que "Rm 14:23 é de fato uma verdadeira conclusão: nada senão uma doxologia é apropriada depois desse ponto", e em sua suposição de que 15:1-13 foi "uma fusão, uma junção, uma adaptação", meio pelo qual Paulo ligou os pormenores pessoais subseqüentes quando expandiu sua epístola circular antetior (ver p. 19 n.2) e enviou a forma ampliada a Roma *(Christian Beginnings,* p. 127).

22. Quanto à opinião de que a doxologia foi originalmente composta por discípulos de Márcion para ser apensa a esta edição, ver p. 227.

23.Não posso concordar com F. C. Burkitt em sua afirmação de que "Rm 14:23 é de fato uma verdadeira conclusão: nada senão uma doxologia é apropriada depois desse ponto", e em sua suposição de que 15:1-13 foi "uma fusão, uma junção, uma adaptação", meio pelo qual Paulo ligou os pormenores pessoais subseqüentes quando expandiu sua epístola circular antetior (ver p. 19 n.2) e enviou a forma ampliada a Roma *(Christian Beginnings,* p. 127).

24.Quanto à opinião de que a doxologia foi originalmente composta por discípulos de Márcion para ser apensa a esta edição, ver p. 227.

5. ROMANOS E O EVANGELHO PAULINO

Romanos foi a última carta escrita por Paulo, antes de seu prolongado período de detenção, primeiro em Cesaréia, depois em Roma. Portanto, é posterior às suas cartas aos Tessalonicenses, aos Coríntios e aos Gálatas (e provavelmente aos Filipenses). É anterior às cartas aos Colossenses e aos Efésios (para não falar das epístolas pastorais). A esta conclusão se pode chegar, não somente graças às evidências externas e às indicações cronológicas acidentais presentes nas epístolas, mas também pelo estudo do assunto de que tratam.

Alguns temas tratados por Paulo em sua correspondência com os coríntios reaparecem em Romanos: podemos comparar o que se diz sobre a questão da comida em 1 Coríntios 8,10 com o que se diz em **14:1;** o que se diz sobre os membros do corpo e suas respectivas funções em 1 Coríntios 12 com o que se diz em 12:3ss.; a antítese entre Adão e Cristo em 1 Coríntios 15:21,45, com5:12ss.; as referências à coleta em prol de Jerusalém em 1 Coríntios 16:1 e 2 Coríntios 8, 9 com 15:25ss. Em alguns destes casos, a passagem de Romanos mostra por si mesma que é mais recente do que a passagem paralela de 1 ou 2 Coríntios. Mais particularmente, Romanos 8 reproduz grande parte da argumentação de 2 Coríntios 3:17-5:10 — combinada com parte da argumentação de Gálatas 4,5 — de um modo que tem sido descrito como "a livre criação, em duas ocasiões diferentes, de roupagem verbal para contornos lógicos familiares".'

Contudo, de todas as epístolas paulinas, a que tem mais estreita afinidade com Romanos é Gálatas. Uma comparação das duas não deixa dúvida de que a mais antiga é Gálatas. Os argumentos apresentados sob pressão nas igrejas da Galácia de maneira urgente e *ad hoc,* são expostos mais sistematicamente em Romanos. Assim, Gálatas relaciona-se com Romanos "como o rude modelo esboçado com a estátua terminada".[2]

A Epístola aos Gálatas foi escrita às igrejas situadas na província romana da Galácia (com toda a probabilidade, às do sul da Galácia, as quais foram fundadas por Paulo e Barnabé por volta do ano 47 A. D., conforme o relato de At 13:14-14:23), para adverti-las que não caíssem do Evangelho da livre graça, à instigação daqueles que lhes ensinavam que sua salvação dependia de serem circuncidados e de observarem certas outras exigências da lei judaica.[3] Aqueles mestres sem dúvida apresentavam essas exigências como adicionais à única exigência da fé em Jesus como Senhor, em que o Evangelho de Paulo insistia. Mas aos olhos de Paulo, essas exigências não eram tanto um acréscimo ao Evangelho; eram uma perversão deste. Aquele ensino anulava o princípio de que a salvação é dada pela graça e recebida pela fé. Dava aos homens a participação naquela glória que, de acordo com o Evangelho, pertence exclusivamente a Deus. Todo o esquema proposto por aqueles mestres era um evangelho diferente daquele que Paulo e seus colegas de apostolado pregavam;[4] na verdade, não era evangelho nenhum.[5] Em seu esforço para mostrar aos seus amigos gálatas onde jaz a verdade nessa matéria, Paulo levanta a fundamental questão da justificação do homem à vista de Deus. Que Deus é o supremo Juiz do mundo era doutrina comum do judaísmo, como o era também a crença em que chegaria o dia em que Ele pronunciaria o julgamento final da humanidade inteira. Todavia, Paulo ensina que, graças à obra realizada por Cristo, o veredito daquele dia pode ser conhecido por antecipação e ser aceito na era presente — que aqueles cujos corações forem retos para com Deus podem estar seguros da sua absolvição no tribunal divino, aqui e agora. Mas como os seres humanos podem, de fato, saber que estão "à direita" no que diz respeito à dívida deles para com Deus? Se fosse possível ao homem ser justificado perante Deus pela observância das exigências dá lei judaica, como estavam ensinando agora aos cristãos da Galácia, qual foi então, o papel desempenhado pela morte de Cristo — ponto central do Evangelho? Conforme o Evangelho, a morte de Cristo visava à redenção do Seu povo e a endireitar sua relação com Deus. Mas Sua morte não seria necessária, se isto pudesse ser feito pela lei. Mas nós sabemos, diz Paulo, "que o homem não é justificado por obras da lei, e, sim, mediante a fé em Cristo Jesus — e seus conversos viram comprovada esta verdade em sua própria experiência. Assim, ele prossegue: "temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos

justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois por obras da lei ninguém será justificado" (Gl 2:16).

Fé, e não obras: esta é uma antítese que Paulo, escrevendo aos gálatas, salienta. Uma antítese associada a esta, em sua argumentação, é: *Espírito, e não carne.* A nova vida que eles tinham recebido quando creram no Evangelho era vida comunicada e mantida pelo Espírito Santo. Era inimaginável que a obra do Espírito, pertencente a uma nova ordem, exigisse suplementação da obediência a ordenanças tão completamente ligadas à velha ordem da "carne" como a circuncisão e todo o seu séquito. A tentativa de viver em parte "segundo o Espírito" e em parte "segundo a carne" estava fadada ao fracasso, porque as duas ordens estão em franca oposição uma à outra: "a carne milita contra o Espírito, e o Espírito contra a carne"[7] (Gl 5:17).

Ambas estas antíteses — obras versus fé e carne versus Espírito — reaparecem em Romanos em sua seqüência lógica: a primeira nos capítulos 3 e 4, onde se discute o tema do caminho para a justiça, e a última nos capítulos 7 e 8, onde o assunto é o caminho para a santidade.

Outro *motif* de Gálatas que ocorre também em Romanos é o apelo para o precedente de Abraão. Desde que a ordenança judaica da circuncisão se baseava na aliança feita por Deus com Abraão (Gn 17:10-14), aqueles que insistiam em que os gentios convertidos ao cristianismo deviam ser circuncidados, argumentavam que doutro modo não poderiam reivindicar nenhuma participação nas bênçãos prometidas a Abraão e a seus descendentes. Paulo replica a isto dizendo que a base sobre a qual Deus aceitou Abraão não foi a circuncisão deste, nem qualquer "obra" legal parecida, mas, sim, sua/e: "Abraão ... creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça" (Gl 3:6, citando Gn 15:6).f Assim, os filhos de Abraão, que herdam as bênçãos prometidas a Abraão, são aqueles que, como ele, têm fé em Deus e, conseqüentemente, são justificados por Sua graça. Em suma, o Evangelho é o cumprimento das promessas feitas por Deus a Abraão e à sua posteridade — promessas que não foram anuladas nem modificadas por coisa alguma, nem mesmo pela lei mosaica, instituída em razão de elas terem sido feitas.

Além disso, Paulo assegura aos cristãos gálatas: os que se sujeitam à circuncisão como obrigação legal, colocam-se sob o dever de observar toda a lei de Moisés, e ficam expostos à maldição divina lançada sobre aqueles que deixam de cumprir aquela lei em sua inteireza.[9] Mas a libertadora mensagem do Evangelho fala como "Cristo nos resgatou da maldição (...) para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos pela fé o Espírito prometido" (Gl 3:13).

O princípio da justiça pela guarda da lei pertence a um estágio de imaturidade espiritual. Mas agora que veio o Evangelho, os que lhe obedecem e crêem em Jesus atingem sua maioridade espiritual como filhos de Deus plenamente desenvolvidos. O Espírito de Deus, que fez Sua habitação no coração dos crentes em Cristo, é também o Espírito do Filho de Deus, e pelo estímulo que dele vem, eles se dirigem espontaneamente a Deus como seu Pai, do mesmo modo como o fazia Jesus.[1]"

Ratificando, o Evangelho é mensagem de liberdade em substituição ao jugo de escravidão levado pelos que confiam na lei para garantir que Deus os aceite. Por que deveriam os emancipados por Cristo abandonar sua liberdade e submeter-se de novo à servidão? Por outro lado, a liberdade trazida pelo Evangelho não tem nenhuma afinidade com a licença anárquica. A fé apresentada pelo Evangelho é fé que se manifesta em vida de amor, e assim cumpre "a lei de Cristo" (Gl 5:6; 6:2)."

Daí Paulo arrazoa com as igrejas da Galácia, argumentando *ad hominem* bem como *ad hoc.* Tem-se dito que "a justificação pela fé, conquanto não necessariamente incompatível com a primeira fase da doutrina de Paulo, foi de fato formulada e expressa por ele pela primeira vez quando achou necessário responder aos argumentos dos judaizantes da Galácia. Parece que não é de todo improvável que o termo justificação, que assume seu familiar significado e importância somente em Gálatas e Romanos, derive essa importância — e ao menos parte do seu significado — não do vocabulário teológico normalmente empregado por Paulo mas, sim, dos seus opositores". '[2]

Mas o Evangelho que Paulo apresenta insistentemente aos cristãos gálatas em sua carta, era o Evangelho que lhes havia levado quando pela primeira vez visitara as suas cidades e lhes pregara a mensagem da cruz tão vividamente que era como se "Jesus Cristo crucificado" tivesse sido exposto publicamente em cartazes diante dos olhos deles. Mais que isso: era o Evangelho que tinha revolucionado a vida do próprio Paulo. Como sabemos, Paulo repentinamente se convertera ao serviço de Cristo de uma vida em que a lei fora o centro ao redor do qual tudo mais estava organizado. Em seu sistema de pensamento e prática não havia lugar para abrigar sequer a possibilidade de que a pretensão dos discípulos acerca de Jesus era verdadeira. Seu mestre

Gamaliel poderia fazer concessão a tal possibilidade — ainda que só para argumentar — mas Paulo não. Se havia um fato mais que qualquer outro suficiente para reprovar a pretensão dos discípulos de que Jesus era o Messias, era o fato de sua crucifixão. Se Jesus mereceu ou não tal morte era questão da menor importância. O que era de real importância era esta afirmação da lei: "o que for pendurado no madeiro é maldito de Deus" (Dt 21:23). A sugestão de que alguém que morrera sob a maldição podia ser o Messias era blasfema e escandalosa.

Quando Paulo, em plena carreira de perseguidor da igreja, foi compelido a reconhecer que Jesus crucificado ressuscitara dos mortos e era tudo quanto Seus discípulos diziam que era — Messias, Senhor, Filho de Deus — todo o seu sistema de pensamento e vida, previamente estruturado em torno da lei, teve de ser feito em pedaços. O confiante juízo que tinha formado sobre Jesus, de acordo com aquele[1] sistema, evidenciou-se completamente errado. Mas os fragmentos do sistema arrebentado logo começaram a organizar-se num molde totalmente diverso, ao redor de um novo centro — Jesus crucificado e ressurreto. Daí por diante, para Paulo o viver era — Cristo.

Porém, o que houve com o argumento de que O crucificado morreu sob a maldição divina? Deixou de ser válido? Continuou sendo válido, mas recebeu novo significado. Ao ressuscitar Jesus dentre os mortos, Deus inverteu aquela maldição. Mas por que Jesus teve de submeter-se à maldição divina em primeiro lugar? Mais cedo do que era de esperar, Paulo teve de chegar à conclusão exposta em Gálatas 3:10-13: Jesus se submeteu à morte de cruz a fim de levar sobre Si a maldição que a lei sentenciava para todos os que não a cumprissem completamente (Dt 27:26). Paulo estava bem acostumado com *a forma* deste argumento, nas escolas rabínicas. Mas nenhum rabi jamais tinha formulado a *substância* deste ousado argumento — de que o Messias devia sujeitar-se voluntariamente à maldição lançada sobre os infratores da lei de Deus, para livrá-los daquela maldição. Deste modo, a doutrina de um Messias crucificado, que outrora fora uma pedra de tropeço para Paulo," veio a ser a pedra fundamental de sua fé, bem como de sua pregação.

Não podemos dizer quanto tempo levou para que esta reinterpretação tomasse forma em sua mente.[14] Talvez, tenha sido ajudado num estágio inicial pela consideração do retrato descritivo do Servo Sofredor que, em Isaías 53:10-12, entrega Sua vida como oferta pela culpa, em favor de outros, e, levando sobre Si o pecado de muitos, obtém justiça para eles.[15] Mas não se pode dar ênfase suficientemente forte à idéia de que a teologia de Paulo não se baseava primariamente no estudo e na reflexão. Baseava-se primariamente na experiência que teve com Deus, que veio a "revelar seu Filho" nele (Gl 1:16) e inundou o seu ser interior de amor divino mediante a dádiva do Seu Espírito (5:5). Tudo o que ele tinha procurado pela afanosa observância da lei, agora lhe pertencia pelo dom de Deus — tudo aquilo e muito mais. Pois agora podia fazer a vontade de Deus com espontaneidade tão livre como jamais experimentara sob a lei. Tomou conhecimento de que fora aceito por Deus, fora justificado por Sua graça, recebera a bênção de um novo poder no seu ser interior, e fora chamado para um serviço que daí em diante e para sempre daria sabor e propósito à vida.

"O justo viverá por fé" — ou, como Paulo o expõe, "aquele que é justo pela fé é que viverá".[15] Este não era somente o cerne de Gálatas e do texto de Romanos; era também o princípio básico da vida pessoal de Paulo. Repetidas vezes ele o inverte, e não só nestas duas epístolas. Quando recorda aos coríntios como Cristo foi feito "pecado" (isto é, uma oferta pelo pecado) por nós "para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Coríntios 5:21), ou quando fala aos filipenses da ambição que tinha de ganhar a Cristo "e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé" (Fp 3:8s., RSV), ele demonstra com muita clareza qual era a base da sua esperança e qual a força motivadora do seu ministério apostólico. O próprio contraste entre sua atividade anterior como perseguidor e sua nova vida como submisso escravo de Jesus Cristo, engrandecia a graça de Deus que lhe fora dada liberalmente, limpando sua ficha e fazendo dele o que agora era.

Portanto, o caminho para a justiça, que ele expõe aos romanos, era um caminho que ele conhecia bem, desde que seus pés pisaram fora dos muros de Damasco. Os olhos não podem captar todos os elementos de autobiografia presentes nesta epístola — autobiografia de um homem justificado pela fé.[17] "Justificação pela fé significa que a salvação depende, não dos sacramentos, nem do que faça ou não faça qualquer sacerdote ou presbítero, mas da simples resposta dada pelo coração crente à Palavra de Deus em Jesus Cristo. Observe-se bem o que realmente significa. Não se trata de mera ficção teológica. De um só golpe, corta a raiz de todo o vasto sistema do sacerdotalismo, com sua doutrina das obras que lhe é associada — penitência, peregrinações, jejum, purgatório, e tudo mais. A igreja deixou de ser uma hierarquia clerical realizando ritos considerados

indispensáveis, em favor dos membros. Deixou de ser uma casta de sacerdotes dotados de poderes misteriosos — se não mágicos — à palavra de um bispo. Mas é o sacerdócio de todos os crentes em Cristo, e um ministério credenciado pela vocação do Espírito Santo, pelo competente exame da vida e da doutrina, e pelo consentimento do povo interessado. ... Aceite-se esta doutrina da Justificação e o leigo, o homem comum, o 'João da Silva', de um pulo passa a ocupar o centro."18 Pois esta doutrina coloca o homem face a face com Deus. E se o humilha até o pó diante de Deus, é que Deus pode levantá-lo e firmá-lo sobre seus pés. O homem que assim procede para com Deus, e que foi erguido e firmado pelo poder e graça do Onipotente, jamais poderá ser escravizado em espírito por qualquer outro homem. A doutrina da justificação pela fé é subjacente às formas que a democracia tomou nos países mais profundamente influenciados pela Reforma — é-lhes subjacente e as cerca das provisões básicas. É baluarte da verdadeira liberdade. Lutero foi acusado de "incitar revolução, dando à gentinha consciência de sua prodigiosa dignidade perante Deus". Como poderia repelir a acusação? O Evangelho, como o aprendeu de Paulo, faz precisamente isso.

Todavia, apesar de a justificação dos pecadores pela fé somente ser crucial para o Evangelho paulino, ela não esgota aquele Evangelho. Paulo' coloca a doutrina da justificação — juntamente com outras doutrinas — no contexto da nova criação que veio à existência com Cristo e em Cristo. Que a absolvição no dia do juízo é pronunciada aqui e agora em favor daqueles que põem sua fé em Jesus, é parte integrante da verdade que afirma que, para eles, "a velha ordem passou, e uma nova ordem começou" (2 Coríntios 5:17, NEB) — verdade tornada real em sua experiência presente, pelo advento e pela atividade do Espírito.[19]

Notas

1. C. H. Buck Jr., *JBL*, LXX (1951), p. 116, no curso de um importante artigo sobre "A Data de Gálatas" (p. 113).
2. J. B. Lightfoot, *St. PauVs Epistle to the Gaiutiuns* (1890), p. 49.
3. Segundo J. H. Ropes, *The Singular Problem of the Epistle to the Galatians* (Cambridge, Mass., 1929), Gálatas trata também de um grupo ntinomiano que negava a autoridade apostólica de Paulo. Mas mesmo que seja assim, esta fase da argumentação não tem muito que ver com a relação dessa epístola com Romanos.
4. Ver 1 Co 15:11 quanto ao testemunho de Paulo de que ele e os doze apóstolos pregavam a mesma mensagem básica.
5. Ver F. F. Bruce, "When is a Gospel not a Gospel?", BJRL, XLV (1962, 63), p. 319.
6. EcodoS1143:2;ver3:20(p.81).
7. Verpp. 123-127.
8. Ver4:3.
9. Referência a Dt 27:26, citado em Gl 3:10.
10. G14:6;comparar8:15(verp. 135).
11. Ver 12:9,13:8-10(pp. 185ss., 194ss.).
12. C. H. Buck, *loc, cit.*, p. 121. Diz ele qué esta conclusão "parece inescapável" depois de se comparar 2 Co 1-9 — onde aparece só a antítese "carne-espírito" — com Gálatas — onde Paulo além desta usa a antítese "obras-fé". Por conseguinte, Gálatas é posterior a 2 Co 1-9, acha ele. porque, se Paulo já tivesse formulado a antítese "fé versus obras" em sua mente antes de escrever estes capítulos, dificilmente teria podido evitar usá-la, ao menos uma vez, tendo-se em vista a "veemente posição anti-legal" que ele toma ali. Contudo, a situação de que trata em 2 Co 1-9 não tem a mesma base daquela que é discutida em Gálatas, e não requer do mesmo modo o uso da antítese "fé versus obras". Devo atribuir a Gálatas a data de um estágio consideravelmente mais antigo do ministério de Paulo. A opinião de Buck foi, em alguns aspectos importantes, antecipada por W. Heit-tnüller. Este sustentava que "a doutrina da justificação" ensinada por Paulo "era para ele uma doutrina inteiramente polêmica e apologética, que de início se desenvolveu em Paulo, o missionário, no transcurso de sua missão e serviu para defender sua pregação sobre os libertos da lei aos gentios contra os ataques e perspectivas judaico-cristãos" *(Luthers Stellung in der Religionsgeschichte des Christentums*, Marburg, 1917, p. 19s.). K. Holl estabelece ligação retrospectiva deste ponto de vista com O. Pfleiderer, C. von Weizsacker, e W. *Wivi.\i:(GesammelteAufsatze ü*, Tübingen, 1928, p. 18s.).
13. Ver9:32s.(p.l60ss.).
14. J. Weiss correta mente considera o período da atividade na Síria c na Cilícia (Gl 1:21), antes de sua ida

a Antioquia(At 11:25), como formativo neste ponto. "Não é possível insistir demasiadamente em que o verdadeiro desenvolvimento de Paulo como cristão e como teólogo completou-se nesse período tão obscuro para nós. e cm que nas cartas lidamos com o homem plenamente amadurecido (…) o 'desenvolvimento' que alguns acham que podem discernir no período da produção das cartas — dez anos. no máximo — não merece consideração nenhuma" *(Earliesi Christianity*, i. Nova York, 1959, p. 206). Esta última afirmação é um julgamento muito radical, mas serve de salutar corretivo para a excessiva especulação sobre o desenvolvimento interior de Paulo.

15.Verpp.96s.,104, 107.131 n. 16.

16.Hc2:4,citadoemG13:llel:17(verp.66s.).

17.Ver J. Buchanan, *The Docirine of Justification* (1867; reimpressoem 1951). Paulo cria de todo o coração na implantação de um caráter justo, mas como algo subseqüente à concessão de um estado justo e distinto dela. A teologia calvinista geralmente distingue entre as duas condições chamando à primeira santificaçâo" (assunto de Rm 6-8) e à última "justificação" (assunto de 1:17, 3:19-5:21). Negligenciar esta distinção com'"/, à confusão na interpretação de Paulo. Embora consideremos a distinção — entre a justificação pela fé como o ato inicial da graça de Deus e a santificaçâo como a subseqüente e continuada obra de Sua graça — como doutrina caracteristicamente luterana e calvinista, há ampla evidência de que a justificação somente pela fé foi sustentada na primeira metade do século dezes
seis por vários teólogos da esfera papal (principalmente na Itália), incluso o cardeal inglês Reginaldo Pole. Quando G. Contarini escreveu um tratado sobre a justificação só pela fé, Pole congratulou-se com ele por ser o primeiro a trazer à luz "aquela verdade santa, frutífera e indispensável." (Na verdade, a doutrina calvinista da justificação pela fé fora antecipada por mais de cem anos, em quase todos os aspectos, por Juliana de Norwich.) Foi o Concilio de Trento que refreou essa tendência, da parte do lado papal. A despeito da exortação de Pole a "não rejeitar uma opinião simplesmente porque era defendida por Lutero", o Concilio definiu, em 1546, a justificação em termos que a confundiam com a santificaçâo e a tornavam dependente das boas obras, e anatematizou ponto por ponto aqueles que sustentavam a doutrina "reformada" — ou melhor, paulina. *VerAcla Concilii Tridentini*, Sessio VI ("De Justificatione"); também L. von Ranke, *History of lhe opes*, ivro II (1908), vol. I, 109, 113, 158ss. Mais recentemente, teólogos católicos-romanos — como por exemplo W. H. van der Pol e H. Küng (ver especialmente a obra deste: *Rechtfertigung*, Pader- born, 1957, com introdução escrita por Karl Barth) — têm sustentado que o Concilio condenou, não a doutrina bíblica da justificação "pela fé somente", mas, sim, a interpretação "externa" dada pelos reformadores à doutrina, e que as formulações tridentinas (condi-cionadas como foram pela situação polêmica), é mal compreendida pelos protestantes, como se ensinasse uma soteriologia sinergista. Ver a crítica a essa maneira de apresentar o assunto, em G. C. Berkouwer, *Recent Development in Romun Calholic Thought* (Grand Rapids, 1958),p.5(iss.

18. Sir T. M. Taylor, *The fferitage of lhe Reformalion* (l%0), p. 6ss. Todo este panfleto — incorporando um discurso feito na reunião da Assembléia Geral da Igreja da Escócia realizada para comemorar o quarto centenário da Reforma Escocesa — é fiel ao argumento da Epístola aos Romanos. Verp. 192.

19. Ver W. D. Davies, *Paul and RahbinicJudaism* (1948), p. 222s.

6. "CARNE" E "ESPÍRITO" EM ROMANOS

a. "Carne".-

Guilherme Tyndale dá o seguinte conselho ao leitor desta epístola: "Primeiro precisamos observar diligentemente a maneira de falar do apóstolo e, acima de todas as coisas, devemos procurar saber o que Paulo quer dizer com estas palavras — Lei, Pecado, Graça, Fé, Justiça, Carne, Espírito, e outras semelhantes — ou de outra forma, não adiantará fazer muitas leituras; será perda de tempo".

Dessas palavras, duas das mais importantes são os termos opostos "carne" e "espírito" que, no uso peculiar feito por Paulo, relacionam-se respectivamente com a velha ordem, suspensa por Cristo, e com a nova ordem inaugurada por Ele. A carne e o espírito laboram em incessante luta entre si dentro da cidadela da Alma Humana. Este conflito, nos termos em que é descrito nos escritos de Paulo, não é o conflito entre a matéria e a mente, entre os elementos físicos e os racionais do homem, que encontramos na filosofia grega. O cenário que serve de fundo para o uso que Paulo faz destes termos é o Velho Testamento, embora o uso que o Velho

Testamento faz deles seja estendido por Paulo ao longo de linhas que lhe são peculiares.'

No Velho Testamento, "carne" (hebraico, *basar, she'er)* é o material básico da vida humana (e animal). Deixando de lado as freqüentes ocorrências de "carne" no sentido de vida animal (e. *g.* Gn 6:19) ou carne dos animais que podiam servir de alimento (e. *g.* Êx. 12:8), observamos que, como "carne", os homens se distinguem dos deuses, que "não moram com os homens" (Dn 2:11). Quando Deus anuncia que limitará o tempo de duração da vida humana, diz: "Meu espírito não permanecerá para sempre no homem, pois ele é carne" (Gn 6:3, RSV). Na verdade, o homem é carne movida pelo espírito. "Toda a carne" *{e. g.* Gn 6:12; Is 40:5; Jl 2:28) significa "toda a humanidade" (quando o contexto não indica o sentido mais amplo de "toda a vida animal"). "Carne" pode denotar a natureza humana em sua fraqueza e mortalidade: "Lembra-se de que eles são carne" (Sl 78:39). Pode-se usar falando do corpo humano, como quando o homem é ensinado a banhar "o corpo (a carne) com água" (e. *g.* Lv 14:9), ou falando do homem mesmo, num sentido mais geral, como no Salmo 63:1, onde "meu corpo (minha carne) te almeja", é expressão sinônima da cláusula precedente: "a minha alma (heb. *ne-phesh)* tem sede de ti" (aí, "minha alma" e "minha carne" são pouco mais que modos alternativos de dizer "eu").

É contra este fundo do Velho Testamento, então, que devemos compreender o emprego paulino do termo (grego *sarx),* com referência mais particular à Epístola aos Romanos.

1. Usa-se "carne" no sentido comum de *carne corporal* em **2:28,** onde a "circuncisão" literal, "que é somente na carne" (ver Gn 17:11), é contrastada com a circuncisão espiritual do coração.

2. Usa-se "carne" para designar *descendência ou relação humana natural.* Assim se diz em **1:3** — como em **9:15** — que Cristo é descendente de Davi "segundo a carne".[2] Em **4:1** Abraão é chamado "nosso pai segundo a carne" (i. e., antepassado dos que são judeus de nascimento), enquanto que espiritualmente é o pai de todos os que crêem **(4:11,** 16). Seus descendentes por reprodução física são "filhos da carne", em contraste com "os filhos da promessa" (9:8). Os judeus de nascimento são "compatriotas" de Paulo "segundo a carne" (9:3), ou simplesmente sua "carne" (11:14).[3,4]

3. Usa-se "carne" no sentido de *humanidade* em 3:20: "ninguém (ou "nenhuma carne") será justificado diante dele por obras da lei." Este uso é comum no hebraico. Aqui vão exemplos extraídos do Velho Testamento: "0 tu que escutas a oração, a ti virão todos os homens" (toda a carne), Salmo 65:2; "não há paz para ninguém" (para nenhuma carne), Jeremias 12:12. E podemos comparar isto com estas palavras do Senhor: "Não tivesse o Senhor abreviado aqueles dias, e ninguém (nenhuma carne) se salvaria" (Mc 13:20). Parece que Paulo gostava deste emprego da palavra. Embora em **3:20** esteja citando o Salmo 143:2, a palavra "carne" não aparece na passagem do Velho Testamento. Entretanto, ele a introduz não somente ali como também em Gálatas 2:16 (ver 1 Co 1:29: "a fim de que ninguém — nenhuma carne — se vanglorie na presença de Deus"). Ãs vezes a mesma idéia é expressa pela frase "carne e sangue" *(e. g,* Gl 1:16: "não consultei carne e sangue" — i. e. nenhum ser humano).

4. Usa-se "carne" variadamente no sentido de natureza humana, como se segue:

(1) *Natureza humana fraca.* Em 6:19 Paulo explica seu argumento recorrendo a uma analogia extraída da vida diária "por causa da fraqueza de vossa carne". Por "carne" aí, ele se refere ao *entendimento* dos seus leitores. Outra vez, em 8:3, ele fala da lei como incapaz de produzir justiça "no que estava enferma pela carne" — i. e. a frágil natureza humana sobre a qual devia operar. (Encontra-se bom exemplo deste sentido de "carne" no dito de Jesus em Mt 26:41: "o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca".)

(2) *A natureza humana de Cristo. A* natureza humana de Cristo é algo que Ele compartilha com toda a espécie humana. Mas nossa carne é "carne pecaminosa", porque o pecado estabeleceu uma cabeça de ponte em nossa vida donde domina a situação. Cristo veio em carne verdadeira, mas não em "carne pecaminosa". O pecado foi incapaz de conseguir onde firmar os pés em Sua vida. Portanto se afirma que Ele veio "em *semelhança* de carne pecaminosa" (8:3). Vindo assim, Ele lidou com o pecado efetivamente em Sua humanidade: resistiu às suas tentativas para conseguir entrada em Sua vida e, quando em Sua morte apresentou aDeus Sua vida sem pecado como oferta pelo pecado, desse modo "condenou Deus, na carne, o pecado" (8:3) — i. e. ratificou a sentença de morte lançada sobre o pecado por meio da encarnação, sacrifício e vitória do homem Cristo Jesus.

(3) *A "velha natureza" no cristão.* Quando Paulo fala de "minha carne", refere-se à sua inclinação pecaminosa herdada de Adão. Nela não há nada de bom (7:18); segundo ela, diz ele, "sou escravo... da lei do pecado" (7:25).[5] Ela ainda está presente nele, muito embora cada vez mais enfraquecida — e isto apesar

do fato de ter sido "crucificada". Compare-se Gálatas 5:24, "os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências", com 6:6, "foi crucificado com ele (com Cristo) o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído". Este aparente paradoxo é do tipo que encontramos repetidamente nos escritos paulinos, nos quais os cristãos são exortados a cada passo a serem o que são — a serem na prática real e concreta o que são como membros de Cristo. Assim é que se diz que eles se despiram "do velho homem com os seus feitos" e se revestiram "do novo homem" (Cl 3:9s.), enquanto que em outras partes são admoestados a se despojarem "do velho homem" e a se revestirem "do novo homem" (Ef 4:22, 24). O velho homem é o que eram "em Adão"; o novo homem é o que são "em Cristo". Portanto, vestir-se do novo homem é vestir-se de Cristo e, enquanto Paulo diz aos gálatas: "todos quantos fostes batizados em Cristo, de Cristo vos revestistes" (Gl 3:27), diz aos romanos: "revesti-vos do Senhor Jesus Cristo" (Rm 13:14).

(4) *Natureza humana não-regenerada.* Conquanto "minha carne" esteja ainda presente em mim, eu não estou mais "na arne".[6] Estar "na carne" é ser um não-regenerado, é estar ainda "em Adão", é estar num estado em que não se pode "agradar a Deus"
(8:8). Anteriormente os cristãos estavam "na carne" (7:5),[7] mas agora não estão "na carne, mas no Espírito", se de fato o Espírito de Deus habita neles. E se não, eles não pertencem a Cristo (8:9).

5. Portanto, desde que os cristãos já não estão "na carne", mas "no. Espírito", não devem viver mais "segundo a carne" — segundo o padrão de sua velha vida nào-regenerada" — mas "segundo o Espírito" (ver 8:4s., 12s.). Permutaram sua perspectiva não-regenerada ("a mente da carne" — os quais "cogitam das cousas da carne", AA), por uma perspectiva que pertence apropriadamente aos filhos de Deus (pela "mente do Espírito" — os quais cogitam "das cousas do Espírito", AA). E seu dever agora é nada dispor "para a carne, no tocante às soas concupiscências" **(8:5-7; 13:14)**".

6. A carne está sujeita ao princípio do "pecado e da morte" (7:23; 8:2), e assim está sob sentença de morte, pois "em Adão todos morrem" (1 Co 15:22). "A mente da carne é morte"; "se viveis segundo a carne, certamente morrereis" (8:6, **13,** RV). "Porque o que semeia para a sua própria carne, da carne colherá corrupção" — ou, na tradução da NEB, "Se ele lança a semente no solo da sua natureza inferior, terá colheita de corrupção" (Gl 6:8).

A carne, a natureza humana que temos "em Adão", está corrompida pelo pecado. Mas os pecados da carne ocupam galeria muito mais ampla no entender de Paulo do que tendem a ocupar na teologia moral cristã. Incluem os pecados especialmente associados ao corpo, mas incluem também pecados que talvez achássemos melhor classificar como pecados da mente. Assim, o catálogo das "obras da carne" que Paulo apresenta em Gálatas 5:19-21 abrange não somente a prostituição e formas correlatas de perversão sexual, juntamente com bebedices e gluto-narias, mas também feitiçarias, invejas, porfias, ambições egoístas e idolatria. A verdade é que o pecado, seja de que espécie for, é sempre obra da "carne".

Ãs vezes o vocábulo "corpo" é empregado em lugar de "carne". Assim, as coisas chamadas "obras da carne" em Gálatas5:19, são chamadas "feitos do corpo" em **8:13** no mesmo sentido, igualmente compreensivo. Assim também "o corpo do pecado" (6:6) é sinônimo de "carne do pecado" (8:3, RVmg). Podemos comparar isto com "este corpo da morte" (RSV), a libertação do qual é procurada em **7:24.** (Por outro lado, o "corpo" de **8:10,** "morto por causa do pecado ", é mais simplesmente este corpo mortal de carne e sangue.) Também podemos comparar com "os vossos membros que estão sobre a terra," '" em Colossenses 3:5, os quais devem ser tratados como estando mortos."

b. "Espírito".

No Velho Testamento o termo "carne" é colocado antagonicamente a "espírito" (hebraico *ruach*, primariamente "vento" e então "vigor vital"). Isaías 31:3 é passagem clássica: "Pois os egípcios são homens e não Deus; os seus cavalos carne, e não espírito." Deus, por implicação, é Espírito (ver Jo 4:24). Não só isso, mas o Espírito de Deus pode dar energia aos homens e comunicar-lhes força física, aptidão mental, ou compreensão espiritual que doutro modo não obteriam. No homem, o espírito é seu alento, sua disposição, sua vitalidade. '[2]

Semelhantemente, nos escritos paulinos "carne" e "espírito" são termos opostos. Os crentes em Cristo não estão mais "na carne", mas "no Espírito" (8:9); não mais andam "segundo a carne, mas segundo o Espírito" (8:4); não produzem "as obras da carne", mas o "fruto do Espírito" (Gl 5:19, 22).

Ficamos em dificuldade por termos de escolher entre o "E" maiúsculo e o "e" minúsculo cada vez que escrevemos a palavra. Paulo não tinha este problema quando pronunciava a palavra grega *pneuma* ao ditar esta epístola, nem Tércio ao redigi-la.

Em Paulo, podemos distinguir os seguintes usos principais do termo "espirito":[11]

1. *Aparte "espiritual ' da constituição humana.* "Deus, a quem sirvo em meu espírito", fala Paulo em 1:9. Com isto podemos comparar 7:6, onde os cristãos, não mais sob a lei, mas sob a graça, servem "em novidade de espírito e não na caducidade da letra" (que, contudo, vai além de 1:9 em suas implicações).'[4] A circuncisão "no espírito, e não na letra" — i. e. a circuncisão ou purificação interior do coração, de que falavam os profetas (Jr 4:4, Dt 10:16) — é contrastada com a circuncisão literal da carne (2:29). Os cristãos são exortados a serem "fervorosos de espírito" (12:11). O espírito dos crentes em Cristo move-se em harmonia com o Espírito de. Deus (8:16).

Os outros escritores do Novo Testamento empregam o termo "espírito" mais ou menos como sinônimo de "alma". Isto ocorre, por exemplo, nas palavras iniciais do *Magnificat:* "A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador" (Lc l:46s.). Ou podemos comparar as palavras de nosso Senhor em João 12:27, "Agora está angustiada a minha alma", com a afirmação do evangelista em João 13:21 de que se angustiou "Jesus em espírito". O próprio Paulo emprega "espírito" neste sentido mais geral quando indaga: "qual dos homens sabe as cousas do homem, senão o seu próprio espírito que nele está?" (1 Co 2:11). Mas na maior parte dos casos, "espírito" e "alma" não somente se distinguem entre si em Paulo, mas também se contrastam: o "homem natural" é o homem "anímico" *(psuchikos,* de*psuche,* "alma"), em contraste com o "homem espiritual" *(pneumatikos,* de *pneuma,* "espírito")-[I6] Em Paulo, talvez se possa descrever o espírito humano como o elemento que, no homem, pode ter consciência de Deus, elemento adormecido ou morto até receber o impulso vivificante do Espírito de Deus. Ou pode ser considerado como a "personalidade cristã" de "homens que, se se nos permite dizê-lo assim, não são vivos apenas, mas são cristãmente vivos" .'[6]

2. O Espírito de Deus, ou Espírito Santo. É chamado "Espírito de santidade" em 1:4, em relação à ressurreição de Cristo. Ver 8:11, ondeé chamado "Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos". Sob Sua iluminação, a consciência do homem dá testemunho verdadeiro (9:1). Na proclamação do Evangelho, Ele supre o poder necessário para tornar a mensagem eficiente nos ouvintes (15:19). Os que deste modo são trazidos à fé em Cristo são santificados "pelo Espírito Santo" (15:16). No coração dos que crêem no Evangelho, Ele derrama o amor de Deus (5:5; ver 15:30). E por Seu poder, ficam cheios de paz, alegria e esperança (14:17,15:13).

Uma vez que Deus se revelou em Cristo, o Espírito de Deus é o "Espírito de Cristo" (8:9). O Espírito comunica tão completamente a vida e o poder do Cristo redivivo e exaltado que, *na prática,* muitas vezes ambos parecem ser identificados (embora sejam distintos em princípio).'[7] Por exemplo, as expressões "se de fato o Espírito de Deus habita em vós" (8:9) e "se porém, Cristo está em vós" (8:10) são praticamente sinônimas.

É no capítulo 8 que a natureza e as implicações da morada e da operação do Espírito Santo no cristão são expostas com maior clareza.[18]

(1) *O Espírito comunica vida.* Sua "lei" é a "lei da vida". Andar "segundo o Espírito" e assim cogitar "das cousas do Espírito" é viver[19] (8:4, 5, 6,10), pois Ele capacita os crentes em Cristo a tratar "os feitos do corpo" — as práticas da velha existência não-regenerada — como coisas mortas, com mais nenhum poder em sua vida. Não pode haver verdadeira vida sem Ele: "se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" (8:9). Estar "no Espírito" *{en pneumatí)* é o oposto de estar "na carne" *(en sarki).* E todos os crentes em Cristo são considerados como estando "no Espírito" (8:9). Então, na prática, estar "no Espírito" é estar "em Cristo" (ou "em Cristo Jesus"); assim, estar "no Espírito" não é questão individualista. Pois estar "em Cristo" é estar incorporado em Cristo, é ser membro de Cristo, e é ser co-membro de todos os outros que estão igualmente incorporados em Cristo (12:5). Esta nova solidariedade que os cristãos têm "em Cristo Jesus" (8:1) é, por conseguinte, a mesma coisa que Paulo em outras partes descreve como a "comunhão do Espírito" (Fp 2:1; ver 2 Co 13:14) ou como "a unidade do Espírito" (Ef 4:3).[20]

(2) O *Espírito dá liberdade.* Seja qual for a perspectiva em que se veja a escravidão espiritual dos homens — escravidão do pecado, escravidão da lei, escravidão da morte — é o Espírito que os liberta. É Ele que transmite aos que crêem o poder do Cristo ressurreto, pelo qual são "libertados do pecado" (6:18, 22). É Ele que os tira do cativeiro da lei, de modo que agora servem "em novidade de espírito e não na caducidade da

letra" (7:6). É Ele que lhes dá o novo princípio "da vida em Cristo Jesus" que os liberta "da lei do pecado e da morte" (8:2). Em todos estes casos, temos ilustrações do princípio concisamente firmado em 2 Coríntios 3:17: "onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade".

(3) *O Espírito supre as vidas dos "filhos de Deus" de poder diretivo* (8:14). Ele é o "Espírito que nos torna filhos" (8:15, NEB), por cujo impulso os crentes em Cristo se aproximam de Deus como Seus filhos e Lhe chamam pelo mesmo nome familiar de "Pai" que Jesus usava ao Lhe falar.[21]

(4) *O Espírito intercede pelo povo de Deus* (8:26s.). Cristo o faz (8:34), mas enquanto que Cristo faz intercessão em Seu local de exaltação, na presença de Deus, o Espírito intercede de dentro da vida dos cristãos, nos quais habita.[22]

(5) *O Espírito é o instrumento de santificação agindo na vida dos cristãos.* "Espírito" e "carne" estão em imorredoura oposição e travam perpétuo combate um contra o outro. Mas o Espírito é divinamente poderoso, e pode progressivamente pôr a "carne" fora de ação naquelas vidas já submissas ao Seu domínio e à Sua graça capacitadora. Não é uma doutrina de vida tranqüila que Paulo propõe: sabia que a sua própria vida espiritual era uma luta que haveria de prosseguir enquanto ele permanecesse no corpo mortal — luta, porém, em que a vitória e a glória final estavam asseguradas pelo Espírito. E na vida daqueles que Ele está preparando para a glória final, Sua obra correlata, realizada aqui e agora, é reproduzir em medida crescente a semelhança de Cristo.[23]

(6) *O Espírito é o penhor do futuro.* Segundo a profecia do Velho Testamento, o derramamento do Espírito de Deus seria um sinal da proximidade do dia do Senhor (Jl 2:28-32). Esta profecia foi citada por Pedro quando o Espírito desceu sobre os discípulos de Jesus no dia de Pentecoste: "o que ocorre", disse ele, "é o que foi dito por intermédio do profeta" (At 2:16). O atual intervalo "entre os tempos" é num sentido peculiar a era do Espírito. Nesta era Ele não somente torna efetivo nos cristãos aquilo que Cristo realizou por eles, nem somente lhes transmite o poder do Senhor redivivo e exaltado, mas os capacita a viverem no presente usufruto da glória que ainda está para ser revelada.

O Espírito não somente supre vida aqui e agora apenas; Sua presença garante a ressurreição para a vida num dia que ainda virá a raiar. Assim a vida da era por vir, "a vida eterna", é transmitida aos cristãos como o atual "dom gratuito de Deus (…) em Cristo Jesus nosso Senhor" **(6:23)** — como um adiantamento, por assim dizer, da vindoura ressurreição para a vida que se seguirá à redenção do corpo (8:23).

O Espírito não somente capacita os cristãos aqui e agora a concretizarem sua prerrogativa como "filhos de Deus emancipados, em caminho da santidade";[25] é também um adiantamento daquela "liberdade da glória dos filhos de Deus" que, de acordo com **8:21,** é ansiosamente esperada, não só por eles mas também por toda a criação. A libertação do cativeiro — libertação que já começaram a desfrutar no Espírito — será então consumada. A "adoção" (8:23) que se realizará plenamente com a ressurreição é já antecipada com o auxílio do "Espírito de adoção" (8:15). E a glória da completa conformidade com a imagem do Filho de Deus, para o que eles foram predestinados (8:29), será o pleno florescimento daquela obra santificadora na qual o Espírito está empenhado até agora na vida deles. A habitação do Espírito é assim apresentada em termos de "escatologia proléptica".[26] Ele é "as primícias" da salvação final (8:23),[27] o imediato "pagamento à vista" daquela herança inconcebivelmente rica preparada por Deus para aqueles que O amam.

Notas

1. Excelente estudo destes termos é dado por E. Schweizer no *Theologisches Wõrter-bucli zum Nenen Testumrnt*, artigos sobre *piieuma* (vol. VI, 1959), *sarx* e *soma* (vol. VII, l%0—). Parte do primeiro artigo apareceu em inglês como *The Spirit ofGod* (Bible Key Words, 1960).

2.Nestes dois lugares, mormente no primeiro, "carne" indica não só a descendência natural, mas também o estado da existência de nosso Senhor antes de Ele ser glorilieado (verpp.60, 151).

3."Carne" aparece neste sentido no Velho Testamento como, por exemplo, quando Abimeleque diz aos seus concidadãos de Siquém; "Lembrai-vos também de que sou osso vosso e carne vossa" (Jz 9:2).

4.Rm 11:14 — AÂ: "meu povo". No original grego: *mou ten sarku.* N. do Tradutor.

5. Os cristãos de Corinlo, embora habitados coletiva e individualmente pelo Espírito de Deus (1 Co 3:1o; 6:19), eram "carnais" (grego *sarkinos, sarkikos),* e não espirituais (1 Co3:lss.).

6. Em Gl 2:20 ("esse viver que agora tenho na carne"), "na carne" significa "no corpo mortal". A expressão

é idêntica (grego *en surki),* mas o sentido é completamente diverso do sentido discutido acima.

7. Grego: *eu tesurki.* N. do Tradutor.

8. Uma importante ocorrência desta expressão "segundo a carne" ou "conforme a carne" (grego *kala surku)* está em 2 Co 5:16: "Assim que, nós, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne; e, se antes conhecemos a Cristo segundo a carne, já agora não o conhecemos deste modo." Estas palavras são com tanta freqüência mal aplicadas, que vale a pena salientar aqui que Paulo não está condenando qualquer interesse pela vida terrena de Cristo nesse ponto, nem está sugerindo que o companheirismo dos outros apóstolos com Cristo durante Seu ministério já não tinha nenhuma importância, bem como nenhuma vantagem religiosa. O que ele faz é contrastar sua atual estimativa de Cristo com a que fazia antes de se converter, como bem esclarece NEB: "Portanto, para nós. os padrões do mundo já não valem mais nada em nossa avaliação de qualquer homem. Se alguma vez influíram em nossa compreensão de Cristo, agora não influem mais." É à luz da exaltação de Cristo, e da nova criação inaugurada por Sua vitória sobre a morte, que Seu ministério terreno deve ser avaliado. Mas à luz disso, a importância do Seu ministério terreno é aumentada, não diminuída.

9. Ver Gl 5:16: "Andai no Espírito, e jamais satisfareis àconcupiscência da carne."

10. Grego: *Ia mele tu epi les f>es.* N. do Tradutor.

11. O que Paulo diz acerca da "carne", no sentido de natureza humana não regenerada, não se deve entender como aplicável ao corpo físico. Da "carne" neste sentido ele não tem nada de bom jjara dizer. Mas o corpo do cristão, conquanto outrora usado pelo poder dominador do pecado como instrumento da iniqüidade (6:13), pode ser apresentado a Deus como "sacrifício vivo", fazendo a Sua vontade (12:1), é habitado pelo Espírito Santo **(8:11;** ver 1 Co 6:19), e um dia será redimido da mortalidade e revestido de glória **(8:23;** ver Fp 3:21). Paulo não compartilha da aversão dos filósofos gregos pelo corpo como cadeia ou presídio da alma.

12. Ver A. R. Johnson, *The Vitalily of lhe Individual in lhe Thought of Ancient Israel* (1449), p. 2oss.

13. Entre outros usos, não relacionados abaixo, há alguns casos em que a palavra ocorre indicando "seres de espírito" ou "poderes espirituais" como "o espírito do mundo" (1 Co 2:12), o "espírito que agora atua nos filhos da desobediência" (Ef 2;2), ou os espíritos (nem sempre o Espírito de Deus) por cuja inspiração falam os profetas (1 Co 12:10); ou indicando uma disposição pessoal, e. g., um "espírito de entorpecimento" (11:8).

14. Ver p. 119. Ver 2 Co 3:6, onde Paulo e seus colegas são "ministros de uma nova aliança, não da letra,$_v$ mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica". A alusão à nova aliança de Jr 31:31ss., explícita em 2 Co 3:(>, está implícita em outros lugares onde "letra" e "espírito" são postos em contraste do mesmo modo. Ver nota sobre 8:4 p. 13.1).

15. 1 Co 2:14s. Ver. para comparar, a distinção em 1 Co 15:44ss., entre o presente corpo mortal, que é "corpo natural" ("anímico", *soma psuchikon),* e o corpo da ressurreição, que é "corpo espiritual" *(somapneumatikon).*

16. W. Barclay, *Flesh andSpirit* (1962), p. 14.

17. Ver 1 Co 15:45; 2 Co 3:17. N. Q. Hamilton fala desta identificação do Espírito com o Senhor assunto, como "dinâmica" mas não "ontológica" *(The Holy Spirit and Eschatology in Paul,* 1957, p. 6).

18. Ver G. Smeaton, *The Doctrine of the Holy Spirit* (1882; reimpresso em 1958), p.71ss.; E. F. Kevan, *The Saving Workof the Holy Spirit* (1953).

19. Ver Gl 6:8: "o que semeia para o Espírito, do Espírito colherá vida eterna",

20. Isto fica posto fora de dúvida por sua afirmação em 1 Co 12:13; "em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo".

21. Ver Gl 4:6: "porque vós sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai" (ver p. 135).

22. Esla atribuição de um ministério intercessório tanto ao Cristo exaltado como ao Espírito que em nós habita, tem paralelo no duplo emprego do termo "paráclito" ou "advogado" nos escritos joaninos: "Jesus Cristo, o justo" é o "Advogado" do Seu povo "junto ao Pai" (1 Jo 2:1), e o Espírito Santo é "outro (…) Advogado" (Jo 14:16, NEB), enviado pelo Pai para estar com os crentes em Cristo.

23. Ver2Co3:18.

24. Este corpo da ressurreição, redimido, é descrito por Paulo em 1 Co 15:44 como "corpo espiritual" — isto é, corpo completamente dominado e dirigido pelo Espírito. Em 2 Co 5:5, o atual dom do Espírito é "o penhor" do dia vindouro em que os cristãos serão "revestidos" da sua "habitação celestial", e em que "o mortal"

será "absorvido pela vida". Esta frase (da qual W. B. Neatby disse que "o gênio peculiar do cristianismo poucas vezes recebeu expressão mais admirável") é oriunda de *Memoir of Anthonv Norris* Greves[3] (1869), p. 418.

25.Ver G. Vos, "The Eschatological Aspect of the Pauline Conception of the Spirit", *Princeton Seminary Biblical and Theological Studies* (Nova York, 1912), p. 209ss.; *"The Pauline Eschatology"* (1952).

26. Ver Gl 5;5: "pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé". Assim, em Ef 1:13, 14 se di/. que os cristãos foram "selados com o Santo Espírito da promessa, o qual é o penhor da nossa herança até ao resgate da sua propriedade".

7. A "LEI" EM ROMANOS

O termo "lei" *(nomos)* ocorre mais de 70 vezes nesta epístola, e nem sempre com o mesmo sentido. Na maioria das vezes, significa a lei de Deus numa forma ou noutra, mas há alguns lugares onde o sentido é diferente. Eis os seus principais significados, em ordem ascendente de freqüência.

1. O *Pentateuco.* Quando se nos diz que a justiça de Deus mediante a fé é "testemunhada pela lei e pelos profetas" (3:21), "a lei" significa os primeiros cinco livros do Velho Testamento, como "os profetas" é uma designação compreensiva dos livros restantes. Este é um uso comum no Novo Testamento, e reflete a aplicação judaica da palavra hebraica *torah,* não somente à lei no sentido mais estrito, mas aos cinco livros que contêm proeminentemente a lei. *O Velho Testamento em sua totalidade.* Em **3:19** Paulo diz: "sabemos que tudo o que a lei diz aos que vivem na lei o diz." "Tudo o que a lei diz" refere-se a uma corrente de citações bíblicas feitas nos versículos anteriores **(10-18);** mas dessas citações, cinco são dos Salmos e uma de Isaías. Se é "a lei" que diz essas coisas, "a lei" só pode significar uma coisa: a Bíblia hebraica — o nosso Velho Testamento.

2. *Um princípio.* Em 3:27, tendo estabelecido que Deus justifica homens e mulheres pela fé, Paulo diz que, sendo este o caso, não há lugar para vangloria. "Por que lei? das obras? Não, pelo contrário, pela lei da fé." Aí a "lei das obras" (não se confunda com "as obras da lei") e a "lei da fé" indicam dois princípios contrastados, pelos quais os homens podem procurar assegurar-se da aceitação de Deus.

Em **7:21** Paulo, considerando o conflito moral que assola os domínios da alma, descobre urna "lei" — isto é, um princípio — de que, "ao querer fazer o bem(...) o mal reside em mim". No mesmo contexto, o conflito moral propriamente dito é visto como conflito entre duas leis ou princípios: primeiro, a lei ou princípio que o mantém atado ao domínio do pecado **(7:23,** 25); segundo, "a lei da minha mente", que reconhece a bondade da lei de Deus e deseja cumpri-la (7:23). Mas quando ainda outro princípio começa a agir na alma — "a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus" — este se mostra mais forte do que a "lei (princípio) do pecado e da morte", e livra a alma da escravidão imposta por esta (8:2).

4. *A lei de Deus.* Para um homem com a herança e o treinamento de Paulo, era a coisa mais natural igualar a lei de Deus à lei de Moisés — em outras palavras, a lei como Deus a deu a Israel mediante Moisés (para não falar da expansão oral da lei escrita que, segundo a tradição rabínica foi dada a Moisés no Sinai tão verdadeiramente — pelo menos em teoria — como a própria lei escrita). Foi nesta forma que Paulo tinha vindo a conhecer a lei de Deus em sua própria experiência. Se (contrariamente a muitos exegetas de hoje em dia) consideramos 7:7-13 como fragmento de uma autobiografia espiritual, Paulo conta que foi a sua primeira percepção da lei que pela primeira vez o tornou consciente do pecado. E que ele tem em mente a lei mosaica fica evidente pelo fato de que a lei particular que seleciona para ilustrar o ponto de que trata é um dos Dez Mandamentos — "Não cobiçarás".

Quando trata da situação dos judeus, que se alegravam por serem o povo da lei (2:17, 23), e se esforçavam para garantir sua aceitação da parte de Deus mediante o cumprimento das exigências da lei (9:31, 10:3), é naturalmente a lei mosaica que está na mente de Paulo. Quando ele fala, em 5:13s., 20, como se a "lei" fosse desconhecida no período decorrido Adão a Moisés — quer dizer, até o dia em que Deus falou no Sinai — podemos traçar a mesma equação da lei de Moisés com a lei de Deus. Na verdade, quando está mostrando como os cristãos devem viver, e está acentuando a supremacia da lei do amor, Paulo formula a lei do amor (como fizera Jesus antes dele) com um mandamento extraído do Pentateuco: "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo" (13:9, citando Lc 19:18). E quando ele diz que "o cumprimento da lei é o amor" (13:10), ilustra o que pretende dizer por "lei" citando um certo número de mandamentos do Decálogo.

Mas em tudo isso Paulo está usando a lei de Israel, a notável e — para ele e para muitos dos seus leitores —' a mais bem conhecida manifestação da lei divina. Quando, em 7:1, ele apela para que os seus leitores, como pessoas "que conhecem a lei", concordem com ele em que "a lei tem domínio sobre o homem toda a sua vida", os exegetas podem discutir se ele se refere à lei judaica ou à lei romana, mas isto não afeta o seu argumento nessa passagem, o qual é igualmente válido, tenha ele em mente a lei judaica, ou a romana, ou simplesmente a lei em geral. Qualquer que seja a comunidade em que uma pessoa viva, está sujeita à lei dessa comunidade. E Paulo, que sustentava que "não há autoridade que não proceda de Deus" (13:1),' sustentaria igualmente que não há lei senão a que é dada por Deus.

De novo, quando argumenta que, diante de Deus, os judeus e os gentios estão na mesma situação quanto a seu fracasso em fazer a Sua vontade, ele demonstra que, embora os judeus tenham tido em sua lei uma revelação especial da vontade de Deus, os gentios não foram totalmente privados do conhecimento da vontade divina. Diz o apóstolo: "Quando, pois, os gentios que não têm lei, procedem por natureza de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos. Estes mostram a norma da lei gravada nos seus corações, testemunhando-lhes também a consciência, e os seus pensamentos mutuamente acusando-se ou defendendo-se" (2:14). Quer dizer, os gentios não tinham recebido a *torah* completa, e nem mesmo os Dez Mandamentos, mas tinham noção do certo e do errado; tinham como que embutida em si certa consciência da verdadeira essência da lei de Deus. Assim, quando Paulo diz (3:20) que pela lei[2] vem o nosso conhecimento do pecado, diz algo que é verdade tanto a respeito dos judeus como dos gentios. E quando, no mesmo contexto, diz que "ninguém será justificado diante dele (diante de Deus) por obras da lei", isso também é igualmente válido para judeus e gentios. Seja que as "obras da lei" sejam realizadas de acordo com um código promulgado por expressa autoridade divina, seja de acordo com os ditames da consciência, da lei moral interior, "a austera filha da voz de Deus", no dizer de Wordsworth, seja ainda de acordo com um padrão aceito de comportamento decente — não importa qual, não são estas as bases sobre as quais os homens são aceitos por Deus. Seja qual for destas formas que a "lei" tome, é certo cumpri-la. É errado, na verdade é desastroso quebrantá-la, ou desafiá-la, ou ignorá-la. Mas é inútil imaginar que, guardando-a, podemos acumular um estoque de méritos na tesouraria celeste. Deus deu lei aos homens para uma variedade de propósitos, è há muitos usos para ela. Mas quando se trata de *justificar* Deus os homens, Ele procede de modo mais excelente.

Portanto, a lei, qualquer que seja a forma em que apareça, é lei de Deus — "santa, justa e boa" (7:12). Se, como Paulo insiste, ela não foi dada para servir de meio para a justificação dos homens, por que foi dada? A esta interrogação a Epístola aos Romanos oferece diversas respostas, que podem ser ordenadas sob quatro títulos principais.

(1) *Foi dada para ser uma revelação de Deus e de Sua vontade.* A distinção entre o certo e o errado não é simples questão de convenção social. Está arraigada no ser e no caráter de Deus, e gravada na constituição do ser humano, criado como foi à imagem de Deus. A lei é lei de Deus e, como o próprio Deus, é "verdadeira e totalmente justa" (Sl 19:9; ver **7:12,**16, 22).

(2) *Foi dada para o bem-estar e a preservação da raça humana.* Esta finalidade em particular é principalmente atendida pelo governo civil que (como se vê claramente exposto em **13:1-7)** é um ministério ordenado por Deus para amparar e estimular a prática do bem, e reprimir e castigar a prática do mal.[3]

(3) *Foi dada para pôr o pecado às claras, e para levar os homens ao arrependimento e à confiança na graça de Deus.* Embora em teoria o homem que guardar a lei viverá por ela (Rm 10:5), na prática ninguém é justificado pelas obras da lei, por causa do fracasso universal em guardá-la perfeitamente **(3:20,** 23). A tendência inata do homem, de ir contra a vontade de Deus, manifesta-se em atos concretos de desobediência quando a vontade divina é revelada na forma de mandamentos específicos (5:13), de modo que "pela lei vem o pleno conhecimento do pecado" **(3:20;** 7:7). Mas o homem que experimentou o poder que a lei tem de trazer o seu pecado à luz, juntamente com a incapacidade da lei de conseguir-lhe a condição de justo aos olhos de Deus, é o que está mais disposto a lançar-se com fé à graça de Deus, revelada em Cristo, como o único meio de obter sua justificação. Assim, conforme Paulo o coloca noutra epístola, "a lei foi nosso guardião até quando Cristo veio, para que fôssemos justificados pela fé" (Gl 3:24, RSV). Mas agora que Cristo veio, Ele "é o fim da lei para que todo aquele que tem fé seja justificado" **(10:4,** RSV) — quer dizer, Ele não só cumpriu a lei pessoalmente, por Sua perfeita submissão à vontade de Deus mas, visto que o caminho de Deus para a justiça foi aberto em Cristo, Ele assinala a substituição ou o

"fim" da lei, mesmo como um meio teórico de justificação. Os que são justificados pela fé nEle, não estão "debaixo da lei, e, sim, da graça" (6:14).

(4) *Foi dada para prover orientação para a vida do cristão.* Graças à habitação do Espírito no coração daqueles que estão "em Cristo Jesus", as justas exigências da lei se cumprem neles com divina espontaneidade quando vivem "segundo o Espírito" (8:3). Entretanto, mesmo assim Paulo acha necessário, num ponto mais avançado da epístola, registrar princípios bem minuciosos para orientar a vida dos cristãos, para que possam "provar (por experiência) qual é a vontade de Deus, que é boa, aceitável e perfeita" **(12:1,** RSV). Estes princípios de orientação coincidem com o que em outra parte ele denomina "a lei de Cristo" (Gl 6:2). Conquanto Paulo mesmo não estivesse "debaixo da lei, e, sim, da graça" quanto à sua aceitação da parte de Deus, embora se alegrasse por estar libertado "da lei", de modo que agora servia "não sob o velho código escrito mas na nova vida do Espírito" (7:6, RSV), contudo, podia dizer de si como "não estando sem lei para com Deus, mas sob a lei de Cristo" (1 Co 9:21, RSV). Esta lei de Cristo, porém, é a lei do amor, que Ele encarnou e legou como "novo mandamento" aos Seus discípulos. Além disso, a lei do amor sintetiza e leva à perfeição as antigas prescrições do Decálogo. "Quem ama ao próximo, tem cumprido a lei. Pois isto: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não cobiçarás, e se há qualquer outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. O amor não pratica o mal contra o próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor" (13:8-10).

Deste modo, o Evangelho de Paulo fica plenamente absolvido da acusação de antinomismo. Quando os homens são justificados pela fé, o certo continua certo, o errado continua errado, e a vontade continua a ter o governo de suas vidas. Mas para eles a vontade de Deus não fica encerrada como relíquia num código externo de regulamentos: é implantada em seus corações como um novo princípio de vida. Como Paulo, eles estão para todo o sempre sujeitos à "lei de Cristo". A minuciosa semelhança existente entre as orientações éticas de 12:l-15t4 e o sermão do monte (Mt 5-7) amplamente autoriza descrever aquelas orientações como "a lei de Cristo". A lei de Cristo não é mais capaz de justificar o pecador do que a lei de Moisés. Quer como está expressa nas orientações éticas de 12:1, quer como está expressa no sermão do monte, a lei de Cristo — a lei do amor — estabelece um padrão muito mais elevado do que os Dez Mandamentos. "O sermão do monte não é, como muita gente de boa fé imagina hoje em dia, o cumprimento ou a essência do Evangelho. É o cumprimento da lei."[4] Apresenta o padrão pelo qual os discípulos — em outras palavras, os que foram justificados pela fé — devem viver. Aqueles em cujos corações o amor de Deus foi "derramado" pelo Espírito Santo, são capacitados pelo mesmo Espírito a cumprir a lei de Cristo por aquele amor a Deus e ao homem que é o reflexo do amor de Deus e a maneira própria pela qual respondem a ele.[5]

Notas

1. Literalmente: "... pois não há autoridade senão por Deus" (estabelecida ou dada por Deus). Grego: *ou gar estin exousia ei mê~hupo Theou.* Ver *The Expostíor's Greek Tes-inmcni* cd. por W. R. Nicoü. *in loco.* N. do Tradutor.

2. Muitas c muitas vezes (e. g. em mais da metade das vezes em que ocorre em Romanos) Paulo emprega *nomos* ("lei") sem artigo antes. Ãs vezes isto pode refletir a maneira hebraica de tratar a *lorcih* como nome próprio, sem o artigo. Mas também pode ser considerado como uma indicação de que Paulo está pensando, não só *na* lei *par excellence,* mas na Lei em geral.

3. Comparar com isto as palavras atribuídas ao rabi Hanina em *Pirge Aboth* iii. 2: "Orai pelo bem-estar do governo, visto que, se não fosse o temor que inspira, os homens se devorariam vivos, uns aos outros."

4. A. R. Vidler, *Chrisí'sStrange Work* (1944). p. 14.

5. Ver também P. Fairbairn, *The Revelution vf Luw in Scripture* (1869; Reimpresso em Grand Rapids em 1957); C. H. Dodd, *The Bihle and lhe Greeks* (1935). p. 25ss.. *Gospel and Law* (1951); T. W. Manson, *Elhics and lhe Guspel* (1960); G. A. F. Knight, *Law and Grace* (1962); H. Kleinknechte W. Gutbrod, £un>(Bible Key Words, 1962

8. À INFLUÊNCIA DE ROMANOS

No verão do ano 386 A. D., Aurélio Agostinho, natural de Tagaste, norte da África, então por dois anos professor de retórica em Milão, assentou-se a chorar no jardim do seu amigo Alípio, quase persuadido a

começar vida nova, mas sem chegar à resolução final de romper com a vida que levava. Ali sentado, ouviu uma criança cantar numa casa vizinha: *Tolle, lege! tolle, lege!* ("Pega e lê! pega e lê!")[1] Ao tomar o manuscrito que estava ao lado do amigo, seus olhos caíram nestas palavras: "não em orgias e bebedices, não em impudicícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e nada disponhais para a carne, no tocante às suas concupiscências" (13:13, 14). "Não li mais nada", diz-nos ele, "e não precisei de coisa alguma. Instantaneamente, ao terminar a sentença, uma clara luz inundou meu coração e todas as trevas da dúvida se desvaneceram."[2] O que a igreja e o mundo devem a este influxo de luz que iluminou a mente de Agostinho quando leu essas palavras de Paulo, é algo que está além da nossa capacidade de avaliação.

Em novembro de 1515, Martinho Lutero, monge agostiniano e professor de teologia sagrada na Universidade de Wittenberg, começou a expor a Epístola de Paulo aos Romanos aos seus alunos, e continuou este curso até setembro seguinte. Conforme preparava as suas preleções, foi apreciando cada vez mais a centralidade da doutrina paulina da justificação pela fé. "Ansiava muito por compreender a Epístola de Paulo aos Romanos", escreveu ele, "e nada me impedia o caminho, senão a expressão: 'a justiça de Deus', porque a entendia como se referindo àquela justiça pela qual Deus é justo e age com justiça quando pune os injustos. ... Noite e dia eu refletia até que ... captei a verdade de que a justiça de Deus é aquela justiça pela qual, mediante a graça e a pura misericórdia, Ele nos justifica pela fé. Daí por diante, senti-me renascer e atravessar os portais abertos do paraíso. Toda a Escritura ganhou novo significado e, ao passo que antes 'a justiça de Deus' me enchia de ódio, agora se me tornava indizivelmente bela e me enchia de maior amor. Esta passagem veio a ser para mim uma porta para o céu."[3] As conseqüências desta nova compreensão que Martinho Lutero obteve do estudo de Romanos tiveram grande repercussão na história.[4]

Na noite de 24 de maio de 1738, João Wesley visitou "de muito má vontade uma sociedade reunida na rua Aldersgate, onde alguém estava lendo o Prefácio de Lutero, da Epístola aos Romanos. Quando faltavam cerca de 15 para as nove horas," escreveu no seu diário, "enquanto ele estava descrevendo a mudança que Deus opera no coração pela fé em Cristo, senti meu coração aquecer-se estranhamente. Senti que confiava em Cristo, somente em Cristo, para a minha salvação. Foi-me dada a certeza de que Ele tinha levado embora os *meus* pecados, sim, os *meus*. E me salvou da lei do pecado e da morte."[5] Esse momento crítico da vida de João Wesley[6] foi o acontecimento que, mais que todos os outros, deu início ao Avivamento Evangélico do século 18.

Em agosto de 1918, Karl Barth, pastor em Safenwil, do Cantão de Aargau, na Suíça, publicou uma exposição da Epístola aos Romanos. "O leitor", diz ele no prefácio, "perceberá por si mesmo que foi escrito com um jubiloso sentimento de descoberta. A poderosa voz de Paulo era nova para mim. E se o era para mim, certamente o seria para muitos outros também. Entretanto, agora que terminei minha obra, vejo que resta muita coisa que ainda não ouvi..." Mas o que ouviu, escreveu — e a primeira edição do seu *Rõmerbrief* caiu "como uma granada no pátio de recreio dos teólogos".[7] As repercussões daquela explosão estão conosco ainda.

Não é possível predizer o que pode acontecer quando as pessoas começam a estudar a Epístola aos Romanos. O que sucedeu com Agostinho, Lutero, Wesley e Barth acionou grandes movimentos espirituais que deixaram sua marca na história do mundo. Mas coisas parecidas com essas aconteceram muito mais vezes com pessoas bem comuns, quando as palavras desta epístola penetraram nelas com poder. Assim, aqueles que a leram até esse ponto, estejam preparados para as conseqüências de prosseguirem na leitura. O leitor está avisado!

9. SUMÁRIO

Prólogo

Paulo aos cristãos de Roma. Saudações. Dou graças a Deus por tudo que tenho ouvido a respeito da sua fé, e constantemente me lembro de orar por vocês. Muitas vezes desejei fazer-lhes uma visita e finalmente, agora, deverei ter oportunidade de fazê-la. Pregar o Evangelho em Roma — esta é minha ambição.

A

1. Não me envergonho nem um pouco do Evangelho — essa mensagem que Deus usa eficazmente para a salvação de todos os que crêem. Esta é a mensagem que revela o modo usado por Deus para colocar homens e mulheres em correta relação com Ele pelo exercício da fé, segundo a declaração da Escritura:

"Aquele que é justo pela fé, é que viverá."

2. A necessidade de tal mensagem torna-se clara quando contemplamos o mundo em que vive a humanidade. Não vemos apenas a retribuição divina aplicando-se aos pagãos, cuja errônea maneira de viver é fruto de idéias errôneas acerca de Deus. Vemos também a nação judaica, a despeito do seu conhecimento da lei de Deus e dos privilégios por ela desfrutados, deixando de guardar a lei que conhecia. Na verdade, a humanidade inteira, judeus e gentios igualmente, está moralmente falida perante Deus. Ninguém pode esperar ser declarado justo por Deus, com base em qualquer obra ou mérito seu. Se os homens hão de ser declarados justos por Deus, tem de ser por Sua graça. E Deus, em Sua graça, tornou possível a correção da relação do homem com Ele, graças à obra redentora de Cristo. Com base em Sua morte sacrificial, Cristo nos é apresentado como Aquele que fez plena expiação de nossos pecados. E pela fé podemos apropriar-nos dos benefícios de Sua obra expiatória. Assim Deus mantém a Sua justiça e, ao mesmo tempo, dá justiça a todos os crentes em Jesus, sejam judeus ou gentios. Deste modo, a lei de Deus é vindicada e se cumprem as Escrituras Sagradas.

Considere Abraão, por exemplo. Verá que o modo pelo qual ele recebeu o favor de Deus foi este: "Abraão creu em Deus", diz a Escritura, "e isso lhe foi imputado para justiça." (Tão pouco é ele um caso isolado. Podemos ver o mesmo princípio em ação na experiência de Davi.) Anote mais isto: estas palavras sobre Abraão foram ditas quando ele era ainda incircunciso, demonstrando que este meio de justiça pela fé é para os gentios, bem como para os judeus. Abraão é, pois, o pai espiritual de todos os crentes, independentemente de sua origem racial. E a afirmação sobre Abraão, de que sua fé foi imputada para justiça em favor dele, significa que, se crermos em Deus, cujo poder salvador foi revelado na morte e ressurreição de Cristo, esta fé nos será igualmente imputada para justiça.

Assim pois, pela fé recebemos o dom da justiça de Deus, e com esta podemos receber também paz, alegria e a esperança da glória. Desta maneira podemos suportar jovialmente as aflições, pois Deus é nossa alegria. Se o Seu amor, manifestado no sacrifício de Cristo, reconciliou-nos com Ele, muito mais a vida de Cristo ressurreto conseguirá a nossa salvação no dia do juízo final, Outrora participávamos de uma velha solidariedade no pecado e na morte, quando vivíamos "em Adão" e compartilhávamos os frutos da sua desobediência. Mas agora se dissolveu essa velha solidariedade, para ser substituída pela nova solidariedade na justiça e vida que temos "em Cristo", os frutos de cuja obediência perfeita são partilhados por muitos. A lei de Moisés não tem nada a ver com esta mudança de estado. Aquela lei foi introduzida simplesmente para que a pecaminosidade dos homens fosse desmascarada. Mas a graça de Deus triunfou sobre o. pecado dos homens e agora reina de modo supremo.

4. Será que ouço alguém dizer: "Que o nosso pecado aumente, então, para que a graça de Deus seja glorificada mais ainda"? Pereça tal pensamento! Pois "em Cristo" entramos em nova vida, e estamos mortos quanto à nossa antiga relação com o pecado. Esse foi, certamente, o sentido do nosso batismo. Podemos pensar no pecado como um dono de escravos, de quem nós costumávamos ser escravos. Um escravo está obrigado a obedecer às ordens do seu senhor. Mas, morrendo o escravo, as ordens do seu senhor não o afetam mais. Ou, mudando ligeiramente a figura, quando é comprado por um novo amo, o anterior perde a autoridade sobre ele. Assim, o pecado já não tem nenhuma autoridade sobre você, pois agora você pertence a Deus, que o libertou da sua escravidão anterior. O pecado era um duro senhor que distribuía a morte como seu salário. Contrariamente, Deus dá aos Seus servos o dom gratuito da vida eterna em Cristo.

Assim também quanto aos velhos laços da obrigação legal. Os que viviam sob a lei estavam tão ligados a ela como uma esposa está ligada a seu marido. Mas assim como a morte rompe os laços matrimoniais, assim a morte do cristão com Cristo rompeu os laços que antes o prendiam à lei, e o tornou livre para unir-se a Cristo, A lei estimulava os próprios pecados que proibia; os que estão unidos a Cristo produzem os frutos da justiça e vida.

Sei do que falo quando digo que a lei estimula os mesmos pecados que proíbe. Foi o mandamento: "Não.cobiçarás" o primeiro a me dar informação do pecado da cobiça, e a me tentar a cometê-lo.

A culpa não é da lei. Ê da velha natureza corrupta que reage dessa forma à lei. E essa natureza ainda está presente, movendo guerra contra aqueles elementos que, em mim, reconhecem a nobreza da lei de Deus e desejam guardá-la. Mas a minha força é insuficiente para conseguir a vitória sobre a velha natureza, ou de impedi-la de forçar-me a fazer o que manda. Continuo de coração dividido, e derrotado na vida, enquanto não me apropriar, reconhecido, da vitória que é minha mediante Jesus Cristo, meu Senhor.

Aqueles que estão em Cristo recebem Seu Espírito, e o Espírito de Cristo faz operar um novo princípio

— o princípio da vida — que neutraliza o velho princípio do pecado e da morte. E aqueles cuja vida é dirigida pelo Espírito podem cumprir as exigências de Deus como nunca a lei os capacitara a fazê-lo. O Espírito capacita a nova natureza a triunfar sobre a velha. O Espírito mantém a nova vida em existência e em atividade aqui e agora, como também um dia transformará nossos corpos mortais em corpos imortais. O Espírito, dirigindo assim as nossas vidas, capacita-nos a viver como filhos de Deus, com plenos direitos desta filiação. Ele mesmo nos induz espontaneamente a tratar a Deus de "Pai". Vem o dia em que os filhos de Deus, libertados de tudo o que é mortal, serão exibidos ao universo com a glória para a qual foram criados. E nesse dia toda a criação será liberta de sua frustração atual e participará da gloriosa liberdade dos filhos de Deus.

A criação anseia por esse dia, como nós também, más em meio às presentes restrições temos a ajuda e a intercessão do Espírito, e a segurança de que Ele coopera em todas as coisas para o nosso bem, visto que o nosso bem é o propósito de Deus. Seu propósito, que não pode falhar, é revestir de glória todos aqueles a quem dantes conheceu, predestinou, chamou e justificou.

Portanto, tenhamos ânimo; Deus está do nosso lado. Cristo é nosso onipotente Salvador, e do Seu amor nenhum poder, agora ou no além, poderá separar o Seu povo.

5. Todavia, em tudo isto, tenho uma incessante tristeza: os meus próprios compatriotas, da nação especialmente preparada para a vinda do Salvador e na- qual Ele nasceu, negaram-se a aceitá-lo.

Não é minha intenção dizer que as promessas de Deus a Israel falharam. No transcurso da história, Ele fez recair Sua escolha em alguns e deixou de lado outros. E meus compatriotas conscientemente recusaram o meio de alcançar justiça pela fé, meio apresentado por Deus a eles, e preferiram seu próprio meio de alcançar justiça, pelo cumprimento da lei. Não se deram conta de que Cristo pôs fim ao cumprimento da lei como meio para a justiça. Os gentios escolheram o meio certo, ao passo que Israel o recusou.

Israel o recusou, digo eu, mas não *todo o* Israel. Assim como Deus tinha o Seu remanescente fiel em dias passados, tem em nossos dias um remanescente escolhido por Sua graça. E como então, o remanescente atual é uma promessa de coisas melhores por vir. A recusa de Israel e a conseqüente rejeição dele da parte de Deus são apenas temporárias. O fato de os gentios desfrutarem as bênçãos do Evangelho provocará ciúme nos meus compatriotas. Eles voltarão, abraçarão o Evangelho, e todo o Israel se alegrará com a salvação de Deus.

Você vê, o propósito final para a humanidade é que, sem distinção nenhuma, tanto Israel como os gentios usufruam essas bênçãos. Quão maravilhosa e sabiamente Deus encaminha a realização do Seu propósito. A Ele seja dada glória eterna!

B

Em vista de tudo quanto Deus fez por vocês em Cristo, suas vidas devem ser postas ao serviço dele. Vocês são membros do corpo de Cristo. Tratem de desincumbir-se de suas respectivas funções para o bem-estar de todo o corpo. E em todas as suas relações uns para com os outros, mostrem a misericórdia perdoadora de Cristo.

Prestem toda a devida obediência às autoridades civis. Elas, a seu modo, são servas de Deus. Que a sua única dívida a outros seja a dívida do amor. E nos nefastos tempos que nos ameaçam, fiquem de espírito alerta e vivam como cristãos.

Mostrem grande cortesia e consideração a seus irmãos na fé cristã. Existem questões como dias especiais e certas espécies de comida em que nem todos os cristãos estão de acordo. A liberdade cristã é uma bela coisa, mas não deve ser pretendida à custa do amor cristão. Lembrem-se do exemplo de Cristo, de como Ele sempre tomava em consideração os interesses alheios antes dos dele próprio.

Epílogo

Escrevo-lhes como apóstolo entre os gentios. Dou a máxima importância a este meu ministério. Este cumpre o propósito divino de comunicar bênção a todas as nações, propósito revelado nos escritos do Velho Testamento. Desempenhei este ministério de Jerusalém ao Ilírico, e agora me proponho repetir o programa na Espanha, e visitar vocês quando for para lá. Primeiro devo ir a Jerusalém com uma dádiva resultante da contribuição das igrejas gentilicas para socorrer os seus irmãos dali. Orem para que tudo corra bem quanto a isto.

Dêem calorosas boas vindas a Febe, portadora desta carta. Dêem minhas saudações a todos os meus amigos que estão com vocês. Cuidado com os que vêm com ensinos que provocam divisões. Mantenham a excelente reputação que gozam em todas as igrejas. Meus amigos daqui lhes mandam saudações. A graça de

Cristo seja com vocês, e a Deus seja dada toda a glória.

ANÁLISE

Prólogo (1:1-15).
a. Saudação (1:1-7).
b.Introdução (1:8-15).

A. O EVANGELHO SEGUNDO PAULO (1:16-11:36).

1. O Tema do Evangelho: a Justiça de Deus Revelada (1:16,17).
2. Pecado e Retribuição: Diagnóstico da Necessidade Universal (1:18-3:20).
a. O mundo pagão (1:18-32).
b. O moralista (2:1-16).
c. O judeu (2:17-3:8).
(1) Privilégio traz responsabilidade (2:17-29).
(2) Objeções respondidas(3:l-8).
d. Toda a humanidade achada culpada (3:9-20).
3. O Meio de Alcançar a Justiça: Satisfeita a Necessidade Universal (3:21-5:21).
a. A provisão de Deus (3:21-31).
b. Um precedente do Velho Testamento (4:1-25).
c. As bênçãos que acompanham a justificação: paz, alegria, esperança (5:1-11).
d. A velha e a nova solidariedade (5:12-21).
4. O Meio para a Santidade (6:1-8:39).
a. Livres do pecado (6:1-23).
(1) Objeção por hipótese (6:1,2).
(2) O significado do batismo (6:3-14).
(3) Analogia do mercado de escravos (6:15-23).
b. Livres da lei (7:1-25).
(1) Analogia do casamento (7:1-6).
(2) O despertar da consciência (7:7-13).
(3) O conflito interior (7:14-25).
c. Livres da morte (8:1-39).
(1) Vida no Espírito (8:1-17).
(2) A glória por vir (8:18-30).
(3) A vitória da fé (8:31-39).
5. A Incredulidade Humana e a Graça Divina (9:1-11:36).
a. O problema da incredulidade de Israel (9:1-5).
b. A escolha soberana de Deus (9:6-29).
c. Responsabilidade do homem (9:30-10:21).
(1) A pedra de tropeço (9:30-33).
(2) Os dois meios para a justiça (10:1-13).
(3) Proclamação universal (10:14-21).
d. O propósito de Deus para Israel (11:1-29).
(1) A alienação de Israel não é final (11:1-16).
(2) A parábola da oliveira (11:17-24).
(3) A restauração de Israel (11:25-29).
e. O propósito de Deus para a humanidade (11:30-36).

B. MODO CRISTÃO DE VIVER (12:1-15:13).

1. Sacrifício Vivo(12:l, 2).
2. A Vida Comum dos Cristãos (12:3-8).
3. A Lei de Cristo (12:9-21).
4. O Cristão e o Estado (13:1-7).
5. Amor e Dever(13:8-10).
6. A Vida Cristã em Dias de Crise (13:11-14).
7. Liberdade Cristã e Amor Cristão (14:1-15:6).

a. Liberdade cristã (14:1-12).
b. Amor cristão (14:13-23).
c. O exemplo de Cristo(15:1-6).

8. Cristo e os Gentios (15:7-13).

Epílogo (15:14-16:27).

a. Narrativa pessoal (15:14-33).
b. Saudações a vários amigos (16:1-16).
c. Exortação final (16:17-20).
d. Saudações enviadas pelos companheiros de Paulo (16:21-23 (24)).
e. Doxologia(16:25-27).

COMENTÁRIO

PRÓLOGO (1:1-15)

a. Saudação(I:I-7).

Antigamente uma carta começava com uma saudação simples: "X a Y, saudações". Tal saudação constitui o esboço das saudações que servem para iniciar a maior parte das epístolas do Novo Testamento, ampliadas de vários modos e recebendo ênfase cristã.

A saudação desta carta toma forma parecida: "Paulo... a todos os amados de Deus que estais em Roma ... saudações." Mas cada parte da saudação é ampliada — o nome do remetente, o nome dos destinatários e as saudações propriamente ditas.

1. *Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo.*

A palavra traduzida por "servo" é o termo grego *doulos,* "escravo". Paulo está completamente à disposição do seu Senhor. A convocação dele para ser apóstolo, para ser especialmente comissionado por Cristo, foi feita diretamente — diz ele — "por Jesus Cristo, e por Deus Pai" (Gl 1:1), que lançaram sobre ele a responsabilidade de proclamar o Evangelho no mundo gentílico (Gl 1:16).

Separado para o evangelho de Deus, isto é, posto à parte para o ministério do Evangelho, muito antes de sua conversão (ver Gl 1:15, onde fala de si mesmo como tendo sido separado antes do seu nascimento). Todos os ricos e variados dons da herança de Paulo (judaica, grega e romana), e da sua educação foram predestinados por Deus com vistas ao seu serviço apostólico. Verifique-se a descrição que o Senhor ressurreto faz de Paulo como "um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gen-tios..." (At 9:15). O "evangelho de Deus", Seu *euangelion,* é Suajubilosa proclamaçâo da vitória e da exaltação de Seu Filho, e da conseqüente anistia e libertação que os homens podem desfrutar pela fé nele. O fundo veterotestamentário do uso neotestamentário de *euangelion* acha-se na LXX, em Isaías40-66(principalmente em Is40:9,52:7,60:6,61:1),onde se usa este substantivo ou seu verbo cognato *euangelizomai* para indicar a proclamaçâo da iminente libertação de Sião e retorno do exílio. Os escritores do Novo Testamento tratam dessa proclamação como prefiguran-do aquela libertação do cativeiro e da alienação espiritual alcançada pela morte e ressurreição de Cristo (ver, p. 169).

2. *O qual foi por Deus outrora prometido por intermédio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras.*

Comparar **1:17, 3:21,** 4:3,6ss. para o desenvolvimento desta sentença.

3. *Com respeito a seu Filho.*

Esta frase, que expressa o tema do "evangelho de Deus", introduz um breve sumário confessional (versículos 3, 4) que talvez tenha sido tão familiar aos cristãos romanos como ao próprio Paulo. Todavia, é provável que Paulo tenha refundido o fraseado com o fim de expor certas ênfases necessárias.

O qual, segundo a carne, veio ("nasceu", RV) *da descendência de Davi* (da "semente" de Davi). É evidente que a descendência davídica de Jesus fazia parte do conteúdo da pregação e da confissão dos cristãos primitivos. Jesus não parece ter insistido muito nisso, mas não recusou a designação de "Filho de Davi" quando Lhe foi aplicada, por exemplo, pelo cego Bartimeu (Mc 10:47). Sua indagação sobre a exegese que os es-cribas faziam do Salmo 110:1 (Mc 12:35-37) não deve ser interpretada como repúdio da descendência de Davi.

4. *E foi poderosamente demonstrado Filho de Deus.*

A palavra traduzida por "demonstrado" *{horizõ)* tem a mais completa força do termo "nomeado" ou "constituído" (usa-se em At 10:42, 17:31 referindo-se à nomeação de Cristo como Juiz de todos). Paulo não quer dizer que Jesus *se tornou* o Filho de Deus pela ressurreição, mas, sim, que Aquele que durante Sua vida terrena "foi o Filho de Deus em fraqueza e humildade", pela ressurreição tornou-se "o Filho de Deus em poder" (A. Nygren, *ad loc).* Semelhantemente, Pedro, no dia de Pen-tecoste, concluiu sua proclamação da ressurreição e exaltação de Cristo com as palavras: "Esteja absolutamente certa, pois, toda acusa de Israel de que a este Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo" (At 2:36). A expressão "poderosamente" — literalmente *com poder (en dunamei)* aparece também em Marcos 9:1, onde a vinda do reino de Deus "com poder" é provavelmente a seqüência direta da morte e vindicação de Jesus.

Segundo o espírito de santidade. É óbvia a antítese entre "segundo a carne" e "segundo o espírito . Mas quando Paulo estabelece o segundo termo desta antítese, esclarece a que "espírito" se refere acrescentando o genitivo "de santidade". *O espírito de santidade* é a maneira hebraica normal de dizer "o Espírito Santo". E aqui Paulo reproduz em grego a expressão idiomática hebraica. Pela presente antítese, de "carne" e "espírito" ele "evidentemente ... não alude às duas naturezas de nosso Senhor, mas *aos dois estados,* de humilhação e exaltação".[1] É um e o mesmo Filho de Deus que aparece igualmente em humilhação e em exaltação. Mas Sua descendência davídica, matéria de glória "segundo a carne", é contudo vista agora como pertencente à fase de Sua humilhação, absorvida e transcendida pela sobrepujante glória de Sua exaltação, pela qual inaugurou a era do Espírito. O derramamento e o ministério do Espírito atestam a entronização de Jesus como "Filho de Deus com poder". *Pela ressurreição dos mortos* (melhor que "pela ressurreição dentre os mortos"). A frase literal é: "em conseqüência da ressurreição dos mortos" (de ressuscitarem os mortos). O plural "mortos" pode ser tomado como um exemplo do que os gramáticos chamam de "plural de generalização". Exatamente a mesma expressão aparece, com referência à ressurreição de Cristo, em Atos 26:23, "sendo o primeiro da ressurreição dos- mortos" (RV, "pela ressurreição dos mortos"). Portanto, aqui a referência é à ressurreição da pessoa de Cristo, e não (como pensam alguns), à Sua ação ressuscitando Lázaro e outros — muito menos ao fenômeno descrito em Mateus 27:52. Mas a ressurreição de Cristo é indicada por uma frase que faz pensar na futura ressurreição do povo de Cristo. A ressurreição dele é a primeira etapa da "ressurreição dos mortos", como o esclarece **8:11** (ver 1 Co 15:20-23).

5. *Graça e apostolado.*

Esta expressão é provavelmente uma hendíadis significando "a graça (ou dom celeste) do apostolado". Compare-se isto com as alusões, em **12:6** aos "diferentes dons segundo a graça que nos foi dada", e em **15:15** à "graça" dada por Deus a Paulo para ser "ministro de Cristo Jesus entre osgentios".

Para a obediência por fé. Melhor, "para a obediência da fé" (RV), i. e., para produzir a obediência baseada na fé em Cristo. "Fé" aqui nãoé o Evangelho, o corpo doutrinário apresentado para ser crido, mas é o ato de crer propriamente dito. (Ver **15:18,16:26.)**

Entre todos os geníios. Ou "entre as nações" (RV, "entre todas as nações"). Esta frase indica a vocação especial de Paulo para ser apóstolo entre os gentios. A palavra grega *ethnê* (como seu equivalente hebraico *goyim)* ora é traduzida por "nações", ora por "gentios", ora por "pa-gãos" (para esta tradução, ver Gl 1:16, 2:9, 3:8, AV).

6. *De cujo número sois também vós.*

Isto provavelmente significa não só que a igreja romana estava situada no mundo gentílico, mas que seus membros eram na maioria gen-tios.

Chamados para serdes de Jesus Cristo (como RV; melhor que "chamados de Jesus Cristo"). Ver 8:28, 30.

7. *Em Roma.*

Chamados para serdes santos, i. e., "santos por vocação divina", convocados por Deus para serem o Seu povo santo, separado para Ele. No Novo Testamento há indicações aqui e ali de que a expressão "os santos" era uma designação (muito provavelmente uma auto-designação) daqueles judeus cristãos (ver **15:25;** Ef 2:19) que se consideravam como "os santos do Altíssimo", destinados a receber autoridade real e judicial de Deus (Dn 7:22, 27). Paulo insiste em aplicar o mesmo designativo aos cristãos gentücos, pertencentes ao mesmo corpo a que pertenciam os seus irmãos da raça judaica.

Graça a vós outros epaz. As palavras "graça e paz.", tão comuns nas saudações de Paulo, provavelmente unem os modos grego e hebraico de saudar. O grego diz: *Chaire!* — que literalmente significa "Alegra-te!" O judeu diz: *Shalom!*[1]— "PazJ" Só que, ao unir estas formas de saudação, Paulo troca a palavra *chaire* pela palavra *charis,* "graça", que é o melhor termo homófono e que é mais caracteristicamente cristão. A graça de Deus é Seu livre amor e Seu imerecido favor aos homens, dado mediante Cristo. A paz de Deus é o bem-estar que os homens desfrutam mediante Sua graça.

Da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo. Esta espontânea e repetida colocação de Cristo com Deus testifica do lugar que Cristo ocupava nos pensamentos e no culto que Paulo e outros cristãos da igreja primitiva prestavam a Deus.

b. Introdução (1:8-15).

Depois de ter-se apresentado assim, e ao seu tema, Paulo explica por que lhes está escrevendo agora. As notícias que recebera acerca da elevada e renomada qualidade da fé que possuem provoca profunda ação de graças da parte de Paulo, e ele lhes assegura que estão sempre presentes em suas orações. As igrejas pelas quais ele tinha primordial responsabilidade — as que ele mesmo tinha fundado — faziam fortes e contínuos apelos a seu tempo e a seu pensamento, mas ele podia lembrar-se perante Deus de outras igrejas também, e não menos da igreja da capital. Fala de seu velho desejo e de sua oração pela oportunidade de visitar os cristãos romanos. E agora, após empecilhos, parecia que sua oração estava para ser atendida. Ele espera não somente transmitir uma bênção aos cristãos de Roma, como também receber uma, graças à sua comunhão com eles. E embora não tenha a intenção de firmar sua autoridade apostólica em Roma, visa a pregar o Evangelho ali e a chegar à conversão de algumas pessoas de Roma, como no restante do mundo gentílico. A pregação do Evangelho está no sangue dele, e não pode refreá-la. Ele nunca está "de folga", mas está constantemente em serviço, procurando aliviar um pouco o débito que tem para com a humanidade toda — débito que jamais saldará plenamente enquanto viver.

8. *Dou graças a meu Deus mediante Jesus Cristo.*

Assim como é por intermédio de Cristo que a graça de Deus é comunicada aos homens (versículo 5), também é por intermédio de Cristo que a gratidão dos homens é comunicada a Deus. A obra mediadora de Cristo é exercida tanto para com Deus como para com o homem (ver p. 183 n.l).

Em todo o mundo é divulgada a vossa fé. Ver 1 Tessalonicenses 1:8: "por toda a parte se divulgou a vossa fé para com Deus". Em ambas as passagens, Paulo pensa mais particularmente em todos os lugares onde o cristianismo fora estabelecido (ver também a nota sobre **10:18,** p. 170).

9, 10. *A quem sirvo em meu espírito* — ou "com o meu espírito". NEB: "a quem ofereço o humilde serviço do meu espírito".

Incessantemente faço menção de vós, em todas as minhas orações. (Ver Et **1:16;** Fp l:3s.; Cl 1:3; 1 Ts 1:2; 2 Tm 1:3; Fm 4.) Era de esperar que Paulo orasse metodicamente pelos que se converteram por seu trabalho. Mas esta passagem evidencia que suas orações ultrapassavam o círculo imediato de suas relações pessoais e de sua responsabilidade apostólica.

Nalgum tempo (e "muitas vezes", versículo 13). Dessas ocasiões prévias em que Paulo tinha esperado ou planejado visitar Roma não temos nenhuma informação específica.

12. *Para que, entre vós, reciprocamente nos confortemos.*

(RSV: "nos encorajemos"). Isto corrige qualquer impressão dada pelo versículo **11** de que ele seria o benfeitor e eles os beneficiários. Paulo espera tanto receber como dar ajuda durante sua planejada visita a Roma.

13. *Não quero, irmãos, que ignoreis.*

É uma das expressões favoritas de Paulo, e significa: "Quero que saibais". (Ver **11:25;** 1 Co 10:1: 12:1; 2 Co 1:8; 1 Ts4:13). *No que tenho sido até agora impedido.* Comparar com 2 Tessalo nicenses2:7.

14. *Tanto a gregos como a bárbaros.*

Para os gregos, todos os que não eram gregos eram "bárbaros" *{bar-baroi,* palavra que provavelmente arremedava o som ininteligível das línguas estrangeiras).

15.Em Roma.

Notas

1. Literalmente: "... pois não há autoridade senão por Deus" (estabelecida ou dada por Deus). Grego: *ou gar estin exousia ei mê~hupo Theou.* Ver *The Expostíor's Greek Tes-inmcni* cd. por W. R. Nicoü. *in loco.* N. do Tradutor.

2. Muitas c muitas vezes (e. g. em mais da metade das vezes em que ocorre em Romanos) Paulo emprega *nomos* ("lei") sem artigo antes. Ãs vezes isto pode refletir a maneira hebraica de tratar a *lorcih* como nome próprio, sem o artigo. Mas também pode ser considerado como uma indicação de que Paulo está pensando, não só *na* lei *par excellence,* mas na Lei em geral.

3. Comparar com isto as palavras atribuídas ao rabi Hanina em *Pirge Aboth* iii. 2: "Orai pelo bem-estar do governo, visto que, se não fosse o temor que inspira, os homens se devoriam vivos, uns aos outros."

6. A. R. Vidler, *Chrisí'sStrange Work* (1944). p. 14.

7. Ver também P. Fairbairn, *The Revelution vf Luw in Scripture* (1869; Reimpresso em Grand Rapids em 1957); C. H. Dodd, *The Bihle and lhe Greeks* (1935). p. 25ss.. *Gospel and Law* (1951); T. W. Manson, *Elhics and lhe Guspel* (1960); G. A. F. Knight, *Law and Grace* (1962); H. Kleinknechte W. Gutbrod, £un>(Bible Key Words, 1962

A. O EVANGELHO SEGUNDO PAULO (1:16-11:36).

1. O Tema do Evangelho: A Justiça de Deus Revelada (1:16,17).

"Creiam-me", prossegue Paulo, "não tenho motivo para ficar envergonhado com o Evangelho que prego. Não mesmo! Ele é o poderoso meio que Deus emprega para a salvação de todos os que crêem — primeiro do judeu, e do gentio também. E por que é assim? Porque neste Evangelho está a revelação da forma divina da justiça — forma da justiça que se baseia no princípio da fé e que é apresentada aos homens para que a aceitem pela fé. Foi dessa justiça que o profeta disse: 'Aquele que é justo pela fé viverá.' "

Para entender o sentido em que se diz que o Evangelho revela a justiça de Deus é preciso ter em mente alguns fatos relacionados com o conceito de justiça no Velho Testamento, conceito que forma o principal cenário de fundo do pensamento e do linguajar de Paulo.

"As idéias de certo e errado entre os hebreus são idéias forenses. Isto é, o hebreu sempre pensa no certo e no errado como se houvessem de ser resolvidos diante de um juiz. Para o hebreu, justiça é mais um estado legal do que uma qualidade moral. A palavra "justo" *(saddtq)* significa simplesmente "no certo", e a palavra "ímpio" *(rasha')* significa "no errado". "Desta vez pequei", diz Faraó, "Jeová está no certo (AV: 'é justo'), e eu e o meu povo estamos no errado (AV: 'somos ímpios'), Êx 9:27. Jeová está sempre no certo, pois Ele não somente é soberano, mas também é coerente consigo mesmo. Ele é a fonte da justiça (...) a vontade coerente de Deus é a lei de Israel.'" Deus é justo. E os homens e mulheres que estão "no certo"[2] em relação a Deus e à Sua lei são justos. Portanto, quando a justiça de Deus se revela no Evangelho, revela-se de maneira dupla: O Evangelho nos diz primeiro como os homens e mulheres, pecadores como são, podem vir a estar "no certo" com Deus. Segundo, como a justiça pessoal de Deus é vindicada no próprio ato de declarar "justos" os homens e mulheres pecadores. Este segundo aspecto da matéria em foco não é tratado imediatamente, mas o primeiro é expandido o suficiente para mostrar que o princípio pelo qual Deus coloca as pessoas na relação certa com Ele é o princípio da fé, e para esta afirmação, a autoridade do Velho Testamento é acrescentada, nas palavras de Habacuque 2:4: "o justo viverá pela sua fé". Habacuque 2:4 pode ser chamado o "texto" desta epístola; o que vem a seguir é em grande medida uma exposição das palavras do profeta.

16. *Não me envergonho do evangelho.*

Algumas versões acrescentam "de Cristo". Mas o genitivo "de Cristo" não consta do texto mais bem documentado (ver RV, RSV, NEB). "Não me envergonho" é um exemplo da figura de linguagem chamada litotes — afirmação pela negação do contrário. O que Paulo quer dizer é que ele se gloria no Evangelho e considera alta honra proclamá-lo.

17. *Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho.*

Notável antecipação deste duplo sentido da "justiça de Deus" — (a) Sua justiça pessoal e *(b)* a justiça com a qual Ele justifica os pecadores a partir da fé — aparece na literatura de Qumran. "Sua justiça apaga o meu pecado. ... Se tropeço devido à iniqüidade da carne, o meu julgamento está na justiça de Deus que estará firme para sempre. ... Por Sua misericórdia Ele fez que eu me aproximasse e por Sua amável bondade traz para perto dele o meu julgamento. Por Sua justiça verdadeira me julga, e por Sua abundante bondade faz expiação de todas as minhas iniqüidades. Por Sua justiça me limpa da impureza que mancha os mortais e do pecado dos filhos dos homens — para que eu louve a Deus por Sua justiça e ao Altíssimo por Sua glória."[3]

De fé em fé. NEBmg.: "Baseia-se na fé e se dirige para a fé" parece preferível ao texto de NEB: "Um caminho que parte da fé e na fé termina." Conforme J. Murray, o propósito para o qual Paulo repete isto aqui e em 3:22 ("mediante a fé em Jesus Cristo, para todos (…) os que crêem") é "acentuar o fato de que a justiça de Deus não somente age salvadoramente em *nós pela fé,* mas também age salvadoramente sobre *todo aquele* que crê".[4]

O justo viverá por fé. Estas palavras oriundas de Habacuque 2:4 (onde TM registra: "... por sua fé"[5]) já tinha sido citada por Paulo em Gálatas 3:11 para provar que não é pela lei que o homem é justificado

perante Deus. Elas tornam a aparecer, juntamente com parte do seu contexto, em Habacuque 10:38 para incentivar os leitores daquela epístola a perseverarem e a não retrocederem. O hebraico *emunuh,* traduzido "fé" em Habacuque 2:4 (LXX *pistis),* significa "perseverança" ou "fideli- dade". Na passagem de Habacuque esta perseverança ou fidelidade baseia-se numa firme confiança em Deus e Sua Palavra, e é esta firme confiança que Paulo compreende pelo termo.

Habacuque, clamando a Deus contra a opressão sob a qual seu povo gemia (no século sétimo a. C, recebeu de Deus a segurança de que a im- piedade não triunfaria indefinidamente, a justiça seria finalmente vin- dicada, e a terra se encheria "do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar" (He 2:14). Esta visão poderia demorar a realizar-se, mas se cumpriria com toda a certeza. Enquanto isso, os justos resistiriam até o fim, dirigindo as suas vidas por uma lealdade a Deus inspirada pela fé em Sua promessa.

No comentário de Habacuque achado em Qumran, este pronun- ciamento divino é aplicado a "todos os cumpridores da lei na casa de Judá, os quais Deus salvará do lugar do juízo por causa do seu serviço e da sua fidelidade ao Mestre de Justiça" (ver G. Vermes, *op. cit.,* p. 237). No Talmude (TB *Makkoth* 24a) "o justo viverá por sua fé" é citado ao lado de Amos 5:4: "Buscai-me, e vivei" (ou "buscai-me, e vivereis"), como exemplo de como a lei toda pode ser resumida em uma só sentença. "Será que 'buscai' (em Am 5:4) significa 'buscai a Torah inteira"?", per- guntou o rabi Nachman ben Isaque. "Não", foi a resposta do rabi Shimlai; "Habacuque veio depois dele e a reduziu a uma sentença, como está escrito: 'O justo viverá pela sua fé.' "

Quando Paulo focaliza as palavras de Habacuque e vê nelas a verdade central do Evangelho, parece atribuir-lhes este sentido: "aquele que é justo (justificado) pela fé é que viverá." Os termos do pronunciamento divino mediante Habacuque são gerais o bastante para permitir a aplicação que Paulo faz deles — aplicação que, longe de fazer violência à intenção do profeta, exprçssa a permanente validez da sua mensagem.

Para Paulo, como para muitos outros judeus, "vida" (principalmente vida eterna) e "salvação" eram praticamente sinônimos. Se o fato de Paulo denominar-se a si mesmo "hebreu de hebreus" (Fp 3:5) significa (o que é provável) que era filho de pais de língua aramaica, e que foi criado falando essa língua, muito provavelmente empregaria — quando estivesse falando em sua língua natal — a mesma palavra *hayye*^{b} para dizer tanto "vida" como "salvação", "aquele que é justo (justificado) pela fé é que viverá" significa, pois, "aquele que é justo (justificado) pela fé é que será salvo." Para o apóstolo, a vida, no sentido de salvação, começa com a justificação, mas vai além dela (ver 5:9s.). Inclui a santificação (assunto dos caps. 6-8) e se consuma na glória final (5:2, 8:30). Neste compreensivo sentido, "salvação" bem pode ser considerada como a chave "para abrir as rccâmaras da teologia de Paulo".'

2. Pecado e **Retribuição: Diagnóstico da** Necessidade **Universal (1:8-3:20).**

a. O mundo pagão (1:18-32).

Antes de Paulo desenvolver mais o modo pelo qual a forma de justiça de Deus é exposta no Evangelho, ele mostra por que é tão urgentemente necessário que se conheça o meio de ficar certo para com Deus. Como as coisas são, os homens estão "no errado" para com Deus, e Sua ira se revela contra eles. Na vida há uma lei moral segundo a qual os homens são deixados entregues às conseqüências do curso de ação que eles mesmos escolheram livremente. E a menos que essa tendência seja invertida pela graça divina, a situação deles irá de mal a pior. Três vezes aí ocorrem as palavras de condenação: "Por isso Deus os entregou..." (vs. **24, 26,28).**

O objetivo de Paulo é demonstrar que a humanidade toda está moralmente arruinada, incapaz de conseguir um veredito favorável no tribunal do juízo de Deus, em desesperada necessidade de Sua misericórdia e perdão.

Ele começa tratando de uma área da vida humana cuja falência moral era objeto de acordo geral entre os moralistas da época — a grande massa do paganismo contemporâneo de Paulo. O quadro que desenha é feio deveras. Não porém mais feio do que o quadro que disso vemos na literatura paga contemporânea. Qual é a causa, pergunta ele, desta pavorosa condição que se desenvolveu no mundo? Donde vêm estas vergonhosas perversões, esta encarniçada inimizade entre homem e homem? Tudo surge, diz ele, de idéias errôneas a respeito de Deus. E essas idéias errôneas acerca de Deus não surgiram inocentemente. O conhecimento do Deus verdadeiro era acessível aos homens, mas eles fecharam suas mentes para ele. Em vez de apreciarem a glória do Criador ao contemplarem o universo que Ele criou, davam a coisas criadas aquela glória que pertencia somonte a Deus. A idolatria é fonte de imoralidade. Assim o autor de Sabedoria já tinha dito:

"Porque a idéia de fazer ídolos foi o princípio da fornicação, e a sua invenção foi a corrupção da vida."

(Livro da Sabedoria 14:12.)

Podemos comparar a linguagem de Paulo sobre a criação visível como fonte de conhecimento concernente à natureza do seu Criador invisível (vs. 19, 20) com o discurso que fez em Listra (At 14:15-17) e principalmente com o que fez em Atenas (At 17:22-31). Há diferença de ênfase entre o discurso em Atenas e a argumentação neste passo, mas não há nenhuma contradição: Paulo estava tentando conseguir ali um auditório de pagàos, ao passo que aqui está escrevendo a cristãos formados. No discurso em Atenas, a apresentação da criação divina do mundo e de Sua disposição providencial das estações do ano e das regiões habitaveis da terra para o bem-estar do homem visava a levar os homens a "buscarem a Deus" e a achá-lo (At 17:27). Todavia, se eles reconheciam que Ele é um "Deus desconhecido" deles, sua ignorância confessa não recebe indulto como venial, embora Deus, em Sua misericórdia, não tenha levado "em conta os tempos de ignorância" anteriores à vinda de Cristo.

O caráter culposo da ignorância em que o homem está de Deus é salientado ainda mais aqui: é ignorância deliberada. Os homens tinham o conhecimento de Deus ao alcance deles, mas desprezaram o conhecimento de Deus (vs. 28). A verdade era-lhes acessível, mas preferiram abraçar a "mentira". Portanto, "Deus os entregou" às conseqüências da escolha que fizeram. E precisamente aí Ele manifestou Sua "ira" — aquele princípio de retribuição que deve operar num universo moral.

Para um homem tão convicto de que o mundo foi criado e é dirigido por um Deus de justiça e misericórdia, esta retribuição não podia ser um princípio impessoal. Era a própria ira de Deus. Se se pensa que a palavra "ira" não é muito apropriada para usar-se com relação a Deus, é provavelmente porque a ira, como a conhecemos na vida humana, constantemente envolve paixão egocêntrica, pecaminosa. Com Deus não é assim. Sua "ira" é a reação da santidade divina face à impiedade e rebelião. Paulo decerto concordaria com Isaías ao descrever esta ira de Deus como "sua obra estranha" (Is 28:21), à qual Ele se aplica lentamente e com relutância. De fato,,Paulo expõe aqui a revelação da ira de Deus como o cenário de fundo da "obra" de misericórdia de Deus, obra que Lhe é apropriada, com tanta afinidade com o Seu caráter que Ele se apressa com jubilosa rapidez a prodigalizá-la a penitentes destituídos de merecimento.

Mas mesmo tendo em vista que o quadro da retribuição divina, agindo como um severo princípio na vida humana, fornece um pano de fundo para a misericórdia eterna, trata-se de um cenário real e terrível, que deve ser considerado com seriedade.

Notas

1. W. R. Smith, *The Prophets of Israel* (1882), p. 71s. Assim, quando Isaías condena os juizes corruptos que "por suborno justificam o perverso, e ao justo negam justiça" (Is5:23). rcferc-se a decisões legais; não quer dizer que o justo é feito intrinseeamente injusto. Mas a palavra de Deus é palavra que se faz cumprir: quando *Ele* declara justo um homem, esse homem <■' justo. Ver também G. Quell e G^ Schrenk, *Righteousness* (Bible Key Words, 1951).

2. No Velho Testamento, Deus insiste em que "não inocenta o culpado" (Ex 34:7). Ver também a nota sobre 4:5, pp. 93s. Discorrendo sobre uma versão neomelanésia (em "pidgin" — jargão do inglês falado na China) para a Nova Guiné, diz H. K. Moulton: "Congratulamo-nos com golpes de gênio tais como a tradução de 'Justification' (justificação) por: 'God 'e say 'im alrite' (Deus diz que está tudo bem com ele). " *(TheBible in the* WorW, jan.-fev., 1963, p. 10).

3. Do "Hino dos Iniciandos". Ver G. Vermes, *Thv Dead Svu Semlls in EnglLih.* 1%2,p. 89-94.

4. *The Epistk to lhe Romans,* I (Grand Rapids, 1959), p. 32. Ver também o seu hxeurso, "From faith to íaith", p. 363ss.

5. Na LXX se lê: "o justo viverá pela minha fidelidade" (ou "pela fé em mim"). Contudo, uma tradição de uni MS liga o pronome "minha" (meu) a "justo". Daí Hb 10:38 (KV.RSV, AA: "o meu justo viverá pela fé.")

6. No Novo Testamento Siríaco, esta é a palavra empregada nas duas frases: "as palavras desta vida" (Al 5:20) e "a palavra desta salvação" (At 13:26).

7. A. M. Hunter, *Itnerpreling Pauis Gçspel* (1954), p. 9, acompanhando C. A. A. Scott, *Christianity uccordiug toSt. Puul,* 1927,'p. 16ss.

1. Ver Hannah Whitall Smith, *Religious Fanaticism* (1928).

2. Para uma exposição do argumento de Paulo aqui. ver J. O. Buswell, Jr., *Teu Reasons Why a Christian does iwt Live a Wockecl Li/c* (Chicago, 1959).

3. Suas referências ao batismo em 1 Co 1:14-17 não significam quede considerava o sacramento como destituído de importância, mas, sim, que a identidade do oficiante não é importante. Para ele era coisa liqüida e certa que todos os membros da igreja de Corinto eram batizados (1 Col:13, 6:11, 10:lss.).

4. 4. VerE. G. Selwyn, *The First Epistle of Peter* (1946), p. 363ss.

5. Cerimônia em que o menino judeu, aos 13 anos de idade, torna-se "filho do mandamento", i. e., assume a responsabilidade pessoal de guardar a lei.

6. P. Demann, citado por F. J. Leenhardt, *The Epistle to the Romans,* p. 181; ver também J. Munck, *Paul and the Salvation of Mankind* (1959), p. lis.

7. 2Baruqucliv. 19;verp. 105.

8. *From Firsl Adam to Last,* p. 80, 116s.

9. M. Goguel, *The Biríh af Chrislianity* (1953), p. 213s. Goguel coloca a experiência aqui descrita nos anos imediatamente seguintes à conversão de Paulo.

10.11. Com vistas ao exame de interpretações contrárias, de Rm 7:14-25, com solução que se esforça em fazer justiça aos mais fortes argumentos de ambos os lados, ver três artigos de C. L. Mitton, "Romans vii reconsidered", *ExT,* LXV (1953-54), p. 78ss., 99ss., 132ss.

11. Para a réplica de G15:16 em Romanos, ver p. 127.

12.12. D. MacFarlane, em *The Free Presbyterian Pulpit* (1961), p. 20.

13.13. As palavras que se seguem em AV: "e no vosso espírito, que são de Deus" constituem um acréscimo posterior que embota o objetivo do apelo de Paulo.

18. *A ira de Deus se revela.*

Não no Evangelho (no qual a salvadora "justiça de Deus" é revelada), mas nos fatos da experiência humana: "a história do mundo é o juízo do mundo" (Schiller). A revelação da "ira vindoura" nos tempos finais (1 Ts 1:10) é antecipada pela revelação do mesmo princípio na vida corrente do mundo. "A idéia de que Deus é ira não é mais antropopática do que o pensamento de que Deus é amor. A razão pela qual a idéia da ira divina está sempre sujeita a mal-entendidos é que a ira entre os homens é eticamente errada. E contudo, mesmo entre os homens não falamos da 'ira justa'?'" A exposição da idolatria e imoralidade paga nestes versículos segue linhas fixadas em obras de apologética judaica tais como o Livro da Sabedoria citado acima (ver especialmente Sabedoria 12-14), e a *Epístola de Aristeas.* Reaparece nos apologetas cristãos do segundo século A. D. *(e. g.* o autor da *Epístola a Diogneto,* Aristides, Taciano, Atenágoras, e a *Pregação de Pedro* mencionada por Clemente de Alexandria — *Stromata* vi. 5).

Que detêm a verdade pela injustiça. Melhor: "Que retêm firmemente a verdade na injustiça" (RV), ou: "Em sua impiedade, eles estão sufocando a verdade" (NEB). "A verdade" é mais precisamente definida no versículo 25 como "a verdade de Deus".

20. *Desde o princípio do mundo.*

"Desde" no sentido de"desde então" (RSV).

Claramente se reconhecem (...) sendo percebidos. Grego: *nooumena kathnratai,* onde o primeiro verbo se refere estritamente à inteligência e o segundo à visão física. "Os dois verbos (...) descrevem como, na contemplação das obras de Deus, o homem pode captar o suficiente, de Sua natureza, para impedir-lhe o erro de identificar qualquer das coisas criadas com o Criador, capacitando-o a manter seu conceito de Deus livre da idolatria.[2]

22. *Tornaram-se loucos.*

Como na literatura veterotestamentária da Sabedoria, loucura (ver "o coração insensato" deles, no versículo 21), implica em embotamento moral antes que mera deficiência da inteligência.

23. *E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança daimagem de (...) quadrúpedes...*

Ver o Salmo 106:20: "E assim trocaram a glória de Deus pelo simulacro de um novilho que come erva"

(referência ao culto ao bezerro de ouro). Aqui a linguagem é generalizada. A tríplice classificação dos animais (ver Gn 1:20-25) e os termos "glória", "imagem" e "semelhança" (ver Gn 1:26) sugerem que "a descrição que Paulo faz da impiedade do homem foi posta deliberadamente em termos da narrativa bíblica da queda de Adão".[3]

24. 26, 28, *Deus os entregou.*

Atos 7:42 onde, devido às tendências idolátricas dos israelitas, "Deus (...) os entregou ao culto da milícia celestial." Uma impressionante afirmação moderna deste princípio de retribuição divina é-nos oferecida por C. S. Lewis em *The Problem ofPain* (1940), p. 115s. Os perdidos, diz ele, "gozam para sempre da horrível liberdade que sempre pediram, e portanto estão escravizados por si mesmos".

27. *Recebendo em si mesmos a merecida punição do seu erro.*

NEB traduz acertadamente: "o justo salário por tal perversão". No inglês moderno "error" (erro) é um substantivo fraco demais para traduzir *plane* num contexto como este.[4] Ver Judas 11, ondeo"erro(p/a«ê) de Balaão" é a idolatria e fornicação de Baal-Peor a que os israelitas foram seduzidos por seu conselho (Nm 25:lss., 31:16).

28. *Uma disposição mental reprovável.*

NEB: "sua própria razão depravada".

Para praticarem coisas inconvenientes. Na formação da expressão traduzida por "inconvenientes" entra *kathêkon* — termo técnico dafilosofia exprimindo aquilo que constitui a conduta própria ou ajustada. Ver Efésios 5:4, onde várias práticas "indecentes" são descritas na AV como coisas "que não são convenientes" (AA: "cousas essas inconvenientes").

29. *Cheios de toda injustiça...*

O texto mais bem credenciado omite "fornicação" deste catálogo de vícios. (AA faz essa omissão.) "Debate", no inglês, tem mais o sentido de "contenda" (RV e AA).

30. *Soberbos.*

Isto é, gente que se conduz com arrogância que insulta e humilha pessoas incapazes de vingar-se.

31. *Sem misericórdia.*

AV: "implacáveis, sem misericórdia". O adjetivo "implacáveis" não consta no texto mais bem credenciado.

b. O moralista(2:l-16).

O estilo de Paulo é próprio para a forma de composição que os antigos chamavam de *diatribe.* Nesta, questões e objeções eram postas na boca de um crítico imaginário, para serem respondidas ou destruídas.

Quase podemos vê-lo, enquanto dita a carta a Tércio, pegar o indivíduo complacente que está saboreando a exposição daqueles pecados que "não apelam para ele", e dizer-lhe que não é melhor do que ninguém. Paulo imagina uma interrupção feita por algum opositor, e se volta para refutar à objeção, primeiro admoestando-o com "Deus não o permita!" ("Nem pense nisso!"), e depois dando-lhe ponderada réplica. Inicia uma nova fase da sua argumentação com esta indagação retórica: "Que diremos?"[5]

E o tempo todo o seu pensamento vai célere na frente de suas palavras de modo que as palavras têm de saltar valas para alcançar o pensamento. Mal podemos tentar imaginar como a pena de Tércio mantinha o ritmo das palavras do apóstolo. Não admira que, principalmente nos momentos mais ardentes, seu grego esteja cheio de falhas na construção, e de sentenças inacabadas.

Sabemos que existia outro lado do mundo pagão do primeiro século além do que Paulo retratou nos parágrafos anteriores. Que dizer de homens como o ilustre contemporâneo de Paulo — Sêneca — o moralista estóico, o tutor de Nero?[6] Seneca podia ter ouvido a acusação feita por Paulo e ter dito: "Sim, isso é perfeitamente verdadeiro quanto às grandes massas da humanidade, e dou meu apoio ao juízo que você emitiu sobre elas — mas naturalmente há outros que, como eu, deploram estas tendências tanto como você as deplora."

Paulo imagina alguém interferindo em termos como esses, e se dirige ao suposto opositor: "Meu bom senhor, julgando outros, você está-se julgando a si próprio, seja você quem for, pois em princípio você faz as mesmas coisas que condena neles." E quão pertinente teria sido esta réplica a um homem como Seneca! Pois Seneca pôde escrever com tanta eficiência sobre o bom modo de viver, que houve cristãos posteriores que se orgulhavam de chamar-lhe "o nosso Seneca".[7] Não se restringia a exaltar as grandes virtudes morais. Ele desmascarava a hipocrisia, apregoava a igualdade de todos os homens, reconhecia a penetrante natureza do mal ("todos os defeitos morais existem em todos os homens, embora não aconteça que todos os defeitos sejam proeminentes

em cada homem), praticava e procurava inculcar o auto-exame diário, ridicularizava a idolatria vulgar, assumia o papel de guia moral. Muitas vezes, porém, tolerava em si mesmo defeitos não muito diferentes daqueles que condenava em outros — sendo que o exemplo mais flagrante disto é sua conivência com Nero no assassinato de sua mãe Agripina.

Mesmo nesta seção do capítulo 2, e mais explicitamente do versículo 17 em diante, Paulo está pensando principalmente num crítico judeu. Denúncia da idolatria paga como a que encontramos no capítulo 1 era uma forma comum de propaganda judaica. Os judeus religiosos achavam amplo campo de ação para lançar juízo moral adverso sobre os seus vizinhos gentios.

De sua repetição da frase "do (ao) judeu primeiro, e também do (ao) grego" (ver 2:9, 10), em que ele salienta que os judeus são os primeiros a experimentarem o juízo de Deus, bem como os primeiros a receberem as boas-novas da Sua graça salvadora (1:16). Esta dúplice primazia do povo de Israel, na salvação e no juízo igualmente, foi ensinada pelos profetas nos dias antigos. Oito séculos antes que esta epístola fosse escrita, por exemplo, ouvimos a Palavra de Deus a Seu povo por meio de Amos: "De todas as famílias da terra somente a vós outros vos escolhi, portanto eu vos punirei por todas as vossas iniqüidades" (Am 3:2.)

Vimos como o Livro da Sabedoria ecoa no retrato descritivo da idolatria paga no capítulo 1. Do mesmo modo agora, aproveitando para tornar os judeus convictos de *sua* ruína moral, Paulo recorre a temas do mesmo livro. Conforme o autor de Sabedoria, Deus afligia os gentios (como os egípcios, opressores de Israel nos dias de Moisés) como um meio de fazer-lhes retribuição por sua iniqüidade, ao passo que as mesmas aflições tinham propósito terapêutico quando sobrevinham aos israelitas.

"Pois os provaste como o faz um pai ao admoestar, mas examinas os ímpios como o faz um rei severo ao condenar...

Assim, embora nos corrijas, castigas mil vezes mais os nossos inimigos, de sorte que meditamos na tua bondade quando julgamos, e quando somos julgados podemos esperar misericórdia." (Sabedoria 11:10, 12:22.)

"Concordo", diz Paulo. "Fará bem em reconhecer a bondade de Deus para com você, apesar de toda a sua desobediência. Mas não percebe que a bondade divina é para dar-lhe oportunidade de arrepender-se? Cuidado! Não despreze a bondade de Deus, nem abuse da Sua misericórdia. Se, em vez de arrepender-se, você mantiver o coração endurecido e impenitente, fique certo de que estará reservando para si próprio um acúmulo da ira de Deus que se descarregará sobre você no dia do juízo."

Vindo o juízo divino, será absolutamente imparcial. Deus "retribuirá a cada um segundo o seu procedimento" (2:6). Enquanto, para Paulo, o perdão e a vida eterna pertencem inteiramente à graça de Deus, o julgamento divino (conforme o ensino uniforme da Bíblia) é sempre feito de acordo com o que os homens fizeram. Cada fator material é tomado em consideração. Os homens terão de prestar contas do conhecimento da verdade que tenha estado ao alcance deles, e não do que tenha estado fora de alcance. Os judeus, diz ele, serão julgados com base na lei escrita, pois *eles* tiveram acesso àquela fonte de conhecimento de Deus. Os gentios serão julgados por outro critério, pois também entre eles Deus não se deixou ficar sem testemunho. Se o conhecimento do caráter de Deus lhes era possível através dos céus estrelados acima (ver **1:20),** também lhes era acessível através da lei moral interior. Eles não tiveram a lei de Moisés, como os judeus, mas tinham a lei da consciência — o discernimento entre o certo e o errado — gravada em seus corações. Quando violam essa lei, diz Paulo, sabem que estão agindo mal, e por esse conhecimento serão julgados no dia em que os mais íntimos segredos dos corações humanos serão trazidos à luz. Seja conhecida a vontade de Deus pela lei de Moisés ou pela voz da consciência, o conhecimento da Sua vontade não basta; fazer a Sua vontade é que conta.

4. *A bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento.*

Ver Sabedoria 11:23: "Tu tens compaixão de todos, porque tudo podes, e dissimulas os pecados dos homens para que se arrependam."

6. *Retribuirá a cada um segundo o seu procedimento.*

Ver Jo 34:11; Sl 62:12; Pv 24:12; Jr 10:10, 32:19, para verificar afirmações deste princípio no Velho Testamento; ele se repete no Novo Testamento em Mt 16:27; 1 Co 3:8; 2 Co 5:10; Ap 2:23, 20:12, 22:12. Ver também **14:12.**

7. *Dará a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade.*

Paulo não está ensinando salvação pelas obras aqui. Está salientando a imparcialidade de Deus com

relação a judeus e gentios. Ver a confissão repassada de surpresa que Pedro faz em At 10:34s.: "Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação" (entre gentios bem como entre judeus), "aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável." Deus mostrou Sua aceitação a Cornélio, a quem foram ditas estas palavras. Mostrou-a enviando-lhe Pedro com o Evangelho, para que ele e sua casa fossem salvos (At 11:14).

8. *Aos facciosos.*

Assim em RV, RSV. AV: "contenciosos". A tradução de NEB, "àqueles que são governados por ambição egoística", faz mais justiça ao sentido básico de *eritheia,* derivada de *eriíhos* ("mercenário"). Contudo, mesmo na antigüidade, seu sentido foi tendendo a assimilar-se ao dêem ("contenda", "facção").

11. *Para com Deus não há acepção de pessoas.*

"Acepção de pessoas" (literalmente "levantamento do rosto", *prosõpolêmpsia)* ê favoritismo ou parcialidade (ver Dt 10:17; 2 Cr 19:7; Jo 34:19; At 10:34; Gl 2:6; Ef 6:9; Cl 3:25; 1 Pe 1:17). Nosso Senhor afirmou a mesma verdade quando disse do Pai celeste: "ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos" (Mt 5:45).

12. *Todos os que pecaram sem lei, também sem lei perecerão.*

O pecado desenfreado leva à perdição de um modo ou de outro, mas os gentios não serão condenados por não cumprirem um código de leis que não lhes era acessível. Firma-se o princípio de que c« homens são julgados segundo a luz que tiveram, não segundo a luz que não tiveram.

13. Os *que praticam a lei hão de ser justificados.*

Talvez Paulo tenha em mente Lv 18:5: "Portanto os meus estatutos e os meus juízos guardareis; cumprindo os quais, o homem viverá por eles" — passagem que ele cita depois, em **10:5.** O curso seguido por seu argumento indica que, embora o homem fosse justificado se fosse praticante da lei, contudo, desde que ninguém a pratica perfeitamente, não há justificação desse modo. A antítese entre simplesmente ouvir a lei e praticá-la é desenvolvida em Tg 1:22-25. A expressão "os que praticam a lei" (ou "os cumpridores da lei") acha-se na literatura de Qumran. Ver acima, p.66.

15. *Estes mostram a norma da lei gravada nos seus corações.*

Paralelo verbal da profecia da nova aliança em Jr 31:33 (ver, p. 131), embora aqui Paulo não estej a pensando na nova aliança.

Testemunhando-lhes também a consciência. A palavra "consciência" *(suneidésis)* não é comum no grego clássico. Pertencia ao vernáculo e alcançou categoria literária somente pouco tempo antes do princípio da era cristã. Significava "consciência de agir certo ou errado", mas Paulo a emprega no sentido de testemunha interior independente, que examina e julga a conduta do homem. Num cristão este exame e o julgamento são especialmente exatos porque a sua consciência é iluminada pelo Espírito Santo (ver **9:1).**

c. O judeu (2:17-3:8)

(1) Privilégio traz responsabilidade (2:17-29).

Em **2:17** Paulo se dirige ao moralista definindo-o explicitamente como judeu. "Você tem o honroso nome de judeu", diz ele, "sua posse da lei dá-lhe confiança, gloria-se de que é ao Deus verdadeiro que você cultua e de que conhece a vontade dele." Talvez haja aqui mais um eco de Sabedoria:

"Pois mesmo se pecamos, somos teus,
conhecendo o teu poder;
mas não haveremos de pecar,
porque sabemos que somos considerados teus.
Pois conhecer-te é a justiça completa,
e conhecer o teu poder é a raiz da imortalidade."
(Sabedoria 15:2, 3.)

"Você aprova o caminho mais excelente", continua Paulo, "pois o aprendeu da lei. Considera-se mais instruído do que aqueles que são inferiores por não terem a lei. Considera-se guia de cegos e instrutor de tolos.

"Mas por que não dar uma sincera olhada em você mesmo? *Você* não tem defeitos? Você conhece a lei, mas a guarda? Você diz: 'Não roubarás.' Mas não rouba nunca? Você diz: "Não adulterarás." Mas será que

cumpre sempre esse mandamento? Você detesta ídolos, mas nunca rouba templos? Você se gloria na lei mas, de fato, sua desobediência à lei dá má fama entre os pagãos, a você e ao Deus que cultua.

"Ser judeu aproveitará ao homem diante de Deus, somente se cumprir a lei. O judeu que quebra à lei não é melhor do que o gentio. E inversamente, o gentio que cumpre as exigências da lei é tão bom à vista de Deus como qualquer judeu que permanece na lei. Na verdade, o gentio que guarda a lei de Deus condenará o judeu que a quebra, não importa quão versado nas Escrituras esse judeu seja, não importa quão cano-nicamente se tenha processado a sua circuncisão. Você vê, não é questão de descendência natural e de sinal externo como a circuncisão. A palavra 'judeu' significa 'louvor', e o verdadeiro judeu é o homem cuja vida é digna de louvor pelos padrões de Deus, cujo coração é puro à vista de Deus, cuja circuncisão é a circuncisão interna, do coração. Este é judeu de verdade, digo eu — homem verdadeiramente digno de louvor — e seu louvor não é matéria de aplauso humano, mas da aprovação divina."

17. *Se, porém tu que tens por sobrenome judeu.*

AV: "Vê, tu és chamado judeu." Porém o texto mais bem credenciado diz: "mas se" *(ei de),* como AA, e não "vê" *(ide).* Ver RV, RSV.

18. *Que conheces a sua vontade.*

Lit. "conheces a vontade"; a vontade de Deus é "a vontade"*par ex-cellence.* Ver 1 Macabeus 3:60, RV: "seja qual for a vontade no céu, assim ele fará".

Aprovas as causas excelentes. A palavra *diapheronta* significa primariamente "coisas que diferem" e secundariamente "coisas que diferem de outras, sobrepujando-as", i. e., "coisas excelentes". AV, RV e RSV — como também AA — aceitam para esta passagem o último sentido. NEB prefere o primeiro sentido ("você está ciente das distinções morais"). A mesma frase aparece em Fp 1:10 (AV e AA: "para aprovar-des as cousas excelentes". NEB; "assim lhe dê o dom da discriminação correta").

20. *A forma da sabedoria e da verdade.*

AV: "A forma do conhecimento e da verdade." Ou seja, a formulação ou sistematização orgânica do conhecimento e da verdade.

22. *Lhes roubas os templos?*

AV: "Cometes sacrilégio?" Lit. "roubas templos". O verbo grego é *hierosulêo.* É difícil dizer o que Paulo tem em mente. Talvez se refira a algum incidente escandaloso, como o do ano 19 A. D., registrado por Josefo *(Antigüidades* 18:81ss.), quando quatro judeus de Roma, guiados por um que dizia ensinar a fé judaica a gentios interessados, persuadiram uma dama da nobreza romana, convertida ao judaísmo, a fazer uma generosa contribuição em favor do templo de Jerusalém, mas se apropriaram da oferta para seu próprio uso. Quando o fato veio à luz, o imperador Tibério expulsou de Roma todos os judeus ali residentes (ver p. 15). Um incidente como este dava má reputação ao nome de "judeu" entre os gentios.

24. *Pois, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por vossa causa,*

(Ou "... por meio de vós", AV.) A referência é a Is 52:5: "o meu nome é blasfemado incessantemente todo dia" ("menosprezado", RSV). A triste situação dos judeus no exílio levava os gentios a falarem levia-namente do seu Deus, imaginando-O incapaz de socorrer Seu povo. Agora não se trata de desventura do povo de Deus, mas é o seu mau comportamento que leva os gentios a concluírem que o Deus de tal povo não pode ser de muita valia. Os membros da comunidade de Qumran eram exortados a serem cuidadosos no trato com os gentios, "para que eles não blasfemem".[8]

25. *A circuncisão tem valor se praticares a lei.*

Ver Gálatas 5:3: "todo homem que se deixa circuncidar (...) está obrigado a guardar toda a lei." A circuncisão, realizada como exigência legal, coloca sobre o homem a responsabilidade de guardar o restante da lei, quer seja aceita mais tarde na vida, como no caso dos prosélitos (que é o que Pauio tem em vista em Gálatas), quer seja ministrada às crianças judaicas (que é o que tem em mente aqui). Visto como nenhuma classe de pessoas circuncidadas pode guardar completamente a lei, mas inevitavelmente, acaba falhando no cumprimento de sua responsabilidade, Paulo acrescenta: *Se é, porém, transgressor da lei, a tua circuncisão já se ton nou incircuncisão.*

Esta lição já fora ensinada em parte por Jeremias: "Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que castigarei a todos os circuncidados mas ainda incircuncisos — o Egito, Judá, Edom, os filhos de Amom, Moabe — pois todas estas nações são incircuncisas, e toda a casa de Israel é incircuncisa de coração" (Jr 9:25s., RSV). Os vizinhos

de Israel na maior parte praticavam a circuncisão (os filisteus eram uma notória exceção). Mas a circuncisão dos vizinhos de Israel não era sinal da aliança de Deus, como a circuncisão israelita pretendia ser. Todavia, se Israel e Judá se apartavam de Deus no coração, sua circuncisão física não era melhor do que a dos seus vizinhos, à vista de Deus: na medida em que houvesse qualquer interesse religioso, não era circuncisão nenhuma. Ver Deuteronômio 10:16: "circuncidai, pois, o vosso coração, e não mais endureçais a vossa cerviz." Mas Paulo vai mais longe que Jeremias. Não somente reconhece a circuncisão como incircuncisão, se desacompanhada da devoção de coração; como também reconhece a incircuncisão como circuncisão espiritual, se apesar disso se presta obediência a Deus.

27. *E se aquele que é incircunciso por natureza, cumpre a lei, certamente ele te julgará a ti.*

Quer dizer, as faltas de um judeu indigno serão realçadas pelo exemplo de um gentio que, não tendo nenhum dos privilégios característicos dos judeus, não obstante agrada a Deus.

29. *Cujo louvor não procede dos homens, mas de Deus.*

Os judeus derivaram seu nome de Judá, seu antepassado (heb. *Yehudah)* cujo nome no Velho Testamento se associa ao verbo *yadah*, "louvar". Ver as palavras de sua mãe quando ele nasceu: "Esta vez louvarei o Senhor" (Gn 29:35), e a bênção pronunciada por seu pai no leito de morte: "Judá, teus irmãos te louvarão" (Gn 49:8).

(2) Objeções respondidas (3:1-8).

Aqui Paulo imagina alguém interrompendo sua argumentação e dizendo: "Pois bem, se o que vale é ser judeu interiormente, se o que importa é a 'circuncisâo' do coração, há alguma vantagem em pertencer à nação judaica, ou em ser circuncidado fisicamente?" Podíamos esperar que Paulo respondesse a esta suposta interrogativa do modo mais categórico: "Absolutamente nenhuma!" Mas, para nossa grande surpresa, ele replica: "Muita, sob todos os aspectos." Decerto que é vantagem pertencer à nação judaica. Pensemos em todos os privilégios[9] assegurados por Deus àquela nação — privilégios de que as outras nações não participavam. Seria pedir demais a Paulo esperar que negasse sua herança dos antepassados, especialmente agora que ele tinha encontrado no Evangelho, ao qual sua vida estava dedicada, o cumprimento da antiga esperança de sua nação.

Entre os privilégios hereditários de Israel, Paulo reconhece como da maior importância o fato de que os israelitas eram os guardiães dos "oráculos de Deus". Ter o encargo da revelação da vontade e do propósito de Deus era de fato uma alta honra. Mas se era alta honra, levava consigo uma grande responsabilidade. Se se mostrassem infiéis à confiança depositada neles, seu caso seria pior do que o das nações às quais Deus não se tinha revelado.

Era fato que Israel não se tinha mostrado fiel ao que lhe fora confiado. E isto poderia ter sido levantado como objeção a Paulo, quando argumentava que era grande vantagem pertencer à nação que tinha recebido os oráculos de Deus. Mas sua réplica é que a infidelidade dos homens jamais altera a fidelidade de Deus, nem frustra o Seu propósito. A infidelidade dos homens simplesmente põe em relevo a verdade de Deus: Sua justiça é sempre vindicada em contraposição à injustiça deles.

Uma outra objeção é tratada a seguir. Alguém pode dizer: "Se a minha infidelidade põe a fidelidade de Deus em mais saliente relevo; se a minha injustiça estabelece a Sua justiça; por que deveria Ele achar falta em mim? Ele é quem leva vantagem com o meu pecado; por que Ele impõe retribuição ao meu pecado?" Esta objeção parece tão estulta a Paulo que ele pede desculpas por mencioná-la. A resposta é simples: Deus é o Regente moral do universo, o Juiz de toda a terra. Como é que Ele poderia exercer essa função, que é inseparável de Sua divindade, se não exigisse retribuição pelo pecado?

O suposto opositor, contudo, é persistente e repete seu argumento com palavras diferentes: "Se, por contraste, a minha falsidade faz a verdade de Deus brilhar com maior fulgor, ela redunda em Sua glória. Então, por que Ele insiste em me condenar como pecador? O fim é bom — a glória de Deus. Por que o meio — meu pecado — há de ser considerado errado? Não é certo que o fim justifica os meios?"

"Realmente", diz Paulo, "é precisamente à isso que alguns dizem que o meu Evangelho chega. Mas a acusação deles não é apenas um ultraje. Condena-se a si mesma por ser uma contradição de termos." O Evangelho da justificação pela fé, sem as "obras da justiça", provoca sempre esta crítica. Mas a crítica é amplamente refutada pelo fato de que o mesmo Evangelho insiste inequivocamente em que os "frutos da justiça" devem seguir-se à justificação.

4. *Seja Deus verdadeiro, e mentiroso todo homem.*

A segunda frase se pode considerar como eco do consternado clamor do salmista: "Todo homem é mentiroso" (Sl 116:11).. "Todo homem seja réu convicto de falsidade", diz Paulo, "em vez de impugnar a

veracidade de Deus."

Para seres justificado nas tuas palavras, e venhas a vencer quando fores julgado. "Para que sejas vindicado quando falares, e ganhes a causa quando *entrares em juízo" (krinesthai* aqui deve ser tomado como voz média, e não voz passiva). A citação é do Salmo 51:4, onde TM diz simplesmente: "... quando julgas" (assim também AV, RV; ver RSV: "de modo que és justificado em tua sentença e inculpável em teu julgamen-to").

8. *Pratiquemos males para que venham bens.*

É fácil ver como o Evangelho podia ser mal compreendido como se estivesse ensinando isto. Aqueles que — judeus ou cristãos — consideravam a religião como se fosse essencialmente uma questão de lei (por mais liberalmente que se interpretasse "lei"), não podiam senão concluir que uma doutrina de justificação "sem as obras da lei" solaparia o lugar da lei na abordagem de Deus pelo homem, e com isto solaparia a religião e a moralidade.

A condenação destes é justa. Isto pode significar ou "Condenar homens como estes certamente não é injustiça" (NEB) ou "Um argumento como esse é condenado com total propriedade" (J. B. Phillips). Na AV ("Cuja condenação é justa"), o pronome relativo traduzido por "cuja" pode referir-se às pessoas que dizem tais coisas ou às coisas ditas por elas. Para encontrar a verdadeira resposta à acusação, ver **6:2ss.** Sobre a palavra "condenação" (inglês, "damnation"), ver notas sobre **13:2,14:23 (pp.** 192, 205).

d. Toda a humanidade achada culpada (3:9-20).

"Pois bem", prossegue o interlocutor, "você disse que é vantagem pertencer à nação judaica. Não se segue que somos superiores àqueles gentios que não têm os privilégios que temos?" "Decerto que não", responde Paulo. "Podemos ter recebido vantagens maiores, mas na verdade não estamos em situação melhor do que a deles. Eles pecaram, é certo. Mas, e daí? Nós também pecamos. Todos os homens, tanto judeus como gentios, estão obrigados a confessar-se culpados perante o tribunal de Deus. As palavras da Escritura resumem bem a situação."

Aqui Paulo acrescenta uma corrente de seis citações do Velho Testamento. Elas apresentam um resumo da pecaminosidade geral do homem. A corrente entra aqui para fixar uma situação já estabelecida por vários argumentos. Se as citações fossem examinadas uma por uma, seria necessário relacioná-las com os seus contextos históricos. Pelo menos algumas delas referiam-se a um ponto particular, e não universal. Mas o quadro geral que apresentam aqui arremata a causa que Paulo vem promovendo. E se ele imagina uma objeção a seu uso destas citações, a objeção não é que as desligou dos seus contextos históricos, mas que elas se referem somente aos ímpios gentios, não a Israel. "Não", replica Paulo, "estas citações são tiradas das Escrituras judaicas e, portanto, o povo que elas têm em vista em primeiro lugar é o povo judeu." O que está escrito na lei (que aqui significa a Bíblia hebraica completa) aplica-se naturalmente ao povo da lei. A lei expõe o pecado do homem, mas não faz nada para curá-lo. Então, os judeus, como também os gentios, têm de se confessar moralmente falidos. Se existe alguma esperança para qualquer dos dois grupos, terá de ser achada na misericórdia de Deus, e não em alguma reivindicação que os homens ou as nações possam fazer-lhe. Em vista do fato do pecado universal, o caminho para a aceitação por parte de Deus em razão de nossas obras de justiça está fechado — e o aviso é perfeitamente claro: "Nesta direção não há nenhuma estrada".

9. *Não, deforma nenhuma {oupantos).*

Há uma colisão *prima facie*[i0] entre a resposta de Paulo aqui a: "Temos nós (judeus) qualquer vantagem (sobre os gentios)?", e sua resposta no versículo 2 a: "Qual é, pois, a vantagem do judeu?" — "Muita, sob todos os aspectos." Mas, "Muita, sob todos os aspectos" refere-se aos privilégios desfrutados pelos judeus como nação eleita; enquanto "Não, deforma nenhuma" relaciona-se com a posição deles diante de Deus. Com privilégios ou sem eles, judeus e gentios têm igual necessidade da graça divina.

10-12. *Não há justo* (…) *não há quem faça o bem, não há nem um sequer.*

Citação do Salmo 14:1, 2, 3 (repetida no Salmo53:1, 2,3).

13. *A garganta deles é sepulcro aberto; com a língua urdem engano.*

Citação do Salmo 5:9.

Veneno de víbora está nos seus lábios. Citação do Salmo 140:3.

14. *A boca eles a têm cheia de maldição e de amargura.*

Citação do Salmo 10:7.

15-17. *São os seus pés velozes para derramar sangue (…) desconheceram o caminho da paz.*

Citação de Isaías 59:7.

18. *Não há temor de Deus diante de seus olhos.*

Citação do Salmo 36:1.

19. *Tudo o que a lei diz.*

A referência é às citações anteriores. Mas desde que nenhuma delas é tirada da Lei no sentido mais estrito (o Pentateuco) — são extraídas do Saltério, com uma exceção, que vem de Isaías — "lei" aqui deve referir-se às Escrituras hebraicas em geral. Ver p. 46.

20. *Ninguém será justificado diante dele por obras da lei.*

Ampliação e tradução livre do Salmo 143:2: "Não entres em juízo com o teu servo" (ver Salmo 51:4, cit. nov. 4 acima), "porque à tua vista não há justo nenhum vivente" (ou "nenhum vivente será justificado", AV). Ver Gálatas 2:16 ("o homem não é justificado por obras da lei"), 3:11 ("pela lei ninguém é justificado diante de Deus"). Paulo aduz a razão por que ninguém pode ser justificado à vista de Deus "por obras da lei"; é que *pela lei vem o pleno conhecimento do pecado.* Este ponto é repetido e expandido em **50:20,**7s7ss. Ver pp.49,104,119.

Notas

1. E. Brunner. *The Medimor* (1934), p.478.
2. B. Gartner, *The Areopagus Speech and Natural Revelation* (Copenhagen, 1955), p.137.
3. M. D. Hooker, "Adamin Romans *i",NTS,* VI(1959-60), p. 301.
4 Pode-se dizer o mesmo de "erro" em português. N. do Tradutor
5. Ver 3:5, 4:1, 6:1, 7:7, 8:31. 9:14, 30; e a frase parecida: "Tu, porém, me dirás" ou "Dirús, pois", em 9:19 *c* 11:19.
6. Ver J. N. Sevenster, *Paul and Seneca* (Leiden, 1962).
7. *"Seneca saepe mister",* diz Tertuliano ("Seneca, tantas vezes um dos nossos"). *Sobre a Alma* 20.
8. G. Vermes, *The Dead Sea Serolk in English,* p, 114.
9. Uma lista suplementar é dada em 9:4s.
10. À primeira vista. N. do Tradutor.

3. O Meio de Alcançar a Justiça: Satisfeita a Necessidade **Universal (3:21-5:21).**

a. ÁprovisãodeDeus(3:21-31).

Mas agora abriu-se um novo caminho para a aceitação da parte de Deus, completamente diverso do caminho da obediência legal. Contudo, não se trata de um caminho moderno, idealizado por nós. Os escritos do Velho Testamento dão amplo e progressivo testemunho dele na Lei e nos Profetas. É o caminho da fé em Jesus Cristo, e está aberto para todo o que crê nele, tanto para o judeu como para o gentio. Já vimos que não existe diferença entre estas duas divisões da espécie humana, visto que tanto os judeus como os gentios pecaram e carecem da glória de Deus — o verdadeiro fim para o qual Deus os criou. Mas por este nove meio os judeus e os gentios podem ser postos em correta relação com Deus, podem ter a certeza de ser aceitos por Ele e de receber Seu perdão gratuito. Recebem-no gratuitamente, por Sua graça; recebem-no por causa da obra redentora realizada por Cristo. É Cristo que Deus expôs diante de nossos olhos como Aquele cuja morte sacrificial fez expiação de nossa culpa e retirou a iminente retribuição merecida por nossa rebelião contra Deus. O que Cristo obteve para nós, podemos tornar efetivamente nosso pela fé.

Este é, pois, o modo pelo qual Deus demonstrou a Sua justiça — vindicou Seu caráter e dá um estado de justos a homens pecadores. Por isso Deus, em Sua paciente maneira de tratar os homens, pôde deixar de lado os pecados que eles cometeram antes da vinda de Cristo, em vez de exigir a punição total. Estava mostrando misericórdia para com eles com o propósito de demonstrar Sua justiça na presente época. Eesta demonstração nos mostra como Ele continua sendo perfeitamente justo enquanto perdoa os que crêem em Jesus e os coloca na posição certa ante o tribunal divino.

Sendo assim, quem tem direito de gabar-se? Vai-se toda a base da jactância pela justiça pessoal — não pela lei das obras, mas pelo princípio da fé. Dado que judeus e gentios são igualmente justificados pela graça de Deus, sem qualquer mérito pessoal deles, ninguém pode dizer: "Fiz isto por meu próprio esforço." A conclusão

do argumento de Paulo é que o homem é posto na posição certa à vista de Deus pela fé, inteiramente à parte das obras prescritas pela lei. Se a aceitação da parte de Deus só pudesse ser alcançada pela guarda da lei judaica, Deus seria num sentido especial o Deus dos judeus. Mas Ele é Deus dos gentios como o é dos judeus, pois no Evangelho um e o mesmo caminho da justiça está aberto para ambos. Deus aceita judeus em virtude da sua fé, e aceita gentios fundado exatamente na mesma base.

Para Paulo, a divisão entre judeus e gentios constituía a divisão básica da raça humana. Ele próprio era judeu de nascimento e de criação, e tinha sido instruído no sentido de considerar os não-judeus como pecadores ignorantes, carentes do.conhecimento da lei de Deus, indispensável para cpnseguir aceitação à Sua vista. E de fato, a divisão que separava judeus e gentios era uma das mais insanáveis do mundo antigo. Há outras brechas que talvez nos pareçam muito maiores hoje em dia — distanciamentos por questões de raça, de nacionalidade, de classe e de cor — cuja obstinada resistência nos apresenta problemas muito mais agudos do que a divisão de judeus e gentios. Mas o argumento de Paulo é tão válido à luz das divisões atuais como o era face às divisões dos seus dias. E seu argumento é: não há diferença entre ocidente e oriente, nem entre negro e branco, pois todos igualmente precisam da gratuita misericórdia de Deus, e todos podem receber Sua misericórdia nos mesmos termos.

O poeta romano Horácio, traçando algumas linhas de orientação para os escritores de tragédias da sua época, critica aqueles que recorrem muito prontamente ao expediente de um *deus ex machina* para resolver os intrincados problemas desenrolados no transcurso do enredo. "Não introduza um deus no palco", diz ele, "a menos que o problema seja tal que mereça um deus para resolvê-lo" («ec *deus intersit, nisi dignus vin-dice nodus inciderit).'* Lutero tomou estas palavras e as aplicou ao perdão de pecados: aqui, disse ele, há um problema que precisa de Deus para ser resolvido *(nodus Deo vindice dignus).*[2] Certo, pois o homem pecador não o pode resolver, embora precise desesperadamente de uma solução; o problema é dele; é ele que tem de ser perdoado. E o que Paulo nos diz aqui é que o problema foi dignamente solucionado pela graça de Deus, que apresentou Cristo como a solução, o meio para a obtenção do perdão, o fiador que garante a nossa aceitação por parte de Deus. Tudo o que se requer do pecador é que abrace pela fé aquilo que a graça de Deus supriu.

Pode-se perguntar, porém, se a lei de Deus não é anulada pelo princípio da fé. Longe disso, diz Paulo. Por este princípio da fé a lei é mantida de pé, o pecado é condenado, a justiça é vindicada, e se cumprem as Escrituras do Velho Testamento. Isto ele começa a demonstrar agora.

21. *A justiça de Deus.*

O meio estabelecido por Deus para obter-se a justiça ou justificação. Ver a citação de Lutero, p. 51.

22. *Mediante a fé em Jesus Cristo.*

(AA, RV, RSV, melhor do que AV, que diz: "Pela fé que é de Jesus Cristo." O genitivo "de Jesus Cristo" é objetivo.)

Para todos [e sobre todos] os que crêem. O texto mais bem credenciado omite a expressão que AA traz entre cochetes "e sobre todos". (VerRV,RSVeNEB.)

Não há diferença. Assim como aqui não há distinção entre judeus e gentios (ou entre quaisquer outras categorias em que se divide a humanidade) com relação ao pecado, assim em 10:12 "não há distinção" entre eles com relação à misericórdia de Deus.

23. *Todos pecaram.*

As duas palavras *[pantes hêmarton)* são idênticas às do fim de 5:12 mas, ao passo que lá o contexto sugere que a referência é à participação de todos na "desobediência do primeiro homem", aqui temos antes uma afirmação do fato de que todos os homens, como indivíduos, pecaram.

Carecem da glória de Deus. A interpretação tradicional de Isaías 43:7, "os criei para minha glória" (que se diz, no contexto, de "todos os que são chamados pelo meu nome"), aplica-o à humanidade em geral. Mediante o pecado o homem perde o ideal que Deus tinha em mira quando o trouxe à existência. Ver 5:2.

24. *Sendo justificados gratuitamente por sua graça.*

A esperança de Paulo, antes de se tornar cristão, era que por força de perseverar na observância da lei de Deus, ele poderia finalmente ser declarado justo por Deus quando se apresentasse diante do trono do juízo divino. Mas neste modo de obter-se a justiça à parte da lei, o processo é ao revés: Deus declara justo o homem no início do seu percurso, não no fim. Se o declara justo no início do seu percurso, não pode ser com base nas obras ainda não praticadas por ele. Esta justificação é, ao contrário, "um ato da livre graça de Deus, no qual

Ele perdoa todos os nossos pecados, e nos aceita como justos diante de Si" *{Breve Catecismo de Westminster,* perg. 33).

E quando se chega à questão de sermos *aceitos* por Deus, quanto mais satisfatório é saber-nos "justificados gratuitamente por sua graça" do que esperarmos ser justificados pelas "obras da lei". Neste caso, nunca posso sentir-me realmente satisfeito como "tendo colado grau", de que meu comportamento foi suficientemente meritório para obter a aprovação divina. Ainda que eu faça o meu melhor (e o problema é que nem sempre ajo assim), como posso ter certeza de que a minha melhor realização se enquadra nas exigências de Deus? Pode ser que eu tenha esperança, mas certeza, nunca. Mas se Deus, por pura graça, me assegura que me aceita de antemão, e eu abraço alegremente esta segurança, então posso prosseguir para fazer a Sau vontade sem estar sempre me preocupando se a estou fazendo adequadamente ou não. De fato, até o final do capítulo serei um "servo inútil", mas sei em quem tenho crido:

"Ele me toma como Seu filho; não posso mais ter medo."

Em Isaías 40-55, a libertação dos israelitas do cativeiro da Babilônia é a "justificação" deles — e a de Deus. "Tão-somente no Senhor há justiça e força" (Isaías 45:24, RV, AA), e Sua justiça e Sua força são demonstradas na libertação de Seu povo: "Mas no Senhor será *justificada* toda a descendência de Israel, e nele se gloriará" (Isaías 45:25); "esta é a herança dos servos do Senhor, e a sua justiça, que é minha, diz o Senhor" (Isaías 54:17, AV). Por que a libertação deles é a sua justificação? Não tinham merecido o castigo do cativeiro? Sim. Jerusalém tinha recebido "em dobro da mão do Senhor, por todos os seus pecados" (Isaías 40:2). Mas a livre graça de Deus restaurou-os, e sua restauração era tanto a vitoriosa vindicação do nome de Deus entre as nações (Isaías 42:13, 48:9-11) como a salvação do Seu povo.

Mediante a redenção que há em Cristo Jesus. A redenção *(apolu-trõsis*[3]*)* é o ato de comprar um escravo cativo a fim de libertá-lo. Aqui também o misericordioso tratamento dado por Deus a Israel prove um lastro veterotestamentário para a linguagem de Paulo, quer pensemos na redenção de Israel da escravidão egípcia(Êx 15:13; Sl 77:14, 78:35), quer pensemos em sua posterior libertação do cativeiro babilonico (Is 41:14, 43:1). A graça de Deus que "justifica" os que crêem, manifestou-se ativamente na obra redentora de Cristo.

"Quando eu estava andando para cima e para baixo na casa, aquela palavra de Deus tornou posse do meu coração: Vós sois "justificados gratuitamente por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus" (Rm 3:24). Mas oh! que reviravolta fez em mim! Agora estava como alguém desperto de um pesadelo e, ao ouvir esta sentença celestial, foi como se ouvisse esta exposição dela: Pecador, pensas que por causa dos teus pecados e fraquezas eu não posso salvar a tua alma, porém eis que o meu Filho está junto a mim e é para ele que olho, não para ti, e tratarei contigo segundo a satisfação que ele me dá" (João Bunyan, *Grace Abounding,* §§ 257-258).

25. *A quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação.*

Observe-se a pontuação mais precisa em RV comparada com AV: "a quem Deus propôs como propiciação, mediante a fé, por seu sangue". As duas frases, "mediante a fé" e "no seu sangue" são independentemente epexegéticas[4] quanto a "propiciação". A palavra chave é "propiciação", tradução de *hilastèrion* em AV, RV e AA. Esta palavra pode ser tomada ou como o acusativo masculino singular do adjetivo *hilastêrios* ("pro-piciatório"), combinado com "a quem" *(hon);* ou, mais provavelmente, como o substantivo neutro *hilastèrion,* empregado na LXX para indicar "lugar de propiciação", "lugar onde os pecados são apagados". O uso mais comum que a LXX faz da palavra é como equivalente do heb. *kap~ poreth,* a lâmina de ouro ou "assento da misericórdia" que cobria a arca no santo dos santos (ocorre deste modo mais de 20 vezes no Pentateuco). Em Ezequiel 43:14ss. é usada (5 vezes) para traduzir o heb. *'azarah,* a "borda" (assim RSV; AV e RV dizem "assento") ao redor das ofertas queimadas do templo de Ezequiel.

O substantivo *hilastèrion* relaciona-se com o verbo *hilaskomai,* que no grego pagão significa "aplacar" ou "tornar gracioso", mas que na LXX toma o sentido do heb. *kipper* ("fazer expiação") e termos cog-natos, entre os quais se inclui *kapporeth,* "assento da misericórdia", "lugar onde os pecados são expiados *ou* apagados". Tem-se feito objeção ao uso do verbo "propiciar" e do substantivo "propiciação", na tradução destas palavras gregas para o Novo Testamento em inglês (e em português) com base no fato de que estas palavras no inglês (e no português) dão a idéia de "aplacar" ou "apaziguar".[5] Podemos comparar a fuga ao uso destes termos nesta passagem, em RSV ("a quem Deus propôs como expiação por seu sangue, a ser recebido pela fé") com NEB ("Deus designou-o para ser o meio de expiar o pecado por sua morte sacrificial, que se efetiva pela fé"). Mas, se *hilaskomai, hilastèrion* e seus cognatos adquiriram novo significado do seu contexto bíblico,

podemos esperar que, pelo seu uso prolongado as palavras "propiciar" e "propiciação" — no inglês e no português — adquiriram significado bíblico do mesmo modo. Em todo caso, a insistência de Paulo em que é Deus, e não o homem pecador, que providenciou este *hilastèrion* impede que seja mal compreendido. De modo semelhante, o Velho Testamento atribui a iniciativa à graça de Deus, nesta questão: "Porque a vida da carne está no sangue. *Eu vo-lo tenho dado* sobre o altar, para fazer expiação(heb. *kipper;* LXX *exilaskomai)* pelas vossas almas; porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida" (Lv 17:11, RV e ÂA). Casualmente, é uma passagem do Velho Testamento como esta que explica o uso que Paulo faz da expressão "seu sangue" no presente versículo e justifica a interpretação da mesma como "sua morte sacrificial".

Portanto, a morte de Cristo é o meio pelo qual Deus elimina o pecado do Seu povo — não simbolicamente, como no ritual de Levítico 16, em que figurava o assento da misericórdia material, mas *realmente.* E *realmente* em duplo sentido: o pecado foi removido não só da consciência do cristão — na qual pesava como carga insuportável — mas também foi removido da presença de Deus. Pode-se comparar isto com o modo pelo qual o escritor de Hebreus associa o sacrifício de Cristo ao cumprimento da profecia da nova aliança: "dos seus pecados e de suas iniqüidades não me lembrarei mais" (Hb 8:12, citando Jr 31:34).

Uma vez que façamos justiça à iniciativa da graça divina na eficácia do oferecimento voluntário que Cristo fez de Si mesmo, não há razão pela qual devamos excluir do sentido de *hilastêrion* o afastamento da ira divina no sentido de *hilastêrion* em 3:25. Paulo já dissera em **1:18** que "a **ira** de Deus (NEB, "retribuição divina") se revela do céu contra toda im-piedade e perversão (AV "e injustiça") dos homens". Então, como haverá de retirar-se esta "ira"? O *hilastêrion* que Deus providenciou em Cristo não só retira a impiedade e injustiça dos homens .como também, ao mesmo tempo, afasta a ira ou retribuição que é o resultado inevitável dessas atitudes e ações num universo moral.

De modo geral, aqui parece melhor tomar *hilastêrion* como substantivo, aludindo ao assento da misericórdia como o lugar onde se fazia expiação nos dias do Velho Testamento, antes do cativeiro babilônico. Paulo "nos informa que em Cristo foi exposto como realidade aquilo que foi dado figuradamente aos judeus" (Calvino)."

O contraste entre o velho *hilastêrion* e o novo é indicado pelas palavras "a quem Deus propôs". O velho *hilastêrion* ficava oculto atrás da cortina que separava o santo dos santos do santuário externo, e ninguém o via, exceto o sumo sacerdote, no dia da expiação anual. Mas em Cristo "o assento da misericórdia não fica mais guardado na reclusão sagrada do lugar santíssimo: foi trazido para o meio da desordem e confusão do mundo, e foi instalado diante do olhar das multidões hostis, desdenhosas ou indiferentes" (T. W. Manson). A frase *mediante a fé* mostra como apropriar-nos dos benefícios salvadores do assento da misericórdia do Evangelho. A frase *no seu sangue* não depende da/é, como AV dá a entender. Refere-se à morte sacrificial de Cristo como o meio pelo qual foi feita a única e eficaz expiação pelo pecado (ver 5:8s.: Cristo morreu "por nós, sendo nós ainda pecadores. (...) sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira").

Assim, Paulo serviu-se da linguagem do tribunal de justiça ("justificados"), do mercado de escravos ("redenção") e do templo ("assento da misericórdia") para fazer justiça à plenitude do ato da graça de Deus em Cristo. Perdão, libertação, expiação — são postos ao alcance do homem pela livre iniciativa de Deus, e podem ser assimilados mediante a fé. E a fé, neste sentido, não é uma espécie de obra especialmente me-ritória à vista de Deus. É aquela singela e sincera atitude para com Deus que O acredita por Sua palavra e aceita Sua graça de bom grado e com gratidão.

Para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes (paresis, "tendo passado por alto") os *pecados anteriormente cometidos.* Isto é, "para demonstrar que Deus não foi injusto quando não levou em conta os pecados cometidos nos dias anteriores, no período da Sua tolerância". A redenção realizada por Cristo tem eficácia retrospectiva, bem como prospectiva. Ele é o "assento da misericórdia" para a humanidade toda — "a propiciação pelos nossos pecados", como um escritor posterior do Novo Testamento o coloca (usando uma palavra do mesmo tronco de *hilastêrion),* "e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro" (1 Jo 2:2, RV, AA). Pode-se comparar a descrição das eras anteriores a Cristo como o período da tolerância de Deus, com a proclamação que Paulo fez aos atenienses: "não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém..." (At 17:30, RV, AA). Conquanto o problema de natureza moral aqui tratado talvez não seja tão óbvio para a mente moderna como era para a de Paulo, contudo, não levar em conta o mal praticado é um ato de tanta injustiça da parte de um juiz como o ato de condenar o inocente — e "o Juiz de

toda a terra não fará o que é reto?"

26. *Para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.*

Na oferta que Cristo fez de Si mesmo, a justiça de Deus é vindicada e o pecador que crê é justificado. Pois Cristo ocupa uma posição singular como representante de Deus junto ao homem e representante do homem junto a Deus. Na qualidade de Homem representativo, Ele absorve o juízo a que ficou sujeito o pecado humano; como representante de Deus, Ele comunica aos homens a graça perdoadora de Deus. A frase "justo e o justificador" lembra Isaías 45:21 ("Deus justo e Salvador") e Zacarias 9:9 ("justo e Salvador", ou, *apudkV*, "justo, e tendo salvação").[7]

28. *Independentemente das obras da lei.*

Quer dizer, "sem as ações da lei" (AV) ou "à parte das obras da lei". Paulo não pretende dizer que não há necessidade de praticar as obras da lei. O que diz é que, mesmo quando o homem as pratica razoavelmente bem, não é por isso justificado à vista de Deus. Ele está retirando o chão de sob os pés daqueles que dizem: "Sempre faço o melhor que posso ... trato de levar vida decente ... dou mil gramas se me pedem um quilo, e que mais Deus pode esperar de mim?"

Lutero sublinha a expressão "pela fé, independentemente das obras da lei" acrescentando o advérbio "somente": "o homem é justificado somente pela fé, independentemente das obras da lei."[8] Por este "acréscimo" ao texto alguns o criticaram severamente. Ele deu pouca importância a tais críticos, os quais descreveu como "fazendo tremendo rebuliço porque a palavra *sola,* 'somente', não consta no texto de Paulo, e este acréscimo (...) à Palavra de Deus não deve ser tolerado". Mas como sentido que Lutero quis dar à palavra "somente", ela sintetiza com precisão o que Paulo quis dizer: é somente pela fé, e não por obras da lei, nem por quaisquer outros meios imaginários de justificação, que o homem recebe o estado de justo que Deus outorga por Sua graça.[9] Quando se capta isto, pode-se ver que os homens não têm base para felicitar-se quando observam o meio de salvação; é *sola gratia, sola fide, soli Deo gloria* ("somente pela graça, somente pela fé, somente a Deus seja a glória").

Não obstante, embora seja fato que os homens são, neste sentido, justificados somente pela fé, "a fé que justifica não está só". Ela é, como Paulo diz em Gálatas 5:6, "a fé que atua pelo amor" — e a maneira exata como ela atua vem exposta com pormenores práticos nos capítulos 12 a 15 desta epístola. Mas isto pertence a um estágio posterior da argumentação. Por ora, o importante é salientar que é pela fé, e não pelo que/az, que o homem recebe a graça justificadora de Deus.

31. *Confirmamos a lei.*

Se Paulo se tivesse expressado em hebraico, teria usado o verbo *qiy-yem*. Este é o verbo usado na freqüente afirmação rabínica de que Abraão "cumpriu a lei". Paulo bem podia ter em mente essa afirmação, de modo que continua argumentando que Abraão de fato cumpriu ou "estabeleceu" (confirmou) a lei, mas, segundo o testemunho da Escritura, estabeleceu-a por meio do dom da justiça pela fé — dom que recebeu de Deus.

b. Um precedente do Velho Testamento (4:1-25).

Paulo **já tinha dito que** esta "justiça de Deus à parte da lei" é credenciada pela Lei e os Profetas — i. e., pelo Velho Testamento. É preciso demonstrá-lo agora, e Paulo se dispõe a fazê-lo baseando-se principalmente na história de Abraão, com uma olhada de relance na experiência de Davi.

De todos os justos de que fala o Velho Testamento, ninguém pôde sobrepujar Abraão — "Abraão, meu amigo", como lhe chama Deus em Isaías 41:8. O testemunho de Deus em favor de Abraão está registrado em Gênesis 26:5: "Abraão obedeceu à minha palavra, e guardou os meus mandamentos, os meus preceitos, os meus estatutos e as minhas leis". Então, que dizer de Abraão? Se são as obras praticadas pelo homem que o justificam diante de Deus, Abraão teria melhor possibilidade do que a maioria — e poderia candidatar-se a obter algum crédito por isso. Mas não é esse o meio divino. O meio divino está claramente indicado no registro de Gênesis 15:6: quando a promessa divina alcançou Abraão, a despeito da extrema impossibilidade do seu cumprimento por todas as considerações naturais, "ele creu no Senhor, e isso lhe foi imputado para justiça". Paulo já tinha usado esta afirmação como base de um argumento *ad hominem* às igrejas da Galácia, quando se dispunham a abandonar o princípio da fé pelo das obras da lei. Agora ele a emprega como texto de uma exposição mais sistemática do princípio da fé.

O fato de Deus aceitar a Abraão evidentemente não se baseava em suas obras, por boas que fossem. O

argumento de Paulo não é apenas textual e verbal, dependendo de uma escolha de Gênesis 15:6 em preferência a outros textos daqueles capítulos de Gênesis que podiam ter apontado para outra direção. Pois as boas obras praticadas por Abraão, sua obediência aos mandamentos divinos, eram fruto de sua incontestável fé em Deus. Se não tivesse crido primeiro nas promessas de Deus, nunca teria conduzido sua vida daí em diante à luz daquilo que sabia da vontade de Deus. Não. Quando Deus fez uma promessa a Abraão (cujo cumprimento, casualmente, enfeixava o Evangelho todo), ele simplesmente tomou Deus ao pé da letra, e agiu de acordo.

Agora, note a diferença, prossegue Paulo. Quando alguém trabalha por alguma recompensa, essa recompensa lhe cabe. Quando simplesmente põe sua confiança em Deus, é por pura graça que sua fé lhe é imputada para justiça.

Tampouco Abraão é um exemplo isolado do princípio da justificação pela fé. Outro caso do Velho Testamento está bem ao alcance, na experiência de Davi. Paulo agora cita as palavras iniciais do Salmo 32 em que o salmista, com jubiloso alívio pela certeza do perdão divino, exclama:

"Bem-aventurado aquele cuja iniqüidade é perdoada, cujo pecado é coberto.

Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não atribui iniqüidade."

Claramente, se vê aqui outra pessoa, de cujo pecado não se poderia duvidar, que, todavia, recebeu o perdão gratuito de Deus e que é declarada "sem culpa" diante do tribunal do Céu. E se examinarmos o restante do salmo para descobrir a base em que foi absolvido esse homem, veremos que ele simplesmente reconheceu sua culpa e recorreu com fé à misericórdia de Deus.

Retornando a Abraão, surge outra questão crucial. Que relação há — se é que há alguma — entre Abraão ser justificado pela fé e o rito da circuncisão? Para um judeu, este era um ponto de grande importância: a circuncisão era o sinal externo e visível da aliança de Deus com Abraão. Nenhum incircunciso podia pretender participar daquela aliança, de modo nenhum. Sustentava-se que a circuncisão dava aos judeus e aos gentios prosélitos'" direito a todos os privilégios da aliança, menos aos que, por voluntário repúdio aos mandamentos divinos, eram eliminados do povo da aliança. Portanto, pode-se imaginar um judeu replicando ao argumento de Paulo nesta passagem: "Admitindo-se que a fé que Abraão teve em Deus foi-lhe imputada para justiça, este princípio só se aplica a Abraão e aos seus descendentes circuncidados". Mas Paulo tem resposta pronta para isto. Qual era a condição de Abraão quando foi justificado pela fé? Era circunciso ou incircunciso? Só podia haver uma resposta: era incircunciso. A aliança da circuncisão não foi introduzida senão numa fase posterior da vida de Abraão (Gn 17:10ss.) — ao menos 14 anos mais tarde, segundo a cronologia de Gênesis." Quando afinal Abraão foi circuncidado, sua circuncisão foi apenas o selo externo daquele estado de justo que Deus lhe tinha conferido muito tempo antes, em virtude de sua fé. Fica mais que evidente que foi a fé, não a circuncisão, que Deus exigiu dele. Eis aí, pois, a esperança dos gentios: o caso de Abraão mostra que a questão de incircuncisão ou circuncisão é irrelevante para o estado do homem perante Deus.

Por conseguinte, Abraão é o verdadeiro pai de todos os que, como ele, crêem em Deus e levam a sério Sua palavra. É o pai dos crentes incir-cuncisos, pois ele próprio era incircunciso quando sua fé lhe foi imputada para justiça. É também o pai dos crentes circuncisos, não tanto com base na circuncisão deles, quanto com base em sua fé.

Se a circuncisão não tinha nada a ver com a justificação de Abraão por parte de Deus, com todas as bênçãos prometidas que a acompanharam, a lei tinha menos ainda a ver com isso. Pois, como Paulo indicara aos gálatas, a lei foi dada 430 anos depois da promessa feita por Deus a Abraão, e não podia invalidá-la, nem restringir seu escopo (Gl 3:17). Se, muito depois de ter sido feita, a promessa se tornasse condicionada à obediência a uma lei não mencionada nos seus termos originais, toda a base da promessa seria anulada. A promessa foi promessa de bênção, e se cumpre no Evangelho. A lei mosaica de fato profere uma bênção sobre os que a cumprem, mas ao mesmo tempo invoca maldição sobre aqueles que a quebram. E em vista do fracasso universal quanto a guardar a lei, a maldição é mais proeminente e mais relevante do que a bênção: *a lei suscita a ira* (versículo 15). Uma tendência pecaminosa na verdade pode estar presente na ausência de qualquer lei. Requer-se, porém, uma promulgação legal para cristalizar aquela tendência numa transgressão ou quebra positiva da lei. E para cada transgressão a lei fixa uma pena adequada. Isso é inerente ao princípio de retribuição inseparável da idéia de lei. A lei não necessita fixar prêmios para os que a guardam, mas necessariamente impõe penalidades para os que a que-brantam. Uma promessa graciosa como a que Deus fez a Abraão pertence a uma esfera totalmente diversa da esfera da lei.

Não. A justificação de Abraão e as bênçãos subordinadas fundavam-se em sua fé em Deus. Não foram ganhas por mérito ou esforço da parte dele (como seria se estivessem condicionadas à guarda da lei) mas, sim, dadas a ele pela graça de Deus. E o princípio sobre o qual Deus tratou assim de Abraão estende-se aos seus descendentes — não aos seus descendentes naturais como tais, pois estes se fizeram sujeitos às obrigações da lei, mas aos seus descendentes espirituais, que seguem o exemplo da fé própria de Abraão. Isto, diz Paulo, é o que Deus quis dizer quando lhe deu o nome de Abraão em lugar de Abrão, como se chamava antes, e disse: "por pai de numerosas nações te constituí". Estas abrangem todos — judeus e gentios igualmente — os que crêem em Deus. Abraão é o pai de todos os crentes.

Considere-se, também, a qualidade da fé que Abraão teve. Era fé no Deus que dá vida aos mortos, que chama as coisas não existentes como se existissem de fato — e ao agir assim, dá-lhes existência real. Quando Deus disse a Abraão que seus descendentes seriam numerosos como as estrelas, ele ainda não tinha filhos. Não só isso, mas tinha ultrapassado a idade em que razoavelmente um homem pode esperar vir a ser pai, e Sara, sua mulher, estava ainda mais seguramente além da fase da maternidade. Abraão não fechou os olhos para estas circunstâncias desfavoráveis. Levou-as todas em cuidadosa consideração. Mas quando pôs contra elas a promessa de Deus, viu que a certeza da capacidade e da vontade de Deus de cumprir Sua promessa sobrepujava todas elas. Não tendo nada em que apoiar-se senão a pura e simples palavra de Deus, ele confiou nela, face a todas as indicações adversas que o pressionavam de todos os lados. Na verdade, sua fé foi fortalecida pela própria força do obstáculo que jaziam em seu caminho. E sua fé ganhou-lhe o favor de Deus.

Agora, acrescenta Paulo, a afirmação de que a fé que Abraão teve lhe foi imputada para justiça não se aplica somente a Abraão. O princípio que encerra vale para todos os crentes em Deus, e especialmente para os crentes em Deus como revelado no Evangelho — o Deus que ressuscitou a Jesus dos mortos. Jesus fora entregue à morte por causa dos pecados do Seu povo; mas Deus O ressuscitou para que lhe proporcionasse sua justificação.

1. *Que, pois, diremos ter alcançado Abraão ...?*

A resposta, como Paulo continua a mostrar, é: "justificação mediante a fé, pela graça de Deus."

Abraão, nosso pai ("antepassado", RV, RSV) *segundo a carne.* Em vista do qualificativo (ver 1:3, 9:3, 5), "nosso" eqüivale a "de nós, judeus". Noutro sentido (4:lls., 16s.), Abraão é o pai de todos os crentes, quer judeus quer gentios de nascimento.

3. *Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça.*

Quanto a uma citação e adaptação anterior de Gênesis 15:6, ver Gálatas 3:6.

5. *Mas ao que* (…) *crê naquele que justifica ao ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça.*

Abraão não era ímpio; era um homem de notável piedade e justiça. Mas o princípio pelo qual Abraão foi justificado, sendo tal que exclui a idéia de acumular méritos por obras de piedade e justiça, é um princípio igualmente válido para os ímpios, que não têm obras dessa natureza em que confiar. Assim o coletor de impostos da parábola voltou para casa "justificado", e não o fariseu^ não porque seu mérito fosse maior (era in-

comparavelmente menor) mas porque, percebendo a futilidade da confiança em si mesmo, confiou-se inteiramente à graça de Deus (Lc 18:9ss.)- A descrição de Deus como Aquele "que justifica ao ímpio" é tão paradoxal como espantosa — para não dizer chocante. No Velho Testamento, a absolvição do culpado e a condenação do inocente são igual e repetidamente denunciadas como atos de juizes injustos. Na verdade, para a melhor orientação dos juizes na administração da justiça, o Deus de Israel se lhes oferece como exemplo. "Não justificarei o ímpio," diz Ele em Êxodo 23:7. Na versão da LXX, as palavras gregas usadas para comunicar o que Deus proíbe na lei são as mesmas que Paulo usa aqui para declarar o que Deus de fato faz no Evangelho. Não admira que tenha achado necessário sustentar acima que Deus, ao justificar pecadores, contudo preserva imaculado o Seu caráter. Uma vez justificados, na verdade os ímpios deixam de ser ímpios, mas não são justificados com base em qualquer forma de correção dos seus caminhos que se pudesse prever. Se deixamos de avaliar o problema de cunho moral envolvido na graça perdoadora de Deus, talvez seja porque "ainda não consideramos quão grave é o pecado".[n] A solução do paradoxo é dada em 5:6.

6. *Também* (…) *Davi.*

O Salmo 32 é atribuído a Davi nos títulos do TM e da LXX. Há um elo formal que liga 32:1, 2, passagem citada nos versículos 7,8, e Gênesis 15:6, citado no versículo 3, no sentido de que o verbo "imputar" é comum a ambas as passagens. Na exegese rabínica, esse elo serviu para incentivar a interpretação de uma

passagem pela outra, segundo o princípio chamado *gezerah shawah* ("categoria igual"). Paulo aqui emprega este princípio, mas o elo não é simplesmente formal: a não imputação de pecado, com que o salmista se regozija, importa em positiva imputação da justiça ou pronunciamento da absolvição, pois é impossível haver veredito de "sem provas" no tribunal de Deus.

11. O *sinal da circuncisão.*

Quer dizer, o sinal que consistia da circuncisão. A expressão "da circuncisão" representa no grego o "genitivo de definição". Em Gênesis 17:11 Deus diz a Abraão que a circuncisão é para marca ou "sinal de aliança entre mim e ti". A exegese de Paulo identifica esta aliança com a de Gênesis 15:18, na qual (pelo menos catorze anos antes de Abraão ter sido circuncidado) Deus mostrou a Abraão efetivamente como lhe imputou sua fé para justiça. Assim, a circuncisão é tratada como selo subseqüente e externo àquele estado de justo que Abraão já possuía como dom de Deus. Não produziu aquele estado de justo, nem lhe acrescentou nada.

13. *Que a Abraão* (...) *coube a promessa de ser herdeiro do mundo.*

Isto não é citação de alguma promessa a Abraão registrada, mas uma interpretação daquelas promessas que fazem referência a "todas as famílias da terra" (Gn 12:3) e a "todas as nações da terra" (Gn 18:18, 22:18). Ao se delimitar a herança de Abraão em termos geográficos, situa-se entre o Egito e o Eufrates (Gn 15:18; ver também 13:14s.), mas no sentido espiritual e permanente em que as promessas a ele feitas são interpretadas no Novo Testamento, sua herança não pode confinar-se a tais fronteiras terrenas (ver Hb 11:10, RV: "ele procurava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e construtor").

Ou a sua descendência. A promessa a Abraão em Gênesis 12:3, "em ti serão benditas todas as famílias da terra" repete-se em Gênesis 22:18 nesta forma: "nela" (em tua descendência) "serão benditas todas as nações da terra." Em Gálatas 3 Paulo junta as duas formas da promessa e mostra como a palavra "descendência" (ou "semente") na segunda forma, sendo um coletivo singular, pode referir-se primariamente a Cristo (versículo 16) e, por conseqüência, também ao povo de Cristo (versículo 29). O ponto de que trata aqui, qualquer que seja a forma da promessa que considerarmos, é no sentido de que sua validade não tem relação alguma com a lei (que veio séculos mais tarde, como consta em Gl 3:17), nem com a justiça que depende da guarda da lei.

14. *Se os da leiê que são os herdeiros, anula-se a fé.*

Porque a herança prometida a Abraão passaria a depender então de um novo princípio, dependente das obras e não da fé.

E cancela-se a promessa. Porque se o seu cumprimento depende da guarda da lei, o fato de os homens serem incapazes de guardar a lei assegurará que a promessa de fato jamais será cumprida.

15. *Porque a lei suscita a ira.*

Isto é, a lei inevitavelmente impõe penas pelo fracasso em guardá-la.

Mas onde não há lei, também não há transgressão. Aqui, como em 5:13 ("o pecado não é levado em conta quando não há lei"), Paulo parece estar enunciando uma conhecida máxima legal (como a máxima romana: *nulla poena sine lege).*

16. *Essa é a razão por que provém da fé, para que seja segundo a graça.* Concisa afirmação do princípio de que aquilo que Deus dá por Sua livre graça, pode ser apropriado pelos homens somente mediante a fé. Ao contrário, o que é obtido pelas obras (não pela fé) é dado por questão de mérito (não de graça).

17. *Por pai de muitas nações te constituí.*

Em Gênesis 17:5, o hebraico diz literalmente: "Fiz de ti *pai de uma multidão ('ab hamon)* de nações", onde a primeira parte de *hamon* ("multidão") está ligada à última sílaba do novo nome, *Abraão* ('abhraham).

Perante aquele no qual creu. Estas palavras estão logicamente ligadas à frase do versículo 16 que diz: "a fim de que seja firme a promessa para toda a descendência" — i. e., "a fim de que a promessa seja válida para toda a posteridade espiritual de Abraão (quer judeus quer gentios por nascimento natural) diante de Deus, em quem Abraão pôs sua confiança".

O Deus que vivifica os mortos. Esta é a designação geral de Deus na devoção judaica, mas aqui é usada com especial referência ao "seu próprio corpo" (de Abraão) "amortecido (…) e à idade avançada de Sara" (versículo 19).

E chama à existência as cousas que não existem. (AV: "E chama aquelas coisas que não são como se fossem.") A referência aqui é às "muitas nações" que descenderam de Abraão. Não somente não existiam ainda, mas (visto que Abraão e Sara já tinham atingido avançada idade, sem filhos), nada parecia menos provável do que virem elas a existir algum dia.

18. *Assim será a tua descendência.*

Citação de Gênesis 15:5, onde Deus diz a Abraão (embora este ainda não tivesse filhos) que os seus descendentes serão inumeráveis como as estrelas.

19. *Embora levasse em conta o seu próprio corpo amortecido.*

(AV: "Não levou em conta seu próprio corpo amortecido." A palavra "não" deve ser omitida como texto tardio e inferior.) A questão é que Abraão de fato *levou* em conta todos os fatores importantes, incluindo sua avançada idade e a alta dose de improbabilidade — por todos os critérios naturais de avaliação — de que viesse a ter um filho agora, quando seu corpo estava "amortecido" (assim o mesmo particípio, *nenekrômenos,* é traduzido em Hb 11:12, com respeito a esta mesma situação). Todavia, havendo considerado estes fatores todos, concluiu que a certeza da promessa divina sobrepujava toda e qualquer improbabilidade natural.

25. *O qual foi entregue por causa das nossas transgressões.*

Ê possível que isto seja uma citação de alguma primitiva confissão de fé. A linguagem parece basear-se em Isaías 53. O verbo "entregar-se" neste sentido *(paradidômi)* ocorre duas vezes na versão que a LXX apresenta daquele capítulo: em Isaías 53:6 "o Senhor o entregou (o Servo Sofredor) por nossos pecados", e em Isaías 53:12 "por causa dos pecados deles, ele (o Servo) foi entregue". (Esta última sentença desvia-se consideravelmente do texto hebraico: "e pelos transgressores intercedeu". Ver a nota sobre **8:34,** p. 146.) E^ste emprego do verbo com relação a Jesus ser entregue à morte sugere que quando é empregado em 1 Coríntios 11:23, na narrativa que Paulo faz da instituição da eucaristia, o sentido não é bem como o dado por AV e AA: "na noite em que foi traído" (a saber, por Judas), mas, antes, "em que foi entregue" (a saber, por Deus).

Também se pode estabelecer uma analogia entre esta frase e o Tar-gum de Jonatã sobre Isaías 53:5, em que achamos uma frase em ara-maiço *('thmesar ba'awayathana)* que, isoladamente, poderia ser traduzida "ele foi entregue por nossas iniqüidades". Contudo, no Targum não é o Messias-Servo que é o sujeito da sentença, e, sim, o templo: O Messias-Servo "edificará o santuário que foi profanado por nossas transgressões e entregue por nossas iniqüidades".

E ressuscitou por causa da nossa justificação. A preposição "por" (AV) em ambas as frases traduz *dia* ("por causa de", como diz AA). Cristo foi "entregue" para expiar os pecados do Seu povo e foi ressuscitado pelo poder divino para garantir a sua justificação. (Longe de nós interpretar as duas frases grosseiramente, sugerindo que a ressurreição de Cristo nada tem a ver com a expiação dos pecados do Seu povo e que Sua morte nada tem a ver com a sua justificação. Esta idéia é eliminada por 5:9.)

c. As **bênçãos que acompanham a justificação: paz, alegria, esperança (5:1-11).**

Tendo exposto o meio usado por Deus para justificar os pecadores, e tendo estabelecido isto com base no precedente veterotestamentário, Paulo agora enumera as bênçãos que se acumulam para aqueles cuja fé lhes foi imputada para justiça. A primeira delas é paz com Deus. Homens e mulheres anteriormente em estado de rebelião contra Ele, agora estão reconciliados com Ele pela morte de Cristo. Como Paulo diz noutra epístola, o propósito de Deus era reconciliar "consigo mesmo todas as cousas" mas, preeminentemente, era reconciliar consigo aqueles que eram "estranhos e inimigos" dele "no entendimento" — ou "no coração" (Cl 1:20-22). E que de fato a morte de Cristo *realizou* esta reconciliação é matéria de nítida experiência nas vidas de sucessivas gerações de crentes. A reconciliação é algo que Deus já efetuou mediante a morte de Cristo, e os homens são convidados a aceitá-la, a desfrutá-la, para estar em paz com Deus.

Esta paz traz consigo livre acesso a Deus. Os ex-rebeldes não são apenas perdoados no sentido de que sua merecida punição recebeu indulto, mas são colocados num lugar em que desfrutam de alto favor de Deus — "esta graça na qual estamos firmes". É mediante Cristo que eles entraram neste estado de graça, e é também por meio dele que se alegram "na esperança da glória de Deus". Paz e alegria são bênçãos gêmeas do Evangelho. Nas palavras de um velho pregador escocês, "paz é alegria em repouso; alegria é paz a dançar".

Três objetos da alegria são mencionados neste parágrafo. O primeiro é nossa esperança da glória de Deus. Acerca desta glória vindoura haverá mais coisas para considerar quando chegarmos ao capítulo 8. Mas a glória de Deus é o fim para o qual Ele criou o homem, e é por meio da obra redentora de Cristo que este fim

será atingido. Enquanto Seu povo permanecer em corpos mortais, ela continuará sendo uma *esperança*. Mas é uma esperança segura, uma esperança em que há certeza de cumprimento, porque os que a nutrem já receberam a garantia da sua realização no dom do Espírito Santo, que enche os seus corações do amor de Deus.

O segundo objeto da alegria é inesperado: "também nos gloriamos nas próprias tribulaçôes" (versículo 3). Se isto nos parece estranho, lembremo-nos de que no Novo Testamento as aflições são vistas como a experiência normal do cristão. Os apóstolos exortavam os conversos "mostrando que, através de muitas tribulaçôes, nos importa entrar no reino de Deus" (At 14:22). E quando a tribulação os acompanhava, como normalmente sucedia, não podiam queixar-se de que não foram prevenidos. Mas as aflições e tribulaçôes não eram somente consideradas como um traço inevitável da sorte do cristão. Eram vistas como uma característica do verdadeiro cristianismo: eram um sinal de que Deus considerava os que as suportavam como dignos do Seu reino (ver 2 Ts 1:5). Além disso, produziam efeito moral salutar naqueles que as sofriam, pois os ajudavam a cultivar caráter paciente e constante, e quando essa paciência e essa constância estavam ligadas à fé cristã, a esperança cristã era ainda mais incentivada.

Acima de tudo, os crentes aprendiam a regozijar-se no próprio Deus (versículo 11). A esperança da glória era uma jubilosa esperança, e os que a conheciam porque sofriam provações e perseguições podiam alegrar-se no meio dos seus problemas, e até mesmo por causa deles. Mas nenhuma alegria é comparável à alegria que se acha em Deus mesmo — a alegria daqueles que fazem ecoar as palavras do salmista: "Deus (...) é a minha grande alegria" (Sl 43:4).

E por que não alegrar-se em Deus? Seu povo foi reconciliado com Ele pela morte de Cristo, e experimenta diária libertação do mal mediante a vida do Cristo ressurreto, enquanto que o fim para o qual olha confiante não é mais o derramamento da ira divina, mas o desvendar da glória divina. E dà primeira à última, atribui suas bênçãos ao amor de Deus. Foi por causa desse amor que Cristo entregou Sua vida pelos Seus enquanto estes eram fracos, pecadores e completamente destituídos de atrativos. O amor votado por homens e mulheres levá-los-á a morrerem por aqueles que são objetos naturais desse amor, não porém por aqueles que não são amados nem atraem o seu amor. Contudo, aí é que o amor de Deus brilha com a maior refulgência: Deus confirma *Seu* amor por nós no fato de que Cristo morreu por nós quando estávamos ainda em estado de rebelião contra Ele. Tão completa é a união do Pai e do Filho, que o sacrifício de um pode ser apresentado como prova do amor do outro. Na verdade, no Novo Testamento inteiro a morte de Cristo é a manifestação suprema do amor de Deus: "Nisto consiste o amor", diz João, "não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou, e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados" (1 Jo 4:10). Que perversão do caráter divino perpetram aqueles que às vezes falam como se Cristo tivesse morrido pelos homens para fazer com que Deus os amasse! Aqui e em toda parte se ensina que a morte de Cristo produziu mudança na relação entre Deus e o homem. Mas mudança nenhuma estava envolvida na realidade do amor de Deus.

Então, alegria, paz e esperança — fruto do Espírito — marcam a vida daqueles que foram justificados pela fé em Deus. Cancelou-se o réu culposo do passado, assegura-se a glória do futuro, e aqui e agora a presença e o poder do Espírito de Deus asseguram ao cristão toda a graça de que necessita para suportar a provação, resistir ao mal, e a viver como convém a alguém que Deus declarou justo.

1. *Temos paz com Deus.*

(Assim AV, RVmg., RSV, AAmg.; ver NEBmg.). RV, RSVmg, e A A dizem: "tenhamos paz com Deus". A questão é qual das duas formas devemos seguir — o indicativo *echomen* ("temos") ou o subjuntivo *echõmen* ("tenhamos"). Ambas estão bem documentadas, mas é mais forte a documentação em favor do subjuntivo (que aparece em primeira mão não somente nos códices alexandrinos *Aleph* e B, mas também no códice D e na Versão Latina) do que em favor do indicativo (para o qual o texto de *Aleph* e B foi corrigido por anotação posterior e que aparece no códice ocidental G). A variação da redação pode retroceder a um primitivo estágio da transmissão do texto, anterior à publicação do *Corpus Paulinum* (ver pp. 23s.). A substituição de uma forma pela outra seria facilitada pelo fato de que, com um acento tônico forte na primeira sílaba (como no grego moderno), a distinção entre a vogai longa e a breve na segunda sílaba tende a desaparecer, de modo que as duas formas teriam pronúncia quase idêntica. No curso do ditado, portanto, quem ditava podia pretender uma forma e o escriba escrever outra.[13] Não pode haver dúvida de que "temos paz com Deus" cabe melhor no argumento de Paulo (ver vesículo 11, RV: "recebemos agora a reconciliação"; AA: "acabamos agora de receber a reconciliação). Todavia, em vista da evidência textual, podemos aceitar o subjuntivo se o

entendemos no sentido dado por NEB: "continuemos em paz com Deus."[14]

2. *Por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes.*

RVmg., RSV e NEB omitem "pela fé", ausente de certo número de antigas autoridades orientais e ocidentais. Mesmo que não esteja explícita esta expressão, está implícita (ver 11:20, "mediante a fé estás firme"). Ver também Efésios 2:18: "por ele, ambos (tanto os crentes judeus como os crentes gentios) temos acesso ao Pai em um Espírito." "Acesso" denota o privilégio de aproximar-se ou ser introduzido à presença de alguém de alta posição, especialmente uma personagem real ou divina. Aqui Cristo é visto como introduzindo os crentes em seu novo estado de graça e de aceitação diante de Deus (ver Ef 3:12).

E nos gloriamos na esperança da glória de Deus, glória da qual fomos destituídos pelo pecado (3:23). O verbo "gloriar-se" aqui e no versículo 3, em sua forma *kauchõmetha,* pode ser indicativo ("nos gloriamos") ou subjuntivo ("gloriemo-nos").

5. *A esperança não confunde.*

AV: "não envergonha". Ver Isaías 28:16, LXX (citado em 9:33, 10:11): "Todo aquele que nele crê não será envergonhado." Uma esperança que não se realiza deixa envergonhada a pessoa, mas a que se baseia na promessa de Deus tem seu cumprimento garantido.

O amor de Deus (i. e., o amor que Deus nos tem) *é. derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado.* Esta referência à obra do Espírito Santo no crente antecipa o relato mais completo dado no capítulo 8. A presente obra do Espírito é o penhor daquela glória pela qual o crente espera.

6. *A seu tempo.*

Isto ê, no tempo da maior necessidade, quando nada senão Sua morte poderia ajudar.

Cristo morreu pelos ímpios. Isto explica o paradoxo de 4:5, de que Deus "justifica ao ímpio".

7, 8. *Poderá ser que por um bom alguém se anime a morrer. Mas* (…) *enquanto éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós* (AV).

"Um bom homem" é literalmente "o bom homem" (RV, AA), onde o artigo definido indica um tipo particular de homem. Há pouca distinção entre "justo" e "bom" neste versículo. "Bom" traduz *agathos,* e não *chrêstos* ("bondoso"). Alguns preferem entender "bom" como neutro aqui, como se se referisse a uma boa causa em vez de a um bom homem. O argumento geral de Paulo é bem claro: "mesmo por alguém que é justo ou bom, dificilmente você acharia alguém disposto a dar a vida — bem, pode ser que algumas pessoas chegassem ao ponto de fazer isso — mas o amor de Deus se vê em Cristo *âarSua* vida por aqueles que não eram nem justos nem bons, senão ímpios pecadores."

9. *Sendo justificados pelo seu sangue.*

Seu "sangue", como em 3:25, indica a entrega de Sua vida como sacrifício; "pelo seu sangue" aqui é sinônimo de "mediante a morte do seu Filho" no versículo 10. *Seremos por ele salvos da ira.* Ver 1 Tessalonicenses 1:10, onde Jesus é chamado "nosso Libertador da ira vindoura" (AA: "Jesus, que nos livra da ira vindoura"). Em ambas as passagens é provável que se tenha em vista a manifestação do juízo do fim dos tempos. Ver também 1 Tessalonicenses 5:9: "Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo." Os que foram declarados justos por Deus podem já alegrar-se por sua libertação da ira divina.

10. *Nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho.*

Ver Colossenses l:21s.: "E a vós outros também que outrora éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas, agora, porém, vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte." A hostilidade e a alienação que precisam ser removidas estão no homem, não em Deus. É Ele que toma a iniciativa, com boa vontade, providenciando "a redenção que é em Cristo Jesus".

Muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida. Esta afirmação reaparece expandida em 6:18ss. "Sua vida" é a vida da Sua ressurreição.

11. *Por intermédio de quem acabamos agora de receber a reconciliação.* AV: "Por quem recebemos agora a reconciliação" — "atonement", expiação. Aqui "atonement" é usado em seu sentido etimológico de "at-one-ment", tornar "em um", i. e., unir, reconciliar. Tyndale parece ter sido o primeiro a empregar "atonement" neste sentido teológico. Mas esta palavra inglesa não tem mais este sentido. Portanto, traduza-se "reconciliação" (com RV, RSV e NEB), que é o equivalente próprio de *katallage.* Onde se menciona a reconciliação no Novo Testamento, Deus ou Cristo é sempre o Reconciliador, e o homem é o

objeto (ou está entre os objetos) da reconciliação. Deus "nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo", e os homens são solicitados a que se reconciliem "com Deus" (2 Co 5:18, 20). A situação pode ser comparada com a de um rei a proclamar anistia para súditos rebeldes, instados a aceitarem seu perdão gratuito enquanto lhes é estendido. A aversão de Deus pelo pecado não O torna inimigo dos pecadores nem O leva a procurar o seu mal. Seu desejo é "que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade" (lTm 2:4).

d. A velha e **a nova solidariedade (5:12-21).**

A representação de Cristo como o "último Adão", em contrapartida ao "primeiro Adão", é traço proeminente da cristologia de Paulo. Ela não lhe é peculiar dentre os escritores do Novo Testamento, e talvez não tenha sido produzida originariamente por ele, mas ele a desenvolve mais completamente do que qualquer outro, principalmente nesta seção de Romanos e em sua discussão da ressurreição em 1 Coríntios 15:22, 45-49.

A idéia do homem de Deus como aquele que cumpre o propósito de Deus é freqüente no Velho Testamento. Ê "o homem da tua mão direita, (...) o filho do homem que tornaste forte para ti", por cuja prosperidade e vitória se oferece oração no Salmo 80:17. Quando um homem falha na realização do propósito de Deus (como, de um modo ou de outro, todos fazem), Deus levanta outro para tomar-lhe o lugar — Josué para substituir Moisés, Davi para substituir Saul, Eliseu para substituir Elias. Mas quem poderia tomar o lugar de *Adão?* Somente alguém que fosse capaz de desfazer os efeitos do pecado de Adão e de se fazer o iniciador de uma nova humanidade. A Bíblia — como também, na verdade, a história do mundo — sabe de um único homem que possui as necessárias qualificações. Cristo (na tradução que Carlyle fez do hino de Lutero) se destaca como "o Homem Exato por Deus oferecido."

E aos que Ele colocou em reta relação com Deus, a velha solidariedade do pecado e da morte, que tinham por sua associação com o primeiro Adão, abriu passo para uma nova solidariedade: a da justiça e da vida, pela associação com o "último Adão".

Paulo arremata seu argumento até aqui traçando um paralelo e uma antítese entre Adão e Cristo. Para ele, Adão é uma "figura" — contrapartida ou tipo — de Cristo. Como a morte entrou no mundo por meio da desobediência de Adão, assim a nova vida entra por meio da obediência de Cristo. Como o pecado de Adão envolve em culpa sua descendência, assim a justiça de Cristo é creditada em favor do Seu povo.

Para o apóstolo, Adão era sem dúvida um indivíduo histórico, o primeiro homem. Mas era mais: era o que seu nome significa em hebraico — "humanidade". A humanidade inteira é vista como tendo originalmente pecado em Adão. Na narrativa da queda, em Gênesis 3, "toda a história humana está comprimida". Seus incidentes são reeditados na vida da raça e, na verdade, em alguma extensão, na vida de cada membro da raça.

Paulo era inteiramente versado no conceito hebraico de personalidade corporificada e seu pensamento podia facilmente oscilar, por um lado, entre o primeiro Adão e a humanidade pecadora, e por outro lado, entre Cristo, "o segundo homem", e a comunidade dos redimidos. E com muita propriedade o faz. Nossa solidariedade com os nossos semelhantes é uma realidade que tendemos a negligenciar na afirmação da nossa independência individual. "Nenhum homem é uma ilha, completa em si mesma; todo homem é um pedaço do continente, uma parte do todo. Se um bloco de terra é arrastado pelas águas, o território fica diminuído, seja a Europa, ou um promontório ou a fazenda dos teus amigos. A morte de cada ser humano *me* diminui, porque estou envolvido na humanidade. Portanto, nunca mande perguntar por quem os sinos dobram: dobram por ti." As palavras de John Donne, muitas vezes citadas, expressam uma verdade permanente. Porque vivemos em corpos separados, in-clinamo-nos a pensar que todos os outros aspectos da nossa personalidade são igualmente separados e encerrados em si, mas não é assim. Contudo, aqui se distinguem duas espécies diferentes de solidariedade. Uma nova criação veio à luz: a velha "solidariedade com Adão" no pecado e na morte rompeu-se para ser substituída pela nova "solidariedade em Cristo" na graça e na vida. Todavia, o rompimento não se dá por um corte nítido e bem delineado. No presente, há um envoltório cobrindo ambas. "Assim como em Adão todos morrem" aplica-se, na esfera física, aos crentes, do mesmo modo como "assim em Cristo todos viverão" se lhes aplica, enquajito durar esta vida mortal. Mas aqui e agora eles têm, de fato, a segurança de que, porquanto estão "em Cristo", "viverão" verdadeiramente porque aqui e agora, mediante a fé nele, receberam de Deus aquela justificação que traz a vida como seu séquito. "Diante de Deus", dizia Thomas Goodwin que, no século dezessete, foi presidente do 'Magdalen College', em Oxford, "há dois homens — Adão e Jesus Cristo — e todos os outros homens estão pendurados nos cinturões deles dois."

A obediência de Cristo à qual o Seu povo deve sua justificação e sua esperança da vida eterna não deve

ser tida como limitada à Sua morte. Sua morte é vista aqui como coroa e ponto culminante daquela "obediência ativa" que caracterizou Sua vida durante todo o seu transcurso. Foi uma vida perfeitamente justa que Ele entregou à morte para o bem do Seu povo. A vida justa, em si, não teria satisfeito à necessidade humana, se não tivesse levado sua obediência até o ponto de sofrer a morte "e morte de cruz". Mas nem Sua morte teria satisfeito à necessidade humana, se a vida que Ele ofereceu não fosse perfeita. A linguagem empregada por Paulo aqui é um eco das palavras do "Cântico do Servo": "o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos (lit., "fará justos a muitos"), porque as iniqüidades deles levará sobre si" (Is 53:11).

Assim, se à queda de Adão colocou toda a sua posteridade sob o domínio da morte, a obediência de Cristo introduziu triunfalmente uma nova raça nos domínios da graça e da vida.

"Mas", dirá alguém, "em toda essa discussão acerca de Adão e Cristo, você não se esqueceu de Moisés? Onde é que ele entra? Não é certo que a introdução da lei entre Adão e Cristo significa que existem três eras, inauguradas respectivamente por Adão, Moisés e Cristo, e não apenas duas, inauguradas respectivamente por Adão e Cristo?"

"Não", diz Paulo. "A lei não tem significação permanente na história da redenção. Ela foi introduzida como medida temporária para um propósito prático. O pecado esteve presente no mundo desde a queda de Adão, mas o propósito da lei era trazer o pecado à plena luz do dia, para que o pecado pudesse ser reconhecido mais claramente por aquilo que realmente é. Mais que isso: a lei de fato tinha como efeito o aumento do volume do pecado abertamente praticado no mundo. Não é apenas que na presença de leis específicas o pecado toma a forma de transgressões específicas daquelas leis; a presença da lei pode estimular positivamente o pecado, como uma proibição pode tentar as pessoas a fazerem o que é proibido, ao passo que podia ser que nunca tivessem pensado em fazê-lo se a sua atenção não fosse chamada para a ordem de proibição." Paulo aqui demonstra segura compreensão da natureza humana. Há algo substancialmente real na história da velha senhora que se opunha à recitação dos Dez Mandamentos na igreja "porque põem idéias demais na cabeça da gente".

Mas a lei não introduziu nenhum novo princípio na situação. Ela simplesmente revelou mais completamente o princípio do pecado que já estava presente. O Evangelho, por outro lado, introduziu um princípio totalmente novo — o princípio da graça de Deus. Por mais depressa que a operação da lei estimule o pecado e o faça crescer, mais depressa ainda a graça de Deus cresce e tira a carga do pecado acumulada.[1S]

12. *Assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte.*

Este "um só homem" é Adão. A referência é à narrativa da queda em Gênesis 3. Ver Sabedoria 2:23s.:

"Deus criou o homem para a incorrupção,
e o fez à imagem da sua eternidade,
mas pela inveja do diabo a morte entrou no mundo
e os que pertencem ao partido dele a experimentam."

A mesma tecla é tocada pelo brado registrado em 2Esdras 7:118: "Ó Adão, que fizeste? Pois embora sejas tu quem pecou, a queda não foi só tua, mas também nossa, que somos teus descendentes." Caracteristicamente, Ben Sirac tira uma lição moral misógina da narrativa: "O pecado começou com uma mulher, e por causa dela todos morremos" (Eclesiástico 25:24; ver p. 122). Entretanto, nenhum desses escritores vê coisa alguma da significação mais profunda da queda do homem agora desvendada por Paulo.

A morte passou a todos os homens porque todos pecaram. Traduza-se, com RSV: "e assim a morte se espalhou a todos os homens porque todos os homens pecaram" — pecaram, quer dizer, em Adão, e não subseqüentemente, imitando o pecado de Adão, que é o sentido das palavras de Romanos 3:23 (e confira o versículo 14, abaixo).[16] A construção e o pensamento subjacente têm paralelo em 2 Coríntios 5:14 (RSV): "Um morreu por todos, logo todos morreram" — onde, contudo, está o efeito racial da morte de Cristo, não do pecado de Adão, que Paulo tem em vista. Não é simplesmente porque Adão é o ancestral da humanidade que se diz que todos pecaram no pecado dele (doutra forma, poder-se-ia argumentar que, uma vez que Abraão creu em Deus, todos os seus descendentes estão automaticamente envolvidos em sua fé[17]); é porque Adão *é* a humanidade. Embora a tradução da Vulgata de "porque" (grego *eph'hõ)* por "em quem" (latim *in quo)* possa ser uma tradução errônea, é interpretação certa.[18]

Paulo não conclui sua sentença com o termo "assim" para combinar com a expressão "assim como" do versículo 12. Sua referência à morte como propagada a todos os homens por causa do pecado, leva-o a in-

troduzir o longo parêntese dos versículos **13-17,** e quando termina, em vez de entrar com a frase principal esperada pelo leitor, repete a expressão "assim como" do versículo 12 com palavras diferentes no versículo 18, e põe em seguida à nova expressão "assim como" a expressão "assim também", para contrabalançar. Uma apódose em termos correlativos à expressão "assim como" do versículo 12 poderia ser verbalizada mais ou menos assim: "assim também por um só homem o meio de justiça de Deus foi introduzido, e pela justiça a vida."

13. *Até ao regime da lei havia pecado no mundo.*

Uma vez que o pecado conseguiu entrada na família humana, seguiu-se a morte. A sentença passada contra Adão, "no dia em que dela co-meres, certamente morrerás" (Gn 2:17), foi executada em seus descendentes, embora — enquanto não foi dada a lei — não houvesse um mandamento positivo a ser transgredido, como havia para Adão.

Mas o *pecado não é levado em conta quando não há lei.* (Ver **4:15)** Apesar disso, o pecado penetrava tudo, e tinha efeito mortal, mesmo na ausência de qualquer mandamento positivo incluindo penalidade. O pecado se manifesta na forma de transgressões específicas quando há mandamentos específicos sujeitos a serem transgredidos. A tradição judaica tardia considerava os mandamentos dados a Noé em Gênesis 9:1-7 como leis obrigatórias para todos os gentios, mas não sabemos se Paulo era dessa opinião.

14. O *qualprefigurava aquele que havia de vir.*

Isto é, Adão, o primeiro homem, é uma contrapartida ou "tipo" *(tupos)* de Cristo, que Paulo alhures chama de "o último Adão" e "o segundo homem" (1 Co 15:45, 47). É notável que o único personagem do Velho Testamento a ser chamado explicitamente de "tipo" de Cristo no Novo Testamento é Adão.[19] E essa conexão é pertinente, ainda que a relação tipológica entre eles seja de contraste antes que de semelhança: no pensamento de Paulo, Cristo substitui o primeiro homem como o arquétipo e representante de uma nova humanidade:

15. *Se pela ofensa de um só, morreram muitos, muito mais a graça de Deus* (…) *foi abundante sobre muitos.*

Por "muitos" a RV acertadamente traduz "os muitos" em ambas as frases (ver versículo 19), "os muitos" sendo a grande massa da humanidade (como o duplo "todos" em 1 Co 15:22). Ver também **11:32** (pp. 180s.). Uma inferência natural destas palavras é "que a graça obtida por Cristo pertence a maior número de pessoas do que a condenação contraída pelo primeiro homem". Esta colocação é de Calvino — a qual pode surpreender aqueles que imaginam que ele divisava os eleitos como constituindo uma pequena minoria. Calvino de fato sabia de alguns que viam os eleitos como minoria e que, por conseguinte, argumentavam que Paulo estava aqui "meramente debatendo um ponto", e achou que não havia como reprovar o argumento deles. Contudo, o raciocínio pessoal de Calvino foi "que, se a queda de Adão teve como efeito produzir a ruína de muitos, a graça de Deus é muito mais eficaz no benefício feito a muitos, desde que Cristo é, reconhecidamente, muito mais poderoso para salvar do que Adão o era para arruinar."

Na afirmação de que a graça de Deus foi mais abundante para "os muitos" (RV), a expressão "os muitos" é provavelmente um eco deliberado de Isaías 53:11, onde o Servo do Senhor justifica "os muitos" (TM, LXX). Daí "os muitos" também se usa a modo de equilíbrio, na primeira parte do versículo, com referência àqueles que morreram em Adão. Compare-se também com a dupla ocorrência de "os muitos" no versículo 19 (RV), onde "por meio da obediência de um só muitos se tornarão justos" é ainda com maior clareza uma repetição de Isaías 53:11.[20]

16. *O dom, entretanto, não é como no caso em que somente um pecou.*(...)

O livre dom não está na mesma escala em que está o efeito do pecado de Adão. Pela ação de um pecador, passou-se sentença de condenação. Mas o livre dom, dado depois de muitas repetições do primeiro pecado, tem origem na inversão que Deus faz do julgamento adverso e Sua concessão de um estado justo a muitos pecadores.

17. *O dom da justiça,* i. e., o dom da justificação, da justiça que Deus confere aos crentes.

Reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo. Quando reina a morte, os homens são suas desamparadas vítimas; quando Cristo reina, os homens partilham da vida da Sua ressurreição e da glória da Sua realeza (ver 8:17).

18. *Por uma só ofensa* (…) *por um só ato de justiça.*

(AV: "Pela ofensa de um (...) pelajustiçadeum.") RV faz tradução parecida com a de AA: "por um

delito (...) porum ato de justiça." Isso é gramaticalmente permissível, como o é a tradução de AV, mas esta faz melhor paralelo com o versículo 19: "pela desobediência de um só homem (…) por meio da obediência de um só." A "justiça de um" é estritamente o "ato de justiça de um" *(dikaiõma,*[21] com sentido diferente daquele que tem no versículo 16), como contrastado com o "ato de transgressão (ou ofensa) de um". O "ato de justiça" é o ato de coroamento da obediência de Cristo durante toda a Sua vida (versículo 19), quando Ele entregou Sua vida.

Para a justificação que dá vida. Visto que Paulo empregou *dikaiõma* nesta sentença com o sentido de "ato de justiça", não o volta a empregar (como o fez no versículo 16) no sentido de "justificação", mas emprega *dikaiõsis,* que já tinha usado neste sentido em 4:25. "Justificação da vida" (AV) é justificação que leva à vida (ver AA) exatamente como a condenação leva à morte.

19. *Como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim também por meio da obediência de um só muitos se tor narão justos.*

Em lugar de "muitos" leia-se "os muitos" (como se lê em RV e NEB); ver versículo 15. "Õ doce permuta, ó inescrutável criação, ó benefícios não procurados, que o pecado de muitos seja posto fora do alcance da vista e seja lançado sobre um Homem Justo, e a justiça de um justifique muitos pecadores!" *{Epístola a Diogneto* IX. 5). Sua obediência conseguiu mais do que Abraão jamais poderia ter conseguido; por Sua paixão e triunfo, conquistou o direito e o poder de fazer bater em retirada as forças cósmicas hostis — de "restabelecer a situação cósmica", como o coloca C. K. Barrett[22] — e assegurar ao Seu povo participação em Sua vitória.

20. *Sobreveio a lei (pareiserchomai,* "juntou-se a", RV; "introduziu-se neste processo", NEB) *para que avultasse a ofensa.* Ver Gálatas 3:17: "Qual, pois, a razão de ser da lei? Foi adicionada por causa das transgressões ("para tornar o delito em ofensa legal", NEB), até que viesse o descendente ("a semente", AV) a quem se fez a promessa." Neste sentido a lei é uma dispensação parentetica no transcurso dos procedimentos de Deus para com a humanidade.

Notas

1. Horácio, *Ars Poética,* 191.
2. Devo a citação de Lutero a T. R. Glover, *Jesus in the Experience ofMen* (1921), p.72.
3. 3. VerE. K. Simpson, *Words Worth Weighingin the Greek New Testament* (1946), p. 8s. Na LXX este vocábulo e seus cognatos são usados muitas vezes referindo-se à redenção feita por alguém que está especialmente obrigado a fazê-lo devido a seu parentesco ou a alguma relação semelhante, com a pessoa redimida — redenção feita por um *go 'ei,* para usar a palavra hebraica (e. g., Lv 25:47-49).
4. Apostas(porepexegese. aposição). N. do Tradutor.
5. Ver C. H. Dodd, *ad loc.;* também em *The Bible and lhe Gn-eks* (1935), p. 82ss.; para a defesa da tradução "propiciação", ver L. Morris, *The Apostolic Preaching of lhe Cross* (1955), p.l25ss.
6. Ver a *Nova Tradução* de J. N. Darby: "a quem Deus propôs um assento da misericórdia." Para ver um forte argumento em favor desta interpretação, consultar T. W. Manson, "Hilastêrion", *JTS,* XLVI (1945), p. lss. Ver também E. K. Simpson. *Words Worth Weighing in the Greek New Teslament,* p. lOss.; W. D. Davies, *Paul and Rabbink Judaism* (1948), p. 237ss. Contra esta interpretação, ver G. A. Deissmann, *Encychpaedia Bíblica,* 111(1902), eols. 3033-3035 (s. y. "Mercy Seat").
7. R. St. J. Parry *(Cambridge Greek Testament,* 1912, *adloc.)* traduz assim a frase de Paulo: "justo até quando justifica aquele que tem fé em Jesus". R. V. G. Tasker aprova esta tradução porque expõe a tensão entre a justiça e a misericórdia de Deus envolvida no mistério da expiação ("The Doctrine of Justification by Faith in the Epistle to the Romans",*EQ,* XXIV, 1952, p. 37ss, principalmente p. 43s.).
8. "So halten wir nun dafür, dass der Mensch gerecht werde ohne des Gesetzes Werke, allein durch den Glauben." Um uso de "fé" paralelo a este — com o sentido de "fé somente" — é fornecido por Diógenes Laércio em W, Bauer, *Griechisch-Deutsches Worterbuchzu den Schriften des NTs$*(Berlim, 1958), s. *v.pistis.*
9. Ver a tradução de RVmg. e NEB em G12:16: *"mas somente* mediante a fé em Jesus Cristo". Ver p. 35 n. 17.
10. Mesmo os prosélitos. que podiam considerar-se filhos adotivos de Abraão, não tinham permissão de chamar-lhe "nosso pai"; na liturgia da sinagoga eles chamavam os patriarcas de *"seus* pais", ao passo que os judeus de nascimento lhes chamavam *"nossos* pais".

11.Treze anos depois do nascimento de Ismael (Gn 17:25; comparar 17:1. 24 com 16:16). E a seqüência da narrativa de Gênesis implica em que a concepção de Ismael (Gn16.3s.) foi a seqüela da promessa de Gn 15:4, de que Abraão teria um filho dele mesmo que seria seu herdeiro.

12.Ver as palavras de Anselmo a Boso em *Cur Deus Homo* 1:21: "nondum consi-derasti quanti ponderis sit peccatum.

13. Este não é o único lugar em Romanos em que precisamente esta espécie de variante textual aparece, embora seja este o único lugar em que ela afeta substancialmente o sentido. Por exemplo, em 6:2 temos, contra o futuro do indicativo *de zesomen* ("viveremos?"),

como redação variante em muitos MSS o aoristo subjuntivo*zêsômen* ("hajamos de viver?").

14. Vera versão de J. B. Phillips; "captemos o fato de *que temos* paz com Deus".

15. Duas recentes monografias sobre Rm 5:12-21 são a de K. Barth, *Christ and Adam* (trad. inglesa, 1956) e a de J. Murray, *The Imputation of Adam's Sin* (Grand Rapids, 1959). O professor Murray dedica também o Apêndice D do seu comentário de Romanos, I (p. 384ss.) a uma hábil crítica a "Karl Barth sobre Romanos 5". Outra notável crítica da monografia de Barth, numa perspectativa bem distante da do prof. Murray, é o ensaio de R. Bultmann, "Adão e Cristo conforme Romanos 5", em *Current Issues in New Testament Inlerprelalion,* ed. W. Klassen e G. F. Snyder (1962), p. 143ss. Ver também as preleções Hewett, de G. K. Barrett, *From Firsl Adam to Last: A Study in Pauline Theology* (1962).

16.A afirmação de 2 Baruque 54:19: "todo homem foi o Adão da sua própria alma",josto que interessante antecipação do ensino de Pelágio, não pode ser usada para ilustrar o argumento de Paulo aqui (ver, porém, p. 121).

17.Verp.92.

18."Portanto, é melhor tomar o *eph 'hõ* (Velha Latina *in quo)* como expondo a velha solidariedade corporificada na culpa humana — 'todos pecaram em Adão' " (W. Mansonem *New Testament Essays in Memory of T. W. Manson,* p. 159).

19. Ver Leslie C. Allen, "Isaías 53:11 e seus Ecos", em *Vox Evangélica: Biblical and Hisiarkal Essays by Members ofthe Faculty ofLondon Bible College* (1962), p. 24ss.

20.Esta palavra é usada também em 1:32 (do justo juízo de Deus), em 2:26 e 8:4 (das justas exigências ou normas da lei), em 5:16 (da justificação).

21.*From First Adam to Last,* p. 93.

4. O Meio para a Santidade (6:1-8:39).

a. Livres do pecado (6l-23).

(1) Objeção por hipótese (6:1, 2). "Bem", alguém poderia dizer, "se a graça foi mais abundante do que o pecado, por que não continuarmos pecando para dar à graça divina a oportunidade de se tornar abundante ao máximo?"

Esta não é uma objeção inteiramente hipotética pois, de fato, sempre tem havido gente que insiste em que este é o corolário do ensino de Paulo sobre a justificação pela fé. E desafortunadamente, em cada geração, gente que se apresenta como justificada pela fé age de molde a emprestar colorido àquela crítica. A obra *"Private Memoris and Confessions of a Justified Sinner* (1824), de James Hogg, dá-nos um notável exemplo literário desse antinomismo deliberado. Um notável exemplo histórico pode-se ver no monge russo Rasputin, o gênio mau da família Romanov em seus últimos anos de poder. Rasputin ensinava e exemplificava a doutrina da salvação mediante repetidas experiências de pecado e arrependimento. Sustentava que, como os que pecam mais requerem mais perdão, o pecador que continua a pecar despreocupadamente desfruta, cada vez que se arrepende, maior porção da graça perdoadora do que qualquer pecador comum. Os fichários de muitos curas da alma[1] revelariam que este ponto de vista é mais comum do que geralmente se percebe, mesmo quando não é expresso **e** praticado tão ruidosamente como o fazia Rasputin.

Alguns dos convertidos por meio de Paulo deranl-lhe muito motivo para preocupação precisamente sobre este ponto. Já era bastante ruim ver os seus oponentes teológicos fazendo falsa representação do seu Evangelho como sendo equivalente a "Pratiquemos inales para que venham bens" (3:8). A coisa era pior ainda quando os seus conversos se punham a agir como se o Evangelho lhes desse licença para fazerem o que bem entendessem. A correspondência de Paulo com os coríntios mostra quantos problemas os seus conversos lhe deram

quanto a isso. Vê-se claramente que alguns deles imaginavam que as irregularidades sexuais, por exemplo, eram questões de diminuta importância. Dos termos em que se dirige à igreja de Corinto, no sentido de que eliminasse da comunhão o homem que estava vivendo em união incestuosa, vê-se que alguns membros da igreja, longe de expressarem qualquer desaprovação desse escandaloso estado de coisas, achavam-no antes uma bela afirmação de liberdade cristã (1 Co 5). Não admira que outros cristãos sustentassem que o único modo de inculcar os princípios de uma sadia moralidade em **gente** assim era exigir que guardassem a lei de Moisés — na verdade, impor-lhes a lei como condição de salvação, além e acima da exigência da fé em Cristo. Mas a experiência pessoal de Paulo lhe tinha ensinado que toda a guarda da lei do mundo não pôde trazer-lhe a segurança do perdão e a paz com Deus, ao passo que a fé em Cristo deu-lhe isso de uma vez. Jamais poderia considerar o legalismo como remédio para a libertinagem. Sabia de um meio mais excelente. Quando um homem rendia sua vida ao Cristo ressurreto e ao poder do Seu Espírito, seu ser interior passava por uma transformação radical, tomava lugar uma nova criação. Esse homem recebia uma nova natureza que se deleitava em produzir espontaneamente o fruto do Espírito, aquelas graças que só Cristo manifestava com perfeição. Para muita gente isso parecia impraticavelmente otimista (e assim parece a muitos ainda), mas Paulo confiava no Espírito de Cristo presente nos seus conversos e, afinal de contas, sua confiança foi justificada, embora tendo de suportar muitos desapontamentos desanimadores causados por seus filhos espirituais até que finalmente pudesse ver "Cristo formado" neles (Gl 4:19).

Na divisão da Epístola aos Romanos em que acabamos de entrar, vemo-lo expondo extensamente este ensino em réplica ao argumento de que realmente se deve continuar pecando para que a graça de Deus seja mais abundante.[2]

(2) O significado do batismo (6:3-14). "Quem quer que possa argumentar deste jeito", diz Paulo, "mostra que não começou a compreender o Evangelho. A vida no pecado não pode coexistir com a morte para o pecado." Mas que se quer dizer por esta "morte para o pecado"?

"Ouçam", diz ele; "vocês não se lembram do que aconteceu quando foram batizados?" Desta e doutras referências ao batismo nos escritos de Paulo, é certo que ele não considerava o batismo como um "extra op-tatiyo" na vida cristã, e que não teria pensado no fenômeno de um "crente não batizado".[3] Podemos concordar ou não com Paulo, mas devemos ser justos para com ele, deixando-o defender e ensinar suas próprias crenças, e não torcê-las para fazê-las amoldar-se àquilo que nós preferimos que ele tivesse dito. (Isto se aplica a muitos outros assuntos, além da doutrina batismal de Paulo.)

Nos tempos apostólicos é claro que o batismo seguia-se imediatamente à confissão de fé em Cristo. Os repetidos relatos de batismos em Atos dão-nos abundante prova disto. O incidente dos doze discípulos de Hfeso (At 19:1-7) é exceção que confirma a regra. Na verdade, a fé em Cristo e o batismo eram experiências não muito distintas entre si, como partes de um todo uno. No batismo, a fé em Cristo era elemento essencial pois, sem ela, a aplicação de água, mesmo acompanhada pelas palavras adequadas, não seria batismo.

Mas, que sucedia quando os crentes recebiam o batismo? Isto, diz Paulo: Sua vida anterior acabou-se; teve começo nova vida. Foram de fato "enterrados" com Cristo quando imergiram na água batismal, como sinal de que morreram no que concerne à sua vida antiga; ressuscitaram com Cristo quando saíram da água, como sinal de que receberam nova vida, que era nada menos do que a participação na vida da ressurreição de Cristo. "Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?" Mas como podiam, se a vida que agora viviam, mesmo enquanto ainda num corpo mortal, era a vida que passaram a ter pela união com o Cristo redivivo? A própria idéia era uma contradição em termos.

Entretanto, como funciona na prática? "Submetam-se a Deus", é o que Paulo diz; "apresentem a Ele os seus corpos como instrumentos para a execução da Sua vontade. Antes vocês eram escravos do pecado, mas suas velhas relações com o pecado foram rompidas — e rompidas irre-vogavelmente, pela morte. Que morte? Sua morte com Cristo. Agora que estão unidos a Ele pela fé, a morte dele passou a ser de vocês; o seu "velho ego" foi "crucificado" na cruz de Cristo. Como vocês, Cristo tinha que ver com o pecado. Tinha que ver com o pecado como Aquele que devia levá-lo sobre Si; vocês tinham que ver com o pecado como pecadores. Como portador dos pecados do Seu povo, Cristo morreu, mas agora Ele vive a vida da Sua ressurreição. Já não leva os pecados do Seu povo. Havendo morrido uma vez pelos pecados do Seu povo, ressuscitou dos mortos, e agora a morte não o pode tocar mais. Se vocês se considerarem como tendo morrido com Ele em Sua morte, e tendo ressuscitado com Ele em Sua ressurreição para uma nova vida, o pecado não mais terá domínio sobre vocês.

"Vocês vivem agora sob o regime da graça, e a graça não estimula o pecado, como o faz a lei. A graça os liberta do pecado e os capacita a triunfar sobre ele. Como, então, podem pensar em continuar pecando, justamente porque vivem sob o regime da graça e não da lei? Quem quer que fale desse modo não tem nem a mais remota suspeita de qual é o significado da graça divina."

3. *Batizados em Cristo Jesus.*

Ver Gálatas 3:27: "Todos quantos fostes batizados em Cristo, de Cristo vos revestistes" (ou "vestistes", AV) — i. e., fostes incorporados nele, vos tornastes membros do Seu corpo (ver 1 Co 12:13), e assim, por vossa união com Ele pela fé, compartilhastes daquelas experiências que historicamente Lhe pertenciam, Sua crucificacão e sepultamento, Sua ressurreição e exaltação. Mais luz sobre a doutrina paulina do batismo é lançada por 1 Corintios 10:2, onde se diz que os israelitas, que saíam do Egito, foram "todos batizados, assim na nuvem, como no mar, com respeito a Moisés". Portanto, o batismo sela o êxodo do crente, sua libertação da escravidão do pecado.

4. *Sepultado com ele na morte pelo batismo.*

Ver Colossenses 2:12: "sepultados juntamente com ele no batismo". O sepultamento sela a morte; assim o batismo do cristão é um sepultamento simbólico em que a velha ordem da vida chega ao fim, para ser substituída pela nova ordem da vida em Cristo.

Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai. "Glória" aqui é mais especialmente o poder glorioso de Deus — "a eficácia da força do seu poder; o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos" (Ef 1:19s.; ver Cl 2:12).

6. *Foi crucificado com ele o nosso velho homem.*

"O homem que outrora éramos foi crucificado com Cristo" (NEB). Esta "crucifbcão" não é uma experiência do presente, mas um acontecimento passado, expresso pelo tempo verbal aoristo, em grego. Os que estão unidos pela fé a Cristo são considerados como tendo sido crucificados com Ele quando foi crucificado. Ver Gálatas 2:19, 20: "Estou crucificado (tempo perfeito, em grego) com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim." Semelhantemente, em Gálatas 6:14 Paulo fala da "cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado (verbo no perfeito) para mim, e eu para o mundo". Nestas duas passagens de Gálatas o tempo perfeito indica um estado presente produzido pelo acontecimento passado de 6:6. Além disso, em Gálatas 6:14 há provavelmente um olhar de relance num sentido alternativo do verbo "crucificar" *{stauroõ),* a saber, "cercar", "isolar". Deste modo, as palavras de Paulo podem também implicar em: "essa cruz constitui permanente barreira entre o mundo e mim, e entre mim e o mundo." Quanto ao "velho homem", ver Colossenses 3:9 e Efésios 4:22 citados nap. 39. Ele pertence ao "mundo perverso" do qual a morte de Cristo livra o Seu povo (Gl 1:4, RS-V).

Para que o corpo do pecado seja destruído. "Para a destruição do ser pessoal pecaminoso" (NEB), i. e., para que a "carne", a natureza não regenerada com sua tendência para rebaixar-se, o "velho Adão", em que o pecado achava cúmplice fácil, ficasse inoperante. Este "corpo do pecado" é mais que uma questão individual; é, antes, aquela velha solidariedade no pecado e na morte de que todos participam "em Adão",mas que foi desfeita pela morte de Cristo, visando à criação da nova solidariedade na justiça e na vida, da qual todos os crentes se tornam partícipes "em Cristo". Não é o corpo humano, no sentido comum, que deve ser destruído ou posto fora de ação. O batismo não produz este efeito. Com a frase "corpo do pecado", compare-se "corpo desta morte" em 7:24 e "carne pecaminosa" em 8:3.

7. *Quem morreu, justificado está do pecado.*

(AV: "Aquele que está morto, está livre do pecado." Mas AA oferece tradução literal — tradução que aparece parafraseada em NEB: "um morto não é mais responsável por seu pecado". A morte paga todos os débitos, de sorte que o homem que morreu com Cristo vê apagado o seu registro na lousa, e está pronto para começar vida nova com Cristo, livre do vínculo com o passado.

10. *De uma vez para sempre morreu para o pecado.*

(AV: "morreu para o pecado uma vez".) Com AA, RVmg., RSV e NEB dizem: "de uma vez para sempre". A palavra grega é *ephapax,* empregada repetidamente em Hebreus para salientar o caráter final do sacrifício de Cristo. Em Sua morte, tratou do pecado eficaz e concluden-temente, obtendo uma vitória "que não requer segundo combate, e não deixa segundo adversário".

11. *Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus.*

Em outras palavras, vivam como se já tivessem entrado na vida da ressurreição. Esta "consideração" não é um exercício inútil, mas, sim, moralmente frutífero, porquanto o Espírito Santo veio tornar efetivo nos crentes aquilo que Cristo fez por eles, e capacitá-los a tornar-se na experiência diária — na medida do possível nas atuais condições de mortalidade — o que já são "em Cristo" e o que virão a ser plenamente na vida resultante da ressurreição. Este é o assunto de 8:1-27.

Em Cristo Jesus. AV diz: "mediante Jesus Cristo, nosso Senhor". Leia-se, porém, simplesmente "em Cristo Jesus", como diz A A (a frase adicional "nosso Senhor" deve ter achado meio de chegar aí através de textos mais recentes, sob a influência de 5:21, 6:23).

12. *De maneira que obedeçais às suas paixões.*

AV: "Para que lhe obedeçais nas paixões daquele." Os textos mais bem documentados omitem "lhe ... nas". Ver 13:14.

14. *O pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e, sim, da graça.*

A lei exigia obediência, mas a graça dá poder para obedecer. Daí a graça rompe o domínio do pecado, coisa que a lei não era capaz de fazer. Verp.131.

(3) Analogia do mercado de escravos (6:15-23).

Paulo usa então a analogia do mercado de escravos para ilustrar o ponto que focaliza. Um escravo é obrigado a obedecer a seu amo. Mas há um ponto além do qual este não tem autoridade sobre aquele — e esse ponto é a morte. Quando o escravo está morto, seu amo poderá continuar dando ordens ao cadáver até ficar com a cara azul, mas o cadáver não lhe dará atenção. "Outrora", diz Paulo, "vocês eram escravos do pecado. O pecado era o seu senhor, e vocês eram forçados a fazer todas as coisas ruins que o pecado lhes ordenava; não tinham forças para dizer 'Não'. Mas agora que morreram, quanto à sua relação com o pecado, não precisam mais prestar atenção nas ordens do pecado.

"Ou, em outra colocação, o antigo dono do escravo não tem mais autoridade sobre ele, se passou a ser propriedade de outro. Foi o que lhes aconteceu. Vocês se transferiram do serviço que prestavam ao pecado para o serviço a Deus. Suas atividades agora consistem em fazer o que Deus quer, nào o que o pecado manda. Há grande diferença entre a espécie de coisas que farão como servos de Deus e a espécie de coisas que costumavam fazer como servos do pecado. E a diferença entre ambas as espécies de serviço nào é só de natureza; também é grande a diferença entre os fins dessas formas de serviço. O pecado paga salário aos seus servos e o salário é a morte. Deus nos dá, não salário, mas algo melhor e muito mais generoso: por Sua graça Ele dá a vida eterna como livre dom

—a vida eterna que nos pertence por nossa união com Cristo."

Que achamos deste argumento? É uma ficção com pretensa base na lei, uma exortação a que nos impulsionemos uns aos outros para um novo começo, uma louvável resolução de que agiremos melhor no futuro? "Considerem-se mortos com relação ao pecado, mas vivos numa nova relação com Deus em virtude da sua incorporação em Cristo", diz o apóstolo (versículo 11). Trata-se apenas de boa disposição da vontade ou de um esforço da imaginação? Não, não é. É algo que comprovou sua realidade na vida de muitos, e estes não têm dificuldade para compreender o que Paulo quer dizer. Pois o Deus de quem ele fala é o Deus vivente, e quando os homens e mulheres se apresentam a Ele, para serem usados para o Seu serviço, Ele os aceita como Seus servos e lhes dá poder para fazerem a Sua vontade. O Cristo de quem Paulo fala é o Cristo que verdadeiramente morreu e ressuscitou, e que "destrói o poder do pecado cancelado" nas vidas daqueles que põem nele sua confiança.

15. *Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e, sim, da graça ?*

Este é o mesmo argumento antinomiano do versículo 1, com uma forma de linguagem ligeiramente diversa, sugerida pelo versículo 14. O homem que está "debaixo da graça" ê que participa da vida de Cristo. Assim como a vida de Cristo era e é caracterizada por espontânea e alegre obediência à vontade do Pai, assim a vida dos que estão "em Cristo" será caracterizada pela mesma obediência. "Ame a Deus e faça o que quiser" é máxima que, naqueles que têm o amor de Deus derramado em seus corações pelo Espírito Santo, só pode resultar em fazerem eles as coisas que agradam a Deus. Fazer do estar "debaixo da graça" uma desculpa para pecar é sinal de que aquele que a usa não está realmente "debaixo da graça", de modo algum.

16. *Desse mesmo a quem obedeceis sois servos.*

"A quem" em inglês — "to whom" (AV) — é tradução ultra-literal do dativo grego. "Vocês são escravos do senhor a quem obedecem"

(NEB).

17. *Mas graças a Deus porque, outrora escravos do pecado, contudo...*

(AV: "Mas graças a Deus, que vós éreis servos do pecado, mas ..." Lendo-se esta redação em voz alta, a ênfase deve recair no verbo "éreis" — como se se dissesse: Graças a Deus que isso é agora uma coisa do passado). É bom seguir a tradução de RV: "Mas graças a Deus que, ao passo que éreis servos do pecado, vos tornastes obedientes ..."

Viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues. AV: "Obedecestes de coração à forma de doutrina que vos foi entregue." A "forma de doutrina" ou "padrão de ensino" (NEB) é provavelmente o sumário da ética cristã, fundamentado no ensino de Cristo, normalmente ministrado aos conversos na igreja primitiva para mostrar-lhes o modo de vida que daí por diante deviam seguir. É o corpo de ensinamentos que Paulo chama aqui e ali de "a tradição" ou "as tradições" (ver 1 Co 11:2; 2 Ts 2:15, 3:6) — sendo que o substantivo p*aradosis)* é cognato do verbo traduzido por entregar *(paradidõmi).* .Pode-se inferir de vários sumários deste ensino nas epístolas que num período primitivo ele era organizado em forma catequética.[4] Mas o "padrão de ensino" incorporava-se em Cristo mesmo, a quem eles agora pertenciam. (Ver também pp. 196s.)

18. *Uma vez libertados do pecado.*

Isto é, tendo sido libertados da tirania do pecado; não "justificados" do pecado como no versículo 7.

19. *Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne.*

Isto é, estou usando uma analogia humana, ou um modo humano de falar (ver 1 Co 15:32) para socorrer a fraqueza do vosso entendimento (verp.39).

Da maldade para a maldade. Isto é, "para iniqüidade cada vez maior" (RSV).

20.*Estáveis isentos (oüforros) em relação à justiça.*

Isto é, o pecado, e não a justiça, era então o senhor deles.

21. *Cousas de que agora vos envergonhais; porque o fim delas é morte.*

Ver **1:32** — "a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais cousas praticam."

22. *Tendes o vosso fruto para a santificação.*

"A recompensa que recebeis é a santificação" (RSV) — e este é, de fato, o assunto da presente seção da epístola (capítulos 6-8). Os que foram justificados estão agora sendo santificados; se um homem não está sendo santificado, não há razão para crer que foi justificado.

4. Livres da lei (7:1-25). (1) Analogia do casamento (7:1-6).

Podemos compreender bem a necessidade de sermos libertos do pecado, mas por que Paulo havia de estar tão preocupado com que nos libertássemos da lei? A lei é lei de Deus, proíbe o pecado, prescreve a justiça. Mais que isso, os homens de Deus, do povo de Israel, em dias mais antigos, achavam que a lei era salvaguarda contra o pecado. "Grande paz têm os que amam a tua lei," diz um salmista; "para eles não há tropeço" (Sl 119:165). Outro podia dizer: "A lei do Senhor é perfeita, e restaura a alma" (Sl 19:7). AV diz: "... converte a alma".

Mas Paulo fala de modo diferente. Fala de sua própria experiência. Na lei de Deus propriamente dita ele não acha falta nenhuma: "a lei é santa; e o mandamento, santo ejustoe bom" (7:12). O que realmente está em falta é o conceito de religião como guarda da lei, a idéia de que pela penosa conformidade com um código de leis é possível adquirir mérito diante de Deus.

Quando Pedro, no Concilio de Jerusalém, descreveu a lei como "um jugo que nem nossos pais puderam suportar, nem nós", falava como típico membro das fileiras dos "soldados rasos" judeus, como um dos *'atnmê ha'ares.* E estava pensando, provavelmente, não só na lei escrita, mas em sua ampliação oral transmitida mediante gerações de escribas. Desta tradição oral da lei diziam que Moisés a recebera no Sinai e "a entregou a Josué, Josué aos anciãos, os anciãos aos profetas, e os profetas aos 'homens da grande sinagoga' ". Simão, o Justo, um dos últimos sobreviventes da "grande sinagoga", entregou-a a Antígono de Soco, e depois deste foi entregue a quatro pares sucessivos de eruditos, cada um por vez, geração após geração, e depois foi recebida por Hillel e Shamai, fundadores das grandes escolas rabínicas que predominavam no tempo de Cristo e dos apóstolos.

Somente os que se dedicavam de todo o coração à guarda da lei, interpretada de acordo com "a tradição

dos anciãos", tinham alguma esperança de sucesso; mas para eles era uma verdadeira esperança. O jovem e rico advogado que disse a Jesus que tinha guardado todos os mandamentos desde os seus primeiros dias, não era mentiroso nem hipócrita (Lc 18:21). Quando Paulo, vinte e tantos anos depois de sua conversão, olha para trás, para sua anterior carreira de fariseu, e diz que fora "quanto à justiça que há na lei, irrepreensível" (Fp 3:6), fala em termos de puro e simples fato. Contudo, ele encontrou em Cristo nova vida e novo poder, nova alegria e nova paz, tais como jamais conhecera, juntamente com uma "nova justiça" — "não (...) justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé" (Fp 3:9).

Mas nesta seção da Epístola aos Romanos ele nos fala mais claramente do que em nenhuma outra parte de como viu que a lei é inadequada como meio para assegurar posição de justo diante de Deus. Eleja tinha feito alusão a isso antes: "pela lei", disse ele, "vem o pleno conhecimento do pecado" (3:20); "o pecado não terá domínio sobre vós", disse aos seus leitores cristãos, "pois não estais debaixo da lei, e, sim, da graça" (6:14). Mas o que é que o fato de não estarem debaixo da lei tinha de ver com sua liberdade do domínio do pecado? Se ele dissesse: "o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo *do pecado..."* poderíamos compreendê-lo mais facilmente, conquanto pudéssemos considerar tautológica a afirmação. Mas Paulo sabia o que queria dizer, e escolheu com cuidado as palavras. Liberdade do pecado e liberdade da lei são coisas estreitamente interrelacionadas em sua experiência. Se no capítulo 6 ilustra a liberdade do pecado nos termos da relação entre um escravo e seu senhor, em **7:1-6** ilustra a liberdade da lei nos termos da relação entre uma esposa e seu esposo.

O casamento, diz ele, é uma relação que dura a vida inteira. Se durante a sua existência a mulher deixa o marido por outro homem, é estigmatizada como adúltera. Mas se ele morre, ela fica livre para tornar-se mulher de outro sem incorrer em má reputação. A morte desfaz o laço matrimonial — e a morte rompe a relação do homem com a lei. Quando Paulo aplica a analogia, tomamos consciência da situação inversa. O crente em Cristo é comparado com a esposa, e a lei é comparada com o marido, mas, ao passo que na ilustração foi o marido que morreu, na aplicação não é a lei que morre, mas o crente. O crente morreu com Cristo — e todavia é ainda o crente que, não mais preso à lei, fica livre para unir-se a Cristo. Se, porém, colocarmos a coisa em termos mais simples, poderemos expressar de modo bem fácil o que Paulo quer dizer: como a morte desfaz o laço que une marido e mulher, assim a morte — a morte do crente com Cristo — desfaz o laço que o prendia ao jugo da lei, e agora está livre para entrar em união com Cristo. Sua anterior associação com a lei nào o ajudava a produzir os frutos da justiça, mas estes frutos são produzidos com abundância, agora que ele está unido a Cristo. O pecado e a morte foram o resultado de sua associação com a lei; ajustiça e a vida são o produto de sua nova associação; pois (como Paulo o coloca em outro lugar), "a letra mata, mas o espírito vivifica" (2 Co 3:6).

Tal atitude para com a lei deve ter parecido absurda a muitos dos seus leitores então (e tem parecido absurda a muitos dos seus leitores daquele tempo para cá). Mas Paulo prossegue em sua explicação à luz de sua própria experiência, e nos fornece um fragmento da sua autobiografia muitíssimo esclarecedor — parte no tempo pretérito, parte no presente.

1. *Falo aos que conhecem a lei.*

Melhor, com NEB, "Estou falando aos que têm algum conhecimento da lei". É pouco importante para o presente estágio do argumento se a conheciam na forma da lei judaica ou da lei romana. Num ou noutro caso, o certo era que "uma pessoa está sujeita à lei enquanto está viva, e não depois disso" (NEB).

2. *A mulher casada está ligada pela lei ao marido, enquanto ele vive.*

Em vez de "pela lei", é melhor ler (com RV, RSV, NEB) "por lei". Outra vez, a afirmação é verdadeira em termos gerais, quer se pense na lei judaica ou na romana.

A lei conjugai. AV: "A lei do seu marido". A lei (judaica ou romana) que ata a mulher ao seu marido e o torna seu senhor.

3. *Será considerada adúltera.*

(Ver Mc 10:12.) O verbo grego usado aqui é o intransitivo *chrê-matizõ,* "ser publicamente conhecido como" (empregado em At 11:26 com relação ao fato de se dar o nome de "cristãos" aos discípulos de Jesus).

4. *Para pertencerdes a outro, a saber, aquele que ressuscitou dentre os mortos.*

Desde que Cristo ressuscitou dentre os mortos, não morre mais (6:9). Portanto, esta nova relação matrimonial não será desfeita pela morte, como acontecia com a antiga.

E deste modo frutifiquemos para Deus. É um tanto forçado pensar que a metáfora do casamento está em

prosseguimento aí, de modo que o "frutifiquemos" se refira a rebentos nascidos do novo casamento. O fruto, como o "fruto para a santificação" do versículo 22, é uma vida reta, caracterizada por aquelas "boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas" (Ef 2:10).

5. *Quando vivíamos segundo a carne.*

AV: "Quando estávamos na carne." Quer dizer, quando ainda não éramos regenerados (ver p. 40).

As paixões pecaminosas postas em realce pela lei, operavam em nossos membros a fim de frutificarem para a morte. Isto é, "as paixões pecaminosas evocadas pela lei operavam em nossos corpos para darem fruto para a morte" (NEB). Como a lei pode evocar paixões pecaminosas transparece nos versículos 7-13. O fruto "para a morte" consiste daquelas más obras cujo "fim" é morte, conforme 6:21.

6. *Agora, porém, libertados da lei, estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos.*

AV: "Mas agora estamos libertados da lei, para que, sendo mortos naquilo pelo que estávamos retidos." Melhor: "… tendo morrido para aquilo pelo que estávamos retidos" (RV). Em virtude desta morte (morte com Cristo e morte para o pecado) é que fomos "libertados" (ou antes, para manter o sabor judicial da tradução da RV, fomos "desobrigados") da nossa antiga responsabilidade sob a lei.

Em novidade de espírito. Isto é, na vida nova que os crentes vivem "no Espírito". Quanto a esta frase, ver 8:9.

E não na caducidade da letra. A velha vida, a vida pré-cristã, para aqueles que, como Paulo, tinham sido criados como judeus praticantes, caracterizava-se pela submissão a um código externo. Mas agora o Espírito supre interiormente aquele princípio normativo que outrora a lei supria, e de modo imperfeito, exteriormente. Esta antítese entre "espírito" e "letra" aponta para a nova era como aquela na qual a nova aliança mencionada por Jeremias se concretiza (Jr 31:31ss.); Ver 8;4 (p. 131 e mais a p. 42 n. 14).

(2) O despertar da consciência (7:7-13).

Como então a lei se provou estímulo para pecar, na experiência pessoal de Paulo?

Houve tempo, diz ele, em que não tinha nenhuma consciência do pecado. Nos seus primeiros tempos ele não conhecia bem a lei; levava uma vida livre de preocupação. Mas "sombras do cárcere começam a cerrar-se sobre o menino que cresce". Chegou o dia em que Paulo teve de assumir a obrigação de guardar a lei. A ocasião pode ter sido sua cerimônia de *bar mitzwah,** ou o período imediatamente anterior ou posterior a ela. A obrigação de guardar a lei envolvia antes de tudo a obrigação de saber e obedecer aos Dez Mandamentos. Ê matéria de conhecimento geral que as proibições tendem a despertar o desejo de fazer aquilo que é proibido. O fumante pode ignorar quanto deseja fumar até ver um letreiro que diz: "Não Fume".

Ali estavam, pois, os Dez Mandamentos, todos menos um carregados de proibição: "Não...". Paulo não se sentia grandemente tentado a cultuar uma imagem esculpida ou a cometer assassinato, adultério ou furto. O mandamento perturbador era o décimo, que se refere a uma atitude interior antes que a uma ação ou palavra exteriorizada. "Não cobiçarás" era a pedra de tropeço de Paulo. O mandamento em sua formulação veterotesstamentária específica certo número de objetos que o homem não deve cobiçar — a casa, a mulher, os servos, os animais, ou a propriedade do próximo em geral. Paulo não se sentia necessariamente impelido a cobiçar nada disso. O problema ia mais fundo. A cobiça em si é pecado; é na verdade um elemento básico na maioria das formas de pecado. Como Paulo o coloca em outro lugar (Cl 3:5), a cobiça não passa de idolatria. Pode ser um desejo ilícito; pode ser um desejo lícito em si, mas de tão egocêntrica intensidade que usurpa o lugar que somente Deus deve ocupar na alma humana.

"Assim", diz Paulo, "jamais eu teria vindo a saber o que é cobiça, senão pelo mandamento que diz: 'Não cobiçarás'. Mas esse mandamento proveu o pecado de uma cabeça de ponte da qual ele se lançou ao ataque contra mim, e como resultado fez com que nascessem em mim todas as espécies de cobiça. Sem a lei para movê-lo à vida, o pecado permaneceria adormecido; mas quando fiquei ciente da lei, o pecado saltou para a vida e me abateu. Aqui há de fato um paradoxo! A lei foi dada para que o homem a guardasse e vivesse; mas o que esta lei me trouxe foi a morte, não a vida."

Deve-se esclarecer que esta interpretação autobiográfica dos versículos **7-13** (e também dos versículos subseqüentes) não conta com a .i aceitação geral hoje em dia, como antes. Um recente escritor fala dela como "relegada agora ao museu dos absurdos exegéticos". Mas é o modo mais natural de entender esta seção, e os argumentos contra ela não são concludentes. Paulo, naturalmente, não achava que sua experiência pessoal era única; descreve-a aqui porque é verdadeira em maior ou menor grau com relação à raça humana. "Aqui a

autobiografia de Paulo é a biografia de Todo-homem" (T. W. Manson). A cobiça, numa forma ou noutra, é comum à humanidade. E bem pode ser que aqui, como em 5:12ss., Paulo tem em mente a transgressão de Adão bem como a sua própria. A cobiça teve papel a desempenhar na queda de Adão. Quando Paulo fala do pecado como "enganando-o" ou "seduzindo-o" (versículo 11), somos levados a lembrar-nos da queixa de Eva em Gênesis 3:13: "A serpente me enganou e eu comi." Mas Paulo não teria feito de novo a narrativa da queda na primeira pessoa do singular se não a tivesse reconhecido como autêntica descrição da sua própria experiência, como também da experiência da humanidade toda. Neste aspecto, pelo menos, ele reconhecia que era "o Adão da sua própria alma".'

7. *Eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei.*

Ver **3:20:** "Pela lei vem o pleno conhecimento do pecado." Assim a função da lei é propedêutica. Revelando aos homens a sua pecamino-sidade e incapacidade, também lhes revela sua necessidade daquela libertação que somente a graça de Deus pode efetuar.

Não cobiçarás. (Êx 20:17; Dt 5:21.) É natural que os seres humanos queiram coisas. Quando chega a seu conhecimento que certas coisas por eles desejadas são-lhes proibidas por lei, a tendência é desejá-las muito mais, é pôr nelas o coração.

8. *O pecado, tomando ocasião pelo mandamento.*

Neste versículo e nos seguintes o pecado é personificado como um poderoso inimigo. A palavra traduzida por "ocasião" é *aphormê,* uma base para operações militares.

Despertou em mim toda sorte de concupiscência. "Concupiscência" aqui é simplesmente "cobiça" (RV, RSV). NEB diz: "toda espécie de maus desejos." C. K. Barrett mostra que a cobiça, quebra da lei, é a perversão do amor, que é "o cumprimento da lei" **(13:10).**[8]

9. *Outrora, sem a lei, eu vivia.*

Adão não tinha consciência de nenhuma inclinação pecaminosa enquanto sua obediência não foi submetida à prova pelo mandamento: "Não comerás". Mas Paulo compreende muito melhor a essência da narrativa da queda à luz de sua experiência pessoal.

Reviveu o pecado. Melhor: "O pecado surgiu para a vida" (NEB).

10. *O mandamento que me fora para vida.*

Referência a Levítico 18:5, citadoem **10:5**(ver **2:13).**

11. *Enganou-me.*

O verbo *{exapataõ)* é o mesmo usado em 2 Coríntios 11:3 ("a serpente enganou a Eva") e 1 Tm 2:14 ("a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão"); ver o verbo simples *apatãõ* em Gênesis 3:13, LXX. Mas o paralelo com a história da queda não deve ser acentuado em demasia, pois a doutrina de Paulo é de que a humanidade pecou "em Adão" e não em Eva, e em Gênesis 3, como se demonstra em 1 Timóteo 2:14, "não foi Adào que foi enganado" (NEB).

13. *Acaso o bom se me tornou em morte?*

Ver 2 Esdras[1] 9:36s.: "Pois nós que recebemos a lei e pecamos, perecemos, como também o nosso coração que a recebeu; contudo, a lei não perece, mas permanece em sua glória."

Pelo contrário, o pecado, para revelar-se como pecado, por meio de uma cousa boa, causou-me a morte. Isto é: não foi a lei, ordenada como foi para que o homem que lhe obedecesse vivesse por ela, que me trouxe para um estado de morte. A lei é boa; ela não poderia produzir este mau estado de coisas. Não. O vilão da peça é o pecado. O pecado agarrou a oportunidade que teve quando a lei me mostrou o que era certo e o que era errado, sem me dar poder para fazer o primeiro e evitar o último (poder que a lei jamais foi destinada a dar). O pecado forçou-me, contra o meu melhor juízo, a fazer o que a lei me mostrou que é errado, e assim me envolveu na condenação e na morte. E em conseqüência eu julguei, como doutro modo não teria feito, quão pecaminoso, quão contrário a Deus e à bondade, o pecado realmente é.

(3) O conflito interior (7:14-25).

Nesta seção Paulo continua falando na primeira pessoa do singular, mas deixa de usar o tempo pretérito e emprega o presente. Não só isso, mas aqui há uma tensão interior ausente dos versículos **7-13.** Lá, o pecado o atacou de surpresa e o derrubou; aqui, ele opõe uma atroz resistência, mesmo que não consiga dobrar o inimigo. Lá, descreveu o que lhe sucedeu quando vivia nesta "era presente"; aqui, já chegou "a era por vir", embora a velha era não tenha terminado. Paulo é um homem que vive simultaneamente em dois planos, ardentemente

ansioso por levar uma vida mantida no plano superior, mas tristemente ciente da força do pecado que nele habita e que persiste em empurrá-lo para baixo, para o plano inferior.

Numa preleção sobre a descrição que Paulo faz de si próprio como sendo "vendido sob o pecado", o Dr. Alexandre Whyte disse:

"Toda vez que meu atencioso livreiro me envia para exame outro novo comentário de Romanos, imediatamente o abro nocapítulo sete. Se o comentador exibe um homem de palha no capítulo sete, imediatamente fecho o livro.

Devolvo-o de uma vez e digo: 'Não, obrigado. Esse homem não vale o meu dinheiro, ganho duramente.' "

Que é que ele queria dizer?

Isto: aquela aguda descrição que Paulo faz nos versículos **14-25** de alguém que ama a lei de Deus e deseja cumpri-la, mas é forçado por um poder mais forte do que ele a fazer coisas que detesta, não é um "argumento abstrato, mas o eco da experiência pessoal de uma alma angustiada".[9] Paulo mesmo sabe o que significa ser arrastado por um caminho pela lei de sua mente que aprova a vontade de.Deus, e por outro, pela lei do pecado e da morte.

O cristão vive, de fato, em dois mundos ao mesmo tempo, e em vista disso, vive num estado de tensão. Temporalmente, vive neste mundo; como homem de carne e ossos, está sujeito às condições da vida mortal; é "filho de Adão", como todos os seus companheiros de existência humana, e com eles está sujeito à lei pela qual "em Adão todos morrem". Espiritualmente, porém,, passou da morte para a vida, do domínio das trevas para o reino da lu/.; participou da morte, do sepultamento e da ressurreição de Cristo, em que ressurgiu "para andar em novidade devida", como cidadão do novo mundo, membro da nova criação, já não mais "em Adão" mas "em Cristo".

Vai chegar o dia em que a presente ordem passará, quando uma nova era se estabelecerá em glória, e daí a tensão entre as duas eras será resolvida. Mas enquanto os cristãos vivem "entre os tempos", as palavras de Paulo noutra epístola mantêm sua plena significação: "a carne milita contra o Espírito, e o Espírito contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que porventura seja do vosso querer" (G15:17).[10]

Eis aqui, pois, o auto-retrato de um homem cônscio da presença e do poder do pecado em sua vida. Ê um tirano cujas ordens ele odeia e despreza, mas contra cujo poder luta em vão. Quando se vê compelido por *force majeure* a obedecer aos ditames do tirano, não reconhece como seus os atos decorrentes; são totalmente opostos àquilo que ele quer fazer. O que ele deseja é praticar a lei de Deus. Deleita-se nela, reconhece que ela é "santa e justa e boa". Entretanto, por mais que deseje obedecer à lei de Deus, pelo poder maligno em seu interior é compelido a desobedecê-la. "Não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço."

Esta luta desigual contra "a lei do pecado que está nos meus membros" (como lhe chama Paulo) tem sido a experiência real de tantos cristãos, que nío podemos afirmar confiantemente que Paulo não pode estar falando autobiograficamente aqui — e ainda no tempo verbal presente. Paulo pode rogar a seus amigos "pela mansidão e benignidade de Cristo" (2 Co 10:1); mas esta mansidão e benignidade vêm a ele naturalmente? Há boa razão para crer que um homem de zelo imperioso não achava coisa fácil "crucificar a carne" — para conseguir vitória sobre uma língua precipitada, sobre um julgamento precoce, sobre um ressentimento causado por alguma intrusão na esfera do seu serviço apostólico. O homem que adotou como sua atividade diária disciplinar-se a fim de não ser desclassificado no concurso de santidade, o homem que prosseguia para o alvo da soberana, (ou ascensional) vocação de Deus em Cristo Jesus, sabia que por esse "prêmio imortal" teria de competir "não sem poeira e calor". Paulo dava-se tão constantemente a retratar o caminho da santidade como uma corrida para fazer, uma batalha para ser enfrentada, que não nos é possível imaginar que a vitória lhe veio "de repente, num minuto".

Certo, mas a vitória lhe chegou. A presente passagem leva a um glorioso cântico de triunfo, embora comece com uma triste confissão de incapacidade. A incapacidade persiste somente na medida em que "Eu mesmo" — isto é, com minhas próprias forças — combato a batalha. Ao fazê-lo, diz o apóstolo, posso servir alei de Deus com o meu entendimento, mas o meu corpo pressurosamente continua prestando obediência à lei do pecado. Terei de experimentar sempre a derrota? Terei de levar sempre este pesadelo nas costas? Minha libertação não virá nunca? Graças a Deus virá, mediante Jesus Cristo nosso Senhor.[u]

14. *Sou carnal, vendido à escravidão do pecado.*

AV: "... vendido sob o pecado." A natureza que herdei "em Adão" acha incompatível a lei. A lei é "espiritual" porque é lei de Deus. Mas esta minha natureza não é espiritual (é "carnal", *sarkinos),* escravizada a um poder que a minha vontade repudia. Há algo no homem — mesmo no homem regenerado — que se opõe a Deus e procura ser independente dele. Este "algo" é o que Paulo aqui chama de "carne" (verificar o v. 18), presa da tirania do pecado que lhe é inerente. A frase "vendido à escravidão do pecado" é uma reminiscência de Sabedoria 1:4, onde se diz que a sabedoria não "habitará num corpo mantido como penhor pelo pecado" (RV).

15. *Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir.*

AV: "Pois não consinto aquilo que faço." "Nem mesmo reconheço como sendo minhas as minhas próprias ações."

Pois não faço o que prefiro, e, sim, o que detesto. É costume citar como paralelos clássicos os seguintes ditos: *quae nocuere sequor, fugiam quae profore credo,* "Procuro as coisas que me fazem dano; fujo das que creio que me farão bem" (Horácio, *Epístolas* i. 8.11); *video meliora proboque; deteriora sequor,* "Vejo e aprovo a via melhor, mas sigo a pior" (frase de Ovídio, posta na boca de Medéia em *Metamorfoses* vii. 20s.); C. K. Barrett *(ad loc.)* anota um paralelo verbal ainda mais próximo que se acha em Epicteto, segundo o qual (ii. 26:4) o ladrão não faz o que deseja; mas Barrett também anota, e mui pertinentemente, que, nem Ovídio, nem Epicteto (nem Horácio, podemos acrescentar) dizem exatamente o que Paulo diz. Paulo tem dentro de si uma testemunha independente, a voz da consciência (ver nota sobre 2:15, p. 75), a qual, condenando seu fracasso na guarda da lei, dá testemunho de que a lei é "santa, e justa, e boa".

17. 20. *Quem faz isto já não sou eu, mas o pecado que habita em mim.*

Mas tão logo minha consciência consinta nisso, já sou eu que o faço, muito embora não o fosse antes.

18. *O querer o bem eslá em mim; não, porém, o efetuá-lo.*

AV: "Está presente comigo o querer; mas não vejo como efetuar o bem." Acompanhe-se a redação de RV (semelhante à de AA): "Está presente comigo o querer, mas fazer o bem não está" (o texto mais bem documentado omite "vejo").

22. *No tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus.*

E portanto posso cantar: "Quanto amo a tua lei!" — e tudo mais que consta do Salmo 119. Todavia, não sou justificado por isso. O "homem interior" é o "novo homem" em Cristo que se renova de dia em dia, segundo a imagem do Criador (ver 2 Co 4:16; Cl 3:10).

23. *A lei do pecado.*

O princípio mau, a tirania do pecado na pessoa.

24. *Desventurado homem que sou!*

"Os crentes em Cristo são perfeitos quanto à sua justificação, mas a sua santificação apenas começou. Esta é uma obra progressiva. Quando creram em Cristo, sabiam muito pouco da fonte de corrupção que neles há. Quando Cristo se fez conhecido deles como seu Salvador, o Bem-amado de suas almas, a mente carnal parecia ter morrido, mas logo viram que não estava morta. Assim é que alguns vieram a experimentar mais aflições da alma depois da sua conversão do que quando foram despertados para o sentimento de sua condição de perdidos. "Desventurado homem que sou! quem me livrará do corpo desta morte?", é o clamor deles, até que sejam aperfeiçoados em santidade. Mas Aquele que começou a boa obra neles a realizará até o dia de Jesus Cristo.'^

Quem me livram do corpo desta morte? Não faltam paralelos verbais desta exclamação na literatura clássica e alhures. Filo — discípulo mais fiel de Platão do que dos profetas — fala do corpo como "aquela composição de barro, aquela estátua modelada, aquela tão cerrada casa da alma que esta nunca põe de lado mas carrega como a um cadáver, do berço ao túmulo — que penosa carga!" *(Da Agricultura,* 25). Epicteto fala de si como "uma pobre alma algemada num cadáver" (fragmento 23). Alguns comentadores tentaram esclarecer as palavras de Paulo mediante referência ao relato que Virgílio fez do costume que Mezencio, rei dos etruscos, tinha de amarrar seus prisioneiros vivos em cadáveres em decomposição *(Eneida* viii, 485ss.). Mas Paulo não está pensando em corpo de carne e ossos; o mal estava arraigado mais profundamente. O "corpo desta morte", ou "este corpo da morte" (RSV), é, como "o corpo do pecado" (6:6), aquela herança da natureza humana sujeita à lei do pecado e da morte que ele compartilha com todos os filhos de Adão, aquela *massa perditionis* em que a velha criação, em sua totalidade, está envolvida, e da qual, por mais que queira e lute, não pode desembaraçar-se por seus próprios esforços.

25. *Graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor.*

É admirável encontrar esta expressão de arrebatamento triunfante mal saído o apóstolo do seu brado de angústia: "quem me livrará?" Eis a ta, porém: "Somente Deus, mediante Jesus Cristo nosso Senhor! Graças sejam dadasaDeus!" (NEB). Exatamente como esta libertação do pecado em nós pode ser conseguida, descreve-se de modo mais completo no capítulo 8. Por ora, depois de sua breve indicação de que a situação não é desesperada, Paulo faz um retrospecto para resumir o dilema ético de **7:14-24.**

De maneira que eu, de mim mesmo, com a mente sou escravo da lei de Deus, mas, segundo a carne da lei do pecado. Não há por que considerar esta sentença como fora de lugar. Moffatt a coloca como um parêntese depois do versículo 23, dizendo que "parece ser sua posição original e lógica antes do clímax do versículo 24" — transposição que C. H. Dodd afirma que é "seguramente correta". G. Zuntz acha que "pode ser um acréscimo feito pelo próprio Paulo ou um resumo acrescentado por algum dos primeiros leitores; em qualquer forma, sua posição atual é imprópria e sugere que uma nota marginal foi inserida no texto" *(The Text of the Epistles,* p. 16). Contudo, a passagem aparece na posição atual em nossas mais antigas autoridades; e é um procedimento precário reordenar as palavras de Paulo no interesse de uma seqüência mais harmoniosa e lógica.

"Eu mesmo" (AV), *autos egõ,* é expressão enfática: sou "eu por mim mesmo" (AA "eu, de mim mesmo") que experimento esta derrota e frustração, mas "eu", como cristão, não sou deixado entregue a "mim mesmo": "a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus" veio habitar no meu ser interior, e Sua presença e poder fazem uma extraordinária diferença.

c. **Livres da morte (8:1-39).**

(1) Vida no Espírito (8:1-17).

"A carne milita contra o Espírito, e o Espírito contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que porventura seja do vosso querei" (AV: "... de modo que não podeis fazer as coisas que gos-taríeis de fazer"). Estas palavras de Gálatas 5:17 já foram citadas como um sumário da situação que Paulo descreve mais extensamente e em termos mais vividos e pessoais em **7:14-25.** Mas imediatamente antes dessas palavras ele tinha dito: "Andai no Espírito, e jamais satisfareis à con-cupiscencia da carne" (Gl 5:16). A réplica desta exortação jaz diante de nós em **8:1-17.** Não foi feita menção alguma do Espírito Santo no capítulo 7, mas Ele ocupa o capítulo 8, que descreve a vida vitoriosa e cheia de esperança vivida por aqueles que não andam "segundo a carne, mas segundo o Espírito (8:4), aqueles "Que estão em Cristo Jesus" **(8í1).**

Enquanto se esforçam por fazer a guerra a suas expensas, lutam numa batalha perdida. Quando utilizam os recursos de poder e vida que lhes pertencem "em Cristo", são mais que vencedores. Portanto, não há mais motivo para que aqueles que estão "em Cristo Jesus" devam continuar levando uma vida de servidão, obrigados a pôr em execução os ditames da tirânica lei do pecado e da morte. Cristo habita neles por Seu Espírito, e Seu Espírito infunde neles um novo princípio — a lei da vida — que é mais forte do que a força do pecado neles, e os liberta da tirania deste.

Sob a velha ordem era simplesmente impossível fazer a vontade de Deus, e se a velha ordem ainda domina a vida dos homens, fazer a vontade de Deus continua sendo uma impossibilidade. Mas aqueles cuja vida é dominada e dirigida pelo Espírito, que seguem os Seus impulsos, fazem de coração a vontade de Deus. O espírito deles, anteriormente morto e insensível, está agora imbuído da vida comunicada pelo Espírito de Deus. Seu corpo pode por algum tempo ainda estar sujeito à lei da morte que resulta da entrada do pecado no mundo. Mas a palavra final permanece com o Espírito da vida.

Pois não somente o Espírito mantém a vida e o poder no espírito dos crentes aqui e agora. Sua presença neles é prova de que seus corpos, ainda sujeitos à mortalidade, ressurgirão para uma nova vida, como se deu com o corpo de Cristo. O corpo não está excluído dos benefícios da redenção obtida por Cristo. Paulo já utilizara este fato num apelo dirigido aos membros da igreja de Corinto para considerarem os seus corpos e suas ações corporais com espírito de responsabilidade cristã: "fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo"[13] (1 Co 6:20). Assim o apóstolo lembra que as notificações de uma imortalidade vindoura são conferidas pelo Espírito ainda neste período de mortalidade: este é um dos muitos modos pelos quais a presença do Espírito neste tempo é as primicias de uma herança de glória que ainda está para concretizar-se. Se aqueles que continuam em conformidade com a velha ordem trazem dentro de si a sentença de morte, os que consideram a velha ordem como pertencente ao passado morto e seguem a orientação do

Espírito de Deus têm a segurança de que a vida imortal já começou neles. Na verdade, o fato de que respondem positivamente à direção do Espírito de Deus é prova evidente de que são filhos de Deus.

Para o apóstolo Paulo, a direção do Espírito não é questão de impulsos esporádicos, mas é a experiência habitual do crente em Cristo; é o próprio princípio de liberdade da vida cristã. "Se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei." (Gl 5:18.) A velha escravidão da lei foi abolida; o Espírito introduz os crentes numa nova relação como filhos de Deus, nascidos livres. É o incentivo do Espírito que leva os cristãos a se dirigirem espontaneamente a Deus como seu Pai, usando a mesma expressão que Jesus usou ao falar com Deus como Seu Pai — expressão própria para a atmosfera íntima da afeição familiar. Não admira que numa passagem parecida, em Gálatas, Paulo diga que "enviou Deus" aos corações do Seu povo "o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai" (Gl 4:6). Em outras palavras, eles receberam o mesmo Espírito que desceu com poder sobre Jesus quando este foi batizado (Mc 1:10), que O levou ao deserto (Mc 1:12), que Lhe deu energia para realizar Suas poderosas obras (Mt 12:28) e que deu alento a toda a Sua obra e ministério (Mc 1:8; Lc 4:14,18).

Assim o Espírito de Deus e o espírito do cristão testificam concor-demente o fato de que este é filho de Deus. Além disso, os filhos de Deus são Seus herdeiros — herdeiros daquela glória que pertence a Cristo por direito único, e que pela graça Ele comparte com Seus "irmãos" que, portanto, são co-herdeiros com Ele. Os que na presente vida experimentam a comunhão do Seu sofrimento podem aguardar a comunhão da Sua glória. "Sofrimento agora, glória depois", é o tema que ocorre repetidamente no Novo Testamento e corresponde às realidades da vida cristã primitiva. "Através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus", disseram Paulo e Barnabé aos que se converteram por meio deles no sul da Galácia (At 14:22), e a mesma exortação se repetia a cada nova comunidade cristã que se formava, e era logo confirmada pela experiência. "Se sofremos, também reinaremos com ele" (2 Tm 2:12, AV), significa a reprodução nas vidas dos cristãos, do modelo perfeitamente exemplificado em seu Mestre e Senhor, que por divina necessidade passou por sofrimentos, e assim entrou em Sua glória (Lc 24:26; 1 Pe 1:11, 5:1).

1. *Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.*

Se "condenação" fosse simplesmente o oposto de "justificação", Paulo estaria dizendo que aqueles que estão em Cristo Jesus estão justificados; mas este estágio da argumentação foi alcançado em 3:21. A palavra *katakrima* não significa "provavelmente 'condenação', mas a punição que se segue à sentença" (Arndt-Gingrich) — em outras palavras, "trabalhos forçados". Não há razão por que aqueles que estão "em Cristo Jesus" devam continuar fazendo trabalhos forçados penais, como se nunca tivessem sido perdoados e como se nunca tivessem sido libertados da prisão do pecado.

"Em Cristo Jesus" (ou "em Cristo" ou "no Senhor") é a descrição que Paulo faz da nova ordem na qual homens e mulheres são introduzidos pela fé em Cristo. O batismo cristão é batismo "em Cristo". Pela união com Cristo pela fé, Seu povo é visto como tendo morrido com Cristo, tendo sido sepultados com Ele e como tendo ressuscitado com Ele. Não são mais eles que vivem, mas Cristo vive neles. A vida em comum no corpo de Cristo é a vida da ressurreição de Cristo partilhada com Seu povo. Se de um ponto de vista Ele vive neles, doutro eles vivem nele. O conceito veterotestamentário de "personalidade incorporada" estava ainda vivo e prontamente utilizável para o pensamento e para a linguagem de um homem como Paulo. Nos termos desse conceito, não era difícil para sua mente mover-se para trás e para diante entre Cristo em Sua Pessoa e Cristo como personalidade incorporada, abrangendo o Cristo agora exaltado à destra de Deus e Seu povo que participa da Sua vida. "Estar 'em Cristo' é ser membro da igreja; naturalmente, não é ter o nome nos róis, mas ser num sentido real um membro ou órgão do corpo de Cristo, dependente dele, submisso à Sua vontade, dedicado a Seus fins.[14]

O acréscimo *que não andam segundo a carne*, e o acréscimo ainda mais tardio *mas segundo o Espírito* (AV) não fazem parte do texto original do versículo 1 (ver RV, RSV, NEB, AA), mas foram introduzidos sob a influência do versículo 4, local que lhes cabe apropriadamente.

2. *A lei do Espírito da vida em Cristo Jesus te livrou.*

AV: "... me fez livre." Comparar com 2Coríntios3:17: "onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade" e com Gálatas 5:13: "fostes chamados à liberdade". Neste passo, "Lei" provavelmente significa "princípio" (ver p. 46). Ê a "lei do Espírito" em contraste com a "lei do pecado que está nos meus membros" (7s23); é a "lei da vida" em contraste com a "lei da morte". Talvez seja melhor tomar os dois genitivos "do Espírito" e "da vida" como igualmente dependentes de "lei": a lei do Espírito e a lei da vida. O Espírito, "por Suas influências

determinantes, produz ação dirigida sem o uso de nenhum código" ,[15]

Ã parte da menção antecipadora do Espírito em 5:5, onde se diz que Sua vinda inunda do amor de Deus os corações dos crentes (e da breve referência em 1:4 ao "espírito de santidade" em conexão com o fato de haver Cristo ressuscitado dos mortos), este é o primeiro lugar, nesta epístola, onde o Espírito de Deus penetra na argumentação. Não é acidental que, com Sua entrada, não se fale mais em fracasso. O conflito entre as duas naturezas prossegue, mas onde o Espírito Santo tem o domínio e a direção, a velha natureza é compelida a recuar.

A redação de AA ("te livrou"), em vez de "me fez livre" (AV), tem a seu favor umas 80 autoridades (inclusas as testemunhas orientais *Aleph* e B e a testemunha ocidental G), seguidas pelo texto de Nestle-Küpatrick. (NEB: "te libertou").

3. *Em semelhança de carne pecaminosa.*

Lit.: "Em semelhança de carne de pecado." As palavras foram escolhidas cuidadosamente. "Em semelhança de carne" é expressão que, isoladamente, seria docética. A essência da mensagem apostólica é que o Filho de Deus veio "em carne", e não meramente "em semelhança de carne". Paulo podia ter dito simplesmente "em carne", mas quis salientar que a carne humana foi a esfera em que o pecado conquistou um ponto de apoio e dominou a situação até aproximar-se a graça de Deus. Por isso não diz simplesmente "carne", mas "carne pecaminosa" ("carne de pecado"). Mas dizer que o Filho de Deus veio "em carne pecaminosa" implicaria em que havia pecado nele, ao passo que (como o coloca Paulo em outro lugar), Ele "não conheceu pecado" (2 Co 5:21). Daí é descrito como sendo enviado "em semelhança de carne pecaminosa".

No tocante ao pecado. AV: "pelo pecado". Grego: *peri hamartias* ("pelo pecado") é a frase normalmente usada na LXX para traduzir o hebraico *hatta'th,* "oferta pelo pecado",[16] e essa é sua força aqui. Daí RV acertadamente traduz: "como oferta pelo pecado" (ver NEB: "como sacrifício pelo pecado"). Esta é provavelmente a significação dominante de "pecado" também em 2 Coríntios 5:21, onde se diz que Cristo foi feito "pecado por nós" (embora aqui se use o simples substantivo *harmartia,* e não a expressão *peri hamartias,* usada em 8:3).

Condenou Deus, na carne, o pecado. Isto é, na carne de Cristo, em Sua natureza humana, foi dada a sentença sobre o pecado, e foi executada. Portanto, para os que estão unidos a Cristo, o poder do pecado foi destruído (ver 6:6s.).

4. *Afim de que o preceito daleise cumprisse em nós.*

AV: "Para que a justiça da lei ..." A "justa exigência" da lei é resumida em 13:9 no mandamento único: "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo." A palavra grega é *dikaioma,* usada aqui, como em 2:26 (quanto a outros sentidos, ver p. 108, n. 21.). Temos aqui o cumprimento da profecia de Jeremias sobre a nova aliança (citada parcialmente em 11:27), sob a qual, disse Deus: "Na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor, porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles" (Jr 31:33s.). Ver a profecia paralela, em Ezequiel 36:26s., onde Deus diz: "Dar-vos-ei coração novo, e porei dentro em vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro em vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis." Os escritores do Novo Testamento reconhecem no Evangelho o cumprimento dessas profecias antigas.

A santidade cristã não consiste de penosa conformidade com preceitos particulares de um código externo de leis. Ê antes uma questão de o Espírito Santo produzir Seu fruto na vida do crente, reproduzindo aquelas graças que só se viram com perfeição na vida de Cristo. A lei prescrevia uma vida de santidade, mas era incapaz de produzir tal vida, porque o material humano no qual tinha de trabalhar era inadequado. Porém, o que a lei foi impotente para fazer, Deus fez. Agora que o próprio Filho de Deus, enviado à terra "em semelhança de carne pecaminosa", entregou Sua vida como oferta pelo pecado em benefício do Seu povo, o pecado recebeu sentença de morte. Não achou onde firmar os pés na vida de Jesus; foi efetivamente vencido em Sua morte; e os frutos daquela vitória se fizeram bons, agora, para todos quantos estão "nele" ("em Cristo"). Tudo o que a lei exigia com vistas à conformidade com a vontade de Deus, realiza-se agora nas vidas daqueles que são dominados e dirigidos pelo Espírito Santo, e são libertados da escravidão da velha ordem. Os mandamentos de Deus transformaram-se em meios divinos para capacitar os crentes.

"Laborar e correr me manda a lei,
contudo, não me dá nem pés nem mãos.
Mas o Evangelho traz melhores novas.
Convida-me a voar, e asas me dá."
"A graça foi dada", diz Agostinho, "para.que se cumprisse a lei."[17]

"Somente depois que a nova criação veio à luz, pela morte e ressurreição de Cristo, é que se tornou possível a Deus enviar o Espírito do Seu Filho aos corações dos homens perdidos e desamparados; e com o Espírito vieram vida, liberdade e poder. Os que vivem pelo Espírito, como Paulo diz, produzem os frutos do Espírito. A videira não produz uvas por um decreto do governo; elas são o fruto da vida da videira; assim a conduta que se harmoniza com o padrão do Reino não é produzida por nenhuma exigência, nem mesmo de Deus, mas é o fruto daquela natureza divina que Deus dá como resultado daquilo que Ele fez em Cristo e por meio de Cristo."[18]

Que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito. Ver Gálatas 5:25: "Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito" (também Gl 5:16, citado na p. 127). À primeira vista é difícil decidir se "espírito" *(pneuma)* deve receber inicial maiúscula ou não, aqui. Quando se usa "espírito" em contraste com "carne", podia ser natural supor que a referência é ao espírito humano. Todavia, no argumento subseqüente a palavra claramente se refere com tanta freqüência ao Espírito de Deus, que é melhor tomá-la como se referindo a Ele sempre (mesmo quando aparece em antítese com "carne", como acontece aqui e no versículo 9), exceto quando o contexto elimina este significado. O espírito humano não é excluído, porém, onde se deve compreender a palavra como designativo do Espírito divino. Para o apóstolo Paulo, o espírito humano está adormecido ou morto enquanto não é trazido à vida pelo Espírito de Deus. Daí, andar "segundo *o pneuma"* implica na ação do espírito humano em resposta à orientação do Espírito divino.

5. *Os que se inclinam para a carne cogitam das cousas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das cousas do Espírito.*

AV: "Os que andam segundo a carne, atendem às coisas da carne; mas os que andam segundo o Espírito, às coisas do Espírito." Ver Gálatas 5:17 (citado nas pp. 123-127).

6. *O pendor da carne (...) o do Espírito.*

Lit., "A mente da carne (...) a mente do espírito." Compare-se com a antítese que se acha em Gálatas 5:19ss. entre "as obras da carne" e "o fruto do Espírito".

9. *Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele.*

"Se um homem não possui o Espírito de Cristo, não é cristão" (NEB). Visto que somente o Espírito coloca os homens em viva relação com Cristo, não pode haver tal relação com Cristo independentemente do Espírito.

10. *Se, porém. Cristo está em vós, o corpo, na verdade, esta morto por causa do pecado.*

É melhor traduzir a sentença que começa com "o corpo, na verdade" como sentença subordinada. A verdadeira apódose da oração condicional "se, porém, Cristo está em vós" é "o espírito (AV: "o Espírito) é vida por causa da justiça". Ver RSV, NEB. Esta versão traduz: "Mas se Cristo habita em vocês, então, conquanto o corpo seja uma coisa morta porque vocês pecaram, o espírito é vida porque vocês foram justificados." "O corpo (...) está morto" no sentido de que é "mortal", "sujeito à morte."

Mas o espírito é vida por causa da justiça. Trata-se do Espírito de Deus (AV) ou do espírito humano do crente (RV, RSV, NEB, AA)? A afirmação é verdadeira, seja qual for a interpretação escolhida, mas Paulo queria referir-se a um deles, qual? Em vista do sentido *depneuma* nos versículos imediatamente anteriores e seguintes, provavelmente se referia ao Espírito de Deus. Portanto, podemos parafrasear assim a sua afirmação: "Se Cristo habita em vocês, então, embora o seu corpo esteja ainda sujeito àquela morte temporal que é conseqüência do pecado, o Espírito que fez morada em vocês, o Espírito vivo e vivificante, dá-lhes aquela vida eterna que é conseqüência da justificação" (ver 5:18: "justificação que dá vida"; AV: "justificação da vida").

11. *Esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos, vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito que em vós habita.*

Ver 1 Coríntios 6:14; 2 Coríntios 4:14; 1 Tessalonicenses 4:14, onde a ressurreição dos crentes é

semelhantemente feita dependente da ressurreição de Cristo (ver nota sobre 1:4, p. 60s.). Aqui, contudo, a relação do Espírito com a ressurreição é salientada como não o é naquelas passagens anteriores. Ver, porém, 2 Coríntios 5:5: "Foi o próprio Deus quem nos preparou para isto (o revestimento do corpo celestial), outorgando-nos o penhor do Espírito.

13.*Se pelo Espírito mortificardes os feitos do corpo.* "Mortificardes" é equivalente a "considerai-vos mortos" (6:11). Ao

passo que em 6:11 os crentes são exortados a se considerarem mortos com relação ao pecado, aqui se lhes diz que considerem as suas práticas pecaminosas anteriores como mortas com relação a eles próprios (ver também Cl 3:5s.). Podemos comparar isto com Gálatas 5:24: "Os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupis-cências", e com o linguajar mais vigoroso de nosso Senhor sobre arrancar o olhoe cortara mão ou o pé que leva a pessoa a pecar (Mt 5:29s.; Mc 9:43ss.).

14.*Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.* Ver Gálatas 5:18: "Se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a

lei." Em Gálatas 3:23-4:7 Paulo contrasta a anterior servidão de escravos ("sob a tutela da lei") com a nova liberdade de filhos, a cujos corações Deus enviou "o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai".

15.*Não recebestes o espírito de escravidão para viverdes outra vez atemorizados, mas recehestes o espírito de adoção.*

AV: "... o Espírito de adoção." Comparar com 1 Coríntios 2:12: "Nós não temos recebido o espírito do mundo, e, sim, o Espírito que vem de Deus" (AV: "... o espírito queé de Deus"); 2Timóteo 1:7: "Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação." "Eis aí uma bela cadeia de versículos que refletem experiência, todos amoldados na mesma forma, construídos segundo o mesmo modelo, primeiro com os elementos negativos, depois com os positivos; de um lado, escravidão, mundanismo e medo; de outro lado, filiação, dons espirituais, poder, amor, e senso comum santificado."[19]

O Espírito de adoção (AV) é assim chamado porque os que são guiados pelo Espírito de Deus é que são filhos de Deus (versículo 14). "O Espírito de adoção" ou de filiação *(huiothesia)* ê, em outras palavras, o Espírito que torna os crentes filhos de Deus e os capacita a chamarem a Deus seu Pai. Em Gálatas 4:6 eles são capacitados a fazê-lo pelo "Espírito de seu Filho", pois quando os crentes se dirigem a Deus usando o mesmo nome usado por Jesus, é evidente que Seu Espírito está neles agora. O termo "adoção" pode soar com certo artificialismo aos nossos ouvidos. Mas no primeiro século A. D., um filho adotivo era um filho escolhido deliberadamente por seu pai adotivo para perpetuar seu nome e herdar seus bens. Sua condição não era nem um pouco inferior à de um filho segundo as leis comuns da natureza, e bem podia desfrutar da afeição paterna o mais completamente e reproduzir o mais dignamente a personalidade do pai.

Aba, Pai. Esta frase ocorre em outros dois lugares do Novo Testamento — em Marcos 14:36 e Gálatas 4:6 (ver notas logo acima, pp. 128-134). Em grego é *Abba, ho pater,* em que *ho pater* ("o Pai") simplesmente indica o significado da palavra não-grega *Abba. Abba* é palavra aramaica (no "estado enfático") que veio a ser usada pelos judeus (e até hoje é usada pelas famílias que falam o hebraico) como o termo familiar com o qual os filhos se dirigem ao seu pai. Marcos 14:36 apresenta Jesus fazendo uso desse termo na oração que fez no Getsêmani. A importância disto jaz no fato de que *Abba* não era, e não é, o termo usado pelos judeus ao se dirigirem a *Deus* como seu Pai. Mas o fato de que esta palavra aramaica se introduziu no vocabulário litúrgico das igrejas gentílicas indica enfaticamente que ela era usada desse modo por Jesus, e Marcos 14:36 o confirma. Há boa base para supor também que, quando Jesus ensinou Seus discípulos a começarem suas orações com: "Pai, santificado seja o teu nome" (RV, AA), a palavra que usou para "Pai" foi *Abba.* Isto explica suficientemente a passagem do termo aramaico para o uso dos cristãos de língua grega.

Sobre *Abba, Pai* diz Lutero: "Esta é uma palavra tão pequenina, e no entanto abrange todas as coisas. A boca não fala assim, mas o afeto do coração fala desse modo. Ainda que eu seja oprimido pela angústia e terror de todo lado, e pareça estar abandonado e ter sido totalmente expulso da Tua presença, contudo sou Teu filho, e Tu és meu Pai, por amor de Cristo: sou amado por causa do Amado. Por conseguinte, esta pequena palavra, Pai, concebida efetivamente no coração, sobrepuja toda a eloqüência de Demóstenes, de Cícero, e dos mais eloqüentes retóricos que já houve no mundo. Esta matéria não se expressa com palavras, mas com gemidos, gemidos que não podem ser proferidos com palavras ou com oratória, pois nenhuma língua os pode expressar" (sobre Gl 4:6, tradução de Middleton).

16. *Filhos de Deus.*

A palavra aqui é *tekna,* "crianças", e não *huioi,* "filhos" como no versículo 14. Mas o curso da argumentação esclarece perfeitamente que Paulo está usando os dois substantivos, um pelo outro. Em Gálatas 3:23-4:7 ele, na verdade, faz distinção entre o período da infância, quando os seus leitores estavam sob a tutela da lei, e a obtenção do seu estado de responsabilidade como filhos *(huioi)* de Deus, agora que foi introduzido o Evangelho. Mas seu estado anterior é classificado com o termo *nêpioi* ("bebês"), e não *tekna* ("crianças")- Em parte alguma do Novo Testamento se pode fazer distinção válida entre ser "crianças *{tekna)* de Deus" e ser "filhos *(huioi)* de Deus". Nos escritos joaninos esta relação é sempre comunicada pela palavra *tekna* (ver Jo **1:12;** 1 Jo 3:ls.), reservan-do-se a palavra *huios* para Cristo como o Filho de Deus.

17. *Ora, se somos filhos, somos também herdeiros.*

Ver Gálatas 4:7: "De sorte que já não és escravo (grego *doutos,* "escravo"), porém filho; e, sendo filho, também herdeiro por Deus." (AV: "... herdeiro de Deus mediante Cristo.") "A crise daquilo que é denominado conversão de João Wesley veio quando, em suas próprias palavras, 'trocou a fé própria de servo pela de filho' ".[20]

Herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo. São co-herdeiros com Cristo porque a glória que herdarão pela graça é a glória que de direito Lhe pertence (ver Jo 17:22-24).

Se com ele sofrermos, para que também com ele sejamos glorifi-cados. O sofrimento é o necessário prelúdio da glória. Assim, quando Paulo diz (2 Co 4:16) que "mesmo que o nosso homem exterior se corrompa (AV: "pereça"), contudo o nosso homem interior se renova de dia em dia", ele quer dizer que as mesmas aflições e privações que destroem o "homem exterior" constituem o meio que o Espírito de Deus emprega para renovar o "homem interior" mais e mais, até que por fim o "homem exterior" desaparece completamente e o "homem interior" se forma plenamente segundo a imagem de Cristo. Ver 2 Coríntios 4:10: "Levando sempre no corpo o morrer de Jesus para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo."

(2) A glória por vir (8:18-30).

Mas a glória vindoura sobrepuja em muito a aflição do presente. A aflição é leve, temporária, comparada com a suprema e eterna glória. Deste modo Paulo, escrevendo contra um fundo de tribulação recente e (mesmo para ele) sem paralelo, tinha garantido a seus amigos de Corinto um ano ou dois antes, que "a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso[21] de glória, acima de toda comparação" (2 Co **4:17).** Não significa apenas que a glória é uma compensação para o sofrimento; mas ela de fato evolve do sofrimento. Há uma relação orgânica entre ambos para o crente em Cristo, tão certamente como houve para o seu Senhor.

Quando o dia de glória raiar, aquela glória se manifestará em escala universal no povo de Deus, o corpo de Cristo glorificado. Algo da glória é já visível: Paulo em outra parte vê um esplendor especial na igreja como a comunhão dos reconciliados, e pensa nela como sendo mostrada mesmo no tempo presente a seres celestiais como a obra-prima da reconciliação realizada por Deus: "Para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida agora dos principados e potestades nos lugares celestiais" (Ef 3:10). Mas aquilo que agora se vê de modo limitado e distorcido, se verá com perfeição quando o povo de Deus afinal atingir a meta que Ele sempre tivera em vista para os Seus — completa conformidade com o Seu Filho glorificado.

Mas não são somente os cristãos que têm çsta esperança da glória. Toda a criação, diz Paulo, espera com ardente ansiedade pelo dia em que os filhos de Deus serão manifestados em glória. No presente, como o Antigo *Qoheleth"* proclamava, "vaidade de vaidades" é a ordem que predomina em todas as coisas debaixo do céu. Mas esta vaidade — este estado de frustração e escravidão — é passageira. Justamente como o homem atualmente carece da glória de Deus, a criação como um todo não pode alcançar plenamente o fim para o qual foi trazida à existência. Como o homem, a criação precisa ser redimida porque, como o homem, a criação também está sujeita à queda.

Esta doutrina da queda cósmica está implícita no registro bíblico de Gênesis 3 (onde a terra recebe maldição por causa do homem) a Apocalipse 22 (onde "nunca mais haverá qualquer maldição"); eé requerida por qualquer perspectiva do mundo que se empenhe por fazer justiça à doutrina bíblica da criação e aos fatos da vida como os conhecemos. O homem faz parte da natureza, e a "natureza" toda, da qual ele faz parte, foi criada boa, foi submetida à frustração e à futilidade pelo pecado, e finalmente, será redimida. Não é por acaso que a redenção da natureza é aqui vista como coincidindo com a redenção do corpo humano — a parte física do seu ser que o liga à criação material. O homem foi encarregado da criação "inferior" e a envolveu

consigo quando caiu. Mediante a obra redentora do "segundo homem", rompe-se o vínculo da queda, não somente para o homem, mas também para a criação que é dependente dele. Mesmo agora o homem, que pela exploração egoística pode transformar a boa terra numa bola de poeira, pode, graças ao desempenho de uma administração responsável, fazer com que o deserto floresça como um rosai. Qual há de ser, então, o efeito que uma humanidade completamente redimida produzirá na criação entregue aos seus cuidados? Quando Isaías anelava pela coexistência pacífica do lobo e do cordeiro na era messiânica, verbalizou sua esperança empregando linguagem poética, só que sua poesia não abriga nenhuma fraude patética, mas algo muito mais bíblico e substancial:

"Não haverão de ferir,
nem destruir,
em todo o meu santo monte;
pois a terra se encherá
do conhecimento do Senhor,
como as águas cobrem o mar"
(Is 11:9, RSV).

O cristão não sustentará que, no presente, "tudo visa ao melhor no melhor de todos os mundos possíveis," nem escreverá que o mundo pertence ao diabo.[23] O mundo é de Deus, e Deus ainda será glorificado por todas as Suas obras. E quando Deus é glorificado, Suas criaturas são abençoadas.

Se as palavras significam alguma coisa, estas palavras de Paulo falam, não da aniquilação do atual universo físico no dia da revelação, para ser substituído por um universo completamente novo, mas da transformação do presente universo de modo que cumpra o propósito para o qual Deus o criou. Aqui temos de novo um eco da esperança veterotes-tamentária — a criação de novos céus e nova terra "nos quais habita justiça" (2 Pe3:13, citando Is 65:17, 66:22; ver Ap 21:1).[24] Mas a transformação do universo depende de consumar-se a transformação do homem por obra da graça de Deus.

A graça de Deus já começou a trabalhar na vida dos justificados. Sua ação continuada recebe suficiente atestado do Espírito que neles habita, e é essa mesma graça que, no "dia de Jesus Cristo", levará à consumação a obra divina tão bem começada.

"A graça acabará todo o lavor,
até o dia eternal;
ela fixa no Céu a pedra final,
e merece louvor."

Mas a habitação do Espírito em nós não é somente evidência de que a graça de Deus age ininterruptamente conosco no presente; é garantia da glória vindoura — e além da garantia, é a primeira parcela da glória por vir. Não há descontinuidade entre o aqui e o além, no que concerne à obra que Deus está realizando no Seu povo e por ele.

Se a criação inanimada anseia cegamente pelo dia da sua libertação, a comunidade dos remidos, que vêem a glória a refulgir diante deles, torce ansiosa e inteligentemente pela mesma consumação. Para eles é a "adoção" — quer dizer, o dia em que serão publica e universalmente reconhecidos como filhos de Deus. Também significa para eles "a redenção do corpo" — o dia da ressurreição, quando o atual corpo da humilhação será transformado tornando-se semelhante ao corpo glorificado de Cristo, ocasião em que a personalidade toda finalmente experimentará os benefícios da obra redentora do Senhor.

Esta é a esperança do povo de Deus — "Cristo em vós, a esperança da glória", segundo a colocação feita por Paulo noutra epístola (Cl 1:27). Esta esperança é elemento essencial da salvação dos filhos de Deus. Capacita-os a aceitarem as aflições do presente de modo que, por sua paciente perseverança, ganhem suas vidas. Ela é, juntamente com a fé e o amor, uma das sublimadoras graças que constituem as marcas distintivas do cristão.

Em todas as provações do presente, o Espírito ajuda também por Sua intercessão. As aspirações por santidade e glória que Ele faz surgir na vida dos crentes em Cristo são profundas demais para serem expressas adequadamente com palavras. Numa certa etapa da vida religiosa, a formulação correta das palavras é considerada essencial à eficácia da oração. Quando o espírito do homem está em mais estreita harmonia com o Espírito de Deus, as palavras podem não só mostrar-se inadequadas; como também prejudicar a oração. Mas

Deus, perante quem os pensamentos de todos os homens são como um livro aberto, reconhece naqueles "gemidos" não verbalizados que vêm do fundo dos corações do Seu povo, a voz do Espírito intercedendo pelos Seus em harmonia com a Sua vontade, e lhes responde acordemente.

Na verdade, a soberana graça de Deus coopera em todas as coisas para o bem do Seu povo, mesmo naquelas coisas que na hora causam tanta tristeza e perplexidade, e são duras de agüentar. "Sabemos" que é assim mesmo, diz o apóstolo, falando como alguém que provou esta verdade em sua experiência pessoal; vendo, por exemplo, que as durezas que enfrentou transformaram-se em elemento favorável ao progresso do Evangelho (Fp 1:12) e que suas mais dolorosas e desagradáveis provações eram meios pelos quais o poder de Cristo repousava sobre ele (2 Co 12:9ss.).

E agora Paulo deixa sua mente retroceder e avançar para observar todo o transcurso dos procedimentos de Deus para com o Seu povo. Antes da fundação do mundo, o Senhor conhecia os Seus e os preordenou — preordenou-os para o dia da redenção final, quando se harmonizariam com a imagem do Seu Filho. O próprio Filho de Deus "é a imagem do Deus invisível" (Cl 1:15; ver 2 Co 4:4). O fato de criar Deus o homem "à sua imagem" foi um passo inicial rumo à consecução do Seu antiqüíssimo propósito de ter criaturas Suas participando da Sua glória, tão plenamente como é possível a seres criados participarem da glória do seu Criador. Quando a imagem de Deus na velha criação foi desfigurada pelo pecado, de modo que o homem como agora é carece da glória para a qual foi feito, o propósito de Deus não foi frustrado. Quando chegou o tempo oportuno, a imagem divina manifestou-se entre os homens pelo novo Homem, a cuja imagem os que se unem a Ele pela fé vão-se transformando progressivamente — de um grau de glória a outro — até o dia em que, para citar outro escritor do Novo Testamento, estarão em perfeita conformidade com a Sua semelhança, porque O verão "como ele é"(l Jo 3:2).

18. *Os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a~ glória por vir a ser revelada em nós.*

Ver Lc 6:22s.: "Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem (…) Regozijai-vos naquele dia e exultai, porque grande é o vosso galardão no céu."

20. *A criação está sujeita à vaidade.*

AV: "A criatura foi feita sujeita à vaidade." Em acréscimo à idéia de futilidade ou frustração, "vaidade" *(mataiotês),* como em outro lugar na Bíblia grega (ver At 14:15), pode significar culto a falsos deuses; a criação foi escravizada a poderes malignos (ver 1 Co 12:2).

Por causa daquele que a sujeitou. A referência é com toda a probabilidade a Deus. Uma opinião de há muito propalada é a de que o texto fala de Adão, visto que o seu pecado trouxe a morte ao mundo e envolveu a terra na maldição sobrevinda. Mais recentemente, Karl Heim argumentou que o agente da sujeição é "o revolucionário poder do pecado (...) o poder satânico" que existia antes dos homens e os colocou "sob o seu fascínio com seus ardis tentadores".[25] Mas isto se aproxima de um dualismo antipaulino e, em todo caso, não se pode dizer que esse poder sinistro sujeitou o mundo à frustração "na esperança" (v. 21).

21. *A própria criação será redimida do cativeiro da corrupção.*

"Porque" (AV, grego: *hoti)* talvez deva ser substituído pela conjunção "que" *{that),* tornando a sentença que ela ihtroduz diretamente subordinada à expressão "na esperança" que em AV consta do final do versículo 20: "na esperança de que a própria criação será redimida ..." (RV.comoAA).

Para a liberdade da glória dos filhos de Deus. AV: "gloriosa liberdade". Quanto ao pensamento básico, ver Tiago 1:18: "Segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas."

22. *Sabemos que toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora.*

Paulo talvez tivesse em mente a corrente expectação judaica das "dores de parto do Messias" — o período de angústia que introduziria a era messiânica (ver Mc 13:8, NEB: "começam as dores de parto da nova era"). Se é assim, ele considera toda a humanidade, e na verdade a criação inteira, como participando dessas dores de parto e ansiando pela alegria que se lhes seguirá.

23. *As primícias do Espírito.*

A habitação do Espírito em nós aqui e agora constitui as "primícias" *(aparche),* i. e., a "primeira prestação" ou a "entrada" na entrega da herança eterna da glória que aguarda os crentes em Cristo. Em 2

Corín-tios 1:22, 5:5eEfésios 1:14o mesmo ensinamento sobre o Espírito é dado pelo emprego de *arrhabõn,* "penhor" ou "garantia" (palavra empregada no grego moderno para o anel de noivado como penhor ou garantia do casamento que há de vir).

Tem-se dado a idéia de que alguns leitores da epístola podem ter inferido do uso que Paulo faz de *aparchè* nesta passagem, que a possessão do Espírito é a "cédula de identidade" do crente, uma vez que há MSS em papiro que dão evidência deste sentido da palavra. Embora não seja precisamente o que Paulo quer dizer aqui, aqueles leitores não estariam muito afastados da verdade se fizessem essa inferência, pois algo desta sorte é envolvido pelo "selar" no Espírito (ou com o Espírito), em Efésios 1:13, 4:30. Quanto a outro uso da figura *aparchê,* verll:16(pp. 175ss.).

Também nós (...) *igualmente gememos em nosso íntimo.* Ver 2 Conntios 5:2: "neste tabernáculo (i. e., corpo) gememos, aspirando por ser revestidos da nossa habitação celestial."

Aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo. A "adoção" aqui é a plena manifestação do estado dos crentes como filhos de Deus (ver versículos 14,15), seu ingresso na herança que lhes pertence em virtude desse estado. "A redenção do nosso corpo", a ressurreição, é tema sobre o qual Paulo recentemente se havia alongado em 2 Coríntios 4:7-5:10. A mesma anelada ocasião é denominada "o dia da redenção" em Efésios 4:30, onde se diz que os crentes em Cristo foram selados no (ou com) o Espírito em vista disso.

24.*Pois o que alguém vê, como o espera?*

Talvez devamos preferir a leitura mais curta de P46 e a primeira redação de B: "pois quem espera o que vê?"

25. *Esperamos o que não vemos.*

Ver 2 Coríntios 4:18: "Não atentando nós nas cousas que se vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas."

26. *Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fra queza.*

AV: "... nossas enfermidades." Leia-se o singular "enfermidade" (RV) ou "fraqueza" (RSV, NEB, AA).

O mesmo Espírito intercede por nós. Em AV ocorre o pronome pessoal reflexivo neutro. Recomenda-se o pronome masculino, como consta em RV, RSV, NEB.[26] Ver Efésios 6:18: "Com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito." Quando os crentes oram "no Espírito" , o próprio Espírito intercede em favor deles. (Ver p. 44.)

Com gemidos inexprimíveis. "Por meio de nossos gemidos inarti-culados (NEB). Pode-se incluir nessa expressão o falar a Deus no Espírito com "línguas" (1 Coríntios 14:2), mas ela abrange aqueles anelos e aspirações que jorram das profundezas espirituais e que não podem ser aprisionados dentro das limitações das palavras de uso diário. James Montgomery captou bem o significado do que disse Paulo, quando escreveu:

"A oração é desejo da alma,
quer expresso, quer não;
movimento de chamas ocultas,
que no peito estremecem.
A oração fardo é de um suspiro,
o cair de uma lágrima,
o relance do olhar para o alto,
quando só Deus está perto."

Em oração assim, é o Espírito em nós que ora, e Sua mente é lida de imediato pelo Pai, a quem a oração é dirigida. Além disso, esses "gemidos inarticulados" não podem ser dissociados do gemer do versículo 23, com o qual os crentes (juntamente com toda a criação) anseiam pela vindoura glória da ressurreição, que consumará a resposta a todas as suas orações (ver p. 45 com n. 24).

28. *Sabemos que todas as cousas cooperam para* o *bem daqueles que amam a Deus.*

"Sabemos" expressa o conhecimento da fé. Gramaticalmente, "todas as cousas" tanto pode ser sujeito como objeto do verbo "cooperam"; é mais provável que aqui seja objeto. Neste caso, o sujeito será "ele", que alguns textos antigos (incluso P46) tornam mais explícito pelo acréscimo de "Deus" no nominativo (acréscimo que torna excessivamente pesada a sentença). Assim RVmg. traduz: "Para os que amam a Deus, Deus faz com eles todas as cousas para o bem'-'. Na construção usada por RSV, "todas as cousas" entra como um

acusativo adverbial, e se traduz assim: "Sabemos que em tudo Deus age para o bem com aqueles que o amam." NEB, contudo, revive uma antiga e atraente interpretação que em geral tem recebido pouca atenção dos tradutores e comentadores. Segundo essa interpretação, o sujeito do verbo cooperar é o sujeito do versículo anterior — o Espírito. Sua tradução é, pois: "... ele intercede pelo povo de Deus à maneira de Deus; e em tudo, como sabemos, ele coopera para o bem com aqueles que amam a Deus ..."" (Quanto às bênçãos preparadas para aqueles que amam a Deus, ver 1 Coríntios 2:9.) *Daqueles que são chamados segundo o seu propósito.* "Chamados", não no sentido geral em que "muitos são chamados, e poucos escolhidos"; mas no sentido daquela "vocação eficaz" que "é a obra do Espírito Santo, pela qual, convencendo-nos do nosso pecado, e da nossa miséria, iluminando nosso entendimento pelo conhecimento de Cristo, e renovando a nossa vontade nos persuade e habilita a abraçar Jesus Cristo, que nos é oferecido de graça no Evangelho" *{Breve Catecismo de Westmins-ter,* perg. 31). Ver 1:6 ("chamados para serdes de Jesus Cristo"; AV: "chamados de Jesus Cristo"), 1:7 ("chamados para serdes santos"), 9sll ("aquele que chama").

29. *Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.*

O propósito da graça de Deus vem exposto nos versículos 29 e 30 por meio da proposição chamada "sorites", .na qual o predicado lógico de uma cláusula torna-se o sujeito lógico da seguinte. Aqui, a nova criação — uma comunidade de homens e mulheres conformes à imagem de Cristo (que é, Ele próprio, "a imagem de Deus", 2 Co 4:4; Cl 1:15), é vista como sendo desde o princípio o objetivo da presciencia de Deus e de Sua misericórdia que se expressa na predestinação. Para os escritores do Novo Testamento, o cumprimento desse propósito está incluído nas palavras criadoras de Gênesis 1:26: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança." A velha criação é, por si mesma, insuficiente para tornar essa meta uma realidade: precisa da obra redentora de Cristo e da Sua conseqüente posição de Cabeça da nova criação, "a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos". Aquele que é "o primogênito de toda a criação" na velha ordem porque "tudo foi criado por meio dele e para ele", é também, pela ressurreição, a cabeça de uma nova ordem, "o princípio, o primogênito de entre os mortos" (Cl 1:15-18, RS-V, AA).

Com relação às palavras "aos que de antemão conheceu", têm aquela conotação da graça motivadora da eleição muitas vezes presente no verbo "conhecer", no Velho Testamento. Quando Deus toma conhecimento das pessoas desta maneira especial, faz recair nelas a Sua escolha. Ver Amcjis 3:2 ("De todas as famílias da terra somente a vós outros vos conheci", AV); Oséias 13:5 ("Eu te conheci no deserto"). Podemos também usar para comparação a própria linguagem de Paulo em 1 Coríntios 8:3 ("Mas se alguém ama a Deus esse é conhecido por ele"); Gálatas 4:9 ("agora que conheceis a Deus, ou antes sendo conhecidos por Deus"). Este aspecto do conhecimento divino é também salientado no *Regulamento da Comunidade,* de Qumran: "Do Deus de Conhecimento provém tudo o que é e que será. Antes de existirem, Ele estabeleceu todo o desígnio para eles, e quando, conforme foi determinado para eles, vêm à existência, é de acordo com o Seu glorioso desígnio que eles realizam as suas obras."[28]

30. *E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou.*

O povo de Deus responde pela fé ao Seu chamamento, e pela fé é justificado.

E aos que justificou, a esses também glorificou. A glorificaçào do povo de Deus é sua final e completa conformidade com a "imagem do seu Filho"; "quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então vós também sereis manifestados com ele, em glória" (Cl 3:4; ver 1 Jo 3:2). Então, é este o propósito da graça da predestinação de Deus — a criação de uma nova raça a manifestar a glória do seu Criador. Levou avante o Seu propósito chamando e justificando aqueles sobre os quais Ele fez recair a Sua escolha. "E aos que justificou, a esses também glorificou." O pré-conhecimento e a preordenação pertencem ao conselho do Deus eterno; a vocação e a justificação ocorrem na experiência do Seu povo; mas a glória, no que concerne à sua experiência, jaz no futuro. Por que, pois, Paulo usa o mesmo tempo pretérito para este ato de Deus, como o faz com os outros? Talvez esteja imitando o uso hebraico do "pretérito profético", pelo qual um acontecimento predito é assinalado com tal certeza de cumprimento que é descrito como se já tivesse acontecido.[29] Como fato da história, o povo de Deus ainda não foi glorificado. Contudo, no que se refere ao decreto divino, sua glória foi determinada desde toda a eternidade, e daí — "a esses também glori-ficou".

Por que será que Paulo aqui parte diretamente da justificação para a glorificação, sem nada dizer acerca da experiência cristã atual de san-tificação sob o poder do Espírito? Em parte é, sem dúvida, porque a glória

vindoura estava em primeiro plano ha sua mente; mas ainda mais porque a diferença que há entre a santificação e a glória é apenas de grau, não de natureza. A santificação é a progressiva conformação à imagem de Cristo aqui e agora (ver *2* Co 3:18; Cl 3:10); a glória é a perfeita conformidade com a imagem de Cristo depois e além. A santificação é a glória iniciada; a glória é a santificação completada. Paulo anseia pela consumação da obra — consumação garantida por seu princípio: "aos que justificou, a esses também glorificou."

(3) A vitória da fé (8:31-39).

Poderia haver mais vigoroso incentivo à fé, do que a contemplação do propósito salvador de Deus para o Seu povo, movendo-se rumo à sua consumação colimada? Visto que Deus é a poderosa salvação dos Seus, que força poderá prevalecer contra eles? Visto que o Seu amor se manifestou de modo supremo no sacrifício do Seu próprio Filho em favor deles, de que benefício haverá Deus de privá-los? Por um momento Paulo encara a situação em termos de um tribunal de justiça, a que o crente comparece para ser julgado. Mas quem ousará apres,entar-se como advogado de acusação? O próprio Deus, o Juiz de todos, declarou sua absolvição e justificação; quem poderá questionar a Sua sentença? O acusador talvez não se aventure a aparecer, mas o conselho de defesa está presente e ativo: "É Cristo Jesus quem morreu, ou antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós." E nada pode colocar-se entre Seu amor e Seu povo — nenhuma das provações e aflições que este tenha experimentado ou que possa experimentar ainda. Na luta espiritual, poderosas forças — sobrenaturais bem como naturais — estão dispostas em linha de combate contra o povo de Cristo, mas por meio deste ele as domina e permanece irrevogavelmente rodeado e fortalecido por Seu amor imutável.

32. *Aquele que não poupou a seu próprio Filho.*

Repetição de Gênesis 22:12, onde Deus diz a Abraão: "Não me negaste (LXX, "não poupaste", grego, *pheidomai*, como aqui) o filho, o teu único filho." A "sujeição de Isaque" (título tradicionalmente dado pelos judeus à narrativa de Gn 22) talvez desempenhe papel mais importante no pensamento de Paulo sobre o sacrifício de Cristo do que parece à superfície.[30] Na interpretação judaica, é tratado como exemplo clássico da eficácia redentora do martírio.

Porventura não nos dará graciosamente com ele todas as cousas? Ver Mateus 6:33: "Todas estas cousas vos serão acrescentadas."

33,34. *É Deus quem os justifica. Quem os condenará?*

(Assim RV, AV: "Quem condena?".) Na linguagem forense desta passagem captamos um inconfundível eco do similar desafio do Servo do Senhor em Isaías 50:8s.: "Perto[31] está o que me justifica; quem contenderá comigo? Apresentemo-nos juntamente; quem é o meu adversário? Chegue-se para mim. Eis que o Senhor Deus me ajuda; quem há que me condene?" Boa ilustração veterotestamentária do texto é o silêncio de Satanás, principal acusador no tribunal celeste, quando Deus declara Sua aceitação do sumo sacerdote Josué (Zc 3: lss.).

34. *O qual está à direita de Deus.*

Repetição do Salmo 110:1: "Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés." Estas palavras, cuja interpretação messiânica era axiomática entre os judeus dos tempos de nosso Senhor (ver Mc 12:35-37), foram aplicadas a Jesus desde os primeiros dias da igreja, e formam o fundamento bíblico da doutrina de Sua exaltação e de Sua posição à direita do Pai — isto é, no lugar de supremacia sobre o universo.

"Mas um dia, quando passava pelo campo, sentindo alguns golpes na consciência, temendo que algo estivesse errado, de repente caiu sobre a minha alma esta sentença: A tua justiça está no céu. E quando pensava em sair, vi, com os olhos da alma, Jesus Cristo à direita de Deus. Eis ali, digo eu, a minha justiça. Deste modo, onde quer que eu estivesse e o que quer que fizesse, Deus não poderia dizer de mim: Ele carece da minha justiça; pois esta estava bem diante de mim. Além disso, vi também que não era a boa estrutura do meu coração que dava melhor qualidade à minha justiça, nem a minha má estrutura que tornava minha justiça pior. Pois a minha justiça era o próprio Jesus Cristo, o mesmo ontem, hoje e para sempre" (João Bunyan, *Grace Abounding*, § 229).

E também intercede por nós. AV: "Quem também faz iníercessão por nós." Outro eco do quarto Cântico do Servo (Is 52:**13-53:**12): o Servo "pelos transgressores intercedeu" (Is 53:12). (Ver nota sobre Rm 4:25, pp.

96s.). O Targum de Jonatã fala do Messias-Servo como suplicando pelos transgressores não somente em Is 53:12 mas também nos versículos 4 e 11. Sendo assim, os crentes contam com um intercessor à direita de Deus, como contam com um intercessor aqui (versículo 27). Não é essa, porém, a significação de "também", que simplesmente serve para acentuar o relativo "quem" (AV).

36. *Como está escrito: Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro.*

Citação do «Salmo 44:22, súplica a Deus por rápido socorro num tempo de dolorosa aflição para Israel.

37. *Em todas estas cousas.*

Talvez um hebraísmo, significando "a despeito de todas estas cousas", "por isso tudo".

Somos mais que vencedores. Grego *hupernikõmen,* "somos super-conquistadores".

38,39. *Nem poderes.*

O peso da evidência textual favorece a colocação desta frase depois de "nem do porvir" (como em A A),. Por outro lado, a probabilidade intrínseca aponta como mais apropriada sua colocação depois de "nem prin-cipados" (como em AV). Em qualquer caso, principados e poderes são as forças do mal no universo, "as hostes espirituais da iniqüidade, nas regiões celestes" de Efésios 6:12 (RV). (Nem todos os "principados e poderes" são hostis; mas os que têm boa disposição não pretendem separar os crentes do amor de Cristo.) Nada do que existe nas expansões do espaço ("nem altura, nem profundidade")[32] ou no transcurso do tempo ("nem cousas do presente, nem do porvir")[33] , nada do que existe em todo o universo de Deus ("nem qualquer outra criatura") pode separar os filhos de Deus do amor do Pai que lhes foi assegurado em Cristo.

Notas

1. Ver Hannah Whitall Smith, *Religious Fanaticism* (1928).

14.Para uma exposição do argumento de Paulo aqui. ver J. O. Buswell, Jr., *Teu Reasons Why a Christian does iwt Live a Wockecl Li/c* (Chicago, 1959).

15.Suas referências ao batismo em 1 Co 1:14-17 não significam quede considerava o sacramento como destituído de importância, mas, sim, que a identidade do oficiante não é importante. Para ele era coisa liqüida e certa que todos os membros da igreja de Corinto eram batizados (1 Col:13, 6:11, 10:lss.).

16.4. VerE. G. Selwyn, *The First Epistle of Peter* (1946), p. 363ss.

17.Cerimônia em que o menino judeu, aos 13 anos de idade, torna-se "filho do mandamento", i. e., assume a responsabilidade pessoal de guardar a lei.

18.P. Demann, citado por F. J. Leenhardt, *The Epistle to the Romans,* p. 181; ver também J. Munck, *Paul and the Salvation of Mankind* (1959), p. lis.

19.2Baruqucliv. 19;verp. 105.

20.*From Firsl Adam to Last,* p. 80, 116s.

21. M. Goguel, *The Biríh af Chrislianity* (1953), p. 213s. Goguel coloca a experiência aqui descrita nos anos imediatamente seguintes à conversão de Paulo.

22.Com vistas ao exame de interpretações contrárias, de Rm 7:14-25, com solução que se esforça em fazer justiça aos mais fortes argumentos de ambos os lados, ver três artigos de C. L. Mitton, "Romans vii reconsidered", *ExT,* LXV (1953-54), p. 78ss., 99ss., 132ss.

23. Para a réplica de G15:16 em Romanos, ver p. 127.

24.D. MacFarlane, em *The Free Presbyterian Pulpit* (1961), p. 20.

25.As palavras que se seguem em AV: "e no vosso espírito, que são de Deus" constituem um acréscimo posterior que embota o objetivo do apelo de Paulo.

26.C. H. Dodd, *Gospel andLaw* (1951), p. 36s.

27.N. Q. Hamilton, *TheHoly Spirit and Eschatology in Paul* (1957), p. 30.

28.Em Is 53:10 c como a LXX traduz o heb. *'asham,* "oferta pela culpa" (ver p. 34).

29.*"Gratia data este, utlex impleretur. "*

30.S. H. Hooke, *The SiegePerilous* (1956), p. 264.

31.19. J. Rendei Harris, *AAron 's Breastplace* (1908). p. 92.

20.C. A. Anderson Scott, *Words* (1939), p. 15.

21.A expressão "peso de glória" provavelmente surgiu do modo mais natural na mente de Paulo porque em hebraico uma só raiz *(kbd)* se presta para os dois conceitos — "peso"e "glória".

22."Pregador", título hebraico do livro de Eclesiastes. N. do Tradutor.

23.Ver J. Wren-Lewis, "Christian Morality and the Idea of a Cosmic Fali", *ExT* LXX(1959-60), p. 2O4ss..

24.A linguagem apocalíptica de Ap 20:11, 21:1 deve ser entendida à luz de afirmações mais prosaicas, como a presente, e não *vice-versa.*

25.*The World: its Creation andConsummation* 1962), p. 125s.

26.Em grego o pronome é neutro para concordar gramaticalmente *compneuma,* que é neutro. N. do Tradutor.

27.Ver M. Black, "The Interpretation of Romans viii. 28", em *Neotestamentica et Patristica* (Cullmann *Festschrift,* Leiden, 1962), p. 166ss.

28.G. Vermes, *The Dead Sea Scroll in English,* p. 75.

29.Um uso semelhante do aoristo indicativo grego para indicar um acontecimento futuro acha-se em Jd 14 que literalmente diz, como em RV, RSV e AA: "Eis que veio o Senhor ..."

30.VerH.J.Schoeps,Paul (1961).p. 141ss.

31."Perto" ou "certo"? Algumas versões trazem "certo" *(e. g.,* AA, 1958). O correto é "perto", hebraico *qurobh.* N. do Tradutor.

32."Altura" e "profundidade" eram termos técnicos da astrologia e. mais tarde, do gnosticismo. É possível que Paulo não tivesse em mente o seu sentido técnico mas, se tivesse, estariam estreitamente vinculados a "principados e poderes" que, segundo se acreditava, governavam os movimentos dos corpos celestes, especialmente os planetas, e assim governavam os destinos dos mortais. Mas o destino, quer real quer imaginário, não tem nenhum poder sobre aqueles cujas vidas estão ocultas "juntamente com Cristo, em Deus" (Cl 3:3).

33.Talvez uma referência às duas eras — a presente e a vindoura.

5. A Incredulidade Humana e a Graça Divina (9:1-11:36).

a. O problema da incredulidade de Israel (9:1-5).

Para o leitor moderno, os capítulos 9-11 formam um parêntese no curso da argumentação de Paulo. Se ele tivesse passado diretamente de 8:39 a 12:1, não perceberíamos nenhum hiato no seu processo de raciocínio. Ele acabou de encaminhar os seus leitores para diante, apon-tando-lhes a culrninação do propósito de Deus em Sua graça, a glória que há de ser revelada nos filhos de Deus. Que mais pode dizer, senão levar seus leitores de volta à sua responsabilidade de viverem neste mundo como competentes herdeiros da glória por vir? Se "Rogo-vos, pois, irmãos" (12:1) entrasse nesse ponto, estaríamos muito bem preparados para isto.

Com Paulo não era assim. O problema do qual se dispõe a tratar era de intenso interesse pessoal para ele. Gloriava-se em seu ministério como apóstolo dos gentios e se regozijava com a salvação deles. Mas sua própria família e nação, o povo judeu, tinha em sua maioria deixado de aceitar a salvação proclamada no Evangelho, apesar de que este foi apresentado primeiro a eles. O que fazer então? Deveriam ser simplesmente proscritos como "indignos da vida eterna"? Decerto que não. Eram o seu povo, e ele não queria nem podia dissociar-se deles. Ele também, como tantos deles, outrora se opusera ao Evangelho, mas tinha sido capturado por Jesus ressurreto, e por Ele tinha sido introduzido na carreira cristã. Como ansiava por que eles também tivessem as escamas dos seus olhos removidas! Na verdade, se a salvação deles pudesse ser negociada ao preço da condenação de Paulo, consentiria prontamente, se tal coisa fosse possível, em "ser anátema, separado de Cristo" por amor deles. O fato de congregar os gentios, não importa em quão extensa escala fosse, jamais compensaria a apostasia de sua nação, que lhe causava incessante angústia mental.

Podemos inferir que ele também trata do assunto, porque a situação da igreja romana o exigia. Parece que os cristãos que formaram originalmente a igreja de Roma eram judeus, mas por esse tempo haviam sido superados numericamente pelos gentios. Talvez houvesse a tendência, da parte de alguns dos cristãos gentílicos, de pensar em seus irmãos judeus como parentes pobres, misericordiosamente resgatados de uma nação apóstata. Pelo menos alguns dos cristãos judeus poderiam tender a ressentir-se com qualquer difamação do seu povo e a acentuar sua solidariedade com ele, a ponto de correrem o risco de subestimar aqueles traços distintivos da fé e vida cristã que forjavam um elo de união entre eles e os gentios, seus irmãos no Senhor, elo mais forte do que

aquele que os ligava aos judeus, seus irmãos de sangue. (Pode bem ser que encontremos um estágio posterior dessa tendência na Epístola aos Hebreus.) Paulo achava sábio mostrar a ambas as partes algo do papel desempenhado tanto pelos judeus como pelos gentios no propósito salvador de Deus.

Mas, acima de tudo mais, estava envolvido um verdadeiro problema da teodicéia.' A situação que se lhe apresentava punha em questão toda a exposição do Evangelho de que tratam os capítulos anteriores. Era da essência do argumento de Paulo que o Evangelho pregado por ele (e por seus colegas de apostolado) não constituía nenhuma inovação. Era credenciado pelas, Escrituras hebraicas; era o cumprimento da promessa de Deus aos pais; proclamava que o caminho de Deus para a justiça mediante a fé, pelo qual Abraão fora abençoado, estava ainda aberto para todos os que cressem em Deus como Abraão. Como foi então que os descendentes de Abraão por excelência, foram justamente os que se negaram a crer no Evangelho? Se as alegações de Paulo fossem válidas, o povo judeu não teria sido certamente o primeiro a reconhecê-las? Sem dúvida, essas objeções foram verbalizadas, e Paulo pôde avaliar a força delas, embora ciente da falácia que as envolvia. Contudo, foi um paradoxo, para não dizer escândalo, que a própria nação que fora especialmente preparada para esse tempo de cumprimento, a nação que podia gloriar-se de tantos e tão singulares privilégios da graça divina (incluindo-se acima de todos a esperança messiânica), a nação na qual, na ocasião devida, o Messias viera a nascer, não O tenha reconhecido quando veio, enquanto que homens e mulheres doutras nações que nunca tinham desfrutado aqueles privilégios, abraçaram avidamente o Evangelho na primeira vez que o ouviram. Como poderia isto harmonizar-se com o fato de Deus ter escolhido a Israel, e com o Seu expresso propósito de abençoar o mundo por meio de Israel?

Portanto, nestes três capítulos Paulo contende com este problema. Não era a primeira vez. que o fazia; o conteúdo destes capítulos são o fruto de muitos anos de meditação e oração de sua parte, sem dúvida. De fato se tem sugerido que estes capítulos já existiam como um tratado à parte, mas isso é duvidoso. Parece claro que, quando Paulo dita a Tércio, luta novamente com o problema, buscando solução ora por este, ora por aquele caminho, até que afinal ela emerge à plena luz, da sabedoria da graça soberana de Deus. Começa com uma afirmação a respeito dos procedimentos de Deus na eleição, e termina com outra, mas no fim vê com maior profundidade e amplitude do que no começo a natureza e o objetivo da eleição divina. Começa com o problema particular da resistência judaica ao Evangelho, e termina com um desvendamento do "propósito divino na história"[2] que em alguns aspectos vai além de qualquer passagem semelhante na Bíblia inteira.

As duas primeiras respostas que dá ao problema são:

Ia. — Foi assim que se deu a incontestável ordem do propósito eletivo de Deus (9:6-29).

2a. — Ao resistir ao Evangelho, Israel segue o precedente repetidamente firmado no transcurso de toda a sua história: tinha sido sempre "um povo rebelde e contraditório" face às aberturas de Deus em seu favor (9:30-10:21).

Estas respostas vêm seguidas de outras duas, enriquecidas por maior promessa:

3a. — O fato de que o "remanescente" de Israel já creu no Evangelho é sinal de que Israel como um todo ainda o fará (11:1-16).

4a. — Se o fato de Israel rejeitar agora o Evangelho deu ocasião a muitas bênçãos para os gentios, o fato de Israel vir a aceitar o Evangelho no futuro anunciará o dia da regeneração universal (11:17-32).

1. *Testemunhando, comigo, no Espirito Santo, a minha própria consciência.*

Vernota sobre 2;15(p. 75).

3. *Eu mesmo desejaria ser anátema, separado de Cristo.*

A oração de Moisés depois do incidente do bezerro de ouro vem à mente como paralelo: "Agora, pois, perdoa-lhe o pecado; ou, se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste" (Êx 32:32). Mas ao passo que Moisés se recusa a sobreviver se seu povo perece, Paulo quase chega a acolher bem a sua perdição, se isto significasse a salvação de Israel.

4 *Pertence-lhes a adoção* ("filiação").

Isto é, o povo de Israel é chamado coletivamente "filho" de Deus (Éx 4:22s.; Os 11:1) ou individualmente seus "filhos" (Os 1:10).

E também a glória. A *shekhinah* de Deus, a prova de Sua habitação entre eles, *e. g.* no tabernáculo mosaico (Êx 40:34) e no templo de Salomão (1 Rs 8:10s.).

As alianças. Há evidência de muito peso (P46, B, D, etc.) em favor do singular — "a aliança" — caso

em que a referência é à aliança do Sinai (Êx 24:8). Mas talvez se deva preferir o plural (Ef 2:12). Neste caso, "as alianças" incluem as que foram feitas por Deus com Abraão (Gn15:18, 17:4ss.), com Israel nos dias de Moisés (Êx 24:8, 34:10; Dt 29:lss.) e de Josué (Dt 27:2ss.; Js 8:30ss., 24:25), e com Davi (2 Sm 23:5; Sl 89:28); para não mencionar a nova aliança, em primeira instância "com a casa de Israel e com a casa de Judá" (Jr 31:31).

A legislação. AV: "E a dádiva da lei." A legislação mosaica (Êx 20:lss.).

O culto. AV: "E o serviço de Deus." As prescrições para o culto divino *{latreia),* principalmente as registradas no livro de Levítico, nas quais o cerimonial do templo de Jerusalém ainda se baseava quando Paulo estava ditando estas palavras.

E as promessas. Incluindo-se as promessas messiânicas, as "fiéis misericórdias prometidas a Davi" (Is 55:3; At 13:23, 32-34); mas um lugar especial deve ser dado à promessa a Abraão e à sua semente, fundamental para o recebimento da justiça de Deus mediante a fé **(4:13-21).**

5. *Deles são os patriarcas.*

AV: "... os pais". Isto é, os patriarcas — Abraão, Isaque, Jacó e seus doze filhos — os primeiros a receberem as promessas recém-mencionadas.

Deles descende o Cristo, segundo a carne. Veja-se a afirmação da descendência davídica de Cristo em 1:3, e a posterior declaração de que Cristo veio como "ministro da circuncisão, em prol da verdade de Deus, para confirmar as promessas feitas aos nossos pais" (15:8). Nele todas as promessas de Deus a Israel atingem a sua consumação.

O qual é sobre todos, Deus bendito para todo o sempre. A relação destas palavras com as que as precedem são objeto de discussão. Tanto se pode entender a frase *(ho õn*[3] *epipantõn theos eulogêtos eis tous aiõnas)* como estando em aposição a "Cristo" (assim AV, RV, RSVmg., NEBmg.), como tomá-la como independente atribuição de louvor a Deus, incentivada pela menção do Messias como Aquele em quem muitas bênçãos dadas por Deus a Israel chegaram ao clímax — "Bendito para sempre seja Deus sobre todos!" (ver RVmg., RSV, NEB).

A primeira interpretação está mais de acordo com a estrutura geral da sentença (ver **1:25,** onde as palavras "o qual é bendito eternamente. Amém" não são uma independente atribuição de louvor, mas fazem parte da peroração integral da sentença); isso tem apoio adicional na consideração de que é preciso algo para contrabalançar a frase "segundo a carne". O Messias, "segundo a carne" — isto é, quanto à Sua ascendência humana — descendeu de uma longa linhagem de antepassados israelitas; mas quanto a Seu Ser eterno, Ele é "sobre todos, Deus bendito para todo o sempre". Um paralelo formal desta antítese aparece em l:3s., onde se diz que Cristo nasceu como descendente de Davi "segundo a carne", mas "foi designado Filho de Deus com poder", pela dispen-sação do Espírito (ver p. 60s.).

Ê certo que Paulo não tem o hábito de chamar Cristo de "Deus" assim diretamente; reserva para Ele o título de "Senhor". Deste modo, "para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as cousas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as cousas, e nós também por ele" (1 Co 8:6, RV, AA; ver 1 Co 12:3-6; Ef 4:4-6). Todavia, para o apóstolo Paulo, Cristo é Aquele "em" quem, "por meio de" quem, e "para" quem foram criadas todas as cousas (Cl 1:16), em quem "habita corporalmente toda a plenitude da Divindade" (Cl 2:9). "O tribunal de Deus" (14:10, RV, AA, etc.[4]) é chamado "tribunal de Cristo" em 2 Coríntios 5:10. Além disso, quando Paulo dá a Cristo o título de "Senhor", ele o faz porque o próprio Deus Pai lhe deu esse título como "o nome que está acima de todo nome" (Fp 2:9). O título "Senhor" é dado por Paulo a Jesus como equivalente ao hebraico *Yahweh* (Jeová). O modo como aplica Isaías 45:23 (ver 14:11) a Jesus em Filipen-ses 2:10s. indica que, para ele, a confissão "Jesus Cristo é Senhor" significa "Jesus Cristo é Jeová". Ademais, com isso Paulo foi tão hábil como o autor de Hebreus quanto à significação do Salmo 45, onde o rei a quem se diz no versículo 2: "Deus te abençoou para sempre", é mencionado como Deus, no versículo 6: "O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre" (ver Hb l:8s.). A passagem de Paulo que estamos comentando bem pode ecoar a terminologia do salmo.

Por outro lado, a legitimidade doutra alternativa na pontuação deve ser concedida. Será ultrajante pôr em dúvida a ortodoxia dos tradutores e comentadores que a preferem aqui, como se estivessem determinados (nas severas palavras do Deão Burgon sobre os revisores de 1881) a conseguir "uma glosa introduzida gratuitamente na margem do Novo Testamento de cada inglês"[5] — ou mesmo no próprio texto.

b. A escolha soberana de Deus (9:6-29).

Ter-se-á desviado o plano de Deus? Decerto que não, diz Paulo. A presente situação reproduz um

esquema da ação divina revelado com bastante freqüência no passado. Sempre houve os que abriram o coração para a revelação de Deus, enquanto outros endureciam o seu. E pela maneira como responderam, mostraram se estavam ou não entre aqueles sobre os quais Deus fez recair a Sua escolha.

Paulo já expôs (2:28s.) que o verdadeiro judeu é o homem cuja vida exalta a Deus; que a linhagem natural e a circuncisão física não são as coisas de maior importância. Agora, com igual gênio demonstra que nem todos os descendentes de Israel são israelitas quanto ao ser interior, que nem todos os descendentes de Abraão são "filhos de Abraão" no sentido espiritual por ele explicado no capítulo 4. No transcorrer de toda a história do Velho Testamento, o propósito de Deus foi conduzido por meio de um grupo íntimo, uma minoria eleita, um remanescente reservado. Abraão foi pai de um bom número de filhos, mas somente por meio de um deles, Isaque, o filho da promessa, é que a linha da promessa de Deus devia ser traçada. Isaque, por sua vez, teve dois filhos, mas somente por um deles, Jacó, é que a semente santa foi transmitida. E a escolha que Deus fez de Jacó e a omissão do seu irmão Esaú não dependeram nem um pouco da conduta ou do caráter dos irmãos gêmeos: Deus o declarara previamente — antes do nascimento deles.

Assim hoje, deduz Paulo, quando uns recebem luz e outros não, pode-se discernir a eleição divina como operando antecedentemente à vontade ou à atividade dos que são seus objetos. Se Deus não revela os princípios segundo os quais Ele faz Sua escolha, isto não é razão para pôr em dúvida a Sua justiça. Ele ê misericordioso e compassivo porque Sua vontade o é. "A qualidade da misericórdia não é imposta à força", muito menos quando é Deus que mostra misericórdia. Pois se fosse compelido por alguma cousa alheia a Ele, a ser misericordioso, não somente a Sua misericórdia deixaria de ser misericórdia, mas também Ele mesmo deixaria de ser Deus.

Nem é somente em Seus procedimentos para com "a semente escolhida da raça de Israel" que este princípio funciona. Pode-se ver isto em Êxodo, no relato dos procedimentos de Deus para com o rei do Egito, que repetida e teimosamente negou-se a deixar Israel partir. Por que Deus suportou por tanto tempo a obstinação de Faraó? Deus mesmo dá a resposta: "Para este propósito te deixei viver, para mostrar-te meu poder, de modo que o meu nome seja anunciado em toda a terra" (Êx 9:16, RS-V). Mesmo toda a resistência e rebelião de alguém como Faraó jamais poderá impedir o propósito de Deus; a glória de Deus triunfará, quer o homem Lhe obedeça, quer não.

Bem, replicam, se Deus preordena os caminhos do homem por Sua própria vontade, por que deveria culpá-lo por andar por onde anda? Não se opõem à Sua vontade; agem de acordo com ela.

"Meu bom amigo", responde Paulo, "Quem é você para contestar a Deus?" E emprega a analogia do oleiro e seus vasos, analogia que vinha tão prontamente aos profetas hebreu como veio a Ornar Khayyám. Jeremias aprendeu uma lição sobre os procedimentos de Deus para com o Seu povo no dia em que desceu à casa do oleiro e viu como o oleiro modelou o barro como bem lhe pareceu, ajeitando um vaso que se quebrara e se tornara um caco informe, fazendo dele um vaso outra vez (Jr 18:1-10).

"Ai daquele que contende com o seu Criador,
um vaso de barro com o oleiro!
Acaso dirá o barro ao que lhe dá forma:
'Que fazes?' ou:
'A tua obra não tem alça'?"
(Is45:9, RSV.)

Admita-se que a analogia do oleiro e seus vasos cobre apenas um aspecto da relação do Criador com aqueles que criou, principalmente com os homens, que Ele criou à Sua imagem. Os vasos não são feitos à imagem do oleiro e em caso algum podem contestar-lhe ou apontar defeitos no seu trabalho. Os homens, precisamente porque feitos à imagem de Deus, insistem em responder-lhe. Mas há diferentes modos de responder-lhe. Há a resposta da fé, como quando um Jo ou um Jeremias pede que Deus explique Seus misteriosos modos de tratá-lo. Mesmo Cristo na cruz pôde clamar: "Por que me desamparaste?" Mas quando o homem de fé clama desse modo, é precisamente porque a justiça de Deus, bem como o Seu poder, é a principal premissa de todo o seu pensamento. Há, por outro lado, a resposta da incredulidade e desobediência, quando o homem tenta colocar Deus no banco dos réus e julgá-lo. É a esse tipo de gente que Paulo censura tão asperamente e recorda sua condição de criatura. Paulo tem sido mal compreendido e criticado injustamente por não entenderem que é ao rebelde que desafia a Deus — e não ao desnorteado que procura a Deus — que ele faz calar peremptoriamen-te. Deus, por Sua graça, tolera as questões levantadas por Seu povo; mas Ele não se

submete ao interrogatório judicial feito por um coração empedernido e impenitente.

Suponhamos que Deus queira pôr de manifesto o Seu reto juízo e o Seu poder, diz o apóstolo. Por que não haveria de tolerar pacientemente gente como Faraó — vasos (para continuar a metáfora) feitos para servirem de lições objetivas de Sua ira, modelados para serem destruídos? E por que não haveria de demonstrar a grandeza da Sua glória por intermédio de outros "vasos" que servem de lições objetivas de Sua misericórdia, de antemão preparados para este glorioso propósito? Paulo, mais cauteloso do que alguns dos sistematizadores dos seus ensinos, não diz com todas as letras que Deus faz isso, mas diz: "E se o fizesse? Quem O traria a contas?"

Embora Paulo não admita que se questione o direito que Deus tem de fazer o que quiser com o que Lhe pertence, faz recair sua ênfase, não na ira de Deus para com os reprovados, mas, antes, na prorrogação da Sua ira contra homens que de há muito estão prontos para a destruição. Como já foi exposto (2:4), a misericórdia e a paciência de Deus visam a dar tempo aos homens para o arrependimento. Se, em vez disso, endurecem ainda mais o coração, como Faraó fez depois de repetidas protelações, estão simplesmente acumulando uma crescente carga de retribuição a si mesmos para o dia da recompensa.

É pena que em algumas escolas de pensamento teológico a doutrina da eleição foi formulada em grau excessivamente alto com base neste estágio preliminar da presente argumentação de Paulo, sem se levar adequadamente em conta a sua posterior exposição do propósito de Deus na eleição, na parte final do seu argumento (11:25-32). Todavia, este estágio do seu argumento inegavelmente se harmoniza com bem conhecidos fatos da vida que apresentam um problema para qualquer teodicéia. Algumas pessoas têm melhores oportunidades espirituais do que outras. E das que têm oportunidades iguais, algumas as aproveitam, outras não. Algumas nações receberam muito mais luz do Evangelho do que outras — e têm correspondente responsabilidade diante de Deus. O homem que experimentou a graça perdoadora de Deus estará sempre a indagar por que os seus olhos foram abertos enquanto que os olhos de outros continuam fechados.

O ponto em que Paulo insiste aqui é que a humanidade inteira é culpada aos olhos de Deus; ninguém tem direito à Sua graça. Se decide estender Sua graça a uns, os outros não têm base para alegar que Ele é injusto porque não a estende a eles. Se é justiça que pedem, podem tê-la, mas:

"Conquanto ajustiça seja o que pleiteias,
pondera isto,
que, a seguir o curso da justiça,
nenhum de nós veria a salvação."

É fato liqüido e certo, como transparece com bendita clareza mais adiante no presente argumento, que a graça de Deus é muito mais ampla do que qualquer pessoa teria ousado esperar. Mas, justamente porque *é* graça, ninguém tem direito a ela, e ninguém pode exigir que Deus dê explicação dos princípios pelos quais dá Sua graça, ou exigir que Ele a dê de modo diverso daquele pelo qual o faz. Em sua soberania, a graça pode impor condições, mas não pode ser submetida a condições.

Entretanto, Deus se deleita em mostrar misericórdia, e a tem prodigalizado a homens e mulheres sem conta — a gentios e a judeus igualmente. O fato de que gentios bem como judeus estão entre aqueles que Deus chamou e assinalou para a glória é ilustrado por duas citações de Oséias (verp. 159).

Durante séculos os gentioS têm sido vistos pelo povo escolhido, com raras exceções, como "vasos de ira, preparados para a perdição". E certamente Deus os "suportou coni muita longanimidade". Mas agora ficou claro o propósito da Sua paciência: o que Ele queria não era a condenação deles, mas a sua salvação. E se no presente Israel tinha em tão grande medida abandonado a Peus, o mesmo esquema de ação divina se reproduziria entre eles também- Aqui Paulo chama Isaías como testemunha de sua esperança.

Num dia de total apostasia da nação, Isaías viu que o julgamento cairia sobre Israel e Judá em tal escala, que só um punhado — o mais reduzido "remanescente" — sobreviveria. Contudo, neste remanescente ele via encarnada a esperança do futuro. Os propósitos e as promessas de Deus a Israel, Seu povo, e por este a outras nações, não seriam frustrados, posto que um remanescente emergiria do crisol da invasão, da derrota e do exílio, para formai' o núcleo de um novo e purificado Israel. Assim, o remanescente "salvo[1]' viria a ser também um remanescente "salvífico".[6]

Paulo vê este remanescente encarnado de novo naquela minoria de judeus que, como ele próprio, reconheceram Jesus como Senhor. Minoria podiam ser, mas a existência deles era garantia de uma virada em massa para o Senhor, da parte de Israel, num dia vindouro. Esta esperança é desenvolvida mais completamente

adiante (no capítulol 1); por enquanto, ele volta a atenção para outro nativo pelo qual as bênçãos do Evangelho se derramavam então sobre gentíos antes que sobre judeus.

7. *Em Isaque será chamada a tua descendência.*

Citação de Gênesis 21:13. onde Deus diz a Abraão que não se oponha à exigência de Sara para a expulsão de Hagar e Ismael, porque os seus descendentes hão de ser considerados como tais através de Isaque, e não através de Ismael (embora Ismael também venha a ser ancestral de uma nação, "porque ele é tua s«niente", AV).

8. *Estes filhos de Deus não sãoPropriamente os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos da promessa.*

"Os filhos da.promessa", na exegese de Paulo, são aqueles que, como Abraão, crêem na promessa de Deus e, portanto, são descendentes espirituais de Abraão. Vejam-se para comparação 4:llss. e a "alegoria" que Paulo traça do incidente de Isaque e Ismael em Gálatas 4:22-31.

9. *Por esse tempo virei, e Sara ierá um filho.*

Citação de Gênesis 18:10: "Certamente voltarei a ti na primavera, e Sara, tua mulher, terá um filho" (RSV). Esta foi a "promessa" de acordo com a qual Isaque nasceu — a promessa que fez Sara rir (Gn 18:12; ver 21:6).

11. *Não por obras, mas por aquele que chama.* Quanto à "vocação" ou "chamamento", ver 8:28.

12. *O mais velho será servo do mais moço.*

Expressão oriunda da profecia feita a Rebeca sobre os filhos que ia ter (Gn 25:23). EsJ:a profecia relaciona-se, não com as pessoas de Esaú e "Jacó (pois Esaú não prestou serviço a Jacó), mas com os seus descendentes. Relaciona-se com os longos períodos durante os quais os edomitas foram escravos de Israel ou de Judá (ver 2 Sm 8:14; 1 Rs 22:47; 2 Rs 14:7, etc).

13. *Amei a Jacó, porém me aborreci de Esaú.*

AV: "... odiei Esaú." Extraído de Ml l:2s., onde outra vez o contexto indica que o que se tem em vista são as nações de Israel e Edom, e não seus antepassados Jacó e Esaú. A maneira como as comunidades podem ser tão livremente mencionadas em termos dos seus antepassados é um exemplo da oscilação que é comum no pensamento e no linguajar bíblicos (principalmente no Velho Testamento) entre a personalidade individual e a corporalizada (ver 5:12ss.). Israel era a nação eleita, e Edom tinha incorrido na ira de Deus por sua conduta antifraternal para com Israel no dia da calamidade deste (ver Sl 137:7; Is 34:5ss.; Jr 49:7ss.; Ez 25:12ss., 35:lss.;Obl0ss.).

15. *Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia, e com-padecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão.*

Citação de Êxodo 33:19, onde Deus responde ao pedido de Moisés de que lhe fosse permitido ver Sua glória, depois da intercessão de Moisés pelos israelitas por causa do culto que haviam prestado ao bezerro de ouro.[7] O significado dominante daquelas palavras é que a misericórdia e a compaixão de Deus não se sujeitam a nenhuma causa estranha à Sua livre graça.

16.*Não depende de quem quer, ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórida.*

De novo se salienta que a misericórdia de Deus tem sua causa nele mesmo, e não na vontade ou na atividade dos homens. "Correr" representa vigorosa atividade humana aqui, como em Gálatas 2:2; Filipen-ses 2:16.

17.*A Escritura diz a Faraó.*

"A Escritura" (referindo-se a Êx 9:16) é personificada aqui como substituta do nome de Deus, que é de fato quem fala. O Faraó é o do Êxodo (sucessor do "Faraó da opressão" cuja morte está registrada em Êx2:23).

Para isto mesmo te levantei, ou "fiz que te levantasses". O hebraico emprega aí a conjugação causativa do verbo *'amad,* "estar de pé", que Paulo traduz pelo verbo grego *exegeirã* (levantar). (Aqui ele faz tradução direta do hebraico; a LXX diz: "foste preservado".) Talvez a referência não seja meramente ao fato de Deus levantar a Faraó para fazê-lo rei, mas à Sua paciência em mantê-lo vivo, a despeito da sua desobediência.

Para mostrar em ti o meu poder, e paru que o meu nome seja anunciado por toda a terra. Ver Êxodo 15:14s.; Josué 2:10s.; 9:9; 1 Samuel 4:8, quanto ao efeito produzido noutras nações pelas notícias do Êxodo e

acontecimentos relacionados.

18. *Logo, tem ele misericórdia de quem quer, e também endurece a quem lhe apraz.*

A primeira parte deste versículo é um eco adicional de Êxodo 33:19 (ver v. 15). A segunda parte se refere às ocasiões em que se diz que Deus "endurecu" os corações de Faraó e dos egípcios (Êx 7:3, 9:12, 14:4, 17).

20. *Porventura pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim ?*

Veja-se, além de Isaías 45:9, citado acima (p. 154), Isaías 29:16:

"Deverá o oleiro ser considerado como o barro; para que a coisa feita diga de quem a fez: 'Ele não me fez'; ou a coisa formada diga de quem a formou: 'Ele não tem entendimento'?" (RSV).

Deus não tem por que responder ao homem pelo que faz. Todavia, pode-se confiar em que Ele age de modo coerente com o Seu caráter, revelado supremamente em Cristo. Com um Deus como este em quem confiar, por que alguém do Seu povo há de questionar os Seus caminhos?

21. *Um vaso para honra e outro para desonra.*

Ver 2 Timóteo 2:20 onde, contudo, os vasos (ou "utensílios") são feitos de vários materiais, e aqueles que são "para desonra" são simplesmente destinados a propósitos menos nobres ou ornamentais (mas não necessariamente menos úteis) do que aqueles que são "para honra".

22. *Os vasos de ira, preparados para a perdição.*

AV: "para a destruição". Não os instrumentos da Sua ira pelos quais Ele opera a destruição (ver Is 13:5, 54:16; Jr 50:25), mas objetos de Sua ira, destinados a serem destruídos.

25. *Oséias.*

(AV: "Osee".) Forma grega de Oséias.

Chamarei povo meu ao que não era meu povo; e, amada à que não era amada. É paráfrase paulina de Oséias 2:23: "Compadecer-me-ei da Desfavorecida; e a Nào-meu-povo direi: Tu és o meu povo". A profecia de Oséias provavelmente estava em uso geral na igreja primitiva como um *testimonium* neste sentido; sua exegese em 9:25 não é peculiarmente paulina. Compare-se com esta a aplicação parecida de Oséias 2:23 a cristãos gentios em 1 Pedro 2:10.

Oséias foi ensinado a ver em sua trágica vida doméstica uma parábola da relação entre Deus e Israel. Quando tomou Gômer, a filha de Diblaim, como sua esposa e no devido tempo ela deu à luz um filho, Oséias reconheceu a criança como sua e lhe deu o nome de Jezreel. Mas convenceu-se de que o segundo e o terceiro filhos dela não eram dele, e os nomes que lhes deu expressavam a sua desilusão — *Lo-ruhamah* ("alguém por quem não se tem nenhuma afeição natural"), e *Lo-ammi* ("não parente meu"). Estes nomes simbolizavam a atitude de Deus para com o Seu povo Israel, que tinha quebrado a sua lealdade pactuai com Ele — Lo-ruhamah ("não objeto de minha afeição, ou misericórdia", ou "Desfavorecida") e Lo-ammi ("Nào-meu-povo"). Mas, por amor dos velhos tempos, Deus não permitirá que estas relações rotas permaneçam assim para sempre. Ele anela pelo dia em que aqueles que no presente são o Seu povo, e em que aqueles que no presente não têm direito aos Seus sentimentos bondosos, voltarão a ser objetos da Sua misericórdia.

O que Paulo fa?. aqui é tomar esta promessa, que se referia a uma situação delimitada pelas fronteiras do povo escolhido, e extrair dela um princípio da ação divina que, nos seus dias, estava a reproduzir-se em escala mundial. Em grande extensão mediante o ministério apostólico de Paulo, grande número de gentios que nunca tinham sido "o povo de Deus" e nunca tinham recebido a misericórdia da Sua aliança, vinham sendo arrolados como membros do povo de Deus, tornando-se beneficiários da Sua misericórdia. A escala da ação divina era muito mais ampla do que nos dias de Oséias, mas se podiam reconhecer o mesmo esquema c o mesmo princípio. Por intermédio da missão gentílica, naquelas terras onde o povo de Deus não tinha representantes outrora, havia agora muitos crentes reconhecidos como "filhos do Deus vivo".

26. *E no lugar em que se lhes disse: Vós não sois meu povo; ali mesmo serão chamados filhos do Deus vivo.*

("Filhos", RV, RSV, NEB, AA; "os filhos", AV.) Citação de Oséias 1:10.

27. *Isaías* (AV: *Esaias,* forma grega de Isaías).

Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo. Citado de Isaías 10:22. O sentido óbvio destas palavras é que, por numeroso que Israel seja, somente um remanescente, uma pequena minoria, sobreviverá ao juízo iminente (em que Deus usará os assírios como Seus instrumentos) e

voltará do exílio. Mas, se *somente* sobreviverá um remanescente, *ao menos* um remanescente sobreviverá, constituindo a esperança de restauração. Não somente retornará o remanescente do exílio, mas "os restantes se converterão ao Deus forte, sim, os restantes de Jacó" (Is 10:21). Este tema, retomado da profecia de Isaías, foi dado como nome a seu filho mais velho, *Shear-yashub* ("Um-resto-volverá"), que serviu, assim, de "sinal" vivo da mensagem de Deus, mediante o pai dele, ao povo (Is 7:3, 8:18). Paulo aplica a "doutrina do remanescente", de Isaías, à situação religiosa dos seus dias, nesta passagem e, de novo, em **11:5.**

28. *Porque o Senhor cumprirá a sua palavra sobre a terra, cabalmente e em breve.*

AV: "Pois ele terminará a obra, e em breve, com justiça: porque uma breve obra o Senhor fará na terra." Em AV (que segue o "Texto Recebido"), esta citação vem expandida, em conformidade com Isaías 10:23 (LXX), pelo acréscimo de "com justiça: porque uma breve obra". Leia-se com RV, semelhante a AA: "O Senhor executará sua palavra na terra, terminando-a e em breve" (ver RSV: "O Senhor executará a sua sentença na terra com rigor e com prontidão").

29. *Se o Senhor dos Exércitos não nos tivesse deixado descendência, ternos-iumos tornado como Sodoma e semelhantes a Gomorra.*

(AV: "Se o Senhor de Sabaoth...".) Numa época de grave perigo para Judá e Jerusalém sob os assírios invasores, Isaías usa esta linguagem (Is 1:9), dizendo de fato: "Se Deus não tivesse poupado um remanescente entre nós ("o simples germe de uma nação", NEB), teríamos sido eliminados tão completamente como Sodoma e Gomorra" (ver Gn 19:24). "Sabaoth" é uma transliteração do hebraico *seba'oth,* "hostes", "exércitos"; "o Senhor de Sabaoth" ê simplesmente "o Senhor dos exércitos" (como em AA); ver Tiago 5:4. A citação é da LXX.

c. **Responsabilidade do homem (9:30-10:21).**

(1) A pedra de tropeço (9:30-33).

Tendo considerado o problema do ponto de vista da eleição divina, Paulo agora o considera do ponto de vista da responsabilidade humana.

Que aconteceu de fato? O Evangelho, com sua proclamação da "justiça" outorgada por Deus aos crentes, veio ao judeu primeiro, e também ao gentio. Mas foi aceito primeiro pelo gentio. Os gentios responderam agradecidamente à mensagem que lhes assegurava que seriam aceitos por Deus com base em sua fé, e isto lhes "foi imputado para justiça". Os judeus, como um todo, continuavam a seguir o caminho da justiça da lei, procurando ser aceitos por Deus com base em sua guarda da lei, e contudo jamais atingiram a meta. A razão era simples: estavam seguindo um caminho errado. A aceitação da parte de Deus era assegurada à fé, e não às obras impostas pela lei. Era uma lição deveras difícil para eles aprenderem que, apesar de todos os privilégios que tinham como israelitas, a justiça divina só poderia ser alcançada por eles do mesmo modo pelo qual foi aberta para aqueles forasteiros completos que eram os gentios, os quais tinham sido, durante séculos, mantidos isolados do conhecimento de Deus e Seus caminhos. Não admira que o Evangelho fosse uma pedra de tropeço para eles.

Mas o próprio fato de ser pedra de tropeço fora previsto. E aqui Paulo torna a citar Isaías, e dá uma versão conjunta de dois pronunciamentos proféticos — Isaías 8:14s. e 28:16s. — cujo denominador comum é uma' 'pedra[1]' assentada numa época de calamidade e juízo.

31. *Buscava lei de justiça.*

Isto é, uma lei pela conformidade com a qual os israelitas esperavam ser justificados perante Deus.

Não chegou a atingir essa lei (AV: "... de justiça"). O texto mais bem documentado omite "de justiça". O sentido é que as exigências da lei não eram satisfeitas por aqueles que seguiam o caminho da justiça da lei da mesma forma que o eram por aqueles que não andam "segundo a carne, mas segundo o Espírito" (8:4).

32. *Como que das obras* (AV: "pelas obras da lei"). Leia-se simplesmente "pelas obras" (RV).

Tropeçaram na pedra de tropeço. Em Isaías 8:7s. o profeta prediz como a invasão assíria devastará as terras de Israel como as águas de uma grande inundação. Mas haverá um lugar de refúgio das águas avassaladoras: Deus mesmo será um "santuário" para todos quantos ponham sua confiança nele, a Rocha sobre a qual estarão firmes. Mas os que não se confiam a Ele, mas põem sua confiança em outros poderes ou recursos, serão arrastados pela enchente contra esta Rocha e ficarão em ruínas. Para eles, muito longe de ser ela um lugar de refúgio, será um perigoso obstáculo, uma "pedra de tropeço" e uma "rocha de escândalo" ou"de ofensa". A passagem é citada com o mesmo fim em 1 Pedro 2:8, onde Cristo ê descrito como "pedra de tropeço

e rocha de ofensa" para aqueles "que tropeçam na palavra, sendo desobedientes, para o que também foram postos" (isto é, postos ou destinados pela palavra de Deus dita por intermédio de Isaías).

33. *Como está escrito: Eis que ponho em Sião uma pedra de tropeço e rocha de escândalo* (AV: "... e rocha de ofensa").

Em Isaías 28:16, em meio à advertência sobre o iminente dilúvio oriundo da Assíria que varrerá de vez o "refúgio da mentira" no qual orei e o povo estão pondo a sua confiança, a palavra de Deus vem ao profeta: . "Eis que eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular,[8] solidamente assentada; aquele que crer não foge" (ou melhor, "não ficará em pânico"). Esta pedra fundamental parece que é o remanescente justo,[9] a esperança do futuro, encarnado pessoalmente no Príncipe da casa de Davi. Esta profecia é aqui apresentada conjuntamente com Isaías 8:14 (mencionada acima, na nota sobre o v. 32). A combinação das duas passagens como uma profecia de Cristo e Sua salvação é lugar comum na apologética cristã primitiva, e é de fato pré-paulina. Vemo-las combinadas de modo semelhante em 1 Pedro 2:6-8, onde são vinculadas a uma terceira "pedra" *testimonium* — a pedra rejeitada do Salmo 118:22. (Em Lc 20:17s., a pedra rejeitada do salmo e a pedra de tropeço de Is 8:14 são associadas a outra "pedra" *testimonium* ainda — a pedra "cortada sem auxílio de mãos" que feriu a imagem do sonho de Nabucodonosor em Dn 2:34s.)

Aquele que nela crê não será confundido. Ver 10:11. Isaías 28:16 é citado aqui de acordo com a LXX. O sentido é que aqueles que confiam em Deus jamais precisarão temer que sua confiança nele venha a mostrar-se infundada. Deus defende a fé que Seu povo deposita nele, de modo que não precisam ficar embaraçados por causa dele, nem mesmo quando os homens dizem: "Confiou sua causa ao Senhor; que ele o livre, que o salve, pois nele tem prazer!" (Sl 22:8, RSV). O texto hebraico todavia diz: "Aquele que crê não ficará aflito" (RSV); isto é, o homem que se firma no alicerce de Deus "mantém a cabeça fria quando todos à sua volta estão perdendo a cabeça e estão pondo a culpa nele"; não fica girando e rondando para cá e para lá, mas confia em Deus, certo de que o Seu propósito se cumprirá no tempo de Deus. Ê possível que os tradutores da LXX tenham lido no texto hebraico que tinham diante de si *Io'yebosh* ("não será confundido", ou "não ficará envergonhado") em vez de *Io'yahish* ("não se afligirá"), mas esta suposição não é indispensável.

(2) Os dois meios para a justiça (10:1-13).

Por tudo isso Paulo não deixará de orar pela salvação de Israel. Ele entende o estado mental dos israelitas muitíssimo bem: "Têm zelo por Deus, porém não com entendimento". Isso descreve com exatidão a sua própria atitude antes do encontro que teve com o Cristo ressurreto. Desse seu zelo ele fala noutro lugar: seu zelo pelas antigas tradições herdadas do seu povo o tinha impelido a tomar a dianteira dos seus contemporâneos em sua dedicação ao estudo e à prática da religião judaica, e lhe forneceu a força motivadora para os seus enérgicos ataques à nascente igreja de Jerusalém (ver Gl l:13s.; Fp 3:6). Ele também tinha dado com os pés contra a pedra de tropeço, até que caíram as escamas dos seus olhos e sua vida recebeu nova orientação. Agora, sua ambição consumidora era que Cristo fosse engrandecido em toda a sua vida e obra (ver Fpl:20).

E se isso aconteceu com ele, por que não podia acontecer com o seu povo? Certo, no presente não conheciam o meio divino de justificação, mas se empenhavam em estabelecer o deles. Contudo, como o próprio Paulo tinha visto que Cristo liqüidou com a lei, concebida como meio de aquisição de favor diante de Deus, assim poderia suceder com os seus patrícios, quando encontrassem também o caminho da fé.

Os dois caminhos — o da lei e o da fé — são ilustrados com citações do Pentateuco. A primeira é de Levítico 18:5: "Portanto os meus estatutos e os meus juízos guardareis; cumprindo os quais, o homem viverá por eles." Aí, diz Paulo, o princípio da justiça mediante alei está expresso com clareza: o homem que *faz* estas coisas, obterá vida por fazê-las. "Que é que há de errado nisso?", poder-se-ia perguntar. Justamente isto, seria a resposta de Paulo, que ninguém conseguiu fazê-las perfeitamente e, portanto, ninguém conseguiu obter vida deste modo. Mesmo podendo descrever sua carreira anterior como, "quanto à justiça que há na lei, irrepreensível" (Fp 3:6), bem sabia que era irrepreensível somente aos olhos dos homens, mas não diante de Deus.

Para ilustrar a justiça que vem pela fé, Paulo vai a outro lugar do Pentateuco — à exortação de despedida de Moisés a Israel em Deute-ronômio 30 — e cita os versículos 11-14: "Porque este mandamento, que hoje te ordeno, não é demasiado difícil, nem está longe de ti. Não está nos céus, para dizeres: Quem subirá por nós aos céus, que no-lo traga, e no-lo faça ouvir para que o cumpramos? Nem está além do mar, para dizeres: Quem passará por nós além do mar, que no-lo traga, e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos? Pois esta palavra está mui perto de ti, na tua boca e no teu coração, para a cumprires." Estas palavras Paulo as acha admiravelmente aplicáveis à linguagem da "justiça decorrente da fé", e faz ligeiro comentário delas neste sentido.

Esta é a substância do seu comentário: Deus trouxe até nós a Sua salvação, em Cristo. Não temos que "escalar os degraus dos céus" para procurá-la, pois Cristo desceu à terra com ela. Não precisamos "descer às profundezas" por ela, pois Cristo ressuscitou dos mortos para no-la assegurar. Ela está aqui, presente e ao nosso alcance. O que somos chamados a fazer é aceitá-la pela/é que venha do coração — crer em nossos corações que Deus O ressuscitou dos mortos — e proclamá-lo como Senhor. A fé salvadora é fé na ressurreição: "Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé" (1 Co 15:17). E a confissão de Cristo é profissão pública: "Jesus é Senhor", sendo este o mais antigo — e suficiente — credo cristão.

Os que põem sua fé em Cristo para salvação, recebem como incentivo as palavras de segurança de Isaías 28:16 (já citadas em 9:33): os que se confiam a Cristo jamais ficarão "desapontados".

Esta justiça que Deus anuncia é aberta a todos os homens e mulheres de fé, sem distinção, sejam judeus ou gentios. Sua misericórdia salvadora é prodigalizada sem discriminação nem restrição: todos os que O invocam a recebem. Num estágio anterior da argumentação de Paulo, as palavras "não há diferença" (ou "distinção") soaram com um timbre de crueldade, porque tornavam o judeu e o gentio igualmente réus convictos de pecado contra Deus, e incapazes de ganharem a aceitação divina por seus esforços ou méritos pessoais. Agora as mesmas palavras ressoam com tons alegres porque proclamam tanto ao judeu como ao gentio que os portais da misericórdia de Deus estão abertos de par em par, podendo eles entrar, e que o Seu perdão gratuito está assegurado em Cristo a todos os que o buscam pela fé.

1. *A favor deles.*
   Assim AA, RV, RSV. AV: "Por Israel."
2. *Lhes dou testemunho.*
   Melhor do que "Faço-os lembrar" (AV).
3. *Procurando estabelecer a sua própria justiça.*
   Ou "esforçando-se por estabelecer a sua própria justiça".

4. *O fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê.*

"Cristo conclui a lei e traz justiça para todo aquele que tem fé" (NEB). A palavra "fim" *(telos)* tem duplo sentido; pode significar "alvo" ou "término". Por um lado, Cristo é a meta visada pela lei, no sentido de que Ele é a encarnaçâo da perfeita justiça, sendo que veio a "engrandecer a lei e fazê-la gloriosa" (ver Is 42:21); em Mateus 5:17 vemos estas palavras do próprio Senhor Jesus: "Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas; não vim para revogar, vim para cumprir". E a lei é cumprida na vida daqueles que estão "em Cristo Jesus" (ver 8:3s.). Por outro lado (e esta é a ênfase primordial das palavras de Paulo), Cristo é a terminação da lei no sentido de que, com Ele, a velha ordem, da qual a lei fazia parte, foi eliminada, para ser substituída pela nova ordem do Espírito. Nesta nova ordem, a vida e a justiça são acessíveis mediante a fé em Cristo; portanto, ninguém precisa tentar obter essas bênçãos por meio da lei. (Ver P-49.)

5. *O homem que praticar a justiça decorrente da lei, viverá por ela.*

Paulo já tinha citado Levítico 18:5 com finalidade semelhante em Gálatas 3:12, mostrando que "a lei não procede de fé"; ali o contraste bíblico é Habacuque 2:4: "o justo viverá pela fé".

6-8. *Mas a justiça decorren te da fé assim diz....*

Aqui o contraste bíblico de Levítico 18:5 é Deuteronômio **30:11-14.** Mas em sua colocação primária, o significado da última é quase precisamente o da primeira citação de Levítico 18:5. Ali os estatutos e juízos de Deus foram impostos aos hebreus para que os cumprissem e vivessem. Aqui, de modo semelhante, é a palavra do mandamento de Deus que é apresentada a cada um deles, "para a cumprires" (significativamente, Paulo omite esta última frase). E que praticar o mandamento era o ca- minho da vida é evidenciado pelas palavras de Moisés que se seguem imediatamente às recém-citadas: "Vê que proponho hoje avidaeobem, a morte e o mal; se guardares o mandamento, que hoje te ordeno, que ames ao Senhor teu Deus, andes nos seus caminhos, e guardes os seus mandamentos, e os seus estatutos, e os seus juízos, então *viverás* e te multi-plicarás" (Dt 30:15s.). Dando por concedido que Deuteronômio está coberto por um fervor profético e, às vezes, quase evangélico, fervor não proeminente em Levítico — concedido também que no linguajar de Deuteronômio 30:11-14 ("na tua boca e no teu coração") há uma inte-rioridade que antecipa o pronunciamento profético de Jeremias sobre a "nova aliança" (Jr 31:33) — ainda assim para nós não é tão fácil, comoo foi para o apóstolo, traçar uma distinção entre o sentido de Levítico 18:5 e o de Deuteronômio 30:llss. Pode ser que Paulo já estivesse familiarizado com uma interpretação da passagem que lhe facilitou a aplicação dela ao Evangelho. Caso estivesse acostumado a ver nesta passagem uma referên-cia à sabedoria (é relacionada com a sabedoria em Baruque 3:29s.), então Paulo, para quem Cristo era a sabedoria de Deus (ver 1 Co 1:24, 30), poderia prontamente ter-lhe dado uma interpretação cristã.

Aqui está, pois, sua exposição da linguagem apropriada à justiça que é recebida pela fé (particularmente no *esXWopesher*[a] que agora nos é familiar graças aos textos de Qumran: *Não diga a si próprio: "Quem subirá ao céu?"* — isto é, para trazer Cristo para baixo (como se Ele nunca se tivesse encarnado e nunca tivesse vivido na terra).

Não diga: "Quem descerá às maiores profundezas?" — Isto é, para trazê-lo de volta da morada dos mortos (como se Ele já não tivesse ressuscitado para uma vida nova).

Que se diz então? Isto!

A mensagem está bem perto de você, em sua língua, no seu coração — isto é, a mensagem da fé que proclamamos, que se você confessar com a *sua língua* que Jesus é Senhor, e crer *no seu coração* que Deus O ressuscitou dos mortos, você terá a salvação. É com o *coração* que os homens exercem a fé pela qual Deus os aceita como justos; é com a *língua* que fazem confissão e, assim, recebem a salvação.

9. *Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor.*

AV: "... o Senhor Jesus". As últimas três palavras deviam ser colocadas entre aspas. Ver NEB: "Se nos teus lábios estiver a confissão: 'Jesus é Senhor' ". Esta é a confissão *(Kurios ISsous)* que, como Paulo diz em 1 Coríntios 12:3, ninguém pode fazer senão "no Espírito Santo" (RV). Ver Filipenses 2:11, onde a confissão "Jesus Cristo é Senhor" eqüivale a reconhecer a suprema honra à qual Deus exaltou a Cristo (ver p. 152). Alguns comentadores entendem que se trata particularmente da confissão do nome de Jesus Cristo diante dos magistrados (ver Lc 21:12-15; 1 Pe 3:13-16); mas se devemos pensar numa ocasião de destacada importância para se fazer essa confissão, talvez devamos achar mais provável aquela primeira confissão — "a resposta de uma boa consciência" (1 Pe 3:21)" — feita no batismo cristão.

13. *Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo.*

Citação de Joel 2:32, onde a passagem se relaciona com o período das vésperas do "grande e terrível dia do Senhor" em que o Espírito de Deus há de se derramar sobre toda a carne. Compare-se isto com o uso que Pedro faz da mesma passagem bíblica para explicar os acontecimentos do dia de Pentecoste:' 'O que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel" (At 2:16).

(3) Proclamarão universal (10:14-21).

Daí surge a necessidade de proclamar o Evangelho no mundo inteiro. Os homens são exortados a invocar o nome do Senhor e serem salvos. Mas não invocarão o Seu nome a menos que sejam movidos a crer nele, não crerão nele a menos que ouçam falar dele, não podem ouvir dele a menos que alguém lhes leve as novas, e ninguém pode levar as novas a menos que seja enviado para isso. O pregador é um "apóstolo" no sentido primário da palavra; é um arauto ou embaixador que transmite a mensagem de alguém que o autorizou a entregá-la. Aqui Paulo engrandece o ofício do apóstolo ou evangelista. Por sua proclamação da anistia divina, Deus tem prazer em dar a compreender a Sua misericórdia aos que crêem na mensagem. Dos que levam estas alegres novas, o profeta falou séculos antes: "Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, que anuncia cousas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina!" (Is 52:7; ver nota sobre 1:1, pp.59s.).

Como, porém, isso tudo se aplica ao problema da incredulidade judaica? A mensagem veio tanto a judeus como a gentios; de fato veio primeiro aos judeus. Mas os judeus (na maior parte) não lhe deram ouvidos. Bem, nem isso foi imprevisto, como se pode colher da interrogação de Isaías 53:1: "Quem creu em nossa pregação?" A significação destas palavras com relação ao Evangelho surge não só do contexto geral de Isaías 40-66, mas ainda mais do contexto particular do quarto Cântico do Servo (Is 52:13-53:12), que tanto contribuiu para a interpretação neotestamentária da paixão e da vitória de Jesus. Contudo, este versículo é citado noutra parte do Novo Testamento como uma das várias citações de Isaías empregadas para explicar a descrença de Israel.

Mas se o desapontado mensageiro pergunta: "Quem creu em nossa mensagem?", é evidente que a mensagem tinha por fim produzir fé. E é evidente que a própria mensagem, para ter autoridade, repousa na ordem e comissão dada diretamente por Cristo.

Entretanto, não pode ser que (sugere um pesquisador interessado) nem todos do povo de Israel *tenham ouvido* a mensagem? A verdade é que ouviram, Paulo replica. O Evangelho foi levado a todos os lugares onde há uma comunidade judaica. Fala isto citando, com relação ao Evangelho, as palavras do Salmo 19 acerca da mensagem dos corpos celestes. Parece exagero usar dessa forma a linguagem da citação. Depois de tudo, o Evangelho não fora levado a todas as partes da terra, e nem sequer a todas as terras então conhecidas pelos habitantes do mundo greco-romano. Paulo estava ciente disso. Nessa mesma ocasião, ele estava planejando evangelizar a Espanha, província na qual ainda não era conhecido o nome de Cristo. Tudo que Paulo queria dizer era que, onde quer que houvesse judeus, o Evangelho fora pregado.

Bem, volta o inquiridor, segundo parece eles ouviram o Evangelho, mas talvez não o tenham compreendido. Não foi isso não, diz Paulo. Eles o compreenderam bem, mas recusaram obedecer. Mostraram inveja e indignação quando os gentios aceitaram a mensagem, mas eles mesmos não quiseram crer nela. Mas também isto cumpriu a palavra da profecia. No Cântico de Moisés (Dt 32), descrevem-se a desobediência e a ingratidão de Israel. Deus acusa de idolatria os filhos de Israel (versículo 21):

"A zelos me provocaram com aquilo que não é Deus; com seus ídolos me provocaram à ira."

Então Deus pronuncia a sentença:

"Portanto eu os provocarei a zelos com aquele
que não é povo;
com louca nação os despertarei à ira."

Por Paulo — e com toda a probabilidade não só por ele — a linguagem desta sentença: "Eu os provocarei a zelos com aquele que não é povo", é interpretada como fazendo alusão ao mundo gentílico. Como Deus há de provocar Israel a zelos por meio de uma gente gentia que não é povo? Mostrando a Israel as bênçãos derramadas sobre os gentios quando estes abraçam Cristo pela fé. Deus não fala mais deles como não sendo "meu povo", mas lhes chama Seu povo. Provocado a zelos ao ver isso, Israel pergunta por que estas bênçãos não hão de pertencer-lhe, e com maior razão; e recebe a segurança de que lhe pertencerão, sobre a mesma base

— fé em Cristo. Paulo desenvolve esta esperança no capítulo 11, mas resume esta fase da sua argumentação com o contraste entre duas passagens que aparecem justapostas em Isaías 65. O primeiro versículo daquele capítulo é aplicado aos gentios, que depois de viverem séculos sem o conhecimento do verdadeiro Deus, voltaram-se para buscá-lo. Isaías, diz o apóstolo, vai ao cúmulo da ousadia quanto à linguagem que emprega com relação a eles, atribuindo a Deus estas palavras:

"Fui achado pelos que não me procuravam, revelei-me aos que não perguntavam por mim."

Mas o versículo seguinte aplica-se a Israel:

"Todo o dia estendi as minhas mãos a um povo rebelde e contradizente."

14. *Como, porém, invocarão ...?*

Mas o sujeito é indefinido (como em RSV, que diz: "Mas como os homens haverão de invocar...?").

15. *Quão formosos são os pés dos que pregam o evangelho de paz e trazem alegres novas de cousas boas!*

A frase "que pregam o evangelho de paz" foi acrescentada ao texto de Paulo em MSS mais tardios (a começar de algumas testemunhas ocidentais) para dar conformidade com a citação de Isaías 52:7 (ver RV, RSV, NEB). Aqui Paulo dá sua própria versão grega do conteúdo substancial do hebraico em vez de reproduzir a LXX, que obscurece o sentido deste versículo.

Em primeira instância, estas palavras se referem aos que levaram da Babilônia a Jerusalém as boas novas de que se haviam passado os dias do cativeiro e a restauração estava próxima. Mas no Novo Testamento, toda esta seção do livro de Isaías, do capítulo 40 em diante, é interpretada como falando da era do Evangelho. A libertação de Israel da Babilônia sob Ciro, como a libertação do Egito nos dias de Moisés, é tratada como a prefiguração da maior e perfeita libertação realizada por Cristo. A voz em Isaías 40:3 que clama pela preparação de uma vereda no deserto pela qual Deus leve Seu povo libertado de volta a Sião, vem a ser a voz de João Batista, convocando no deserto da Judéia um povo preparado para o Senhor; o "ano aceitável do Senhor" (Is 61:2) é proclamado por Jesus no princípio do Seu ministério na Galiléia; e outros exemplos mais do cumprimento desses capítulos aparecem nos versículos que se seguem.

16. *Senhor, quem acreditou na nossa informação?*

O vocativo "Senhor" é um acréscimo feito pela LXX. Em Isaías53:l a pergunta é feita por aqueles que ouvem o anúncio da exaltação do Servo Sofredor (ver o versículo imediatamente anterior, Is 52:15, citado abaixo, em **15:21).** "Quem acreditaria no anúncio que ouvimos?", perguntam cheios de surpresa, quando rememoram a humilhação do Servo. O anúncio, incorporado na mensagem do Evangelho, ainda é recebido com incredulidade, Paulo diz — desta vez, não pelos reis e nações de que fala Isaías 52:15, mas pelo povo judeu em massa. Isaías 53:1 é citado em João 12:38 para explicar a razão por que o povo falhou, não crendo em Jesus como o Messias durante o Seu ministério em Jerusalém; forma par ali com a citação de Isaías 6:9, também amplamente divulgada nos primitivos tempos cristãos como um *testimonium* predizendo a incredulidade judaica (ver **11:8).**

17. *A fé vem pela pregação, e a pregação pela palavra de Cristo.*

AV: "A fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus." "Ouvir" é a mesma palavra "informação" (AV) que ocorre na citação de Isaías 53:1 no versículo anterior (grego: *akoe);* aqui ela indica a mensagem que é ouvida. Quanto à frase "palavra de Deus", a redação mais bem documentada é "palavra de Cristo" (RV, NEB, AA), i. e., "a pregação de Cristo" (RSV), a mensagem do Evangelho, a qual leva os seus ouvintes a crerem.

18.*Por toda a terra se fez ouvir a sua voz, e as suas palavras até aos con fins do mundo.*

É desnecessário supor que Paulo considerava o Salmo 19:4 como *predição* da disseminação mundial do Evangelho. Ele quer dizer que a disseminação do Evangelho está-se tornando tão universal como a luz irradiada pelos corpos celestes. "A sua voz" (AV: "o seu som") segue a LXX contrariamente a "sua linha". Possivelmente os tradutores da LXX leram *qolam* ("sua voz") na cópia de que dispunham, em vez de *qawwam* ("sua linha"). Quanto ao "universalismo representativo"[12] envolvido na citação, ver Colossenses l:5s. ("do evangelho, que chegou até vós; como também em todo o mundo"), 23 ("do evangelho (...) foi pregado a toda criatura debaixo do céu").

19. *Já Moisés dissera.*

A citação é tomada do Cântico de Moisés (Dt 32:21). Mas aqui Moisés representa Deus falando. O Cântico de Moisés deu aos cristãos primitivos um notável número de *testimonia* — geralmente, mas não ex-

clusivamente, sobre o tema da incredulidade judaica (ver 1 Co 10:20, 22, eco de Dt 32:16s.; Fp 2:15, eco de Dt 32:5; Hb 1:6, citação de Dt 32:43, LXX).[13] Os escritores posteriores das apologias anti-judaicas consideravam como ponto forte em sua argumentação o fato de que neste Cântico o próprio Moisés testifica contra os judeus (ver Justino, *Diálogo com Trifo* 20, 119, 130). Parece também que o Cântico desempenhou papel importante no pensamento teológico da comunidade de Qumran.[14]

Eu vos porei em ciúmes com um povo que não é nação. AV: "com aqueles que não são povo". Porque tinham provocado ciúmes em Deus cultuando um "não-deus" (hebraico *Io '-'et),* Deus *os* poria em ciúmes por meio de um "não-povo" (heb. *lo'-'am).* Significa que no transcurso da história Ele usou esta ou aquela nação gentílica como instrumento do Seu juízo sobre Israel — gente que os israelitas consideravam como "não-povo" no sentido de que não entrara no propósito da eleição divina para ser um povo nos termos em que Israel o era. Mas, à luz das passagens já citadas de Oséias (ver 9:25s.), Paulo reinterpreta essas palavras com referência à nova situação do Evangelho. Para alguém acostumado com a Bíblia dos hebreus, como Paulo estava, a comparação do *lo'-'am* de Moisés com o *lo'-'ammi* de Oséias (ver p. 159) vinha à lembrança prontamente (mais do que a alguém que dependesse exclusivamente da LXX).

Em que termos Paulo entendeu a provocação feita pelos gentios a Israel, levando-o a ter ciúme, vê-se abaixo em **11:11.**

Com gente insensata eu vos provocarei à ira. Os gentios eram insensatos (AV: "loucos") do ponto de vista judaico; no sentido de que estavam alienados do conhecimento de Deus.

20. *E Isaías a mais se atreve.*

Quer dizer, vai a extremos de ousadia, ainda além do ponto alcançado por Moisés, em sua afirmação do paradoxo de dar Deus Suas misericórdias pactuais aos que não eram Seu povo e não tinham direito àquelas misericórdias.

Fui achado pelos que não me procuravam. ... Em seu contexto original, estas palavras de Isaías 65:1 talvez se refiram a Israel em sua rebelião (ver RSV: "Eu estava pronto para ser procurado por aqueles que não perguntavam por mim. ..."); mas, da mesma forma como em sua aplicação da profecia de Oséias, Paulo reconhece aqui um princípio que, na situação dos seus dias, era aplicável aos gentios.

21. *Quanto a Israel, porém, diz.*

Se Paulo acha Isaías 65:1 aplicável ao fato de os gentios aceitarem avidamente o Evangelho, acha igualmente Isaías 65:2 aplicável ao fato de os judeus em geral o rejeitarem.

d. O propósito de Deus para Israel (11:1-29). (1) A alienação de Israel não é final (11:1-16).

Israel podia ser "um povo rebelde e contradizente", mas Deus nâo os proscrevera agora mais fortemente do que o fizera em dias anteriores, quando rejeitava a palavra divina mediante Moisés e os profetas. "Aos que de antemão conheceu, também os predestinou" é um princípio não omitido no caso de Israel. Como nos tempos do Velho Testamento, assim também nos tempos apostólicos, o propósito de Deus na escolha do Seu povo era salvaguardado por Sua preservação de um remanescente fiel. Na época de Elias, num período em que a apostasia nacional assumira as dimensões de um desmoronamento, havia uma pequena minoria fiel de sete mil que negou culto a Baal; e assim havia nos dias de Paulo uma pequena minoria fiel que não rejeitara o Evangelho. Paulo devia saber, pois era um deles. Sua descendência de Abraão por meio de um dos filhos de Israel estava bem estabelecida, e contudo era crente em Jesus, como o eram muitos outros dos seus compatriotas "segundo a carne". Constituíam um remanescente fiel, escolhido pela graça de Deus, e sua existência era, em si mesma, uma prova de que Deus não abandonara a Israel, nem renunciara ao Seu propósito para ele. Mesmo que Israel em massa tivesse falhado em alcançar Seu propósito, o remanescente eleito o cumpriria. A cegueira que afetava a maioria fora prevista por Deus (aqui se aduzem mais três *testimonia,* em acréscimo ao *testimonium* da "pedra" composta de 9:33 — um de Isaías, um de Deuteronômio e um do Sal-tério). Mas esta condição não deveria ser permanente.

Israel tinha tropeçado, mas não caíra a ponto de não poder levantar-se mais. Por seu tropeção, as bênçãos do Evangelho foram estendidas mais imediatamente aos gentios. Em Atos dos Apóstolos, a recusa repetida da comunidade judaica, de um lugar ou de outro, em aceitar a salvação oferecida é que dá ocasião aos apóstolos para a apresentarem diretamente aos gentios. "Cumpria que a vós outros em primeiro lugar fosse pregada a palavra de Deus", disseram Paulo e Barnabé aos judeus de Antioquia da Pisídia; "mas, posto que a rejeitais e a vós mesmos vos julgais indignos da vida eterna, eis aí que nos volvemos para os gentios" (At 13:46;

ver 28:28). Se os judeus tivessem aceitadoo Evangelho, teriam o privilégio de torná-lo conhecido aos gentios; como aconteceu porém, os gentios o ouviram sem a instrumentalidade deles. Mas se o *tropeção* de Israel dera ocasião a muitas bênçãos para os gentios, que haveria de significar o despertamento e restauração de Israel senão uma verdadeira ressurreição!

Paulo se dirige então mais pessoalmente aos gentios, dentre os seus leitores, que talvez se inclinassem a ter em pouca conta os seus irmãos judeus, e a não ter a mínima consideração por aqueles judeus que não aceitaram o Evangelho. "Sou judeu de nascimento", diz ele, "sou o apóstolo dos gentios, e tenho em mui alta conta a honra da minha missão. Faço isso não somente por amor dos gentios a quem levo o Evangelho, mas também por amor dos meus irmãos judeus. Quero incitá-los ao ciúme, quando virem os gentios entrando no pleno gozo das bênçãos do Evangelho. Quero fazer com que digam: 'Por que os gentios deveriam ter todas estas bênçãos? Por que nós não deveríamos partilhar delas?' Bem pode ser que falem assim, pois estas bênçãos são o cumprimento da esperança dos seus antepassados; eles estão ligados pela fé ao seu próprio Messias. E quando por fim Israel como um todo for estimulado a reivindicar o Messias com todas as bênçãos que Ele traz, as palavras não podem descrever a bênção que a sua conversão representará para o mundo."

Esta consumação não é um sonho ocioso, sustenta Paulo; tem a garantia do indefectível propósito de Deus. O primeiro pão da fornada já foi apresentado a Deus, e sua consagração significa que toda a fornada é santa para Ele. "A raiz da árvore é santa, e os ramos participam inevitavelmente da sua santidade."

1. *Terá Deus, porventura, rejeitado o seu povo?*

Esta interrogação (estruturada em grego de molde a requerer a resposta "Não"), e a afirmação do versículo 2: "Deus não rejeitou o seu povo...", são um eco da terminologia empregada na LXX para o Salmo 94:14: "O Senhor não rejeitarão seu povo" (ver 1 Sm 12:22).

Da descendência de Abraão. AV: "Da semente de Abraão." Aqui a frase é usada tanto no sentido natural como no sentido espiritual (ver 2 Co 11:22).

Da tribo de Benjamim. (Ver Fp 3:5.) É uma "coincidência não proposital" entre as epístolas paulinas e Atos que, enquanto somente pelas primeiras ficamos sabendo que Paulo era da tribo de Benjamim, somente este nos informa que o nome judaico dele era Saulo (AV: "Saul"). Não é surpreendente que pais que eram descendentes da tribo de Benjamim e acariciavam altas ambições para seu filho recém-nascido lhe dessem o nome do mais ilustre membro daquela tribo, na história de Israel — "Saul, filho de Quis, da tribo de Benjamim" (para citar a referência feita pelo próprio Paulo ao primeiro rei de Israel, em At 13:21, RV).

2, 3. *Ou não sabeis o que a Escritura refere.*

A referência aqui é a 1 Reis 19:10, 14, onde quem fala é de fato Elias.

A respeito de Elias. Leia-se *"em Elias",* pois parece que "Elias" ali é o título daquela seção dos livros de Reis (talvez 1 Rs 17:1—2 Rs 2:18) de onde foi tirada a citação (ver Mc 12:26, onde "no trecho referente à sarça", AV: "em a sarça", significa: "na seção do livro de Êxodo intitulada 'A Sarça' ").

4. *A resposta divina.*

AV: "A resposta de Deus." Grego: *chrêmatismos,* empregado para significar uma resposta divina, como o verbo transitivo *chrêmatizõ* (ver Mt 2:12, 22; Lc 2:26; Hb 8:5, 11:7, 12:25).

Reservei para mim sete mil homens, que não dobraram joelhos. ... Citação de 1 Rs 19:18, mais próxima do texto hebraico do que da **LXX** (que diz: *"Tu* reservarás ...") — embora não haja nada no texto hebraico (nem na LXX) correspondente a "para mim". A melhor tradução do texto hebraico é com o verbo no futuro: "Contudo, deixarei. ..." (RV; ver RSV) — sendo a referência ao remanescente de apenas sete mil que sobreviveriam à matança que seria feita pelas espadas de Hazael, Jeú e Eliseud Rs 19:17).

Diante de Baal. AV: "À imagem de Baal." Como AV o demonstra por meio de itálicos, não há nenhuma palavra no texto grego (nem no texto hebraico subjacente) correspondente a "imagem". Os tradutores a introduziram numa tentativa de fazer justiça ao estranho fenômeno de o substantivo masculino *Baal* vir precedido da forma feminina do artigo definido *(te).* Esta redação de 1 Rs 19:18 não se acha nos MSS da LXX existentes, mas evidentemente reflete um texto hebraico em que o nome idolátrico de Baal era marcado para ser substituído (pelo menos nas leituras em público) pelo substantivo feminino *bosheth,* "vergonha".

6. *E se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça.*

AV acrescenta: "Mas se é pelas obras, então não é mais graça; do contrário, as obras já não são obras." Esta intrusão no argumento de Paulo não faz parte do texto original (ver RV, RSV, NEB). Provavelmente foi

escrita como nota marginal por algum escriba ou leitor que achava que podia estabelecer o inverso do princípio firmado na primeira metade do versículo, e depois foi incluída no texto por engano.

7. *E os mais foram endurecidos* (assim em RV e RSV; AV: "foram cegados").

O verbo grego*põroõ* significa "endurecer" ou "tornar insensível", e não "cegar" (ver o substantivo *põrõsis* no versículo 25, traduzido por "cegueira" em AV, NEB, e por endurecimento" em RV, RSV, AA). No idioma inglês moderno (como em português) o termo "cegueira" é livremente empregado para indicar insensibilidade moral. Daí NEB: "Os mais foram tornados cegos para a verdade." Se se perguntar quem os tornou cegos, o versículo 8 dá clara resposta. Não é a primeira vez nesta epístola (ver **1:21,** 9:17s.)[15] que Paulo diz que tal insensibilidade moral é infligida por Deus como penalidade judicial pela recusa em dar ouvidos à palavra divina.

8. *Deus lhes deu espírito de entorpecimento, olhos para não ver e ou vidos para não ouvir, até ao dia de hoje.*

Citação de Isaías 29:10 ("O Senhor derramou sobre vós o espírito de profundo sono, e fechou os vossos olhos") e Deuteronômio 29:4 ("O Senhor não vos deu coração para entender, nem olhos para ver, nem ouvidos para ouvir, até ao dia de hoje"). A referência a olhos que não vêem e a ouvidos que não ouvem é reminiscência também de Isaías 6:9s. ("Ouvi, ouvi, e não entendais; vede, vede, mas não percebais"), usado pelos quatro evangelistas como um *testimonium* do fracasso dos judeus não reconhecendo Jesus como o Messias (Mt 13:14s.; Mc 4:12; Lc 8:10; Jo 12:40; ver também At 28:26s.). (Ver nota sobre **10:16,** p. 169.)

A palavra traduzida por "entorpecimento" em AA, "sonolência" em AV e "torpor" em RV e RSV, *ékatanuxis* (assim em Is 29:10, LXX), que significa literalmente "picada" ou "ferroada", e daí vem a ser usada também com referência ao entorpecimento resultante de certas espécies de picada (NEB acordemente traduz: "entorpecimento de espírito").

Não há boa razão para o fato de AV colocar todo este versículo, menos as três últimas palavras, entre parênteses. "Até ao dia de hoje" é parte da citação de Deuteronômio 29:4.

9. *Ediz Davi: Torne-se-lhes a mesa em laço e armadilha...*

Os versículos 9 e **10** foram tomados do Salmo 69:22s. (LXX). Este salmo era de uso generalizado na igreja, desde os seus primeiros dias, como um *testimonium* do ministério, e principalmente da paixão de Cristo (ver a alusão ao versículo 4 em Jo 15:25; ao v. 9 em Jo 2:17 e **15:3;** ao v. 21 em Mt 27:48). Se quem fala no salmo é Cristo, aqueles contra os quais são apresentadas queixas, são interpretados como Seus inimigos (ver a aplicação do versículo 25 a Judas Iscariotes em Atos 1:20). Observemos a repetição do tema dos olhos que não vêem (v. **10,** citando o Sl 69:23); aqui jãz a principal relevância da citação para o presente argumento de Paulo — a "cegueira" temporária que dominou Israel, com a exceção do remanescente crente.

11. *Pela sua transgressão veio a salvação aos gentios, para pô-los em ciúmes.*

Esta é a interpretação que Paulo dá das palavras do Cântico de Moisés (Dt 32:21) já citadas em **10:19.** É pela bênção que dá àqueles que antes eram "não-povo" com relação a Ele, pela salvação que "uma nação insensata" recebeu por sua pronta aceitação do Evangelho, que Deus provocará ciúmes em Israel.

12. *Quanto mais a sua plenitude?*

A "plenitude" *(plêrõma)* dos judeus deve ser entendida no mesmo sentido da "plenitude" dos gentios (v. 25). A conversão do mundo gen-tílico em larga escala deve seguir-se da conversão em larga escala de Israel (ver v. 26).

15. *Vida dentre os mortos.*

O sentido talvez seja que a conversão de Israel será precursora imediata da ressurreição, para coincidir com a parousia de Cristo (ver a nota sobre **11:26,**pp. 179s.).

16. *Se forem santas as primícias da massa, igualmente o será a sua totalidade.*

A alusão é provavelmente a Números 15:17-21, onde os israelitas recebem ordem para oferecer a Deus um bolo feito com massa de farinha da primeira colheita, de trigo recém-trilhado na eira. A apresentação desse bolo a Deus santifica a fornada toda. Em 1 Coríntios 15:23, onde se fala de "Cristo, as primícias", embora a palavra (grego: *aparche)* seja a mesma, a alusão é mais ao feixe dos primeiros produtos da colheita de cevada que devia ser "movido" diante do Senhor no domingo seguinte à Páscoa, consagrando assim toda a colheita (Lv 23:10s.)- Aqui as "pri-mícias" abrangem, com toda a probabilidade, aqueles judeus de nascimento que, como Paulo, aceitaram a Jesus como Messias e Senhor.

Se for santa a raiz, também os ramos o serão. Mudando a metáfora, Paulo diz agora que, como uma árvore é, toda ela, de um só caráter, a santidade da raiz santifica os ramos. É natural dar à "raiz" o mesmo sentido de "primícias", mas se a figura da raiz e dos ramos for independente, devemos pensar nos patriarcas como constituindo a raiz da árvore cujos ramos são os israelitas da era cristã. Isso estaria de acordo com a descrição posterior que Paulo faz de Israel como "amados por causa dos patriarcas" (versículo 28). Ê possível que haja uma transição de pensamento aqui, quando Paulo passa de uma figura a outra.[10]

(2) A parábola da oliveira (11:17-24).

A referência à raiz e aos ramos leva Paulo a desenvolver sua parábola da oliveira — parábola freqüentemente citada contra ele para mostrar que era um típico habitante de cidade, não afeito aos mais elementares fenômenos do campo. Pois um jardineiro não faz enxerto de uma fruteira silvestre numa fruteira cultivada; é um renovo ou broto tirado de uma árvore cultivada que deve ser enxertado no tronco de uma planta da mesma espécie. Sir William Ramsay, com efeito, citaTeobaldo Fischer, que teria dito que era costume na Palestina, há 60 anos, "revigorar uma oliveira que já está cessando de frutificar, enxertando nela um broto de oliveira silvestre, e assim a seiva da árvore enobrece este broto selvagem, e a árvore recomeça a dar fruto".[17] Um processo parecido era comum nos tempos romanos. Columella, contemporâneo de Paulo, evidencia isso pois, segundo ele, quando uma oliveira está produzindo mal, faz-se nela o enxerto de uma oliveira silvestre, o que dá novo vigor à árvore.[18]

De qualquer forma, a parábola de Paulo é clara. Eis duas oliveiras — uma cultivada e a outra silvestre. Esta produzia frutas pobres, com pouco óleo; a primeira normalmente produzia bons frutos. A oliveira é Israel, o povo de Deus; a oliveira silvestre é o mundo gentílico. Mas a oliveira foi-se enfraquecendo e ficando improdutiva. Portanto, os ramos velhos foram cortados e foi feito um enxerto da oliveira silvestre. "A poda dos ramos velhos era necessária para permitir que o ar e a luz atingissem o enxerto, e também para impedir que a vitalidade da árvore se difundis-se demais por um grande número de galhos" (W. M. Ramsay, *op. cit.*, p. 224). O enxerto tirado da oliveira silvestre é a soma total dos crentes gentios, agora incorporados no povo de Deus; os galhos velhos cortados são os judeus que rejeitaram o Evangelho.

É-nos dito que esse enxerto incomum afeta o renovo enxertado e o tronco que o recebeu. O tronco velho é revigorado pelo enxerto novo e, por seu turno, o enxerto novo, alimentado pela seiva do tronco da oliveira, pode produzir frutos que a oliveira silvestre jamais poderia produzir.

Os cristãos gentios não se devem render à tentação de mostrar desdém aos judeus. Não fora a graça de Deus que os enxertou no Seu povo e fez deles "concidadãos dos santos" (Ef 2:19), teriam permanecido para sempre sem vida e sem frutos. A nova vida que os capacita a produzir frutos para Deus é a vida do velho tronco de Israel, no qual foram enxertados. Israel não lhes deve nada; eles são devedores a Israel. E se replicam que ao menos são melhores do que os judeus *descrentes,* ramos cortados, são exortados a aprender a salutar lição dada pela remoção daqueles ramos velhos. Por que foram cortados? Por causa da incredulidade. *E* se um espírito de orgulho levar o renovo enxertado — a igreja gentílica — a esquecer que a sua segurança está na graça divina e a per-mutar a sua fé em Deus pela confiança em si mesmo, sofrerá o mesmo destino dos ramos velhos: será cortado também. Pela fé se adquire e se mantém a relação de membro do verdadeiro povo de Deus; pela incredulidade esse bem é confiscado. Este princípio, afirma Paulo, é aplicado sem parcialidade, tanto a gentios como a judeus. Por outro lado — e aqui os processos práticos de enxertar certamente são deixados para trás, por amor dos fatos espirituais que a parábola visa a ilustrar — se os judeus que pela descrença perderam sua posição de membros do verdadeiro Israel vierem afinal a crer em Cristo, serão incorporados de novo no povo de Deus. Se os ramos velhos que tinham sido cortados fossem uma vez mais enxertados na árvore de origem e tornassem a produzir fruto, seria um milagre sem precedentes na esfera natural. Igualmente, a reincor-poração da nação judaica no povo de Deus quando a incredulidade é substituída pela fé, seria um milagre na esfera espiritual. Mas, diz o apóstolo, é um milagre que Deus vai realizar.

20. *Mediante a fé estás firme.*

AV: "Pela fé". "Pela fé" é enfático: "pela fé você mantém o seu lugar"(NEB). Ver5:2(p. 100).

22. *Mas para contigo, a bondade de Deus.*

A expressão "de Deus", que consta do texto grego, falta em AV. (RSV: "bondade de Deus"; NEB: "bondade divina".) Ver 2:4.

Se nela permaneceres; doutra sorte também tu serás cortado. Em AV aparece aqui o qualificativo

divino da referida bondade: "Se permaneceres em *sua* bondade." Em todo o Novo Testamento a continuidade é o teste da realidade. A perseverança dos santos é doutrina firmemente alicerçada no ensino do Novo Testamento (e não menos no ensino paulino). Mas o seu corolário é que são os santos que perseveram. Desde que "mediante a fé estás firme" (v. 20), é salutar exercício atender à injunção de Paulo aos cristãos de Corinto: "Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé" (2 Co 13:5).

24. *Contra a natureza.*

É possível que Paulo tenha pensado em desarmar por antecipação a crítica mostrando que está ciente do caráter antinatural da espécie particular de enxerto aqui descrita. Mas ele não tem necessidade de ir além de dizer que o próprio processo de enxerto é que é "contra a natureza" — idéia comum aos antigos.

(3) A restauração de Israel (11:25-29).

Aqui está o mistério do propósito de Deus para Israel — propósito anteriormente oculto mas agora tornado conhecido. A cegueira de Israel é apenas parcial (pois alguns israelitas já foram iluminados), e apenas temporária, com um exame da bênção dos gentios. No que concerne à proclamação do Evangelho, a ordem é: "Ao judeu primeiro." No que concerne à recepção do Evangelho, a ordem é: "Pelo gentio primeiro, e depois pelo judeu." Quando se completasse o número total dos gentios cristãos — consumação que o próprio apostolado de Paulo estava tornando mais próxima — então, *todo o Israel,* não um remanescente fiel mas a nação como um todo, veria a salvação de Deus. Se o tropeção temporário de Israel foi predito profeticamente, também o foi a sua restauração última e permanente (Is 59:20s. e Jr 31:33 são citados com este fim). A nova aliança não se completará enquanto não abranger o povo da velha aliança. Temporariamente alienado, para vantagem dos gentios, Israel é eternamente objeto do amor eletivo de Deus porque as Suas promessas uma vez feitas aos patriarcas, não podem ser revogadas.

Já se levantou a objeção de que Paulo aqui deixa o seu patriotismo anular a sua lógica.'[9] Ele acentuou mais de uma vez na epístola que a descendência natural dos patriarcas não é o que importa, aos olhos de Deus, e agora diz que, por causa das promessas feitas por Deus aos patriarcas, os seus descendentes naturais têm de ser restaurados à relação pactuai com Ele. Talvez bastasse dizer: "O coração tem suas razões ..."; mas aqui há mais que isso para se dizer. Paulo tinha compreensão da graça de Deus mais profunda e mais clara do que os seus críticos. Se a graça de Deus operasse de acordo com a lógica estrita, a perspectiva seria medonha tanto para os judeus como para os gentios.

Um ponto mais: em tudo que Paulo diz sobre a restauração de Israel a Deus, não diz nada sobre a restauração de um reino davídico terreno, nada diz sobre algum restabelecimento nacional na terra de Israel. O que divisou para o seu povo foi algo infinitamente melhor.

25. *Não quero* (…) *que ignoreis este mistério.*

Pela palavra "mistério" provavelmente Paulo quer dizer que aquilo que se segue é uma nova revelação recebida por ele (ver 1 Co 15:51; Cl l:26s.). O princípio do remanescente referido nos versículos 1-7 era assunto de antiga revelação profética. Que "todo o Israel" ainda seria salvo era uma nova revelação, transmitida por intermédio de Paulo. Ele tem sido acusado de querer comer o seu pedaço de bolo e ao mesmo tempo conservá-lo, ou seja, de consolar-se com a idéia de "um remanescente segundo a eleição da graça" e ao mesmo tempo insistir na total restauração de Israel. Mas se a sua pretensão de ter recebido uma nova revelação for encarada com seriedade, não será razoável censurá-lo. Além disso, mesmo na profecia do Velho Testamento, o remanescente do antigo Israel era, ao mesmo tempo, o núcleo do novo Israel. E assim aqui também: a existência do remanescente que crê é a garantia da salvação final de "todo o Israel".

Até que haja entrado a plenitude dos gentios. Ver 15:16 ("oferta dos gentios", AV) e 15:18 ("obediência dos gentios", RV) — expressões praticamente sinônimas da presente. A introdução da "plenitude" ou da plena completação *(plêrõma)* dos gentios deve seguir-se da "plenitude" dos judeus (v. 12).

26. *E assim todo o Israel será salvo.*

É impossível sustentar uma exegese que tome "Israel" aqui em sentido diferente de "Israel" no versículo 25: "Veio endurecimento (ou "cegueira") em parte a Israel". Quanto ao argumento de que Paulo não diz: "e *então* todo o Israel será salvo", mas, "e *assim* todo o Israel será salvo" (como se a colheita do número completo dos gentios fosse só por si a salvação de todo o Israel), basta apontar para o bem fundamentado emprego do grego *houtõs* ("assim", "desta forma") em sentido temporal. "Todo o Israel" é expressão que aparece repetidamente na literatura judaica, onde não significa necessariamente "todo judeu sem uma única exceção",

mas, "Israel como um todo". Assim, "todo o Israel tem um quinhão na era por vir", diz o tratado do Mishnah sobre o *Sinedrim* (X. 1), e passa imediatamente a mencionar os israelitas que não têm quinhão nela.

Virá de Sião o Libertador; ele apartará de Jacó as iniqüidades. Citação de Isaías 59:20: "E ele virá a Sião como Redentor, para aqueles de Jacó que se voltarem da transgressão" (RSV). O texto de Paulo se harmoniza com a LXX, exceto em que a LXX diz: "por amor de Sião", e não: "de Sião". Seja qual for a forma do texto adotada, a referência é à manifestação a Israel do seu divino Redentor — manifestação que em sua mente Paulo bem pode ter identificado com a parousia de Cristo. Ver nota sobre o versículo 15 (p. 175). Ãs vezes se dá uma interpretação parecida a Atos 3:19-21 e 2 Coríntios 3:16.

27. *Esta é a minha aliança com eles, quando eu tirar os seus pecados.* Em suas poucas palavras iniciais, Paulo continua a citação de Isaías

59 (o versículo 21 diz: "Quanto a mim, esta é a minha aliança com eles, diz o Senhor"), mas então passa para a promessa da nova aliança registrada em Jeremias 31:33: "Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel (…) perdoarei as suas iniqüidades, e dos seus pecados jamais me lembrarei" (ver notas sobre 7:6, p. 119e8:4, p. 131).

28. *Quanto ao evangelho, são eles inimigos por vossa causa.*

A presente alienação de Deus, da parte dos israelitas, deu ocasião para vocês, gentios, abraçarem as bênçãos do Evangelho e se reconciliarem com Deus.

Quanto, porém, à eleição, amados por causa dos patriarcas. Estas palavras têm sido interpretadas em termos dos "méritos dos pais" (hebraico *zekhuth ha'aboth)* — doutrina judaica de que a justiça dos patriarcas constitui um depósito de méritos creditados na conta dos seus descendentes. Mas não é isto que Paulo quer dizer aqui. Toda a argumentação desta epístola é contrária a essa concepção de mérito (ver 4:2). O que quer dizer é que as promessas feitas por Deus aos patriarcas quando os chamou, são asseguradas aos seus descendentes, não com base nos méritos, mas com base na fidelidade de Deus para com a Sua palavra.

e. O propósito de Deus para a humanidade (11:30-36).

O propósito último de Deus para o mundo é revelado agora. É misericórdia tanto para judeus como para gentios. O remanescente fiel não foi escolhido pela graça de modo que o restante fosse destinado à perdição. Sua eleição é um sinal de que a misericórdia divina há de estender-se a todos, sem distinção (ver **8:19-21).** Há um inconfundível universalismo na linguagem de Paulo aqui, conquanto seja um universalismo escatológico, e não atual, ou representativo, e não individual.[20]

"Todos pecaram e carecem da glória de Deus", Paulo já anunciara (3:23). Todos foram feitos réus convictos perante o tribunal de Deus. Ninguém, quer judeu, quer gentio, pode reclamar qualquer direito à Sua misericórdia. Se deve haver esperança para alguém, esta tem de depender explusivamente da graça de Deus. Mas a esperança é oferecida em medida ilimitada. O propósito de Deus ao encerrar judeus e gentios juntos num lugar onde a desobediência deles à Sua lei precisa ser reconhecida e trazida à luz, era dar Sua imerecida misericórdia igualmente a judeus e a gentios.

Aqui, pois, está a elevação do grandioso argumento de Paulo; eis aqui motivo para incessante louvor a Deus. A doxologia dos versículos 33-36 não arremata apenas os capítulos 9-11; ela conclui toda a argumentação dos capítulos 1-11: "Õ impenetrável riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os Seus decretos! Quão inescrutáveis os seus caminhos! Bem falou o profeta:

'Quem captou o desígnio do Senhor?
Quem do Seu conselho partilhou?
Quem algo Lhe deu primeiro a Ele,
que devesse ser-lhe devolvido?'

Dele todas as coisas procedem; por meio dele todas as coisas existem; a Ele todas as coisas retornam: a Ele seja a glória por todos os séculos. Amém."

32. *A fim de usar de misericórdia para com todos.*

Isto é, a todos sem distinção, e não a todos sem exceção. Paulo não está pensando aqui naqueles que, como Faraó em 9:17, persistentemente recusam a misericórdia divina. "Não é sua intenção fazer um pronunciamento terminante acerca do destino final de cada ser humano individualmente considerado. Mas a esperança da humanidade é mais, e não menos, segura, porque tem suas raízes na verdade concernente a Deus, e não numa verdade concernente ao homem." (C. L.Barrett, *adloc.)*

34. *Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? ou quem foi o seu conselheiro?*
Eco de Isaías 40:13: "Quem guiou o Espírito do Senhor? ou, como seu conselheiro, o ensinou?"
35. *Ou quem primeiro lhe deu a ele para que lhe venha a ser restituído?*
Eco de Jo 41:11: "Quem primeiro me deu a mim, para que eu haja de retribuir-lhe?"

Notas

1. *Teodicéia,* no sentido etimológico de justiça (ou justificação) de Deus. Termo criado por Leibniz para expressar a *teologia natural* como suficiente para provar a existência e a bondade de Deus. N. do Tradutor.

2. Título dado aos capítulos 9-11 no comentário de C. H. Dodd e em NEB. W. Man-son intitula-os de "A Justiça de Deus na História" *(New Testament Essays in Memory ofT. W. Manson,* p. 164) — que expõe ainda melhor a integração deles no tema central da epístola.

3. A conjetural correção de *ho on* para *hon ho,* como se a frase significasse "de quem (finalmente) é Deus ...", não tem muita coisa em seu favor.

4. Grego: *Bemati tou Theou* ("tribunal de Daus"). N. do Tradutor.

5. J. W. Burgon, *The Revision Revised* (1883), p. 214. Quanto à idéia de que aqui Paulo chama Cristo de "Deus", ver o comentário de A. Nygren, *adloc;* também I. Munck, *Christus und Israel* (Copenhagen, 1956), p. 29s.; O. Cullmann, *TheChristology oftheNew Testamení* (1959), p. 312s. Quanto à opinião alternativa, o comentário de C. H. Dodd, *ad loc;* V. Taylor, "Does the New Testament Call Jesus God?" *ExT,* LXXIII (1961-62), p.116ss.

6. *"Saved", "saving".* N. do Tradutor.

7. Ver nota sobre o versículo 3 (p. 150).

8. Ver Ef 2:20. Ver também "The Côrner-Stòne of Scripture" em S. H. ooke, *The Siege Perilovs,* p. 235ss.

9. Na literatura de Qumran, a comunidade de Qumran é identificada com esta pedra preciosa, angular (ver G. Vermes, *The Dead Seu Scrolls in English,* p. 38).

10. *Prsher,* palavra hebraica que quer dizer "explicação", "interpretação".

11. AA: "A *indagação* de unia boa consciência". Grego: *eperõtema,* que pode significar resposta, indagação, exigência. Calvino (s/comentário, *in loco,* adota o sentido de *resposta* ou *testemunho.*

12. Verp. 180 n. 20.

13. Ver J. R. Harris, "A factor of Old Testament influence in the New Testament", *ExT,* XXXVII (1925-26), p. 6ss.; B. Lindars, *New Testament Apulogetic* (1961), p. 244s.,258, 274.

14. Quanto a uma citação em Qumran de Dt 32:28 contra Israel, ver G. Vermes, *The Dead Sea Scrolls in English,* p. 102.

15. Uma palavra diferente *(sklèntno)* é empregada para indicar o endurecimento do coração de Faraó em 9:18, mas o sentido não difere muito do de *põroõ* aqui.

16. Naturalmente, é possível interpretar as "primícias" do versículo 16 como referência aos patriarcas, mas esta interpretação é menos verossímil.

17. *Pauline and Other Studies* (1906), p. 223.

18. Columella, *De re rústica,* v. 9.

19. Assim A. Harnack, *The Dule ofthe Acts and of lhe Synoptic Cospels* (1911), p. 40-66; "o judeu nele", diz Harnack, "ainda era muito forte" (p. 61).

20. Universalismo esoatológico refere-se à esperança de que finalmente "os eleitos serão o mundo todo" (C. H. Spurgeon, citado em A. C. Benson, *The Life ofEdward White Benson,* ii, 1900, p. 276), que "no desenvolvimento da raça dos homens através de longas eras, o mundo alcançará afinal completa salvação, e nossos olhos se deliciarão com o glorioso espetáculo de um mundo salvo" (B. B. Warfield, *Biblical and Theologica!Studies,* Philadelphia, 1952, p. xxx). Universalismo representativo é a idéia de que "houve uma aceitação representativa do Evangelho por várias nações" (J. Munck, *Paul and the Sal-vationofMankind,* 1959,p. 278). Verpp. 136ss., 170,211.

B. MODO CRISTÃO DE VIVER (12:1-15:13). 1. Sacrifício Vivo (12:1, 2).

Em vista de tudo quanto Deus fez por Seu povo em Cristo, como Seu povo deve viver? Deve apresentai"-

se a Deus como "sacrifício vivo", consagrado a Ele. Os sacrifícios de animais, oferecidos numa época anterior, tornaram-se obsoletos graças à oferta que Cristo fez de Si mesmo. Mas sempre há lugar para o serviço divino prestado por corações obedientes. Em vez de viverem pelos padrões de um mundo em desacordo com Deus, os crentes são exortados a deixar que a renovação das suas mentes, pelo poder do Espírito, transforme as suas vidas harmonizando-as com a vontade de Deus.

A Bíblia nunca ensina uma doutrina para torná-la simplesmente conhecida. Mas ela é ensinada para que seja transferida para a prática. "Se sabeis estas cousas, bem-aventurados sois se as praticardes" (Jo 13:17). Daí, Paulo repetidamente apresenta uma exposição doutrinária, após uma exortação ética, interligando ambas, como aqui, pela conjiin-ção "pois" ou equivalente (ver Ef 4:1; Cl 3:5).

Além disso, é digno de nota que as admoestações éticas desta e doutras epístolas do Novo Testamento, quer sejam ou não de Paulo, têm forte semelhança com o ensino ético de Cristo registrado nos evangelhos. Na verdade, elas se baseiam na "lei de Cristo", como lhe chama Paulo (Gl 6:2; ver 1 Co9:21).

De maneira particular, pode-se traçar uma impressionante lista de paralelos entre **12:3-13:14** e **o** Sermão do Monte. Embora não existisse nesse tempo nenhum dos nossos evangelhos canônicos, o ensino de Cristo registrado neles era corrente nas igrejas — certamente em forma oral, e talvez também na **forma** de sumários escritos.

1. *Que apresenteis os vossos corpos.*

Ver **6:13,** 19; o verbo grego aqui é o mesmo que ali é traduzido por "oferecer". Agora Paulo expõe com mais pormenores aquilo que está envolvido em apresentar-se os cristãos a Deus para serem usados no Seu serviço.

Sacrifício vivo. A nova ordem tem os seus sacrifícios, que não consistem nas vidas de outrem, como os antigos sacrifícios de animais (ver Hb 13:15s.; lPe2:5).

O vosso culto racional. AV e RV: "O vosso serviço racional" ou "razoável". RVmg. e RSV traduzem: "Vosso culto espiritual"; NEB: "O culto oferecido pela mente e pelo coração" (mg: "O culto que vocês, como criaturas racionais, devem oferecer"). O substantivo é *latreia,* já usado em 9:4 com referência ao "serviço de Deus" (AV, RV) ou o "culto" (RSV, AA; ver NEB: "o culto do templo") instituído para os israelitas. O adjetivo é *logikos* (derivado de *logos),* que pode significar "razoável", "racional" (o serviço prestado por vidas obedientes é a única resposta razoável ou lógica à graça de Deus)' ou "espiritual", como em 1 Pedro 2:2, onde o "leite da palavra" (AV) é expressão traduzida mais apropriadamente por "leite espiritual" em RV, RSV, NEB e AA. Aqui talvez seja preferível "culto espiritual", em contraste com as exterioridades do culto do templo de Israel.

2. *E não vos conformeis com este século.*

AV: ". . com este mundo". "Este século" *(aiõn),* como em 1 Corín-tios 1:20, 2:ó, 3:18; 2 Coríntios 4:4; Gálatas 1:4, distingue-se de "século vindouro" (como ocorre em Ef 1:21: "não só no presente século, mas também no vindouro"). Conquanto seja chamado "Este inundo perverso" (ou "este presente século mau") (Gl 1:4, RVmg.), e seja dominado pelo "deus deste século" que cega a mente dos incrédulos (2Co4:4, RVmg. e AA), ainda assim é possível às pessoas pertencer temporariamente a "este século" para viverem como herdeiros do século vindouro, da era de renovação e ressurreição. São aqueles sobre os quais "os fins dos séculos têm chegado" (RV, AA), para os quais, visto que são "uma nova criação" em Cristo, "as cousas antigas já passaram, eis que se fizeram novas" (2 Co 5:17, RSV). É pelo poder do Espírito neles, penhor da sua herança no século vindouro, que podem resistir à tendência de viverem ao nível "deste século".

Transformai-vos. O verbo grego é *metamorphoõ,* traduzido por "transfigurar-se" nas narrativas da transfiguração em Mateus 17:2; Marcos 9:2. O único outro lugar onde aparece no Novo Testamento é 2 Coríntios 3:18, referindo-se aos crentes "transformados" na imagem do Filho "de glória em glória" (ou "de um grau de glória a outro", RSV) pela operação do "Senhor, o Espírito" — passagem que é útil comentário a este.

2. A Vida Comum dos Cristãos (12:3-8).

A marca das obras das mãos de Deus é a diversidade, não a uniformidade. Assim é com a natureza; é assim também com a graça, e em nenhum lugar mais do que na comunidade cristã. Nesta há muitos homens e mulheres das mais diversas espécies de origem, ambiente, temperamento e capacidade. E não só isso, mas, desde que se tornaram cristãos, são também dotados por Deus de uma grande variedade de dons espirituais. Entretanto, graças a essa diversidade e por meio dela, todos podem cooperar para o bem do todo. Seja qual for a espécie de serviço que se deva prestar na igreja, que seja feito de coração e com fidelidade pelos qu& são

qualificados por Deus, quer seja a profecia, o ensino, a exortação, a administração, as contribuições materiais, a visitação aos enfermos, quer a realização de qualquer outra classe de ministério.

Para ilustrar suas palavras, Paulo usa a figura do corpo humano, como já fizera em 1 Coríntios 12:12-27. Cada parte do corpo tem sua função característica a desempenhar e contudo, num corpo sadio, todas as partes funcionam harmoniosa e Ínterdependentemente para o bem do corpo todo. Assim deve ser na igreja, que é o corpo de Cristo.

3. *Pela graça que me foi dada.*

Isto é, a "graça" ou o dom do apostolado(ver 1:5, 15:15). Conforme o versículo 6, cada membro da igreja recebeu uma "graça" especial neste sentido, a qual deve ser exercida para o benefício de todos.

A medida da fé. "Fé" aqui tem sentido bem diferente do que tem na primeira parte da epístola. Aqui indica o poder espiritual dado a cada cristão para o desempenho da sua responsabilidade especial. Ver "segundo a proporção da fé" no versículo 6(NEB: "em proporção à fé que um homem tem").

5. *Um só corpo em Cristo.*

Compare-se isto com 1 Coríntios 12:27: "vós sois corpo de Cristo". Em 1 Coríntios e em Romanos o corpo humano é mencionado simplesmente como uma ilustração da vida corporificada dos cristãos, mas a idéia é levada muito mais longe em Colossenses e em Efésios. Nestas últimas epístolas dá-se ênfase à relação que a igreja, como corpo, mantém para com Cristo, como a Cabeça. Nelas não há possibilidade de um membro comum da igreja ser comparado com a cabeça, ou com uma parte da cabeça (como acontece em 1 Co 12:16s., 21). Nelas, ainda, deixa-se de falar do corpo como simples simile e se torna deveras o mais eficaz termo que o apóstolo pôde encontrar para exprimir o elo vital que une a vida dos crentes à vida da ressurreição de Cristo.[2]

8. *Com liberalidade.*

AV: "Com simplicidade". NEB: "De todo o seu coração".

O que preside. O exercício da administração na igreja é um dom tão verdadeiramente espiritual como qualquer dos outros mencionados.

Quem exerce misericórdia. NEB: "Se você dá socorro a outros que estão em aflição."

3. A **Lei de Cristo (12:9-21).**

As injunções nesta seção ao amor profundo, sincero e prático constituem reminiscências em especial do Sermão do Monte. O amor, a solidariedade e a honra uns para com os outros dentro da fraternidade dos crentes são virtudes que se devem esperar, mas alguma coisa mais é exigida aqui — amor e perdão aos de fora da comunidade, e não menos aos que os perseguem e lhes desejam o mal.

9. *Sem hipocrisia.*

AV: "Sem dissimulação". Grego, *anupakritos,* literalmente: "sem hipocrisia", como AA. (NEB: "Com toda sinceridade".)

10. *Preferindo-se em honra uns aos outros.*

Ver Fp 2:3: "Cada um considerando o outro melhor do que ele próprio" (RV). AA: "Considerando cada um os outros superiores a si mesmo."

11. *Fervorosos de espírito.*

A mesma expressão é usada com relação a Apoio em At 18:25. É discutível se significa a mesma coisa nas duas passagens. Aqui RSV provavelmente tem razão em entender que a referência é ao Espírito Santo: "Sejam ardorosos no Espírito".

Servindo ao Senhor. RVmg.: "Servindo à oportunidade", reproduz uma redação ocidental que substituiu o dativo *kitriõ* ("ao Senhor") por *kuirô* ("ao tempo", "à oportunidade").

14. *Abençoai aos que vos perseguem, abençoai, e não amaldiçoeis.*

Ver Lucas 6:28: "Bendizei aos que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam". Mas há boas evidências antigas (inclusa a de P46) em favor da omissão do pronome "vos". Neste caso, os cristãos são exortados a rogar bênçãos para os perseguidores, sejam os cristãos vítimas da perseguição, ou não. Quanto ao procedimento de Paulo nesta questão, ver 1 Coríntios4:12-13; Atos 28:19.

15. *Alegrai-vos com os que se alegram, e chorai com os que choram.* Isto nada tem a ver com o ensino estóico, segundo o qual um impassível desapego era indispensável para se viver bem. Mas o ensino de Paulo coaduna-se com o procedimento de Cristo.

16. *Tende o mesmo sentimento uns para com os outros.*

(Ver **15!5s.)-** Ver também Filipenses 2:2ss., onde a exortação a "que penseis a mesma cousa" (que não é o mesmo que "concordar") é seguida por uma declaração do único modo pelo qual isso é possível no sentido cristão: "Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus."

Em lugar de serdes orgulhosos. (...) AV: "Não tenhais em vista coisas altas." Ver versículo 3; também **11:20:** "Não te ensoberbeças."

Condescendei com o que é humilde. AV: "Condescendei com homens de posição inferior." NEB: "Andem com gente humilde."

Não *sejais sábios aos vossos próprios olhos.* Citação de Provérbios 3:7.

17. *Não torneis a ninguém mal por mal.*

Ver Mateus 5:44: "Amai os vossos inimigos" (ver também 1 Pe 3:9).

Esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens. AV: "Produzi coisas honestas à vista de todos os homens." NEB: "Que os seus objetivos sejam tais que todos os homens considerem honrosos." Citação de Provérbios 3:4 (LXX).

19. *Dai lugar à ira.*

Dêem lugar a que a lei da retribuição divina opere no presente ou no "dia da ira" (2:5).

A mim me pertence a vingança; eu retribuirei. Citação de Deute-ronômio 32:35: "Minha é a vingança e retribuição" (assim TM; a LXX diz: "No dia da vingança eu retribuirei"). Esta forma do texto, que se acha também em Hebreus 10:30, aparece nos targuns aramaicos e provavelmente era de uso corrente numa versão grega não mais existente. O interesse da citação no presente contexto é que, desde que a vingança e a recompensa são uma prerrogativa de Deus, devem ser deixadas com Ele. Assim, na comunidade de Qumran a vingança particular era proibida com base em que, segundo Nautn 1:2, somente Deus "toma vingança contra os seus adversários, e reserva indignação para os seus inimigos".[3]

20.*Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça.*

Citação de Provérbios 25:21s. Paulo omite a frase final: "e o Senhor te recompensará". O sentido original da admoestação talvez fosse: "Trate o seu inimigo com bondade, pois isto aumentará a culpa dele; assim você conseguirá para ele um julgamento mais terrível, e para você uma recompensa melhor — da parte de Deus." Uma alternativa é entender que o provérbio se refere a um ritual egípcio no qual um homem dava pública evidência do seu arrependimento levando na cabeça uma bacia cheia de carvão em brasa.

De qualquer forma, colocando o provérbio neste contexto e omitindo a frase final, Paulo lhe dá um significado mais nobre: "Trate o seu inimigo com bondade, pois isto poderá fazê-lo envergonhar-se e poderá levá-lo ao arrependimento." Em outras palavras, o melhor modo de livrar-nos de um inimigo é torná-lo amigo, e assim vencer "o mal com o bem"(v.21).

4. O Cristão e o Estado (13:1-7).

A relação dos cristãos, quer como súditos individuais, quer unidos em corpo social na vida da igreja, com as autoridades governantes, estava destinada a tornar-se especialmente crítica dentro da década seguinte à produção desta epístola.

Enquanto a igreja era mormente composta de judeus, não faltavam problemas desta espécie, mas não eram tão graves como vieram a ser mais tarde. A posição dos judeus no Império Romano era regulamentada por uma série de editos imperiais. Na verdade, os judeus, como uma nação sujeita ao Império, gozavam de privilégios verdadeiramente excepcionais. Sua religião estava legalmente registrada como *religio licita,* e suas várias práticas religiosas que os distinguia dos gentios eram-lhes autorizadas. Essas práticas podiam parecer absurdas e supersticiosas aos romanos, mas eram protegidas nada menos que por lei imperial. Incluíam a lei do sábado, as leis que regiam a alimentação e a proibição de "imagens de escultura". A política imperial proibia os sucessivos governadores da Judéia de levarem os estandartes militares, com imagens imperiais anexadas a eles, para dentro das muralhas da santa cidade de Jerusalém, pois isto era uma afronta às suscetibilidades religiosas dos judeus. Se pela lei judaica um gentio violava os átrios internos do templo de Jerusalém cometendo um sacrilégio passível de pena de morte, Roma confirmava a lei judaica sobre isso a ponto de ratificar a sentença de morte por tal violação, mesmo quando o transgressor fosse um cidadão romano.

Durante a primeira geração posterior à morte de Cristo, a lei romana, quando tomava conhecimento de cristãos em geral, tendia a considerá-los como uma variedade dos judeus. Quando os judeus de Corinto, em 51 A.

D., acusaram Paulo perante Gálio, o novo procônsul da Acaia, afirmando que ele estava propagando uma religião ilegal, Gálio deu pouca atenção à denúncia (At 18:12ss.). Para ele, era tão evidente que Paulo era judeu, como o eram os seus acusadores. A contenda entre aquele e estes era, aos olhos de Gálio, uma divergência de interpretação de itens da lei, e ele não viera para a Acaia como procônsul para julgar questões dessa espécie.

A decisão de Gálio constituiu um precedente importante. Sim, pois uns dez anos mais tarde, Paulo se utilizou da proteção que aquele precedente lhe dava em seu serviço apostólico, porquanto continuou a propagar a mensagem cristã, não só nas províncias do Império Romano, mas também na própria Roma(At28:30s.)-

Sua feliz experiência com a justiça romana sem dúvida refletiu em sua insistência aqui em que os magistrados, que ele chama de "ministros de Deus" (v. 6), "não são para temor quando se faz o bem, e, sim, quando se faz o mal" (v. 3). Todavia, os princípios lançados aqui eram válidos mesmo quando as "autoridades superiores" não eram tão be-névolas para com os cristãos como Gálio fora para com Paulo.

Há outro lado do quadro descritivo da relação do cristianismo com o estado. O cristianismo tinha começado com uma tremenda desvantagem aos olhos da lei romana pela simples razão de que o seu Fundador fora condenado e executado pela sentença de um magistrado romano. A acusação contra Ele foi resumida na inscrição gravada na cruz: "O rei dos judeus". O que quer que Jesus possa ter dito a Pilatos acerca da natureza da Sua Realeza, o único registro sobre Ele que a lei romana conhecia era que tinha dirigido um movimento que desafiava os direitos soberanos de César. Quando Tácito, muitos anos mais tarde, quer que os seus leitores saibam que espécie de gente eram os cristãos, acha suficiente dizer que "receberam o seu nome de Cristo, que foi executado sob o governo do procurador Pôncio Pilatos quando Tibério era imperador".[4] Isto bastou para indicar o caráter deles. Quando os opositores de Paulo em Tessalônica quiseram causar-lhe e aos companheiros o máximo de problemas locais que pudessem, procuraram os magistrados civis e lhes deram esta informação: "Estes que têm transtornado o mundo chegaram também aqui (…) Todos estes procedem contra os decretos de César, afirmando ser Jesus outro rei", ou "outro imperador" (ver At 17:6, 7). Foi uma representação sutilmente falsa da verdade, mas de fácil colorido pelo fato de que Jesus fora denunciado publicamente perante Pilatos, sob a acusação de que era um agitador e chefe de sedição, e que reclamava direitos reais.

Tampouco foi Tessalônica o único lugar onde irrompeu problema dessa natureza. Quase ao mesmo tempo, Roma teve tumultos provocados "pela instigação de Cresto";" e Alexandria talvez tenha sido cena de distúrbios semelhantes, mas não há pleno conhecimento dos fatos. Mesmo os melhores amigos de Paulo não podiam deixar de admitir que a chegada dele numa cidade era quase sempre um sinal de rutura da paz. Sendo certo que Paulo não era responsável por isso, os guardiães da lei e da ordem naturalmente o notariam e tirariam suas próprias conclusões. Portanto, tornava-se ainda mais necessário que os cristãos tivessem especial cuidado com seu comportamento público, não dando a seus detratores nenhum pretexto contra eles, e tratando de prestar a honra e a obediência devidas às autoridades. Na verdade, Jesus lhes tinha firmado um precedente nesta matéria, como em muitas outras mais, pois, conquanto Suas palavras: "Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" (Mc 12:17) tenham sido ditas com referência a pagamento de impostos, expressam um princípio de aplicação mais geral.

Paulo coloca a questão toda num nível bem alto. Deus é a fonte de toda autoridade, e os que exercem autoridade na terra o fazem por delegação dele. Daí, desobedecer-lhes é desobedecer a Deus. O governo humano é ordenação divina, e os poderes de coerção e de exigência de serviços que ele exerce lhe foram confiados por Deus, para repressão do crime e incentivo à justiça. Então, os cristãos de todas as nações devem obedecer às leis, pagar as taxas e respeitar as autoridades — não porque será pior para eles se não o fizerem, mas porque é um modo de servir a Deus.

Mas, que fazer se as autoridades forem perversas? Que fazer se César pretender não só o que lhe pertence, mas também o que é de Deus? Paulo não trata dessa questão aqui, mas viria a ser uma questão infla-mada nas gerações seguintes. César ultrapassaria tanto os limites da jurisdição estabelecida por Deus para ele, que chegaria a exigir que lhe prestassem honras divinas e a mover guerra aos santos. Podemos reconhecer o magistrado de Paulo, "o ministro de Deus" para recompensa ou castigo, na "besta que sobe do abismo" mencionada por João, a qual recebe sua autoridade do grande dragão vermelho e a emprega para impor culto universal a si própria e para exterminar todos os que lhe negam culto? Sim, podemos, pois o próprio Paulo previu

precisamente esse desenvolvimento quando fosse retirada a repressão exercida pela lei (2 Ts 2:6ss.). "Sem justiça", dizia Agostinho, "que são os reinos, senão grandes bandos de ladrões?"

Contudo, as evidências demonstram que, em face da grosseira provocação, os critãos mantinham sua apropriada lealdade ao estado, sem excluir Roma. "A paciência e a fé que é dos santos" suportam a fúria da perseguição. Quando os decretos do magistrado civil entram em conflito com os mandamentos de Deus, aí, dizem os cristãos, "antes importa obedecer a Deus do que aos homens" (At 5:29); quando César reclama para si honras divinas, a resposta dos cristãos tem de ser "Não". Pois neste caso César (seja na forma de um ditador ou de uma democracia) está indo além da autoridade que lhe foi delegada por Deus, e está invadindo território alheio. Mas os cristãos bradarão "Não" às exigências nâo autorizadas de César muito mais eficientemente se se mostrarem prontos para dizer "Sim" a todas as suas exigências autorizadas.

Assim, alguns anos mais tarde, num documento escrito de Roma às vésperas de uma feroz perseguição, ouvimos um eco destas palavras de Paulo: "Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor; quer seja ao rei, como soberano; quer às autoridades como enviadas por ele, tanto para castigo dos malfeitores, como para louvor dos que praticam o bem. (...) Não sofra, porém, nenhum de vós como assassino, ou ladrão, ou malfeit* r, ou como quem se intromete em negócio de outrem; mas, se sofrer como cristão, não se envergonhe disso, antes glorifique a Deus com esse nome" (1 Pe 2:13s., 4:15s.).

E mais tarde ainda, para o fim do primeiro século, um dirigente da igreja de Roma que se lembrava da ultrajante ferocidade da perseguição movida por Nero 30 anos antes, e tinha bem recente experiência da maldade de Domiciano, pôde orar nestes termos:

"Guia nossos passos para andarmos em santidade, justiça e singeleza de coração, e para fazermos coisas boas e aceitáveis à Tua vista, e à vista dos que nos governam. Sim, Senhor, faze que o Teu rosto brilhe em paz sobre nós, para o nosso bem, de modo que sejamos protegidos por Tua forte mão e sejamos libertados de todo pecado por Teu braço estendido. Livra-nos daqueles que nos odeiam sem motivo. Dá-nos concórdia e paz, a nós e a todos os que habitam na terra, como fizeste aos nossos pais quando clamaram a Ti com fé, fidelidade e santidade, enquanto prestarmos obediência ao Teu onipotente e excelso nome, e aos nossos legisladores e govenadores.

"Tu, ó Senhor e Mestre, deste-lhes autoridade para exercerem soberania mediante o Teu excelente e indescritível poder, para que nós, reconhecendo a glória e a honra que lhes deste, nos submetamos a eles, nào resistindo em nada à Tua vontade. Concede-lhes pois, ó Senhor, saúde, paz, concórdia e estabilidade, para que possam exercer sem tropeços o governo de que os incumbiste. Pois Tu, ó celeste Senhor, Rei dos séculos, dás aos filhos dos homens glória e honra e poder sobre todas as coisas existentes na terra. Dirige, Senhor, o seu conselho conforme o que é bom e aceitável aos Teus olhos para que eles, administrando em paz, com brandura e piedosamente o poder que lhes confiaste, obtenham o Teu favor" (7 *Clemente* 60:2-61:2).

Seja que a oração da qual foram extraídas estas petições foi composta pelo próprio Clemente ou era uma oração de uso geral na igreja de Roma, ela mostra quão efetivamente aquela igreja levou a sério os preceitos de Paulo sobre o dever dos cristãos para com as autoridades que haja,

1. *Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores.*

AV: "Toda alma esteja sujeita aos poderes superiores." "O capítulo treze da Epístola aos Romanos", diz J. W. Allen,[6] "contém o que talvez constitua as palavras mais importantes já escritas na história do pensamento político. Contudo (prossegue ele) seria grosseiro engano supor que os homens, em alguma época, tomaram de Paulo as suas opiniões políticas." Uns, porém, fizeram um esforço mais deliberado nesse sentido do que outros.

"Toda alma" *(psuchê)* significa simplesmente "toda pessoa". E que dizer dos "poderes superiores"? São poderes angélicos, ou poderes humanos, ou as duas coisas, poderes angélicos e humanos, conforme a argumentação de Oscar Cullmann?[7] O conceito bíblico geral é que o poder secular é exercido pelas "hostes celestes" no céu, bem como pelos "reis da terra, na terra" (Is 24:21). É igualmente certo que o plural de *exousia* ("poder") é usado livremente por Paulo no sentido de potestades angélicas, quer benignas, quer malignas (ver 8:38; Cl 1:16, 2:10, 15; Ef 1:21, 3:10, 6:12). Pode-se comparar isto com o que ele tem para dizerem 1 Coríntios 2:8 a respeito dos "poderosos deste século" (AV: "príncipes — *archontes* — deste mundo"), que com toda a probabilidade incluem príncipes angélicos hostis como também magistrados humanos. Contudo, no presente contexto parece que os "poderes" são autoridades humanas, que usam "a espada" para castigo dos maus e proteção dos bons, que, portanto, exercem poder de mando e devem receber obediência, e às quais é preciso

pagar taxas e outros impostos adequados, juntamente com a competente reverência e honra. As referências de Paulo em outras passagens aos poderes angélicos estão muito longe de sugerir que os cristãos devem sujeitar-se a eles em algum sentido. Ao contrário, os cristãos foram libertos da sua jurisdição, estando unidos Àquele que é o Criador e o Chefe de todos aqueles poderes (Cl 1:16, 2:10), e vencedor sobre aqueles que mostram hostilidade para com Ele e para com o Seu povo(C12:15).

As autoridades que existem foram por ele instituídas. AV: "Os poderes que há são ordenados por Deus." Não há contradição entre este princípio e o argumento de 1 Coríntios 6:lss., onde os cristãos são dissuadidos de processar ou denunciar uns aos outros nos tribunais seculares. Reconhecer as autoridades civis não influi no princípio de que é impróprio para os cristãos lavar roupa suja em público. E embora os magistrados civis sejam instituídos por Deus, sua autoridade civil não lhes confere nenhuma posição na igreja, nem que sejam cristãos (ver nota sobre o v. 4, abaixo).

2. *Aquele que se opõe à autoridade, resiste à ordenação de Deus.*

"Poucos dizeres do Novo Testamento sofreram tantos abusos como este", diz O. Cullmann *(The State in the New Testament,* p. 55s.). Ele pensa principalmente no abuso de justificar a submissão passiva aos ditames de governos totalitários. O contexto próximo, bem como o contexto geral dos escritos apostólicos, esclarecem que o Estado tem direito de exigir obediência somente dentro dos limites dos propósitos para os quais foi instituído por Deus — em particular não só se pode, mas se deve resistir ao Estado quando este exige lealdade devida exclusivamente a Deus. "A obediência que o cristão deve ao Estado jamais ê absoluta mas, no máximo, é parcial e contingente. Segue-se que o cristão vive sempre numa tensão entre duas reivindicações rivais; que em certas circunstâncias a desobediência à ordem do Estado pode não somente ser um direito, mas também um dever. Esta sempre foi uma doutrina cristã clássica, desde que os apóstolos declararam que deviam obedecer a Deus antes que aos homens."[8]

Trarão sobre si mesmos condenação. Ver **3:8, 14:23,** quanto à palavra condenação. Aqui ela significa "julgamento" (RV, RSV) ou "punição" (NEB).

3. *Porque os magistrados não são para temor quando se faz o bem, e, sim, quando se faz o mal.*

Quanto ao plural "boas obras" (AV), o peso das provas documentais favorece o singular (RV: "a boa obra"; RSV: "boa conduta"; NEB: "bom comportamento"). A tradução de Moffatt: "Os magistrados não são nenhum terror para o homem honesto", baseia-se na leitura de *agathoergõ* em lugar de *agathõ ergo,* substituição com fraco apoio mas atraente.

Faze o bem, e terás louvor dela. Ver 1 Pedro 3:13: "Quem é que vos há de maltratar, se fordes zelosos do que é bom?"

4. *Vingador, para castigar o que pratica o mal.*

Deste modo, q Estado recebe a incumbência de uma função explicitamente proibida ao cristão **(12:17,** 19). O estado cristão de épocas posteriores está, naturalmente, fora da classe abrangida pela admoes-tação de Paulo, e não se dá nenhuma orientação expressa pela qual o magistrado cristão possa reconciliar o seu dever de, como cristão, "dar lugar à ira" com o seu dever de, como magistrado, "executar a ira". Isto não eqüivale a dizer que, desta e doutras passagens semelhantes, ele não possa extrair princípios que o guiem. Mas é evidente que Paulo divisa duas esferas completamente distintas de "serviço" a Deus. "A sanção dada pela Bíblia, aqui e em outras passagens, à enérgica repressão do mal embaraça muitos cristãos modernos, por causa da sua aparente contradição com o método do amor, dado por Cristo, e Seu preceito de não-resistência ao mal. Mas isto decorre de não se fazer distinção entre a preservação e a salvação do mundo. A verdade é que a Bíblia afirma, tanto a Lei 'que suscita a ira' (AV: 'que opera a ira') (4:15), como 'a fé que atua pelo amor' (Gl 5:6): tanto a estranha obra de Cristo como Sua obra propriamente dita."*

6. *Por esse motivo também pagais tributos.*

Na AV, como em grego, pode-se entender isto como afirmação ou como imperativo. Provavelmente deve ser interpretado como afirmação. "É isto que os justifica por pagarem taxas a autoridades pagas (questão de consciência para muitos judeus, e talvez para muitos cristãos também), porque são servas de Deus ..."

Irineu *{Contra Heresias* v. 24:1) cita este versículo para provar que Paulo neste parágrafo se refere "não a poderes angélicos ou governantes invisíveis, como alguns (provavelmente gnósticos) se aventuram a dizer explicando a passagem, mas, sim, a autoridades humanas concretas".

São ministros de Deus. Grego, *leitourgos,* palavra que no Novo Testamento e na literatura cristã primitiva

se refere particularmente ao serviço religioso. Ver p. 210 n. 1.

7. *Pagai a todos o que lhes é devido.*

Possível eco das palavras de Jesus: "Dai *(apodote,* a mesma forma usada aqui) a César o que é de César" (Mc 12:17). Mas os versículos seguintes esclarecem que o dever da obediência às autoridades seculares é temporário, durante o presente período da "noite" (v. 12); naquele "dia" que está "próximo", uma nova ordem de governo será introduzida, quando "os santos hão de julgar o mundo" (1 Co 6:2). O Estado "perecerá" (nisto concordam Paulo e Karl Marx); "a cidade de Deus permanece".

Tributo. RSV: "taxas".

imposto. AV, RSV, NEB: "direitos aduaneiros" (empregando diferentes palavras em inglês).

5. Amor e **Dever (13:8-10).**

Que a sua única dívida a outrem seja a dívida do amor. Quem paga esse débito cumpre a lei. A citação de Levítico 19:18, "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo", como um sumário dos mandamentos, introduz Paulo diretamente na tradição de Jesus, que colocou estas palavras como o segundo grande mandamento ao lado de "Amarás o Senhor teu Deus ..." (Dt 6:5), "o grande e primeiro mandamento", acrescentando: "Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas" (Mt 22:37-40; ver Mc 12:28-34). Paulo menciona o segundo aqui, e não o primeiro, porque a questão imediata relaciona-se com os deveres do cristão para com o seu próximo — tema dominante dos mandamentos da segunda tábua do Decálogo. Estes mandamentos nos proíbem prejudicar o nosso próximo de qualquer modo. Visto que o amor nunca prejudica a outros, o amor cumpre a lei.

8. *Quem ama ao próximo, tem cumprido a lei.*

"Próximo", AV: "um outro", é literalmente: "o outro" (i. e., o próximo de alguém). É muito possível traduzir assim esta sentença: "Aquele que ama, tem cumprido a outra lei" — a "outra lei" sendo, neste caso, o "segundo" mandamento de Mateus 22:39 e Marcos 12:31: "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo." Contudo, é preferível a tradução que consta do texto, e a referência é, em todo caso, ao mandamento que Jesus citou como "o segundo" que é semelhante ao primeiro.

9. *Não adulterará^, não maturás, nãofurtarás, não cobiçarás.*

Sétimo, sexto, oitavo e décimo mandamentos do Decálogo (Êx 20:13-15, 17; Dt 5:17-19, 21). AV acrescenta o nono mandamento: "Não dirás falso testemunho" (Êx 20:16; Dt 5:20), mas não consta das melhores autoridades quanto à presente passagem (ver RV, RSV, NEB).

Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Comparar com Gálatas 5:14: "Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo." Em Tiago 2:8 este mandamento é chamado "a lei regia" ("a soberana lei firmada na Escritura", NEB).

10. O *cumprimento da lei é* o *amor.*

"Cumprimento" é o grego *plêrõma,* palavra com ampla gama de significados (em outras partes desta epístola traduzida por "plenitude"; ver **11:12, 25; 15:29).**

6. A Vida Cristã em Dias de Crise (13:11-14).

Paulo reconhecia a natureza crítica dos tempos. Não tinha ilusões sobre a continuidade de sua presente oportunidade de pregar o Evangelho sem obstáculo e sem embaraço, mas estava determinado a explorá-la ao máximo enquanto durasse. Embora não empregue mais as figuras apocalípticas de 2 Tessalonicenses 2:1-12, sabe que a repressão exercida sobre as submersas forças das trevas e da desordem pode ser retirada de um momento a outro. Portanto, os cristãos devem estar alerta. Mas a prospectiva deve enchê-los de ânimo, não de desespero: "Ao começarem estas cousas a suceder, exultai e erguei as vossas cabeças; porque a vossa redenção se aproxima" (Lc 21:28). E Paulo faz ecoa seu Senhor: "A nossa salvação está agora mais perto do que quando no princípio cremos." Os fatos acontecidos em 64 e 66 A. D. — o início da perseguição imperial dos cristãos e a eclosão da revolta dos judeus, que haveria de findar-se com o colapso da Segunda Comunidade Judaica — já projetavam as suas sombras. Que esses fatos não seriam precursores imediatos do segundo advento e da salvação final de todos os crentes em Cristo era algo que Paulo não podia prever. Se o conhecimento desse dia e hora foi negado até mesmo ao Filho do homem, quanto mais a um dos Seus servos! Mas as palavras de Jesus: "Aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo" (Mc 13:13), concretizaram-se na experiência do Seu povo que passou incólume por aquelas crises como o tem feito em outras crises daquele tempo em diante. Com a aflição vem o meio de escape; "Aqui está a fé e a paciência dos santos"), Ap 14:12.

Enquanto isso, os filhos da luz devem viver em prontidão para o dia da visitação, abjurando todas as "obras das trevas". Em outras partes Paulo fala de revestir-se "do novo homem" (Ef 4:24; Cl 3:10); aqui, mais diretamente, ele ordena aos seus leitores que se revistam "do Senhor Jesus Cristo". As graças cristãs, as "armas da luz", que ele os exorta a arvorar em vez de gratificar os desejos da natureza inferior — que são, senão aquelas graças expostas com harmônica perfeição em Jesus Cristo? O conhecimento que Paulo tinha do Jesus histórico e seu interesse por Ele eram muito maiores do que o admitem aqueles que interpretam mal as suas palavras sobre não conhecer a Cristo "segundo a carne" [10] , negando que Paulo tivesse esse conhecimento ou interesse. Pois quando ele passa a enumerar pormenorizadamente as graças com as quais deseja que seus amigos de Roma e alhures "se revistam", são as graças que caracterizaram Cristo na terra.

11. *Já é hora de vos despertardes do sono.*

O ensino apostólico prescrevia constantemente o dever da vigilância espiritual; ver 1 Tessalonicenses 5:4ss.

A nossa salvação está agora mais perto do que quando no princípio cremos. "Salvação" aqui é vista em sua consumação futura. É "a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo" que os crentes aguardam, conforme 8:23; considere-se a "salvação preparada para revelar-se no último tempo" para a qual são guardados, conforme 1 Pedro 1:5. A realização final desta salvação coincide com a manifestação de Cristo em glória (ver Hb 9:28).

12. *As obras das trevas (...) as armas da luz.*

Ver NEB: "Lancemos fora, pois, as obras das trevas e vistamos nossa armadura como soldados da luz." A antítese entre a luz e as trevas acha-se repetidamente nos escritos de Paulo (ver 2 Co 6:14; Ef 5:8; Cl 1:12; 1 Ts 5:4), como também nos de João. É um dos mais evidentes pontos de contato entre o Novo Testamento e os textos de Qumran, onde todos os homens sào governados ou pelo Príncipe da Luz ou pelo Anjo das Trevas, e o grande conflito dos tempos finais é denominado "a guerra dos filhos da luz contra os filhos das trevas"." As "armas da luz" (AV: "armadura da luz") são descritas com mais minúcias em 1 Tessalonicenses 5:8eEfésios 6:13-17.

13. *Não em impudicícias e dissoluções.*

NEB: "Nenhuma devassidão ou vício."

14. *Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo.*

Os ensinamentos práticos dados aos conversos cristãos dos tempos primitivos (ver p. 115), pelo que parece, eram formulados, para facilitar a memorização, com o suo de deixas, das quais uma era "revestir-se" ou "vestir". Eram exortados a "vestir" as virtudes cristãs como vestiam roupas (ver Cl 3:12). E como estas virtudes eram, todas elas, aspectos do novo caráter cristão que tinham recebido na conversão, podia-se-lhes dizer que vestissem o "novo homem" (Ef 4:24), ou que vivessem à semelhança daqueles que o vestiram de uma vez por todas (Cl 3:10). Desde que este "novo homem" era o caráter de Cristo reproduzido em Seu povo, era simples transição dizer: "Todos quantos fostes batizados em Cristo, de Cristo vos revestistes" (ou "vos vestistes"), Gálatas 3:27, ou, como aqui, exortar os crentes a "vestir-se" ou "revestir-se" de Cristo no sentido de manifestarem exteriormente aquilo que já tinham experimentado interiormente. Embora Paulo não conhecesse os evangelhos escritos que temos no Novo Testamento, é digno de nota que quando recomenda aos seus leitores as qualidades que os evangelistas atribuem a nosso Senhor, ele o faz dizendo-lhes que "se vistam" do Senhor Jesus Cristo.

E nada disponhais para a carne, no tocante às suas concupiscências. AV: "E não façais provisão para a carne, para satisfazer as suas concupiscências." (Ver 6:12) Foram as palavras dos versículos 13 e 14 que acenderam uma chama de amor celestial no coração de Agostinho (ver p.51).

7. Liberdade Cristã e Amor Cristão (14:1-15:6).

a. Liberdade cristã (14:1-12).

Paulo desfrutou plenamente sua liberdade cristã. Jamais houve um cristão mais emancipado das inibições e tabus anticristãos. Era emancipado tão completamente da escravidão espiritual, que nem sequer era§ escravo da sua emancipação. Adaptava-se ao modo de viver dos judeus quando se achava numa sociedade judaica, com tão boa disposição como se adaptava ao modo de vida dos gentios quando vivia entre eles. Os interesses do Evangelho e o supremo bem-estar dos homens e mulheres eram considerações da mais alta importância para ele, e lhes subordinava tudo mais.

Mas sabia muito bem que muitos outros cristãos não eram emancipados tão completamente como ele, e

insistia em que fossem tratados com delicadeza. Um cristão podia, em muitos aspectos, ter "fé" fraca, imatura e carente de instrução. Mas devia ser bem recebido, com acolhida calorosa, como cristão, e não ser logo desafiado a debater questões sobre aquelas áreas da vida em que não era emancipado ainda.

Paulo menciona duas áreas da vida em que isso era suscetível de acontecer, e depois se estende a respeito de uma delas. Uma era a comida; a outra era a observância religiosa de certos dias. Alguns cristãos (como o próprio Paulo) não tinham dor de consciência quanto a comer qualquer espécie de alimento; outros tinham escrúpulos acerca de certos tipos de comida. Uns (outra vez como Paulo) não faziam distinção entre dias mais ou menos sagrados, considerando todo dia como "santo ao Senhor"; outros achavam que alguns dias eram mais santos do que outros. Que se deve fazer quando cristãos de tão diversas convicções se acham na mesma comunidade? Devem pôr-se a malhar os pontos em questão, cada lado determinado a converter o outro? Não, diz o apóstolo. Cada qual os resolva em sua mente e em sua consciência. Aquele que desfruta maior liberdade não deve menosprezar o outro julgando-o espiritualmente imaturo. Quem tem escrúpulos de consciência não deve criticar o seu irmão na fé por praticar o que aquele não pratica. Cada cristão é servo de Cristo, e a Cristo é que terá que prestar contas, aqui e no porvir. Cristo morreu, e é o Senhor dos mortos; Cristo vive, e é o Senhor dos que vivem.

Um cristão não deve julgar outro — pode-se ouvir aqui o eco das palavras de nosso Senhor: "Não julgueis, para que não sejais julgados"? — pois é no tribunal de Deus que teremos todos de comparecer para prestar contas e receber a devida paga.

Com estas palavras, Paulo insiste inflexivelmente no princípio da liberdade cristã. "O cristão é o mais livre senhor de todos, não sujeito a ninguém." (Lutero.) [12]

1. *Não, porém, para discutir opiniões.*

AV: "Não para discussões duvidosas". NEB: "Sem tentar resolver pontos duvidosos."

2. O *débil come legumes.*

AV: "Outro, que é fraco, alimenta-se de legumes." Por princípios vegetarianos ou, mais provavelmente, a fim de evitar comer carne de animais que tinham sido consagrados a deuses pagãos, ou não foram abatidos de acordo com as normas judaicas (verDn 1:8,12). Ver também pp. 201 ss.

4. *Quem és tu que julgas o servo alheio? para o seu próprio senhor está em pé ou cai.*

Ver Mateus 7:1; Lucas 6:37; e as palavras do próprio Paulo em 1 Coríntios 4:3ss.: "A mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por tribunal humano; nem eu tão pouco julgo a mim mesmo (…) quem me julga é o Senhor. Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor. …"Na presente passagem, a palavra traduzida por "servo" *éoikelês,* "servo doméstico", não *doulos,* "escravo".

5. *Outro julga iguais todos os dias.*

Não há nenhuma palavra no texto grego para "iguais", posto que acrescentada aqui por RV, RSV, NEB, bem como por AV e AA para completar o sentido. Não significa necessariamente que esse "outro" considera todos os dias como profanos; talvez signifique que trata todos os dias como devendo igualmente ser dedicados ao serviço de Deus — e esta era certamente a atitude de Paulo.

6. *Quem distingue entre dia e dia, para o Senhor o faz; e quem come, para o Senhor come.*

Portanto, "ninguém ... vos julgue por causa de comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados" (Cl 2:16).

AV acrescenta: "Quem não distingue entre dia e dia, para o Senhor não o faz." Estas palavras, não obstante façam parte do espírito do seu contexto, não constam do texto original. Localizaram-se nos MSS mais tardios e no "Texto Recebido" para estabelecer equilíbrio com a passagem que vem logo depois do versículo: "quem não come, para o Senhor não come. ..."

7. *Nenhum de nós vive para si mesmo.*

O que Paulo quer dizer, como o demonstra o versículo 8, é que cada cristão vive sua vida à vista de Cristo, e como Seu servo. Mas o sentido comum dado às palavras, quando citadas fora do seu contexto, segue-se como um corolário: que a vida de cada cristão influi nos seus irmãos em Cristo e nos seus semelhantes e, portanto, este deve tomar em consideração a sua responsabilidade para com eles, e não consultar só aos seus próprios interesses.

9. *Cristo morreu e ressurgiu.*

AV: "Cristo morreu, e ressuscitou, e reviveu." A redação mais bem documentada diz simplesmente: "Cristo morreu e viveu" (i. e., viveu de novo); ver RV, RSV, NEB. Em virtude de Sua morte, Ele é Senhor dos mortos; em virtude de Sua ressurreição, é Senhor dos que vivem.

10. *Por que julgas a teu irmão?*

Não há pecado que os cristãos — especialmente os cristãos "ardorosos" — sejam mais propensos a cometer do que o de criticar os outros. As palavras do apóstolo têm intenção séria. "Não deve o homem pôr a mão na boca antes de criticar os seus irmãos? Quando lançamos julgamentos apressados, mal informados, sem amor e sem generosidade, por certo esquecemos que, se falamos mal deles, ao mesmo tempo falamos mal do Senhor cujo nome eles levam" (H. St. John). Portanto, "não nos julguemos mais uns aos outros" (v. 13).

Todos compareceremos perante o tribunal de Deus. AV: "... perante o tribunal de Cristo." Mas a redação melhor credenciada diz: "... perante o tribunal (grego, *bêma)* de Deus", como AA (ver RV, RSV, NEB). Mas a redação da AV vai até à primeira metade do segundo século sendo certificada por Policarpo e Márcion.

11.*Por minha vida, diz o Senhor, diante de mim se dobrará todo joelho, e toda língua dará louvores a Deus.*

Assim RSV. AV: "... e toda língua confessará a Deus." Citação de Isaías 45:23: "Por mim mesmo tenho jurado; ... 'Diante de mim se dobrará todo joelho, e jurará toda língua'." Paulo aplica a mesma passagem a Cristo em Filipenses 2: lOs.

b. Amor cristão (14:13-23).

Martinho Lutero, que começa o seu tratado *Da Liberdade do Cristão* com as palavras acima citadas ("O cristão é o mais livre senhor de todos, não sujeito a ninguém"), prossegue dizendo na sentença seguinte; "O cristão é o mais dócil servo de todos, sujeito a todos."[13] Lutero nunca foí seguidor mais fiel de Paulo — e do Senhor de Paulo e dele — do que na justaposição destas duas afirmações.

Tendo Paulo afirmado inflexivelmente a liberdade do cristão, põe-se a demonstrar como se pode e se deve estabelecer limite voluntário a esta liberdade. Ao fazê-lo, amplia a exposição de um dos assuntos que usara para ilustrar a sua afirmação da liberdade cristã — o assunto relacionado com a comida.

A questão de quais os tipos de comida que se podiam e não se podiam comer agitou a igreja primitiva de várias maneiras. Uma destas maneiras afetou mais particularmente os cristãos judeus. As leis judaicas sobre a alimentação, que tinham sido observadas pela nação desde os seus primeiros dias, eram um dos principais traços que distinguiam os judeus de seus vizinhos gentios. Não somente se proibia absolutamente comer carne de certos animais; o sangue de *todos* os animais era absolutamente proibido, e os animais "limpos" abatidos para alimento tinham de ser mortos de modo que o sangue fosse totalmente drenado. Desde que nunca se poderia ten certeza de que a carne de que se alimentavam os não-judeus estava livre de toda suspeita de ilegalidade num aspecto ou noutro, para um judeu era impossível partilhar de uma refeição com um gentio. Na verdade, era muito difícil um judeu rigoroso compartilhar de uma refeição com outro judeu suspeito de relaxamento nestas questões.

Em memorável ocasião, Jesus ab-rogou as leis sobre alimentos declarando "limpas" todas as espécies de alimento (Mc 7:19). Pedro, na visão que teve em Jope, no teto da casa de Simão, o curtidor, aprendeu a não considerar impura coisa alguma ou pessoa alguma que Deus tivesse declarado limpa, e graças à lição aprendida, consentiu quase imediatamente em visitar o gentio Cornélio, em Cesaréia, e aceitar sua hospitalidade. Mas ia demorar muito a chegar o dia em que a maior parte dos cristãos judeus pensaria em seguir o exemplo dele. Certa ocasião, quando Pedro residia em Antioquia e desfrutava de irrestrita comunhão com os cristãos gentios de lá, um ou mais visitantes procedentes da igreja de Jerusalém chamaram-no e o persuadiram a retirar-se da mesa da comunhão com os gentios e passar a comer somente com os judeus. Seu exemplo começou a ter efeito devastador; mesmo um homem tão liberal como Barnabé se dispôs a segui-lo. Paulo acusou publicamente a Pedro de "representar" — de fazer um papel que não correspondia às suas convicções últimas (Gl 2:11-14). Quando, pouco depois, o Concilio de Jerusalém concordou em que os gentios fossem admitidos à comunhão da igreja, como os judeus, com base na fé em Cristo, foi acrescentada a condição de que os conversos gentios se abstivessem de alimentos ofensivos aos seus irmãos judeus e se ajustassem às leis matrimoniais judaicas (At 15:20, 29). Tem-se difundido muito a opinião de que jamais Paulo poderia ter tomado parte na decisão

acordada (como a narrativa de Atos declara que sim), porque entrava em conflito com os seus princípios sobre a liberdade cristã, e em particular com o seu princípio de que os conversos gentios estavam livres das obrigações da lei judaica. Mas isso não é bem certo. Sempre que os princípios que considerava básicos estavam em jogo, Paulo era inflexível; mas quando eles estavam protegidos, Paulo era o mais conciliador dos homens. Neste caso, uma vez estabelecido o princípio de que os gentios tinham direito de ser arrolados como membros da igreja, sendo para isso suficiente a base da fé em Cristo, ele próprio seria o primeiro a lembrar aos gentios a sabedoria em colocar limites voluntários à sua liberdade para manterem comunhão com seus irmãos judeus de nascimento, dos quais não se poderia esperar que todos tivessem entendimento tão completamente emancipado como Paulo tinha. Se os cristãos gentios, principalmente os que conviviam com cristãos judeus, com bondade se refreassem de tomar alimentos que os seus irmãos judeus pudes-pudessem achar odiosos, a comunhão dos dois grupos seria fomentada. E o fato é que as cláusulas sobre alimentos estabelecidas pelo Concilio de Jerusalém conservavam sua validade em alguns setores da igreja durante muitas gerações.'[4]

Uma das cláusulas sobre alimentação do Concilio de Jerusalém ordenava a abstenção de carne de animais previamente oferecidos em sacrifício a ídolos. Esta questão foi levantada num ambiente rodeado de paganismo; Paulo tratara disso com alguns pormenores em sua correspondência com a igreja de Corinto, alguns membros da qual lhe tinham pedido orientação sobre o assunto (1 Co8:l-13, 10:19-33).

Comprar carne de açougue em cidades pagas como Corinto e Roma representava um problema de consciência para alguns cristãos. Grande parte da carne exposta para venda no mercado provinha de animais anteriormente sacrificados a alguma divindade paga. A divindade paga recebia sua porção simbólica; o restante da carne podia ser vendido pelas autoridades do templo aos comerciantes da venda a varejo, e é possível que muitos consumidores pagãos estivessem dispostos a pagar um pouco mais pela carne porque tinha sido "consagrada" a alguma divindade. Entre os cristãos havia alguns que possuíam consciência robusta e entendiam que a carne não melhorava nem piorava por sua associação com a divindade paga. Sentiam-se muito bem ao comê-la. Outros não se sentiam muito bem, achando que de algum modo a carne fora "infeccio-nada" por sua associação com ídolos.

Ao emitir seu julgamento aos coríntios sobre esta questão, Paulo se nivela, por um lado, com os que entendiam que não havia nenhuma realidade substancial nas divindades pagas, e que o cristão tinha perfeita liberdade de comer dessa carne. Mas o entendimento não é tudo; as exigências do amor deviam ser levadas em consideração. Ele mesmo estava pronto a renunciar à sua liberdade se, ao insistir nela, desse mau exemplo a um irmão em Cristo de consciência mais fraca. Se um cristão que achava errado comer carne dada a ídolos fosse incentivado pelo exemplo de seu irmão mais forte a comer dessa carne, o resultante prejuízo à sua consciência seria posto na conta da falta de caridade e de consideração do outro.

Mas parece ter-se levantado em Corinto um aspecto da questão mais sério do que os atos de comprar e comer carne de animais consagrados a ídolos. Transparece de 1 Coríntios 8:10 que alguns membros da igreja de Corinto ficavam muito contentes quando recebiam convites de amigos pagãos para freqüentar banquetes em templos pagãos. Nesses banquetes, não era só a carne que era dedicada a um falso deus; tudo na ocasião era expressamente organizado sob os auspícios desse deus. Poderia um cristão, que se assentava à mesa do Senhor, sentir-se igualmente em casa à mesa de um ídolo que, se representava alguma coisa afinal, representava um demônio? Os ultra-libertinos poderiam argumentar que todas as coisas eram lícitas; mas Paulo lhes recordava que nem todas eram úteis, e nem todas edificavam um sólido caráter cristão, quer nos participantes, quer naqueles cujas vidas podiam ser influenciadas pelo seu exemplo. Se, por outro lado, o convite era para participar de uma refeição numa residência particular, o caso era diferente: o cristão estava livre para ir e comer o que servissem, sem fazer perguntas. Mas se via que sua atitude face à carne que fora dedicada a ídolos passava a ser um teste da ge-nuinidade do seu cristianismo, faria bem em deixar de comê-la. A glória de Deus e o bem-estar espiritual dos outros devem constituir os principais pontos de consideração quanto a comer e beber, e quanto a tudo mais.

Questões de consciência em relação a estas matérias estavam sujeitas a levantar-se também em Roma, como acontecera em Corinto. A igreja de Roma, incluindo cristãos judeus e gentios, podia desintegrar-se rapidamente se alguns grupos insistissem em exercer plenamente sua liberdade cristã sem dar a mínima consideração aos escrúpulos de outros. Se, por outro lado, aqueles cujas consciências se haviam emancipado por completo quanto a isso, restringissem voluntariamente sua liberdade no interesse de outros que não tinham

alcançado o mesmo estágio de maturidade espiritual, a igreja se tornaria uma perfeita escola do amor cristão. Foi a isto que Paulo instou com os cristãos de Roma, e o testemunho da história mostra que aprenderam bem a lição.

O bem conhecido exemplo do próprio Paulo deve ter acrescentado grande peso à sua exortação. "Sendo livre de todos", disse ele em outro lugar, "fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível" (1 Co 9:19). Com toda a sua emancipação,'estava pronto para restringir sua liberdade sem limites se seu irmão mais fraco recebesse alguma ajuda com isso. Considerava todas as espécies de comida como *kosher* ("certas", "lícitas"), mas se o seu exemplo, ao comer certas espécies de comida, ia prejudicar alguém, ele as evitaria. A comida é um meio para um fim, não um fim em si mesma. Um tipo de comida serve tanto como outro qualquer, e seria uma pena fazer atrofiar-se uma alma em crescimento, atrofiar-se o desenvolvimento da obra de Deus, por uma coisa tão sem importância como um tipo particular de comida. Não é de comida e bebida que o reino de Deus se ocupa, mas de justiça, paz e alegria no Espírito. Deve-se fazer com que a questão de comida e bebida seja subserviente àquelas coisas que são realmente importantes.

É bom ser forte na fé; é bom ser emancipado de consciência. Mas os. cristãos não são indivíduos isolados, cada qual vivendo para si; são membros de uma comunidade, e é responsabilidade de todos — mormente dos membros mais fortes e mais maduros — promover o bem-estar da comunidade.

13. *Não nos julguemos mais uns aos outros; pelo contrário, tomai o propósito de ...*

AV: "Não nos julguemos ... mas julgai ..." Na primeira frase, "julgar" significa "criticar" (exercer juízo crítico); na segunda, significa "decidir". Em grego *(krinõ),* como em inglês (e em português) a mesma palavra tem os dois sentidos.

Tomai o propósito de não pordes tropeço ou escândalo a vosso irmão. A espécie de pedra de tropeço ou impedimento que Paulo tem em mente é o exemplo que poderia levar outra pessoa a pecar. Um cristão vem a "tropeçar" (v. 21) se, ao seguir o exemplo de um cristão mais emancipado, faz alguma coisa que a sua consciência não aprova realmente. Como conseqüência, a vida espiritual sofrerá grave dano. Seria melhor que o cristão mais emancipado auxiliasse o seu irmão "mais fraco" a ter uma consciência mais esclarecida; mas este é um processo que não pode ser apressado.

14. *Eu sei, e disso estou persuadido no Senhor Jesus, que nenhuma cousa é de si mesma impura.*

Provavelmente Paulo sabia do pronunciamento do nosso Senhor sobre este assunto, registrado para nós em Marcos 7:14-19.

Salvo para aquele que assim a considera; para esse é impura. Este modo de compreender a questão, completamente de acordo com o ensino de Cristo (Mc 7:20-23), tem implicações de grande alcance. O pecado, a corrupção moral, o mundanismo — e assim por diante — localizam-se na mente das pessoas, e não nos objetos materiais. Ver Tito 1:15.

15. Por *causa da tua comida não faças perecer aquele.*

RSV: "... não deixe que o que você come arruine aquele ..."; NEB: "Não leve desgraça a um homem com aquilo que você come ..."

A favor de quem Cristo morreu. A medida divina do valor de um ser humano.

16. não *seja, pois, vituperado o vosso bem.*

NEB: "O que para você é uma coisa boa, não se torne ocasião para conversação caluniosa."

17. *O reino de Deus não é comida, nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria.*

Ver Mateus 6:31 ("Não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos?") Mateus 5:6, 9, 10, 12 ("Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça. ... Bem-aventurados os pacificadores. ... Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. ... Regozijai-vos e exultai ..."). Um interessante paralelo da construção deste versículo é-nos dado em 1 Coríntios 4:20: "O reino de Deus consiste, não em palavra, mas em poder" (sendo que o "poder" é, naturalmente, o do Espírito Santo).

No Espírito Santo. Como no capítulo 8, o Espírito Santo leva os crentes ao usufruto, aqui e agora, dos benefícios da herança vindoura. Para o apóstolo, "o reino de Deus" (em distinção do presente reino de Cristo) é a futura herança do povo de Deus (ver 1 Co 6:9s., 15:50; Gl 5:21; Ef 5:5; 1 Ts 2:12; 2 Ts 1:5); mas "no Espírito Santo" as bênçãos da herança futura já podem ser desfrutadas.

19. *Seguimos as cousas* (…) *da edificação de uns para com os outros.*

"Edificar outro" é edificar-lhe uma personalidade cristã estável, e assim (quando todos estivermos

envolvidos nesta atividade) "edificar a vida comum" (NEB).

20. *E mau para o homem o comer com escândalo.*

AV: "É mau para o homem que come com ofensa." NhB: "Tudo é mau para o homem que, pelo que come, faz outro cair." Isto é coisa bem diferente de "fazer ofensa" no sentido moderno.

21. *[Ou se ofender, ou se enfraquecer].*

Estas palavras estão ausentes do texto mais bem credenciado (razão por que AA as coloca entre colchetes). Originalmente é possível que fossem glosas marginais sobre o verbo "tropeçar" que as precede.

22. *A fé que tens.*

AV: "Tens fé?" "Fé", neste sentido, é uma firme e inteligente convicção perante Deus, de que se está fazendo o que é certo, a antítese de sentir-se alguém auto-condenado naquilo que se permite a si mesmo fazer.

23. *Aquele que tem dúvidas, é condenado, se comer.*

"Condenar" aqui significa que o homem que faz algo acerca do que sua consciência fica intranqüila, está condenado em seu coração e contrai sentimento de culpa; o homem que faz algo sabendo que é lícito e correto, faz isso "de fé". Há saudável significação no incidente apócrifo inserido no *Codex Bezae* em seguida a Lucas 6:4, que conta como o nosso Senhor, "vendo um homem a trabalhar no sábado, disse-lhe: 'Homem, se deveras sabes o que estás fazendo, és bem-aventurado; mas se não sabes, és maldito e transgressor da lei' ".

E tudo o que não provém de fé é pecado. NEB: "Porque a sua ação não provém da sua convicção." Quanto à prova de que uma edição primitiva da epístola termina aqui, ver a Introdução, pp. 26-28.

c. **O exemplo de Cristo (15:1-6).**

Paulo conclui suas palavras sobre a liberdade cristã e sobre o amor cristão aduzindo o exemplo de Cristo. Quem estava mais livre de tabus e inibições do que Ele? Contudo, quem cuidou mais de tolerar as fraquezas alheias? É bem fácil para um homem cuja consciência vê com absoluta clareza algum curso de ação, estalar os dedos para os que o criticam e dizer: "Farei o que me agrada." Tem todo o direito de fazê-lo, mas não é este o modo de agir de Cristo. O modo de agir de Cristo é considerar os outros primeiro, consultar os interesses deles e ajudá-los quanto possível. "Nem mesmo Cristo agradou-se a Si próprio"; se o tivesse feito, poder-se-ia perguntar em que aspecto Sua vida e Seu ministério teriam seguido curso diferente daquele que seguiram. Mas o sentido é que Cristo não pôs em primeiro lugar os Seus próprios interesses e o Seu próprio bem-estar (ver Fp 2:5ss.). Cristo colocou os interesses dos outros antes dos dele, mas talvez Paulo queira dizer aqui que Cristo colocou a vontade de Deus antes de tudo mais; esta idéia é sugerida pela citação do Salmo 69:9.

As palavras que se seguem à citação encarnam um princípio presente em todo o Novo Testamento, onde quer que o Velho Testamento seja citado ou mencionado. As lições sobre a tolerância que os escritos do Velho Testamento inculcam, e o estímulo que dão à fidelidade, constituem forte incentivo ao sustento da esperança cristã. Paulo apresenta-lhes também um forte incentivo ao fortalecimento da união fraternal, e ora para que o Deus que ensina a Seu povo a tolerância e os supre de ânimo, através destes escritos lhes assegure unidade no entendimento, de modo que Ele seja glorificado pelo testemunho unido dado por eles.

1. *Ora, nós que somos fortes, devemos suportar as debilidades dos fracos.*

Ver Gálatas 6:Is.: "Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós que sois espirituais, corrigi-o, com o espírito de brandura. (...) Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo."

2. *Cada um de nós agrade ao próximo no que é bom para edificação.*

NEB: "... pense no que é para o seu bem e edifique a vida comum." (Ver **14:19;** Fp 2:3s.)

3. *As injúrias dos que te ultrajavam, caíram sobre mim.*

Citação do Salmo 69:9. Este salmo de aflição, como vimos (ver nota sobre Ils9s., p. 175), cedo foi interpretado na igreja como uma profecia da paixão e da retribuição de Cristo alcançando os Seus perseguidores. Visto que o salmo é dirigido a Deus, estas palavras implicam em que Jesus suportou injúrias e insultos por Sua fidelidade a Deus, sendo que podia tê-lo evitado escolhendo um caminho mais fácil.

4. *Pois tudo quanto outrorafoi escrito, para o nosso ensino foi escrito.*

Compare-se com a afirmação do mesmo princípio em 1 Coríntios 10:6, 11. As Escrituras (aqui, naturalmente, as Escrituras do Velho Testamento) dão ampla evidência da fidelidade de Deus, principalmente quando lidas à luz do cumprimento delas feito por Cristo; daí, os leitores dessas Escrituras são incentivados a pôr sua confiança no Senhor e a esperar pacientemente por Ele.

5. O *mesmo sentir de uns para com os outros, segundo Cristo Jesus.*

8. Cristo e **os Gentios (15:7-13).**

Assim, pois, diz o apóstolo, sigam o exemplo de Cristo que nos acolheu sem discriminação, e abram as portas uns para os outros, sem discriminação.

O que quero dizer é isto, continua ele: Cristo não veio para receber serviço, mas para prestá-lo — primeiro aos judeus, para cumprir ás promessas que Deus fizera aos antepassados deles, e depois aos gentis, - para que estes também glorificassem a Deus por Sua misericórdia. Mas se a dádiva do Evangelho aos judeus cumpriu as promessas do Velho Testamento, o mesmo se pode dizer da evangelização e da conversão dos gentios. E Paulo acrescenta uma cadeia de *testimonia* do Velho Testamento em que os gentios são apresentados como louvando o Deus de Israel e colocando sua esperança no Messias de Israel.

A maneira pela qual Deus daria aos gentios crentes a bênção e a extensão desta — a bênção da sua incorporação ao lado dos judeus na comunidade do povo de Deus — podia ser um mistério mantido oculto desde as mais primitivas gerações até virem a ser uma realidade mediante o ministério de Paulo (Cl l:25ss.; Ef 3:2ss.). Mas o fato de que os gentios seriam abençoados pelo Evangelho, Paulo vê como algo claramente predito nos tempos do Velho Testamento. Isto significa que ele via o seu ministério como um meio empregado por Deus para o cumprimento de Suas promessas aos gentios.

Unia oração para que tivessem abundante alegria e paz, fé e esperança, conclui esta divisão da epístola — divisão que apresenta o modo cristão de viver.

7. *Portanto, acolhei-vos uns aos outros.*

Assim RSV. (AV: "... recebei uns aos outros".) A idéia é: recebam os seus irmãos em Cristo em seus corações e em seus lares. Se o exemplo de Cristo for seguido, como Paulo ordena, a acolhida será sem reservas, e Deus será glorificado pelo amor mútuo e pela bondade mútua dos que são o Seu povo. É possível que Paulo esteja pensando especialmente — embora de modo nenhum exclusivamente — na prática irrestrita da comunhão entre os cristãos judeus e gentios.

Como também Cristo nos acolheu. Há boa evidência textual em favor de "vos" *(humas)* contrariamente a "nos" *(hêmas);* ver RV, RSV (NEB, seguindo o texto de Nestle-Kilpatrick, diz "nos"). "Esta é a razão por que eles devem permanecer unidos, e não desprezar-se uns aos outros, porquanto Cristo não desprezou nenhum deles." [15] (Calvino.)

8. *Cristo.*

Assim também RV, RSV e NEB, e assim deve ser, ao contrário de AV, que diz: "JesusCristo".

Foi constituído ministro da circuncisão. Ver NEB: "Fez-se servo do povo judeu." Segundo o próprio testemunho de Cristo, durante o Seu ministério terreno não foi "enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 15:24). O substantivo traduzido por "ministro" é *diakonos.* Podemos comparar isto com as palavras de Cristo (AV): "O Filho do homem não veio para ser 'ministrado' *{diakonêthênai),* mas para 'ministrar' *(diakonêsai)"* (Mc 10:45), e: "No meio de vós, eu sou como quem serve" (Lc 22:27).

Em prol da verdade de Deus. Isto é, "para manter a verdade de Deus concretizando as promessas por Ele feitas aos patriarcas" (NEB).

9. *Por isso eu te glorificarei entre os gentios, e cantarei louvores ao teu mone.*

Quanto à primeira parte do versículo, AV diz: "Por esta causa eu te confessarei"; RV diz: "... dar-te-ei louvor". Citação do Salmo 18:49, onde Davi, tendo incluído nações não-israelitas em seu império, conta-as como pertencentes agora à herança do Deus de Israel. Quanto à aplicação cristã desta idéia, ver a citação que Tiago faz de Amos 9:lis. (LXX) no Concilio de Jerusalém (At 15:16s.).

10. *Alegrai-vos, ó gentios, com o seu povo.*

Citação do Cântico de Moisés, Deuteronômio 32:43. (Compare-se esta com outras citações anteriores deste Cântico em **10:19, 11:11, 12:19.)**

11. *Louvai ao Senhor, vós todos os gentios, e todos os povos o louvem.* (Observe-se o plural *povos,* grego *laoi).* Citação do Salmo 117:1, em

que o mundo todo é instado a louvar ao Deus de Israel por Seu constante amor e fidelidade.

12.*Haverá a raiz de Jessé, aquele que se levanta para governar os gen tios; nele os gentios esperarão.*

AV: "confiarão"; RV: "esperarão", como AA. Citação de Isaías 11:10, onde o "rebento do tronco de

Jessé" (Is **11:1,** RSV), i. e., o Messias que há de vir da linhagem de Davi, "se firmará como estandarte dos povos; todas as nações o procurarão" (RSV).

13. *E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer.* O titulo "Deus da esperança" talvez tenha sido sugerido pelas

palavras de Isaías 11:10 citadas no versículo anterior (AA e RV). Ver **14:17,** em que se mencionam a paz e a alegria, ou gozo, como bênçãos do reino de Deus. Porque Deus é "o Deus da esperança" — o Deus que nos dá esperança nele mesmo — os crentes já podem desfrutar estas bênçãos. *Para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo.* Uma vez mais, é o Espírito que capacita os crentes em Cristo a experimentarem nesta vida as bênçãos da vida por vir. O grande objetivo da sua esperança é a glória de Deus **(5:2).**

EPÍLOGO (15:14-16:27) a. Narrativa pessoal (15:14-33).

Paulo assegura aos cristãos de Roma que o ensino dado em sua carta não era porque os imaginava incapazes de ensinar-se uns aos outros. Ele está bem cônscio da qualidade moral e espiritual deles. O que escreveu é mais recordação do que já sabem, do que instrução elementar sobre o cristianismo. Além disso, conquanto não tenha sido ele o fundador da igreja deles, é o apóstolo dos gentios, e é nesta capacidade que lhes escreveu. Paulo vê seu apostolado como um serviço sacerdotal, e vê os gentios que se converteram por meio dele como a oferta agradável que ele apresenta a Deus.

Nesta altura, Paulo já exercera seu apostolado por bem mais de vinte anos, e embora sua missão não estivesse completa ainda, não tinha razão nenhuma, ao olhar aqueles anos passados, para sentir-se insatisfeito com a obra realizada por Cristo por intermédio dele. Pregara o Evangelho de Jerusalém até aos limites do Ilírico. Nas principais cidades às margens das vias mais importantes das províncias da Síria-Cilícia, de Chipre, da Galácia, da Ásia, da Macedônia e da Acaia havia comunidades de crentes em Cristo para testemunharem da atividade apostólica de Paulo. Em toda parte seu objetivo fora pregar o Evangelho onde não tinha sido pregado ainda, e agora que tinha completado sua obra no oriente, olhava para o ocidente e se propunha a evangelizar a Espanha. Sua viagem à Espanha lhe daria oportunidade de realizar seu desejo de há muito acalentado de ver Roma, e ansiava por reunir-se com os cristãos na capital e por reanimar-se mediante a comunhão com eles.

Todavia, tinha de ir primeiro a Jerusalém. A coleta para a igreja de Jerusalém que, já fazia alguns anos, ele organizara nas suas igrejas gen-tílicas, estava pronta para ser levada aos seus beneficiários, e Paulo ofereceu-se para acompanhar os representantes nomeados pelas igrejas para entregar suas ofertas.

Só depois que o seu ministério no Egeu fosse desse modo "selado", iria para a Espanha, aproveitando visitar Roma na viagem. Paulo já falara aos romanos do seu ardente desejo de pregar o Evangelho na cidade deles e de ver algum fruto do seu trabalho apostólico lá, e agora fala da sua confiança em que sua visita será acompanhada por grande bênção sobre a sua pregação do Evangelho. Por enquanto, pede as suas orações. Não tinha ilusões sobre o problema que talvez tivesse de enfrentar em Jerusalém. E quanto necessitava das orações deles para que se visse "livre dos rebeldes (AV: "dos que não crêem") que vivem na Judéia", evidencia-se pela narrativa de Atos 21:27ss. Talvez até desconfiasse da acolhida que ele e seus companheiros gentios poderiam receber da igreja de Jerusalém e do modo como a dádiva que levavam seria aceita. Seja como for, pede aos romanos que orem para que a oferta seja aceita. Aqui a narrativa de Atos (21:17ss.) esclarece bem — quanto mais porque se trata de uma passagem "nós" — que Paulo e os representantes enviados encontraram cordial acolhida quando visitaram Tiago e seus colegas de presbiterato. Mas é igualmente claro que Tiago e os presbíteros ficaram preocupados com a reação dos membros da sua igreja — muitos milhares de elementos vigorosos, e todos zelosos partidários da lei — em vista das informações ali chegadas a respeito dos ensinos e da prática de Paulo nas terras da Dispersão. Em seu afã por apaziguar os "soldados rasos", sugeriram a Paulo uma linha de ação que, ao se completar, levou à sua prisão, perseguição, apelo para César, e finalmente sua ida a Roma em circunstâncias bem diversas das que divisava quando escreveu esta epístola.

15. *Entretanto.*

Assim RV, RSV, NEB. AV acrescenta indevidamente a palavra "irmãos".

Vos *escrevi em parte mais ousadamente, como para vos trazer isto de novo à memória.* NEB: "Escrevi para refrescar sua memória, e em algumas partes escrevi um tanto ousadamente" — em vista do fato de que a igreja de Roma não era sua lavoura.

16. *Para que eu seja ministro de Cristo Jesus entre os gentios, no sagrado encargo de anunciar o evangelho de Deus, de modo que a oferta deles seja aceitável.*

Há nessas frases densa linguagem do culto: Paulo é um *leitourgos;*' sua proclamação do Evangelho é um "serviço sacerdotal" *(hierourgeõ);* seus conversos gentios são a oferenda que ele apresenta a Deus.

Santificada pelo Espírito Santo. Havia alguns, sem dúvida, que sustentavam que os gentios convertidos por meio de Paulo eram "impuros" porque não foram circuncidados. A tais caviladores a réplica de Paulo é que esses conversos eram "limpos" porque foram santificados pelo Espírito Santo que viera habitar neles (ver v. 19: "pelo poder do Espírito Santo"; AV: "do Espírito de Deus"). "Nós somos a (verdadeira) circun-cisâo", disse ele noutro lugar, "nós que prestamos culto pelo Espírito de Deus, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não temos confiança na carne" (Fp 3:3, RV). Os judaizantes, que se gloriavam na carne (i. e., nos privilégios vinculados ao nascimento judaico e à lei judaica), eram menos santificados que os gentios que aprenderam a orgulhar-se em Cristo somente (ver 8:8). Semelhantemente, Pedro, no Concilio de Jerusalém, lembra aos judeus que eram seus irmãos em Cristo, como Deus dera o Espírito Santo aos gentios quando estes ouviram o Evangelho, "concedendo o Espírito Santo a eles, como também a nós nos concedera. E não estabeleceu distinção alguma entre nós e eles, purificando-lhes pela fé os corações" (At 15:8s.).

19. *Desde Jerusalém.*

Paulo começou sua carreira de pregador cristão em Damasco e no território circunvizinho da Arábia dos nabateus (At 9:19ss.; Gl 1:17). Seu ministério de amplitude mais extensa na qualidade de apóstolo dos gen-tios tinha base em Antioquia (At ll:25ss., 13:lss.). Então, por que deve ele mencionar aqui Jerusalém como o ponto de partida do seu ministério? Pode-se supor que talvez tenha em mente alguma ocasião particular, como a visão descrita por ele em Atos 22:17-21 ou (menos provavelmente) a entrevista de reconhecimento com os líderes de Jerusalém que relata em Gálatas 2:1-10. Mas é mais provável que mencione Jerusalém como o ponto de partida e como a metrópole do movimento cristão em termos gerais (ver Lc 24:47; At 1:4, 8; 8:14; 11:22; 15:2).

E circunvizinhanças, até ao Ilírico. Não há menção do Ilírico (a província romana que margeava a costa leste do Mar Adriático) em Atos nem em qualquer das epístolas paulinas até este ponto. Mas o intervalo entre o fim do ministério de Paulo em Éfeso e o início de sua última viagem a Jerusalém foi provavelmente maior do que se poderia inferir de uma casual leitura de Atos, onde se comprime em meia dúzia de versículos (At 20:1-6). Há razão para se pensar que Paulo cruzou o mar para a Macedônia no verão ou no outono de 55 A. D. (ver 2 Co 2:12s.) e passou os seguintes quinze a dezoito meses na Macedônia e na Acaia. Deve ter sido dentro deste período que atravessou a Macedônia de leste a oeste seguindo a Estrada Egnácia, até à fronteira do Ilírico, possivelmente penetrando o Ilírico e pregando o Evangelho ali, pois essa viagem não se ajusta bem a seu itinerário em nenhuma ocasião anterior.

Tenho divulgado o evangelho de Cristo. AV: "Preguei completamente". Tradução literal: "Completei o evangelho de Cristo" (ver NEB: "Completei a pregação do evangelho de Cristo"). Fizera isto pregando o Evangelho em todas as províncias existentes dentro dos limites mencionados (não a cada indivíduo), e com isso se desobrigara da sua comissão apostólica naquela parte do mundo gentílico.

20. *Para não edificar sobre fundamento alheio.*

Sua norma era, porém, como o declara em 1 Co 3:10: "Lancei o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele." Ver p. 14.

21. *Hão de vê-lo aqueles que não tiveram noticia dele, e compreendê-lo os que nada tinham ouvido a seu respeito.*

Citação de Isaías 52:15 (LXX). O texto hebraico (traduzido na RSV: "Pois aquilo que não lhes foi contado verão, e aquilo que não ouviram compreenderão") refere-se à surpresa das nações e seus reis quando virem a exaltação do Servo Sofredor que antes desprezaram. A versão grega, contudo, presta-se bem à presente declaração de Paulo, de sua política pioneira na pregação do Evangelho. Já tivemos ampla evidência do modo pelo qual toda esta seção do livro de Isaías serviu como fonte de *tesíimonia* do Evangelho (ver pp. 34, 169).

24. *Estarei convosco.*

AV: "Virei a vós." Esta frase ê acréscimo posterior, sem dúvida com o fim de amenizar a quebra abrupta que se dá na construção do texto original (ver RV: o inglês da RSV e da NEB, e o português da AA é mais suave do que o grego de Paulo).

25. *A serviço dos santos.*

AV: "Para ministrar aos santos." Os membros da igreja de Jerusalém são "os santos" *par excellence* (ver v. 31; 1 Co **16:1;** 2 Co 8:4; 9:1, 12). Mas os que se converteram por meio de Paulo e outros cristãos gen-tios se tomaram seus "concidadãos" (Ef 2:19). Assim, ele insiste em referir-se sis'ematicamente a eles também como "santos", o povo santo de Deus. O verbo "ministrar" em grego aqui é *diakoneõ* (ver **12:7, 15:8, 16:1).**

Mais pormenores acerca dessa coleta são fornecidos em outras partes da correspondência existente de Paulo, especialmente em 1 Coríntios 16:1-4 e 2 Coríntios 8, 9. Era evidentemente um empreendimento ao qual Paulo dava alta importância.

Por uma razão, como ele diz aos romanos, era um meio de levar os cristãos gentios a compreenderem sua dívida a Jerusalém. De Jerusalém é que o Evangelho se propagara, primeiro às províncias adjacentes à Judéia (tais como a Síria, com Antioquia, às margens do Orontes, como sua capital), e depois a territórios mais distantes (como os que Paulo es-tivera evangeliz.ando nos dez anos anteriores). Era uma pequena devolução que as igrejas gentílicaseram convidadas a fazer em reconhecimento à sua dívida, se solicitadas a contribuir para atendimento às necessidades materiais da igreja-mãe da cristandade.

Por outra razão, Paulo divisou nisso um meio de consolidar a comunhão que se devia manter entre Jerusalém e as igrejas gentílicas. Ele estava bem cônscio de que muitos irmãos de Jerusalém, dos mais rigorosos, olhavam com grave suspeita para a sua missão entre os gentios, enquanto que alguns iam mais longe, a ponto de considerar-se no dever de conquistar os conversos do apóstolo, levando-os a romper sua lealdade a ele aderindo a uma concepção da fé e vida cristã mais de acordo com a que prevalecia entre os crentes comuns de Jerusalém. Mesmo quando as coisas não chegassem a este extremo, a divisão entre Jerusalém e as igrejas gentílicas não podia fazer bem à causa de Cristo, e nada poderia sobrepujá-la senão um generoso gesto de amor fraternal.

A coleta em favor de Jerusalém não assinalou nenhuma inovação na política, da parte de Paulo. Onze anos antes ele e Barnabé tinham levado uma dádiva parecida feita pelos cristãos de Antioquia da Síria à igreja de Jerusalém numa época de fome/ Nessa ocasião, quando os dois tiveram um encontro com as "colunas" da igreja de Jerusalém, esta reconheceu espontaneamente que Barnabé e Paulo tinham sido chamados para a obra de evangelização dos gentios, mas lhes recomendou que se lembrassem dos "pobres" (ver nota sobre o v. 26); e de fato, diz Paulo quando relata este incidente, foi "o que também me esforceipor fazer".[3]

Aqui na verdade surge a questão se Paulo e os líderes de Jerusalém entendiam a contribuição no mesmo sentido. Para o apóstolo Paulo, era um gesto espontâneo de amor fraternal, um sinal da reação agradecida dos seus conversos à graça de Deus que lhes trouxera a salvação. Mas aos olhos dos líderes de Jerusalém talvez fosse uma forma de tributo, um dever a que estariam sujeitas as igrejas-f ilhas para com sua mãe, algo comparável ao meio siclo pago anualmente pelos judeus do mundo inteiro para a manutenção do templo de Jerusalém e seus serviços.

Todavia, aos olhos de Paulo era tudo o que foi dito, e mais. Não era apenas o reconhecimento demonstrado pelos cristãos gentios de seu débito espiritual para com Jerusalém. Nem era apenas um vínculo de comunhão e amor fraterno. Era o clímax do ministério de Paulo no Egeu e um ato de culto e dedicação a Deus antes de partir para o ocidente. Era, de fato, o sinal externo e visível daquela "apresentação dos gentios como oferta" que coroou o seu serviço sacerdotal como apóstolo de Jesus Cristo. Por isso chegara a dar tanta importância ao fato de acompanhar pessoalmente os delegados gentios a Jerusalém, para apresentar ali esta oferta a Deus, talvez por um ato de culto realizado no mesmo lugar do templo onde outrora Cristo lhe aparecera e o enviara "para longe aos gentios" (At 22:21).

26. *Aprouve à Macedônia e à Acaia.*

Paulo menciona aqui os cristãos dessas duas províncias provavelmente porque passara vários meses em estreito contato com eles. Mas temos o seu próprio testemunho em 1 Coríntios 16:1 de que tinha organizado uma coleta semelhante nas igrejas da Galácia, e a presença de Tíquico e Trófimo ao lado dele nessa ocasião (At 20:4; ver 21:29) indica que as igrejas de Éfeso e doutras cidades da província da Ásia também tinham partilhado deste serviço.

Em benefício dos pobres dentre os santos que vivem em Jerusalém. AV: "Os santos pobres", mas a tradução de AA é literal aí. De fato, os crentes de Jerusalém, segundo parece, referiam-se a si mesmos como "os pobres" — ver Gálatas 2:10: "Recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres *[ptõchoi,* como

aqui) — e esta designação, em sua forma hebraica *'ebyonim*, sobreviveu entre os cristãos judeus de épocas posteriores conhecidos como ebionitas. É desnecessário supor, com K. Holl,[4] que Paulo emprega esta expressão para encobrir seu embaraço ante o fato de que a coleta se destinava à igreja de Jerusalém como um todo; a freqüência com que fala da "coleta para os santos" não dá a impressão de que teve qualquer embaraço quanto a isso.

27. *Isto lhes pareceu bem, e mesmo lhes são devedores.*

A contribuição era um gesto voluntário da parte das igrejas gentí-licas; contudo era o reconhecimento de uma dívida — dívida moral, porém; não legal.

Devem também servi-los com bens materiais. A idéia de que não era uma simples coleta beneficente, mas um tributo que a igreja-mãe tinha todo o direito de esperar dos cristãos gentios,[5] pode representar muito bem a atitude da igreja de Jerusalém, mas não a de Paulo. Isto se evidencia pelos termos com que fala dela às igrejas contribuintes; é um ato de graça, e não de obrigação formal da parte delas (ver 2 Co 8:6-9). Bem pode ser também que, por esse sinal material da graça de Deus entre os gentios, esperasse mais particularmente estimular aquela salutar "emulação" de que fala em 11:14.*" O verbo "servir" aqui ("servi-los") é *leitourgeõ* (ver o substantivo *leitourgos* no v. 16). Em 2 Coríntios 9:12 a coleta é chamada *leitourgia* (AV e A A: "serviço") — palavra da qual "liturgia" (em português) é derivada.

28. *Havendo-lhe consignado este fruto.*

NEB: "E entreguei o produto com meu próprio selo." Paulo emprega uma expressão formal do comércio. Contudo, talvez não devamos pensar no selo pessoal de Paulo, mas no selo do Espírito; é a conclusiva confirmação da obra do Espírito entre os gentios (ver v. 16).

29. *Na plenitude da bênção de Cristo.*

Assim RV etc. AV acrescenta indevidamente "do evangelho" ("... da bênção do evangelho de Cristo").

30. *Rogo-vos, pois, irmãos.*

Acompanhando P46 e B, talvez devamos omitir "irmãos".

Amor do Espírito. Isto é, o amor que o Espírito Santo infunde e mantém (ver 5:5).

33. *E o Deus düpaz seja com todos vós. Amém.*

O título "Deus da paz" reaparece em **16:20.** Quanto à prova de que uma primitiva edição da epístola concluía com esta bênção, ver a Introdução, p. 27.

b. Saudações a vários amigos (16:1-16).

A carta, quando terminada, foi evidentemente levada ao seu destino por Febe, uma senhora cristã que tinha mesmo de viajar para lá. Paulo aproveita a oportunidade para recomendá-la à hospitalidade e à comunhão dos cristãos a quem está escrevendo. Esta palavra de recomendação é seguida de uma lista de saudações pessoais a certo número de pessoas mencionadas nome por nome.

Tem sido muito difundida a afirmação de que este capítulo final foi endereçado a Êfeso, e não a Roma — que Febe estava ligada a Éfeso e que os amigos aos quais Paulo envia saudações viviam em Éfeso.

É altamente improvável que uma carta destinada à igreja de Éfeso tenha sido de algum modo anexada a uma carta endereçada a Roma. Seja como for, "uma carta consistindo quase inteiramente de saudações pode ser inteligível numa época de cartões postais ilustrados; para qualquer período anterior é uma monstruosidade" (Hans Lietzmann). Mas esta objeção não vai contra a idéia de que Paulo enviou uma cópia desta epístola a seus amigos de Éfeso (como o pode ter feito a outras comunidades cristãs),[7] e lhe acrescentou um apêndice com certo número de saudações pessoais.

Mas "possessão vale por nove pontos da lei", e desde que este capítulo vem no fim de uma carta manifestamente destinada aos cristãos de Roma, é natural supor que este capítulo visava a eles também, a menos que se aduzam razões de muito peso em contrário.

Quais são, pois, os principais argumentos para defender a tese de que o capítulo 16 se destinava a Éfeso?

(1) Neste capítulo Paulo envia saudações pessoais a 26 indivíduos e a 5 famílias ou "lares-igrejas". Será possível que ele conhecesse tanta gente de uma cidade que nunca tinha visitado? Pensamos, ao contrário, numa das cidades com as quais estava familiarizado. Corinto não entra em cena porque a carta foi escrita de lá. Mas Éfeso (onde recentemente passara dois anos e meio) é por certo indicada, especialmente pelas duas razões seguintes.

(2) As primeiras pessoas a quem Paulo envia saudações aqui são os seus amigos Priscila e Aqüila. Da última vez que ouvimos falar deles, quer era Atos (18:26), quer na correspondência de Paulo (1 Co 16:19),[8] residiam em Éfeso, onde tinharri uma igreja em sua casa, como aqui. Na ausência de qualquer alusão contrária, podemos presumir que ainda estavam em Éfeso.

(3) A próxima pessoa a ser saudada por nome é Epêneto, "primícias da Ãsia (não "Acaia" como diz AV), para Cristo". A primeira pessoa a converter-se por meio de Paulo na província da Ãsia, naturalmente deve ser procurada em Éfeso, não em Roma.

(4) Outro argumento, baseado na admoestaçâo registrada nos versículos 17-20, é considerado mais adiante (pp. 223ss.).

Que se pode dizer agora a favor da igreja de Roma como destinatária deste capítulo, além e acima da pressuposição inicial de que foi enviado às mesmas pessoas às quais foi dirigido o restante da carta à qual está ligado?

(1) Tal lista de saudações seria excepcional numa carta escrita a uma igreja que Paulo conhecesse bem. Se este capítulo teve Éfeso por destino, podemos visionar a ocasião em que foi lido em voz alta numa reunião da igreja. Os presentes teriam ouvido a leitura de 26 saudações dirigidas a pessoas do seu meio. Mas Paulo certamente conhecia mais de 26 membros de uma igreja em cujo seio passara longo tempo. Que pensariam os demais? Cada um deles decerto perguntaria: "Por que *me* deixou fora?" Mas numa carta escrita para uma igreja que não conhecia pessoalmente, Paulo bem podia mandar saudações a amigos que encontrara em outros lugares no transcurso do seu serviço apostólico, agora residentes em Roma. Se os mencionasse nome por nome, os outros membros da igreja não se sentiriam ofendidos por serem omitidos, porque não esperariam ser incluídos. Na Epístola aos Colossenses, também escrita a uma igreja que Paulo nunca tinha visitado, saudações semelhantes são enviadas a uns poucos indivíduos — somente alguns, porque Colossos ficava fora das rotas mais batidas e longe de alguma localidade da importância de Roma. Roma, porém, era a capital do mundo. Todos os caminhos levavam a Roma, e não é surpreendente que muita gente que Paulo conhecera em outros lugares, nesse meio tempo tivesse ido para Roma. Em particular, a morte do imperador Cláudio em outubro de 54 A. D. talvez tenha significado, para todos os efeitos práticos, a revogação do seu edito, passado cinco anos antes, expulsando de Roma os judeus. Se houve um regresso geral de judeus a Roma por volta dessa ocasião, certamente havia cristãos judeus entre eles. Priscila e Áquila, compelidos a deixarem Roma por causa do edito de 49 A. D. (At 18:2), bem podem ter retornado em 54 A. D. ou pouco depois, deixando talvez procuradores a cargo das filiais da sua indústria de tendas de Corinto e de Éfeso (como possivelmente haviam feito com sua filial de Roma quando tiveram de sair da capital). Negociantes como Priscila e Áquila não passavam muito tempo num lugar naqueles dias. Daí, não era improvável nem incomum se mudarem eles para cá e para lá, entre Roma, Corinto e Éfeso.^

(2) Certo número dos nomes que constam dos versículos **7-15** tem documentação mais forte pró Roma do que para Éfeso [10] Isto se deve em grande medida ao muito maior número de inscrições acessíveis de Roma do que de Éfeso. E em todo caso, na maior parte a documentação é boa em favor dos nomes, não das pessoas. Dão-se pormenores nas notas de rodapé, e o leitor pode avaliar por si mesmo a documentação. Talvez o argumento mais forte venha em favor dos membros da "casa de Narciso", no versículo **11.** Sabemos da existência de uma "casa de Narciso" em Roma justamente naquele tempo. O nome Rufo (v. 13) era mais comum em Roma do que em Éfeso, mas se era o Rufo de Marcos 15:21, provavelmente não foi em Roma que recebeu seu nome. Entretanto, o Rufo de Marcos 15:21 era evidentemente bem conhecido na igreja romana. Não podemos dizer que não havia um Rufo na igreja, mas não sabemos se havia. Tendo em vista o conjunto de dados, o estudo destes nomes faz a balança da probabilidade pender em favor de Roma.

(3) "As igrejas de Cristo" que enviam suas saudações aos leitores — no versículo 16 — seriam as igrejas gentílicas cujos representantes se estavam juntando a Paulo nessa mesma ocasião para levar as contribuições de suas igrejas a Jerusalém." Seria uma idéia particularmente feliz enviar saudações destas igrejas a Roma. Decerto se podia dizer que seria uma idéia igualmente feliz enviar saudações das igrejas a Éfeso, mas, visto que Éfeso era uma das igrejas representadas — por Trófimo e possivelmente Tíquico (At 20:4) — não havia o mesmo propósito em enviar-lhe saudações.

1. *A nossa irmãFebe, que está servindo à igreja de Cencréia.*

AV: "serva". Evidentemente Febe (RV, RSV, NEB) estava prestes a partir de viagem para o local'para

onde Paulo estava enviando estas saudações, e pode ter recebido a incumbência de levar a carta que as contém. Cencréia (RV, RSV, NEB) era um dos dois portos marítimos de Corinto, situado no Golfo Sarônico (ver At 18:18). A igreja dali talvez fosse filha da igreja metropolitana de Corinto. A palavra "serva" é *diakonos* (RVmg., RSV, "diaconisa"; NEB, "uma irmã em Cristo que desempenha ofício na congregação de Cencréia"). 1 Timóteo 3:11 sugere a idéia de que os deveres de um *diakonos* podiam ser cumpridos por homens e mulheres. Nesta passagem, "suas esposas" (AV, NEB), com maior probabilidade, deve-se traduzir por "mulheres" (RV, AA), i. e., "mulheres diaconisas" (ver RSV, "as mulheres"; NEBmg., "diaconi-sas").

2. *Para que a recebais no Senhor,* i. e., como irmã em Cristo.

Os cristãos em viagem nos dias da igreja primitiva podiam contar sempre com a hospitalidade dos seus irmãos em Cristo onde quer que houvesse uma igreja (ver 15:7).

Protetora de muitos, e de mim inclusive. Quanto à espécie de ajuda que ela deu a.Paulo, só podemos fazer conjeturas. Provavelmente Febe era em Cencréia o que Lídia era em Filipos.

3. *Saudai a Priscila e a Aqüila.*

Leia-se "Prisca" (RV, RSV, NEB), em vez de "Priscila". Paulo lhe chama Prisca (ver 1 Co 16:19, RV; 2 Tm4:19) enquanto que Lucas lhe dá o nome em sua forma um tanto mais familiar, que é Priscila (ver At 18:2, 18, 26). "Lucas normalmente emprega a linguagem da conversação, em que as formas diminutivas eram usuais; deste modo, sempre fala em Priscila, Sópatro e Silas, ao passo que Paulo fala em Prisca, Sosípatro e Silvano.'"[2] Tanto Lucas como Paulo geralmente colocam Prisca (Priscila) antes de Áquila, seu marido. Talvez se deva ao fato de ela ter personalidade mais marcante, embora alguns tenham inferido que pertencia a uma classe social superior à dele. Talvez ela pertencesse por nascimento ou por manumissão à *gens Prisca,* uma família da nobreza romana, enquanto que ele era judeu do Ponto, na Ãsia Menor Setentrional. Ver pp. 16,216.

4. *Os quais pela minha vida arriscaram as suas próprias cabeças,* i. e., "arriscaram as suas próprias vidas". Sobre a ocasião em que Priscila e Áquila fizeram isto, só podemos especular. Pode ter sido durante uma das fases críticas do ministério de Paulo em Éfeso.

5. *Primícias da Ásia, para Cristo.*

AV: "da Acaia". Leia-se, porém, Ásia, o que é favorecido pelo texto mais bem documentado. O "Texto Recebido" foi influenciado aqui por 1 Coríntios 16:15 onde, contudo, "a casa de Estéfanas" — uma família de Corinto — é que "é as primícias da Acaia".

6. *Saudai a Mar^a, que muito trabalhou por vós.*

AV diz: "por nós", mas o melhor texto diz: "por vós" (RV, RSV, NEB, como AA). Isso tem levado a pensar que a igreja de Éfeso era a destinatária destas saudações. Sim, porque Paulo podia saber quem realizara notáveis serviços naquela igreja, mas como poderia saber quem havia trabalhado muito pelos cristãos da capital? Decerto contava com algumas fontes de informação acerca da igreja de Roma (ver l:8s.). Se Maria se ligara àquela igreja nos primeiros dias desta, Priscila e Áquila a conheceram. Mas só podemos especular a respeito. Esta á a única referência que temos à Maria de que trata a presente passagem (uma das seis mulheres com esse nome no Novo Testamento).

7. *Saudaia Andrônico e a Júnias.*

É impossível decidir se o segundo nome é feminino, Júnia (como em AV), ou masculino, Júnias (como em AA, RV, RSV, NEB). Nada sabemos destes dois à parte da referência que Paulo faz a eles aqui. Mas esta referência nos desperta o desejo de saber mais. Evidentemente eram cristãos judeus (não é preciso entender mais que isto da expressão "meus parentes"; tinham sido companheiros de Paulo em uma das freqüentes prisões que sofreu (2 Co 11:23) — onde, não podemos saber. Certamente não em Filipos; muito possivelmente em Éfeso. Além disso, eram "notáveis entre os apóstolos", o que provavelmente significa não somente que eram bem conhecidos dos apóstolos, mas que eram apóstolos eles próprios (num sentido mais amplo da palavra), e eminentes como tais. E já fazia muito tempo que eram cristãos, desde antes da conversão de Paulo. Sendo esse o caso, bem podem estar incluídos entre os helenistas de Atos 6:1 (seus nomes sugerem que eram helenistas, e não "hebreus"). Pode ser que tenham tido direito ao apostolado com base no fato de terem visto o Cristo ressurreto.

8. *Amplíato.*

AV: "Amplias", forma abreviada. Mas "Amplíato" é a forma preferida aqui; assim em RV, RSV, NEB, como em AA. Nome comum nas inscrições romanas do período, e é encontrado repetidamente como nome de membros da casa imperial. Um ramo *da gens Aureiia* o usava como cognome. Cristãos pertencentes a

este ramo da família estão sepultados em um dos mais antigos cemitérios cristãos de Roma, o Cemitério de Domitila, iniciado no final do século primeiro (ver nota sobre o v. 15, p. 222). Um túmulo daquele cemitério, decorado com pinturas num estilo muito primitivo, tem a inscrição AMPL1 AT em unciais do primeiro século ou do começo do segundo.

9. *Urbano.*

Urbanus ("pertencente à *urbs"* ou "cidade" — i. e., Roma), nome por sua própria natureza particularmente comum em Roma.

Estáquis. Este nome, que significa "espiga", não é comum. Numa ou duas vezes que ocorre está associado à casa imperial.

10. *Apeles.*

Nome tão comum entre os judeus de Roma, que chegou a ser usado por Horácio como típico nome judeu — *"credut Iudaeus Apella" {Sátira* i. 5.100). Um notável vulto chamado Apeles foi o ator trágico de Ascalon a quem, certa vez, o imperador Gaio deu mostras de favor (Filo, *Embaixada a Gaio,* 203-206). Acha-se em inscrições romanas, tanto em relação a elementos da família imperial como a outros.

Os *da casa de Aristóbulo.* Não se pode determinar com precisão quem é este Aristóbulo. Lightfoot sugere sua identificação com um irmão de Herodes Agripa I, que morava em Roma como cidadão particular e, como seu irmão, desfrutava da amizade de Cláudio. Caso tivesse legado seus bens ao imperador, os seus escravos e libertos ter-se-iam distinguido doutros membros dacasa imperial como *Aristobuliani* (equivalente latino da expressão paulina: *hoi ek tõn Aristoboulou).* Ã luz desta identificação de Aristóbulo com um membro da família de Herodes, conforme a sugestão de Lightfoot, será por mera coincidência que na lista de Paulo o nome seguinte é Herodião?

11. *Herodião.*

Talvez membro dos *Aristobuliani,* que Paulo conhecia pessoalmente; "meu parente" (ver v. 7) talvez o assinale simplesmente como sendo judeu de nascimento.

Os da casa de Narciso. Calvino e outros identificam este Narciso com Tibério Cláudio Narciso, rico súdito do imperador Tibério, homem de muita influência durante o domínio de Cláudio, mas executado por ordem de Agripina, mãe de Nero, logo depois do acesso deste ao poder, em 54 A. D. Confiscados os seus bens, os seus escravos se tornariam propriedade imperial e se distinguiriam doutros grupos da casa imperial pela designação de *Narcissiani.* Se é válida esta identificação, esta saudação era dirigida aos cristãos que havia entre os *Narcissiani.* Mas não temos meios de averiguar como Paulo conhecera os cristãos pertencentes aos *Narcissiani* ou como ouvira falar deles.

12.*Trifena e Trifosa.*

Provavelmente parentas próximas ou irmãs, e muito possivelmente gêmeas, caso em que não era incomum dar nomes derivados da mesma raiz. Dos dois nomes, Trifosa, é o que se acha com maior freqüência, mas ambos ocorrem em inscrições ligadas ou não à casa imperial. Contudo, estes nomes têm associações com a Anatólia. Trifena aparece na obra fictícia do segundo século, *Atos de Paulo,* como o nome da rainha que mostrou bondade com Tecla, em Antioquia da Pisídia (esta rainha foi personagem histórica, sobrinha-neta do imperador Cláudio).

Pérside. Este nome (que significa "mulher persa") aparece em inscrições gregas e latinas de Roma e doutros lugares como o de uma escrava ou liberta, mas sem conexão com a casa imperial.

13.*Rufo.*

Este nome, que significa "vermelho", "ruivo" (palavra de origem itálica, e não latina), era tão comum em Roma e na Itália, que não haveria boa razão para questionar se era de lá, exceto por dois pontos: primeiro, a menção de Rufo em Marcos 15:21 como um dos dois filhos de Simào Cireneu; segundo, a intrigante referência à mãe deste Rufo como sendo a mãe de Paulo também (AV). Escrevendo o seu evangelho em primeiro lugar para os cristãos de Roma (conforme tradição do segundo século), Marcos identifica Simão Cireneu para os seus leitores 30 anos depois do incidente em que Simâo figurava. E ao identificá-lo, diz, em outras palavras: "Vocês saberão quem é o Simão a que me refiro quando lhes disser que era o pai de Alexandre e de Rufo." Havia, pojs, um Rufo bem conhecido em Roma por volta de 60 A. D., e é tentador identificá-lo com o *Rufo, eleito no Senhor,* mencionado por Paulo ("um proeminente seguidor do Senhor", NEB). (O grego *eklektos,* "escolhido" — AA: "eleito" — naturalmente adquire o sentido de "excelente" e, daí, de "proeminente".)

Mas se este Rufo era o filho de Simâo Cireneu, quando foi que sua mãe se mostrou mãe de Paulo? Não podemos ter certeza, porém se pode aventurar a suposição de que foi na época em que Barnabé foi a Tarso buscar Paulo para fazer dele seu colega no ministério que exercia em Antioquia da Síria (At ll:25s.). Simeão, que tinha por sobrenome Niger ("de pele escura"), um dos mestres da igreja dali (At 13:1), tem sido identificado com Simão Cireneu. Se Paulo se hospedou com ele, podemos bem visualizar a esposa de Simeão (ou Simão) fazendo o papel de mãe para o seu hóspede deserdado. (Poderia um pai de pele escura ter um filho ruivo? Isto não é impossível.)

14. *Hermas.*

Abreviação de algum destes nomes: Hermágoras, Hermógenes e Hermódoro. Nome bem comum. Um par de gerações mais tarde seria o nome de um cristão de Roma (um escravo) que escreveu *O Pastor.*

Pátrobas. Abreviação de Patróbio. Nome de um rico oficial liberto de Nero. Lightfoot opina que o Pátrobas de Paulo "podia muito bem ter sido um dependente deste poderoso liberto" *(Philippians,* p. 177).

Hermes. Como nome do deus da boa sorte, era extremamente comum como nome de escravo.

(Em AA, *apud* texto grego de Nestle, a ordem em que aparecem os nomes de Hermas e de Hermes é invertida. Aqui seguimos AV.)

15. *Filólofjo eJúlia.*

Talvez marido e mulher (menos provavelmente irmão e irmã). Júlia é nome que sugere algum tipo de associação com a casa imperial. O nome Filólogo aparece mais de uma vez em conexão com a casa imperial.

Nereu. A tradição eclesiástica romana, abrangendo o período que vai até o quarto século, associa Nereu (e um seu companheiro chamado Aquileu) a Flávia Domitila, dama cristã da casa imperial banida para a ilha de Pandatéria, longe da costa da Campânia, por seu tio Domiciano, em 95 A. D., solta depois da morte deste no ano seguinte. O nome dela foi imortalizado como nome do "Cemitério de Domitila" (ver nota sobre ov.8,p.220).

Olirnpas. Forma abreviada de Olimpiodoro.

16. *Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo.*

(Ver 1 Co 16:20; 2 Co 13:12; 1Ts5:26; 1 Pe 5:14.) O "beijo de paz", que até hoje desempenha um papel na liturgia da Igreja Oriental, é mencionado pela primeira vez como característica normal do culto cristão na *Primeira Apologia,* 65, de Justino Mártir ("quando paramos de orar, saudamo-nos uns aos outros com um beijo").

O nome de Pedro está notavelmente ausente da lista daqueles aos quais são enviadas as saudações. Se for aceita a idéia de que estas saudações foram destinadas a Roma, a ausência do nome de Pedro sugere que ele não estava em Roma nessa ocasião.

Todas as igrejas de Cristo vos saúdam. Assim também RV, RSV, NEB. AV omite indevidamente a palavra "todas". Esta sentença, como se tem dito, constitui forte argumento em favor da tese de que Roma é a destinatária destas saudações. Por que Paulo mandaria saudações de *todas* as igrejas a uma igreja à qual estava enviando uma carta comum? Mas numa ocasião em que estava concluindo uma importante fase do seu ministério, é bem possível que mandasse saudações de todas as igrejas ligadas àquela fase do seu ministério a uma igreja que, não somente ocupava uma posição única no mundo (como acontecia com a igreja de Roma), mas também, na intenção de Paulo, devia desempenhar importante papel no início de uma nova fase do seu ministério.[u]

c. **Exortação final (16:17-20).**

Esta passagem admonitória difere do restante da epístola, tanto em conteúdo como em estilo. Aqui Paulo se afasta da sua política de não se dirigir à igreja romana com o tom da autoridade apostólica usado por ele ao escrever às igrejas que ele fundou. Além disso, as dissensões referidas neste parágrafo não correspondem a coisa alguma da vida da igreja romana que se pudesse recolher de outras partes da epístola. Em outras partes da epístola, a única possibilidade de tensão no seio da igreja a que se faz alusão é a que poderia surgir se os membros gentílicos da igreja começassem a assumir um ar de superioridade sobre seus irmãos de origem judaica **(ll:13ss.).** Por outro lado, a admoestação deste parágrafo tem pontos de afinidade com as palavras de exortação e de prognósticos dirigidas por Paulo aos presbíteros da igreja de Éfeso em Atos 20:28ss. Servem para comparação as dissensões e os falsos ensinos em Éfeso mencionados nas duas epístolas a Timóteo (para não falar da heresia que, segundo a Epístola aos Colossenses, estava encontrando guarida entre os cristãos doutra região da província da Ãsia). Isto, acrescentado aos argumentos baseados nas saudações precedentes, se supõe que aponta Éfeso, e não Roma, como a destinatária deste capítulo.[14]

Doutro lado, não seria de admirar se, após longo esforço por conter-se ao dirigir-se a uma igreja não fundada por ele, Paulo afinal rompesse numa urgente advertência quanto a certos criadores de problemas de uma classe que ele conhecia muito bem nas igrejas dele. Da descrição que faz deles, é evidente que se refere a "maus obreiros" como os que denuncia em Filipenses 3:18s. O ensino deles era de evidente tendência anti-nomista, e possivelmente trazendo as marcas de um gnosticismo incipiente. Era tão contrário ao ensino que os cristãos de Roma tinham recebido dos fundadores e líderes da obra local, como o era ao ensino de Paulo, e estava fadado a levar à divisão e à dissensão onde quer que fosse introduzido. Mais para o início da epístola, Paulo dera ênfase às exigências éticas do Evangelho em termos que bem podiam dirigir-se a gente como essa (ver **3:8, 6:lss., 12:lss.)-** Se tinha motivo para crer que a igreja de Roma corria o risco de receber as atenções deles, como acontecera com as igrejas que fundara, sem dúvida se sentia compelido por seu senso de dever a adverti-la claramente contra os mesmos. Contudo, era tal a reputação de fidelidade ao Evangelho que a igreja romana gozava, que bastava uma breve advertência contra aqueles semeadores de discórdia. A discórdia era obra de Satanás, mas se os cristãos romanos mantivessem à distância esses causadores de problemas e seu ensino,

Deus, que é "o Deus da paz" e não da discórdia (ver 1 Co 14:33), lhes daria a vitória sobre Satanás e sobre todas as suas obras.

18. *Cristo nosso Senhor.*

AV: "Nosso Senhor Jesus Cristo". Leia-se, porém, "nosso Senhor Cristo" (RV, RSV), ou "Cristo nosso Senhor" (NEB, AA).

Esses tais ... servem ... a seu próprio ventre. Ver Filipenses 3:19, onde Paulo adverte os cristãos filipenses contra homens dos quais diz: "o deus deles é o ventre." Em ambos os lugares é provável que a referência seja aos antinomistas que faziam do Evangelho um pretexto para a satisfação dos SPUS apetites (ver 6:1).

19. *(Juero que sejais sábios para o bem* e *símplicespara o mal.*

Ver Mateus 10:16: "Sede, portanto, prudentes como as serpentes e símplices como as pombas" (em grego se usam os mesmos adjetivos, *sophos* e *ukeraios*, nos dois lugares). Outra exortação paulina parecida é: "Na malícia, sim, sede crianças; quanto ao juízo, sede homens amadurecidos"; AV: "Na malícia sede crianças, mas no entendimento sede homens" (1 Co 14:20).

20. *O Deus da paz.*

Título que se repete da bênção de **15:33** (ver também a bênção de Hb 13:20). É particularmente apropriado aqui, visto que Satanás é o autor da discórdia.

Em breve esmagará debaixo dos vossos pés a Satanás. Eco de Gênesis 3:15, onde Deus declara que a semente da mulher esmagará a cabeça da serpente. O povo de Cristo recebe um quinhão da Sua vitória.

A graça de nosso Senhor Jesus seja convosco. Assim RV, RSV e NEB. AV indevidamente diz: "Nosso Senhor Jesus Cristo" e acrescenta "Amém" ao final da bênção.

d. Saudações enviadas pelos companheiros de Paulo (16:21-23/24).

Paulo manda saudações de vários amigos que estão com ele na ocasião em que escreve, incluindo-se Timóteo, seu *fidus Achates;*[15] Gaio, seu hospedeiro; e Tércio, seu amanuense, que escreve sua saudação na primeira pessoa do singular.

21. *Timóteo.*

Natural de Listra, convertido por meio de Paulo, foi escolhido por este para assistente e companheiro em seu ministério apostólico (At 16:1-3). Paulo encontrou nele um colega com peculiar afinidade. Dele disse o apóstolo: "Esteve a meu lado no serviço do Evangelho como um filho sob as ordens do pai" (Fp 2:20-22, NEB). De acordo com Atos 20:4, estava na companhia de Paulo, juntamente com outros, às vésperas da sua partida para Jerusalém.

Lúcio. Se a expressão "meus parentes" se refere aos três nomes que a precedem, Lúcio é cristão judeu. Dificilmente se pode comprovar **a** identificação dele com Lúcio de Cirene (At 13:1). Que dizer, então, da identificação dele com Lucas, o médico (opinião defendida por A. Deiss-mann e negada por H. J. Cadbury)? O autor de Atos (ou, de qualquer forma, o autor das passagens "nós""[1]) estava com Paulo nessa ocasião (At 20:5ss.), mas não menciona Lúcio na lista dos companheiros de Paulo em sua viagem (At 20:4). Lucas era um cristão gentio (como se vê em Cl 4:14 à luz de Cl 4:10s., com o apoio das evidências internas dos seus escritos); mas nesta passagem seria possível colocar pontuação depois de Lúcio, deixando só Jasom e Sosípatro qualificados como "parentes" de Paulo. Nos três lugares em que Paulo com certeza fala de Lucas (Cl 4:14; Fm 24; 2 Tm 4:11), chama-lhe Lucas *(Loukas),* mas existe boa evidência de que se usava "Lucas" como equivalente de "Lúcio". A questão fica por decidir-se.

Jasom. Talvez o Jasom que foi o hospedeiro de Paulo em sua primeira visita a Tessalônica (At 17:6, 7, 9). Todavia, não está arrolado como um dos delegados tessalonicenses entre os companheiros de Paulo em At 20:4.

Sosípatro. Provavelmente o "Sosípatro de Beréia, filho de Pirro" que, de acordo com Atos 20:4, também acompanhava Paulo nessa ocasião. Sobre a preferência de Paulo pelo nome mais formal, ver nota sobre **16:3(p.** 218).

22. *Eu, Tércio, que escrevi esta epístola.*

Não é mencionado em nenhuma outra parte do Novo Testamento. Ao que parece, Paulo normalmente empregava amanuenses para redigirem as suas cartas, mas este é o único que se nos tornou conhecido de nome. Seja que tenha enviado suas saudações pessoalmente, por sua própria iniciativa, seja que o tenha feito à sugestão de Paulo, certamente Paulo o aprovaria nisso. Talvez fosse um amanuense profissional, visto que

Romanos é bem mais formal que a maior parte das cartas paulinas. Mas evidentemente era cristão, dado que envia suas saudações "no Senhor". Noutras ocasiões, um dos companheiros do apóstolo (como Timóteo, a julgar pela freqüência com que seu nome é acrescentado ao de Paulo no sobrescrito das cartas) pode ter-lhe servido de amanuense.

23. *Saúda-vos Gaio, meu hospedeiro e de toda a igreja.*

Há muito que dizer em favor da identificação de Gaio com o Tício Justo de Atos 18:7 (assim AÀ, RSV E NEB, acertadamente; AV omite indevidamente o nome Tício), que estendeu a hospitalidade da sua casa a Paulo e à nascente igreja de Corinto quando expulsos da sinagoga vizinha. "Gaio Tício Justo" seria, neste caso, o nome completo dele (prenome, nome gentílico e cognome) como cidadão romano (cidadão da colônia romana de Corinto).[17]

Erasto, tesoureiro da cidade (de Corinto). Este Erasto foi identificado com o oficial civil desse nome mencionado numa inscrição latina num bloco de mármore, de calçamento, descoberto em Corinto em 1929 por membros da Escola Americana de Estudos Clássicos em Atenas. A inscrição diz: ERASTVS PRO: AED: S: P: STRAVIT" ("Erasto, comissário das obras públicas, fez este calçamento às suas custas"). O calçamento pertence ao primeiro século A. D., e bem pode ter sido construído pelo amigo de Paulo. Contudo, os ofícios públicos não são os mesmos. Em grego, o comissário das obras públicas, ou "aedile", é chamado *agoranomos,* ao passo que o tesoureiro da cidade (como nesta passagem) é *oikonomos tès poléõs.* Se lidamos com o mesmo Erasto, é de supor que ele fora promovido do ofício inferior de "aedile" ao de tesoureiro da cidade no tempo em que Paulo escreveu esta epístola. (Se, ao contrário, alguém preferir supor que ele foi rebaixado do ofício superior ao inferior por haver professado a fé cristã, não há nenhuma prova contra esta suposição!) Não há bom motivo para identificar este Erasto com o de Atos 19:22 ou de 2 Timóteo 4:20; o nome era bastante comum.

O irmão Quarto. Lit., "Quarto o irmão" (RV). Aliás, desconhecido. Talvez "irmão" signifique "irmão no Senhor", "irmão em Cristo". Mas, neste caso, por que é particularizado recebendo designação comum a todos eles? Se a palavra significa "irmão carnal", de quem era irmão? De Erasto, visto que seu nome o precede imediatamente? Ou, desde que *Quartus* é a palavra latina para "quarto", e *Tertius* para "terceiro", seria demasiado artificial pensar nele como irmão de Tércio, nascido em seguida a ele?

24. *[A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém.]*

Esta bênção provavelmente não faz parte do texto original, razão por que AA a coloca entre colchetes. Os documentos ocidentais a têm aqui, em vez de em **16:20.** O texto bizantino (do qual provêm o Texto Recebido ê A V) adota a bênção ocidental aqui em acréscimo à bênção anterior, que aparece em **16:20.** Alguns documentos trazem a bênção no final da doxologia (depois do v. 27).

e. Doxologia (16:25-27).

As várias posições desta doxologia em nossos testemunhos do texto de Romanos foram discutidas na Introdução (pp. 26ss.)- Mas sua localização original não é a única questão que se tem levantado quanto a ela. Harnack[18] defendeu a idéia de que, em sua forma atual, representa uma ampliação ortodoxa de uma doxologia marcionita mais curta:

"Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho, conforme a revelação do mistério guardado em silêncio nos tempos eternos, e que agora se tornou manifesto, segundo o mandamento do Deus eterno, a todas as nações para a obediência da fé; ao único Deus sábio, por meio de Jesus Cristo, a quem seja a glória para sempre. Amém."

Este, supôs ele (e outros que o seguiram"), é um parágrafo acrescentado pelos seguidores de Márcion como conclusão da epístola.

Na verdade, não temos nenhum MS nem qualquer outra evidência objetiva em favor desse mais breve texto original da doxologia. Contudo, tem-se explicado que as frases que, na hipótese de Harnack, são acréscimos ortodoxos à redação original, são ligadas a ela desajeitadamente,[20] especialmente a referência às "escrituras proféticas" (v. 26). Certamente esta referência tem de ser reconhecida como acréscimo ortodoxo, se é que a doxologia é originalmente marcionita. Sim, pois "as escrituras proféticas" (AV: "as escrituras dos profetas") não desempenhavam parte alguma no esquema de Márcion. Mas na ausência de evidência independente em favor de um texto mais curto da doxolQgia, o ônus da prova pousa na idéia de que ela não faz parte do texto apostólico. Se é marcionita, não pode ser atribuída a Márcion propriamente dito. Orígenes, como já vimos (pp. 26s.), diz explicitamente que a edição da epístola lançada por Márcion não continha a doxologia (e

tudo mais que vem em seguida a **14:23).**

Por outro lado, há na doxologia um reconhecível eco dos temas dominantes na saudação de abertura; em particular, a menção das "escrituras proféticas" evoca "o qual foi por Deus outrora prometido por intermédio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras" (1:2), e "foi dado a conhecer (...) para a obediência por fé, entre todas as nações" é praticamente uma repetição de "para a obediência por fé, entre todos os gentios"; AV: "entre todas as nações" (1:5). Este término da epístola batendo na mesma tecla batida no início dela faz pensar no próprio autor.[21]

25. *Segundo o meu evangelho.*

Ver **2:16** (e 2Tm 2:8).

E a pregação de Jesus Cristo. Esta frase é sinônima de "meu evangelho". "Pregação" traduz o grego *kêrugma,* a mensagem proclamada (como em 1 Co 1:21). O tema da mensagem é Jesus Cristo.

Conforme a revelação do mistério. Quanto a "mistério" (que no Novo Testamento normalmente significa um segredo outrora mantido oculto, mas agora divulgado), ver **11:25.** Mas aqui o "mistério" é o "mistério de Cristo", de Colossenses 4:3, onde Paulo fala de si como estando "algemado" por causa desse mistério.

25, 26. *Guardado em silêncio nos tempos eternos, e que agora se tornou manifesto* (...) *e/oi dado a conhecer* (...) *entre todas as nuções.*

Ver Colossenses l:26s.; Efésios 3:3ss., onde o mistério tem especial referência ao apostolado de Paulo entre os gentios, por meio do qual os crentes gentios (como co-herdeiros com os crentes judeus) estavam incorporados em Cristo — um derramamento da bênção divina numa escala não observada no Velho Testamento.

26. *Por meio das escrituras proféticas.*

Harnack considerava esta frase como um acréscimo ortodoxo a uma doxologia marcionita — e mal feito, pois se o mistério estivera "guardado em silêncio nos tempos eternos" (RV: "através dos tempos eternos", v. 25) e somente agora se tornou manifesto, como poderia ter-se tornado conhecido por meio dos escritos dos profetas? Harnack não foi o único a reconhcer esta dificuldade; mas sua solução não é a única possível. "Embora os profetas tivessem anteriormente ensinado tudo o que Cristo e os apóstolos explicaram, ensinaram-no com tanta obscuridade, em comparação com a brilhante clareza da luz do Evangelho, que não precisamos ficar surpresos se se nos diz que estas coisas, agora reveladas, estavam ocultas" (Calvino). Paulo e seus colegas de apostolado faziam intenso uso das "escrituras proféticas" em sua pregação do Evangelho. Mas foi somente à luz da nova revelação em Cristo que puderam compreender e expor essas escrituras (ver 1 Pe 1:10-12).

27. *Ao Deus único e sábio seja dada glória, por meio de Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos. Amém.*

AV: "A Deus, o único sábio, seja a glória, por meio de Jesus Cristo, para sempre. Amém." O texto mais bem credenciado é o que RV segue: "Ao único e sábio Deus, por meio de Jesus Cristo, a quem seja a glória para sempre. Amém." Esta redação envolve um anacoluto, que bem pode servir como a rubrica pessoal de Paulo. O hábito de Paulo, de autenticar suas cartas colocando sua assinatura no fim (ver 2 Ts 3:17; 1 Co 16:21, etc.) não é seguido aqui; mas a autoria da Epístola aos Romanos não é posta em dúvida.

A nota anexada em AV ("Escrita em Corinto aos romanos ...") não faz parte do texto original.

O prólogo de William Tyndale, da Epístola aos Romanos, termina com a seguinte admoestaçào:

"Agora, leitor, vai e age de acordo com a ordem do escrito de Paulo. Primeiro, contempla-te diligentemente na lei de Deus, e vê ali a tua justa condenação. Segundo, volta os olhos para Cristo, e vê ali a extraordinária misericórdia do teu bondosíssimo e amorosíssimo Pai. Terceiro, lembra-te de que Cristo não fez esta expiação para que voltasses a provocar a ira de Deus. Nem morreu ele por teus pecados para que continuasses vivendo neles. Nem te purificou para que voltasses (como um porco) para o teu antigo lamaçal, mas, sim, para que fosses uma nova criatura e vivesses nova vida, segundo a vontade de Deus, e não segundo a vontade da carne. Sê diligente, pois, para não suceder que, por tua negligência e ingratidão, venhas a perder de novo este favor .e esta misericórdia."

Notas

1. Ver 13:6. No Novo Testamento a palavra sempre indica serviço religioso e, às vezes, serviço sacerdotal, como quando Cristo é descrito em Hb 8:2 como *"leitourgos* do santuário e do verdadeiro tabernáculo" (ver

15:27).

2. Al 11:30, 12:25.

3. G12:10.

4. *GesammelteAfsiitze,* ü(Tiibingen, 1928), p. 58.

5. Ver K. Holl, *op. cil.,* p. 44-67.

6. Ver J. Munck, *Paul and lhe Salvation ofMankind,* p. 303.

7. Quanto à prova de que foram enviadas cópias a outros lugares além de Roma, ver pp. 18ss.

8. Em2Tm 4:19. talvez estejam também em Éfeso, mas é incerto.

9. Não se pode ficar muito no argumento pró Roma como o lugar onde Priscilla e Àqüila passaram os seus dias finais, argumento às vezes baseado no Cemitério de Priscila. Este é um local muito antigo usado pelos cristãos para sepultamento dos seus mortos, situado junto da Via Salaria, em Roma. Presume-se que recebeu o nome da proprietária do terreno, mas não há evidências que justifiquem identificá-la com a Priscila do Novo Testamento. Tudo o que podemos dizer é que as duas senhoras talvez, pertencessem à mesma família (a *gens Prisca).* Este cemitério contém uma cripta pertencente a uma família da nobreza romana cujos membros tinham o nome de Acilius Glabrio. Todavia, não há boa razão para associar o *nomen gentile* Acilius (Aquilius) com Áqüila. Nosso Áquila, judeu natural do Ponto, certamente não pertencia à nobreza romana. Um membro da família de Acilius estava entre as pessoas executadas pelo imperador Domiciano em 95 A. D., acusadas de en volvimento numa mistura de "ateísmo" e apego a costumes judaicos, o que freqüentemente tem sido interpretado como referência ao cristianismo (ver Dio Cassius, *História, Epítome* 67.14).

10.A prova é muito bem apresentada por J. B. Lightfootem *The Epistle to thePhilippians* (1868), p. 171ss., em seu excurso sobre a "Casa de César". Aceitando a proveniência romana de Filipenses, o bispo Lightfoot coligiu todas as provas que pôde achar, de 16:8-15 e de material epigráfico e literário extrabíblico, com o possível apoio da identidade de alguns dos "santos (…) da casa de César" mencionados em Fp 4:22. Esta documentação, no que interessa a Rm 16, vem resumida, pelo que vale quanto aos nomes individuais, nas seguintes notas sobre os vs. 8-15.

11.As igrejas mencionadas em At 20:4 são Beréia, Tessalônica, Derbe (ou, de acordo com o texto ocidental, Dobero, na Macedônia); e as igrejas da Ãsia. Filipos foi provavelmente representada por Lucas, e Corinto era a igreja com a qual Paulo estava na ocasião em que escreveu a carta.

12.W. M. Rajnsay, *St. Paul the Traveller and Roman Citizen* (1942), p. 268.

13.Ver K. Holl, *Gesummelte Aufsiitze,* ii. p. 47, n." 2.

14.O argumento em favor da tese de que o cap. 16 se destinava a Éfeso é apresentado de modo muitíssimo persuasivo por T. W. Manson *(Studies in lhe Gtispels and Epistks,* 1962, p. 234ss.); em favor de Roma como a destinatária, por C. H. Dodd *(The Epistle to lhe Romans.* 1932, p. xviiss.).

15."O fiel Acate". Virgílio fala assim de Acate, o mais fiel companheiro de Enéias (Eneida, VI, 158). Exemplo clássico de amizade. N. do Tradutor.

16.Uma e a mesma pessoa era minha firme opinião.

17.Ver W. M. Ramsay. *Piclures of the Apostolic Church* (1910). p. 205; E. J. Goods-peed, "GaiusTitiusJustus",./»!, LXIX (1950), p. 382s.

18.Em *Sitzuniishcricht der preii.ssischen AkaJcmie der Wissenschuften* (1919), p. 531ss., reimpresso em *Studieti zur Gfschichlc dcs Nenen Tvstumetus und der Alteti Kirchc* (Berlim c Leipzig, 1931), p. 184ss.

19.Ver G. Zuntz, *The Text oflhe Epistlcs* (1954). p. 227s.

20.Calvino observa que "Paulo fez um longo período introduzindo muitas idéias numa única senlenea, e complicou este período iazendo-lhe uma recomposição gramatical".

21.Vale a pena considerar se a doxologia não podia ser um acréscimo autobiográfico de Paulo à epístola, depois de Tércio a ter lido toda para ele. Ver H. C. G. Moule, 77a' *Epistle to lhe Ramans* (1.893), p. 435ss.

SELEÇÃO BIBLIOGRÁFICA

1. Sobre a Epístola aos Romanos

Esta lista se limita às obras disponíveis em inglês. Quando um comentário se baseia no texto grego, o fato é indicado; todos os demais se baseiam no texto inglês.

Nas duas seções da bibliografia, um asterisco indica os livros escritos principalmente para não-especialistas.

* Barclay, W., *The Epistle to the Romans* (Estudo diário da Bíblia, 1957).

Barrett, C. K., *The Epistle to the Romans* (Black's New Testament Commentaries, 1957).

Barth, K., *The Epistle to the Romans* (TI da sexta edição alemã, 1933). Barth, *K., A Shorter Commentary on Romans* (TI, 1959). Beet, J. A., *The Epistle to the Romans* 10(1902). Brunner, E., *The Letter to the Romans: A Commentary* (TI, 1959). Calvin, J., *The Epistles of Paul the Aposüe to the Romans and to the Thessalonians*

(Primeira edição latina, Estrasburgo, 1540; TI de Ross Mackenzie, 1961). Denney,]., *St. PauVs Epistle to the Romans* (The Expositor's Greek Testament, Vol. II, 1900, p. 555-725). Com base no texto grego.

* Dodd, C. H., *The Epistle uf Paul to the Romans* (Moffat New Testament Commenlary, 1932; reimpresso em Fontana Books, 1959).

* Evans, E., *To the Romans* (1948).

* Garvie, A. E., *Romans* (Century Bible, 1902).

Gifford, E. H., *The Epistle to the Romans* (Speaker's Commenlary, 1886).

Godet, F., *The Epistle to the Romans* (TI, 1880; reimpresso, Grand Rapids, 1956).

Gore, C, *The Epistle to the Romans* (1907).

Haldane, R., *Exposition o/the Epistle to the Romans* (1835-39; reimpresso, 1959).

Hodge, C, *Commentary on the Epistle to the Romana* (Filadélfia, 1835; reimpresso, Grand Rapids, 1951). Hort, F. J. A., *Prolegomena to St. Pauis Epistles to the Romans und the Ephesians* (1895).

* Hunter, A. M., *The Epistle to the Romans* (Torch Bible Commentaries. 1955). Kelly, W. *Notes on the Epistle to the Romans* (1873).

* Kirk,K.E., 77ie £pií</e fo í/ie flomaws (Clarendon Bible, 1937).

Knox, J., "The Epistle to the Romans", *Interpreter's Bible,* IX (Nova York, 1954), p. 355ss.

Lee, E. K., *A Study in Romans* (1962). Leenhardt, F. J., *The Epistle to the Romans* (TI, 1961). Liddon, H. P., *Explanatory Anafysis ofSt. Pauis Epistle to the Romans* (1893).

Lightfoot, J. B., *Biblical Essays* (1893), p. 285-374, "The Structure and Destination of the Epistle to the Romans." (Inclui uma crítica de Hort a Lightfoot, e a réplica deste.)

Lightfoot, J. B., *Notes on the Epistles of St. Paul* (1895), p. 237-305, "The Epistle to the Romans: Analysisand Commentary(Chapters i-vii)." Com base no texto grego.

Luther, M., *Lectures on Romans* (traduzido e editado por Wilhelm Pauck, Library of Christian Classics, 1961, da edição de Weimar, de 1908, que se baseava nos originais de Lutero, de 1515-16).

* Luther, M., *Commentary on the Epistle to the Romans* (resumido e traduzido da edição de Weimar, de 1908, por J. T. Mueller. Grand Rapids, 1954).

* Lüthi, *W., The Letterto the Romans {TI, m\).*

• Manson, T. W., *Studiesin the Gospels and Epistles* (1962), p. 225-241, "St. Paul's Letter to the Romans — and othcrs" (primeira edição, 1948).

* Manson, T. W., *Romans* (Peake's Commentary on the Bible, 1962, p. 940-953).

Moule, H. C. G., *The Epistle of Paul lhe Apostle to the Romans* (Cambridge Bible, 1879).

* Moule, H. C. G., *The Epistle ofSt. Paul to the Romans (Expositors Bible. 1893).* Murray, J., *The Epistle to the Romans* (New International Commentary on the New Testament, Grand Rapids, Vol. I, 1959; Vol. II. a sair). Nygren, A., *Commentary on Romans* (TI, 1952). Parry, R. St. J.. *The Epistle of Paul the Apostle to the Romans* (Cambridge Greek Testament, 1912). Com base no texto grego. Sanday, W.. e Headlam, A. C, *A Criticai and Exegetical Commentary on the Epistle to the Romans** (Internationa) Criticai Commentary, 1902). Com base no texto grego.

* Scott, E. F., *Paul 's Epistle Io the Romans* (1947).

* Taylor, V., *The Epistle to the Romans* (Epworth Preacher's Commentaries, 1956). Vaughan, C. J., *Sl. Pauis Epistle to the Romans* 4 (1874). Com base no texto grego.

* Vine, W. E., *The Epistle to the Romans* (Bangalore, 1935; reimpressoem Londres, 1948 el957).

2. Sobre Paulo

A literatura sobre Paulo é imensa. Aqui só podemos relacionar uma seleção breve e razoavelmente representativa de obras disponíveis em inglês.

* Barclay, W., *The Mindof Paul {1958).* Davies, W. D., *Paul and Rabbinic Judaism* (1948). Deissmann, A., P«u/[2](TI, 1926).

* Dibelius, M., e Kümmel, W. G., /W(tl, 1953).

* Dodd, C. H., *The Meaning of Paul for Todav* (1920; reimpresso em Fontana Books, 1958). Dodd, C. H., *New Testament Studies* (1953), p. 67-128, "The Mind of Paul" (primeira edição, 1933-34). Ellis, E. E., *Pauis Use of the Old Testament* (1957). Ellis, E. E., *Paul and his Recent lnterpreters* (Grand Rapids, 1961).

* Guthrie, *D., New Testament Introductin: The Pauline Epistles* (1961).

* Hunter, A. M., *InterpretingPauVs Gospel* (1954). Hunter, A. M., *Paul and his Predecessors* [2] (1961). Knox, J., *Chapters in a Life ofPaul* (Nova York, 1950). Knox, W. *t.,St. Paulandthe Church of Jerusalém* (1925). Knox, W. L., *St. Paulandthe Church ofthe Gentiles* (1939). Lake, K., *The Earlier Epistles of St. Paul* [2] (1914). Loewenich, W. vou, *Paul: his Life and Work* (TI, 1960). Machen, J. G., *The Origin of Pauis Religion* (Nova Iorque, 1921; reimpressoem Grand

Rapids, 1947). Munck, J.. *Paul and lhe Sulvution of Mankind* (TI, 1959). Nock, A. D.,57. Pau/(1938). Ratnsay, W. M., *Sl. Paul the Travei ler and the, Roman Citizen* [19] (1942). Ramsay, W. M., *The Teaching ofPaul in Terms of lhe Present Day* (1913). Ridderbos, H. N., *Paul and Jesus* (TI, Grand Rapids, 1957). Schoeps, H. *i.,Paul,* (TI, 1961). Schweilzer, *A.,Paul and his Interpreters(1\,* 1912). Schweitzer, A., *The Mystkism of Paul the Apost/e* (TI, 1931). Seolt, C. A. A., *Christianity aecording toSt. Paul(\927).* Vos, G., *The Pauline Esehuiohgy* (Grand Rapids, 1952). White, E.,57. *Paul: the Man and his Mind*(1958).